PREDESTINAÇÃO DA VIRGEM SENHORA NOSSA.

CANTO I.

ARGVMENTO.

EM Consistorio assenta a alta Trindade
Crear, na sacra Mente, a Virgem para,
Para depois por sua fermosura
Crear do Ceo, & Terra, a mòr beldade:
D'Anjos, & d'Homens, cria a variedade;
Rebelase Lusbel na Etherea altura;
Pecca, por traça Adam da serpe escura,
Hum perde a gloria, o outro a magestade:
Em quanto Lucifer no Ceo terreno,
Peccar Eua, & Adam, feroz machina,
Valendose da voz do Drago obsceno,
Reproua Belsabu d'Eua a ruína,
Porque a triaga, crê, deste veneno,
Que aquella Aue ha de ser, Phenis diuina.

1.

Cant. 4. CAnto as Armas da Torre ſublimada,
Do Paleſtino Rey, ſempre triumphante,
Que d'heroicas acçoẽs, d'esforço armada,
Prou 31. Foi da forte Mulher, Forte conſtante:
A que do bello, & bellico adornada,
D'ouro foi fabricada, & de diamante,
Porque, aſſiſtindo nella o Ceo na Terra,
Foſſe conſtante a Paz, fermoza a Guerra.

2.

Aquelle alto Caſtello illuſtre, & bello,
Em q̃ primeiro entrou Deos humanado,
Luc. 10. Que entraſſe de Bethania no Caſtello,
Onde eſte mais gentil foi figurado:
O que de Martha tem, sòmente anhello
De MARIA cantar, della inſpirado,
Porque a parte melhor, de que ſe eſmalta,
Vozes do Ceo requer, ſolfa mais alta.

3.

Luc. 1. A vida dizer quero eſclarecida,
Daquella Aue do Ceo, Phenix ſagrada,
Que por dar morte á Morte, foi nacida,
E, por dar vida á Vida, foi creada:
Sapiẽt. 24. Que do Ceo para Porta preferida,
Por Cedro incorruptiuel foi buſcada,
Por quem o meſmo Deos no Mundo apporta,
Ezech. 44 Que, ſem abrilla, entrou por eſta Porta.

Da-

4.

Daquella, que com força mais preſtante,
Imitando o Auó, ſacro Amphionte,
Poſtrou outro mais forte, & mòr gigante,
Co a Pedra, que ſem mãos caìo do Monte:
Que figura tem clara, & rutilante
Na Eſtrella de Iacob, ſellada Fonte,
Cuja Corrente clara, & Luz felice,
Ià nunca ſe turbou, nem teue eclice.

1. Reg. 17. Daniel. 2. Num. 24. Cant. 4.

5.

Daquella, que por ſua fortaleza,
Torre chamada foi, que ella figura,
Que ſeu diuino Corpo he na belleza,
Torre na guarniçaõ, & na Eſtatura:
De alicece lhe ſerue a Lua aceza
Em fùlgido candor, em prata pura,
De paredes o Sol, que doura os muros,
D'ameas de criſtal os Aſtros puros.

4. Cant. Cant. 6. Apoc. 12.

6.

Porta, & Ianella tem no Ceo traçada,
& Caſa, em que a habitar Deos ſe offerece,
E tem, com ter tambem fermoſa Eſcada,
Ciſterna, que do Ceo a agoa merece:
Que Ianella do Ceo, Porta ſagrada,
E Caſa de Deos foi, que elle enriquece,
Eſcada de Iacob celeſte, & altiua,
E de Bethlem Ciſterna de agoa viua.

Cæli feneſtra, Porta Cæli, Domus Aurea. Geneſ. 28. 1. Paral. 11.

7.

Duas tem no remate peças finas,
De lùcido metal, traça excellente,
A quem feruindo eftão duas mininas,
De lhe dar fogo, & luz continuamente:
As balas, que difparaõ peregrinas,
Tão puros rayos faõ, que Lusbel fente
(Védo o Imperio poftrar de Inferno, & Morte)
Que he de balas Torrente, a Torre forte.

8.

Sete Principes faõ prefidio della,
Que oftentão, no feu nome, a qualidade,
Que he cada qual hũ Dõ, q̃ a Torre bella
occupa, com graõ pompa, & mageftade:
Com tres Damas, os ferue hũa Donzella,
Toda efpirito, & toda fantidade,
De finco Pagens bellos, faõ feruidos,
Que, fò fentir do Ceo, tem de Sentidos.

9.

Efta he a Torre, que excede aos Orifontes,
Que em em rouca, & inculta voz cantar intẽto,
A que as vozes d'Orpheos, & de Ariontes
Indignas faõ de dar condigno accento:
S'hum encantou os Mares, outro os Montes,
Inda he affi fua voz falta de alento,
Para poder cantar com digna traça,
Eftes Montes de Luz, Mares de Graça.

Ifai. 2.
Pfal. 57.

Vôs

10.

Vôs, Eſpirito ſacro, & Eſpoſo amante
Da Virgem que decanto, alta, & ſerena,
Para que eſcreua puro, & deſtro cante,
Daime hũa voſſa lingua, & voſſa penna:
Se em branca pomba, & em fogo rutilãte,
Noutro tempo pendeſtes da aura amena,
Ignea lingoa me dai, penna ſuaue,
Para que eſcreua douto, & dicte graue.

11.

Pois canto voſſo Templo ſacroſanto,
Daime, para cantar, voz ſonoroſa,
Hum tono celeſtial, diuino Canto,
Hum crauo, a cujo ſom cante tal Roſa:
Tocaime os labios, como ao Vate ſanto,
De flamma, co fulgor taõ luminoſa,
Porque pareça entaõ, pois vos inuoco,
Que Vós ſois o que canta, Eu o que toco.

12.

Inſpiraime fauor para eſta ſumma,
Porque, qual pello Ceo eſtrella errante,
Minha penna feliz voar preſuma,
Deixando em tanto Ceo raſto elegante:
Sirua ao papel de penna, & a mi de pluma,
Que então me ſeruirâ de gala ouante,
Quando banhada em tantos reſplandores,
Pinte o papel jardim, & as letras flores.

13.

E vôs, flor de Sydonia, tranſplantada
Na noſſa Luſitania bellicoſa,
Que mereceis, tres vezes coroada
Por Rainha, por Sabia, & por Zeloſa;
Em quanto canto a vida ſublimada,
Da Flor de Iericò, celeſte Roſa,
Dai benigna attenção â Muſa minha,
E ouça hũa Rainha, outra Rainha.

14.

Vós delicia do Pouo Luſitano,
(Que no affauel o ſois, & no prudente)
Com mais razaõ, que Tito, a q̃o Romano
Deu por nome, Delicia, antigamente;
Vós, que a Aſtréa, em gouerno ſoberano,
Em vós, dais hum Retrato preeminente,
Moſtrando ao mundo todo, que na terra,
Sois Minerua na paz, Pallas na guerra.

15.

Pois acçoẽs tam celeſtes vos dedico,
(Cujo aſſumpto merece affecto grato)
O prezente aceitai, pois he tam rico,
Inda que và ofrecido em pobre prato:
E ſe vòs o aceitais, prometo, & fico
Dar a voſſas acçoẽs hum tal Retrato,
Que em meus raſgos Apelles reſuſcite,
E Metros nouamente Homero dite.

16.

Là nesse alto principio tam profundo,
Antes do tempo, muito tempo d'antes,
Para vir a crear o Ceo, & o Mundo,
Com flores, & Planetas rutilantes,
Aquelle Ser Supremo, que o jocundo
Ceo de sy mesmo habita, em mais radiantes
Solios de sua gloria, em sy incluìda,
A hum Ceo viuo, quer dar, na Mente vida.

Sapiẽt. 24.

17.

Conuoca a soberano Consistorio,
As mais Sacras Pessoas sempiternas,
Que diuerso attributo tem notorio,
Sendo hum sò Ser, com serem tres Coeternas;
E recostado em seu reclinatorio,
Que luzes de sy mesmo vibra eternas,
Desta maneira o Padre Sacrosancto,
Diz, para o Filho, & Paraclèto Sancto.

18.

O Sacro Filho, Eterno meu Conceito,
Produzido de mim eternamente,
Palaura eterna deste Eterno Peito,
Tam antigo como Eu, tam Prepotente;
Vôs Espirito Excelso, & Amor perfeito,
Que de mim, & do Verbo juntamente
Procedido, comnosco, n'uma Essencia,
Lograis o mesmo Ser, mesma Excellencia.

Athan. in symb.

19.

Tenho, como ſabeis, determinado
Genef. 1. De reſoluer o chaos caliginoſo,
Creando o Ceo, & o Mundo dilatado,
A qual mais adornado, & mais fermoſo:
Tenho traças gentìs repreſentado
Para lhe dar hum Ser, raro, & pompoſo;
Mas antes de formalos, determino
Formar delles hum Mappa peregrino.

20.

Todos Tres, nas Peſſoas, concorramos,
Cada qual, com ſeu celebre attributo,
E eſte diuino Mappa tal façamos,
Que o auge ſeja do bello, & do incorruto:
Ecclef. 24. Tal belleza, tal graça lhe influamos,
Que a flor, de que hum de nòs ha de ſer fruto,
Seja; & aſſi, para admirar de bella,
Poder, Saber, & Amor, cifremos nella.

21.

Concorrerei com minha Omnipotencia
Para eſte aſſombro illuſtre, raro, & fino,
Aplicai, Sacro Filho, a Eterna Sciencia,
Porque hum retrato ſeja, de nòs dino:
Vòs Eſpirito amante, na excellencia
Deſte Quadro, affinai o Amor diuino,
Dandolhe, por pintalo com mais graça,
Hum a tinta, outro a maõ, & outro a traça.

Dibu-

22.

Dibuxemos, por Nós, esta pintura,
Que viuente ha de ser inda algum dia,
Quando de Ierichó a Rosa pura
For symbolo de tanta galhardia:
Tal lhe esculpamos n'alma fermosura,
Que ao crear da Celeste Gerarchia,
Atomos de sua graça, em taes ensayos,
Auultem nesses Ceos Anjos em Rayos.

Eccles. 5.

23.

A belleza do corpo peregrino
Seja tal, que ao crear dos resplandores
Dos globos, & dos Astros d'ouro fino,
Della, os modellos sejão superiores:
E quando o mundo obrar, quasi diuino,
Nos viuentes, nas plantas, & nas flores,
Tudo o que for mais bello tiraremos
Do dibuxo gentil, que aqui faremos.

24.

O Como proporei (bem que conheço,
Que tudo Vós, como eu, tendes presente)
Hei de crear (que tanto o ennobreço)
Rotundo o Ceo fermoso, & transparente:
Quando escuro, com luz de maior preço,
ha de brilhar, que hum pauilhão fulgente
D'Estrellas d'ouro fino ha de estar feito,
Que ao durmir, cubra â Terra, o verde leito.

Genes. 1.

Com

25.

Com mil tochas de prata reluzentes
Se alumiarà na noite eſcura,& fria,
E nos rayos dos Aſtros refulgentes
Se moſtrarâ no Ceo raſgado o dia:
D'ouro,& prata duas lampadas luzentes
Se alternaráõ com rara galhardia,
A d'ouro,dando luz ao dia,grata,
E dias dando á noite,a que he de prata.

26.

Os ſete Ceos,que aos mais ſaõ inferiores,
D'Aſtros hei de adornar de alta influencia,
E para gouernar ſeus reſplandores,
Terà cada hum hũa alta intelligencia:
Veraõ Gentios,nelles taes fulgores,
Que,cegos da razão,& da prudencia,
Por Deoſes os teraõ,cuidando errados,
Que nelles os ſeus Deoſes ſaõ tornados.

27.

D'hum cinto hei de cingir o Ceo luzente,
De doze pedras lùcidas crauado,
Cada qual com figura differente,
Que tenha o effeito ſeu ſymbolizado:
O mais bello Planeta refulgente
Por Pay das demais luzes reputado,
Os tempos diſtinguindo,& ſeu effeito,
Nellas fará hum circulo perfeito.

Nos

28.

Nos doze ſignos, digo, em que cad'anno,
O Sol ha de tomar eſtancia altiua
Os tempos alternando, & o giro vſano
Fazendo ſempre n'uma roda viua:
O Ceo mais alto, o Throno ſoberano,
De graça inda hei d'ornar mais exceſſiua,
Tam lùcido, tam rico, & tam fermoſo,
Que Palacio nos renda luminoſo.

29.

Adornado de Eſpiritos alados, Geneſ. 1.
Em copia innumerauel, & luſtroſa,
Com a graça juntamente então criados,
Por ſer ſua producçāo mais generoſa;
Deſtes ſeruidos, deſtes adorados,
Neſſa Aula aſſiſtiremos luminoſa,
Inda que, delles parte innobediente, Apoc. 12.
Chouerà no principio o Ceo luzente.

30.

Criemos, pois, agora eſte portento,
Eſte Mappa diuino, eſte Retrato,
De todas as Virtudes opulento,
De toda a graça rico, & todo o ornato:
Na Mente eterna, & ſacro penſamento,
Eſta Idèa gentil, eſte Sol grato
Colloquemos, em quanto eſſe futuro
Nāo merece o fulgor d'Aſtro tam puro.

Deſ-

31.

Despois d'assi creada em nossa Mente,
Quando o Mundo formarmos portentoso,
Então acabaremos sabiamente
Este sacro periodo famoso:
Prou.31. Que, creada a Mulher forte, & valente,
Cant.4. De que hum de Nòs serà diuino Esposo,
Suppondoa jà creada, auante iremos,
Genes. 1. E, Criemos o Homem, sô diremos.

32.

Então, para crear ao Mundo bello,
E o Ceo, cheo d'esmaltes superiores,
Ella nos renderá gentil modello,
Para Estrellas crear, produzir flores:
Por seu Rosto excellente, no azul vello,
A Lua crearemos, de fulgores
Chea, quando o estiuer, quando minguante,
Pellos arcos, com que elle està triumphante.

33.

Por seus olhos, o Sol fulgente, & puro,
Adornado de rayos, crearemos,
Mas, a respeito seu, ficando escuro,
Inda assi lograrà de claro extremos:
As Estrellas, que saõ do Ethereo muro
Ameas de cristal, diriuaremos,
Das faiscas honestas, & diuinas,
Que em tais olhos scintillem taes Mininas.

O nu-

34.

O numero dos ſete Reſplandores,
Que os Planetas ſeraõ depois chamados,
Por voſſos ſete Dons taõ ſuperiores,
Por Vòs, Diuino Amor, nella inſpirados;
Tomaremos, cos rayos, & fulgores,
Por ſeus dous viuos Aſtros, copiados,
E a vtil influencia peregrina,
Por ſua condição branda, & diuina.

35.

Os ſignos doze, aonde o Sol benino
Ha cada anno de entrar a vibrar rayos,
Dos Tribus, que eſte Sol bello, & diuino
Ha de illuſtrar, ſeraõ cultos enſayos:
Que eſta luz celeſtial, Sol feminino,
Produzindo no mundo alegres Mayos,
Os illuſtrarâ todos, quando aquelles
Virem, que adorna o mais illuſtre delles.

36.

Là hũa Aguia ſubtil com pico agudo,
De cad'hum deſtes Tribus peregrinos,
A doze mil, que tem mais nobre eſcudo,
Dirâ, vio ſignalados como ſinos:
Ha de ter tal viſaõ myſterio em tudo,
Porque eſte Sol de rayos mais diuinos,
Signos os doze Tribus ha tornado,
Pois nelles girarâ ſeu curſo amado.

Apoc. 7.

O Em-

37.

O Empyrio eminente, & os sublimados
Incorruptos Espiritos, & puros;
A sua luz seraõ como nublados,
E à sua Pureza como impuros:
Por Ella os crearemos adornados,
(Quaes d'Astros d'ouro fino os Ceos obscuros)
De Graça, & Perfeiçaõ, Pureza santa,
Todos, como Ella sô, não tendo tanta.

38.

E quando o Mundo, & seu jardim terreno,
(Que Paraìso Terreal serà chamado)
As flores, a fragancia, & o sitio ameno,
Sô para recrear, dermos creado;
De suas perfeiçoẽs, gesto sereno,
Tiraremos a copia, & o traslado,
Inda que não terão graças tão dinas.
Paraìso, Iardim, Cheiro, & Boninas.

39.

Crearemos o Mar, desta Donzella
Pello profundo Mar de seus primores,
E assi como as acçoẽs dos Ceos anhella,
Assi dos Ceos o Mar tomarà as cores:
Atè o nome ha de ter da Virgem bella,
E a riqueza dos dons seus superiores,
Vòs sobr'elle andareis, Amante altiuo,
Por ter o nome o Mar deste Mar viuo.

Ferebatur super aquas. Genes. 1.

Suf-

40.

Suſpende o Eterno Padre a voz diuina,
E as Coeternas Peſſoas, breuemente
Dando á propoſta tal, reſpoſta dina,
N'uma palaura a cifrão preeminente:
N'um ſy, daõ a reſpoſta peregrina,
Que em ſua creação, na ſacra Mente,
Reſpondem da maneira, que algum dia
A Deos reſponderâ tambem MARIA.

Fiat mihi Luc. I.

41.

Logo, no Sacroſancto Penſamento,
Cria a Omnipotencia ſoberana,
Eſte Aſſombro diuino, eſte Portento,
Que ha deſpois de crear aos peitos Ana:
De Pureza, & de Graças tal augmento
Lhe aplica, para ſer Diuina Humana,
Que para Mãy do Filho Eterno guarda,
Tão Alto Ser, belleza tão galharda.

42.

Que formando a puriſſima Donzella
Para Mãy de ſeu Filho Sacroſanto,
Toda a Omnipotencia occupa nella,
Em quãto Mãy do Verbo Eterno, & ſanto:
Vede ſe aſſombrarâ de pura, & bella?
Vede ſe Terra, & Ceo incluirá tanto
De Perfeiçoẽs, & Dons, com q̃ ſe eſmalta?
Ou ſe, abaixo de Deos, couſa ha taõ alta?

De-

43.

Depoſitada pois, na ſacra mente,
Eſta Idèa celeſte, eſte Sol puro,
Sapiẽt.24. Antes do tempo ao Mũdo eſtar preſente,
Quaſi infinito tempo foi futuro:
Chegado o termo pois, mais excellente,
Em que a luz ſubſtitue ao Chaos obſcuro,
Geneſ.1. Creou contente a Eterna Omnipotencia,
Bellos, o Ceo, & a Terra, em competencia.

44.

A inſtancia, o Graõ Padre acellerara,
Da terceira Peſſoa, & da ſegunda,
A machina celeſte, que criàra,
Co a eſtancia do Mundo taõ jocunda:
Porque o diuino Amor, que a Eſpoza cara
Ià dezeja lograr, & ver fecunda
Do Verbo Omnipotente, lhe dá a traça,
A que o Mundo acellere, em que ella naça.

45.

C'huma palaura ſó, c'hum breue aſſeno,
Creou de Anjos os Ceos cheos, & ornados,
E o Mundo tão fermoſo, & taõ ameno,
Cheo de dons, & adornos admirados:
E, por ſe diſtinguir do Ceo ſereno,
Azuis os Ceos creou, verdes os prados,
Que a aſſi não ſer, tal vez ſe naõ diria,
Qual era o Mundo, ou qual o Ceo ſeria.

Creou

46.

Creou naquelle,& neste taes portentos,
Taes adornos,taes graças,taes fulgores,
Que os campos se affiguraõ Firmamentos,
E os Ceos campos azuis, cheos de flores:
Immenso Nacar cheo d'Elementos
Parece o Ceo,& o Mũdo em seus primores,
A Concha Superior azul com pintas,
Verde a de baixo,entre outras varias tintas.

47.

E a Concha Superior,que taõ distante
Da inferior abrindose ficàra,
Do Ar,& Fogo ficou chea,& brilhante,
Que em Rubis,& Zafiras simulàra:
Por Esmeralda a outra,& por Diamante,
A verde Terra,& o branco Mar tomàra,
Que do enleo da vista então resulta,
Cõq̃ graõ Concha a Terra,& o Ceo se auulta.

48.

Despois de Terra,& Ceo ter jà creado,
Com tal primor,& bellos Orisontes,
Tomou para Palacio,& Throno amado
O Ceo,que de Zafir transcende os Montes:
E o Mundo taõ gentil,taõ adornado
De Campos,Animaes,Plantas,& Fontes,
Diuidindo o Imperio o sacro Ioue,
A dallo em feudo logo a Adam se moue.

49.

Logo, não Promotheu, mas o diuino
Geriaõ celeſtial de tres Peſſoas,
Que por diuino modo he Vno, & Trino,
Rey, que diſpenſa Imperios, & Coroas;
Genef.2. No Campo Damaſceno, que he taõ dino
Por tal dita de encomios, & de loas,
Formar trata a Eſtatua, a quem de barro,
Deu proporçaõ gentil, geſto bizarro.

50.

Cant.5. Occupaõſe na acçaõ ſuprema, & rara
As Tres Sacras Peſſoas juntamente,
E n'uma ſó, que entaõ forma tomàra,
Retrato todas Tres tomão viuente:
Mas antes de formar a Eſtatua cara,
Façamos com induſtria Omnipotente,
Genef.1. O Homem, â Semelhança, dizem, Noſſa,
Que ter hũa Alma, & tres Potencias poſſa.

51.

Cant.5. Logo applicando as Maõs taõ torneadas,
Taõ cheas de riqueza, & de Iacintos,
Como as que Salamão vio adornadas
No bello Eſpoſo em ricos laberintos,
Formaõ com perfeiçoẽs taõ admiradas,
Com partes, & cõ membros taõ diſtintos,
A Eſtatua de mais garbo, & de mais dita,
Daniel.2. A quem a de Nabuch, nos pés imita.

Deſ-

52.

Despois de feita, & de perfeita toda,
Para vida lhe dar, & aura viuente,
Naõ o fogo do Ceo se lhe accomoda,
Mas o lume do Lume Omnipotente: Ioan. 1.
Não do Sol, que se gira em aurea roda,
Mas do diuino Sol mais refulgente
Os Rayos se lhe aplicaõ, que respira
Deos em seu rosto, & vida alli lh'inspira. Genes. 2.

53.

Ià viue o barro, & jà logra excellencias,
Iá sobre o ouro domìna, & pedras finas,
E cheo de altos Dõs, & d'altas Sciencias,
Logra de Corpo, & Alma acçoẽs diuinas:
Supremo Rey, com raras preeminencias,
De tudo, quanto as Rodas Cristalinas
Cercaõ na Terra larga, & Mar profundo, Genes. 1. Psal. 8.
Fica constituido cá no Mundo.

54.

Creado em Graça foi, qual se Anjo fora,
Taõ perfeito, & gentil, taõ acabado,
Qual de tão Sacra Mão culta pintora,
Quadro diuinamente dibuxado:
E por ter companhia a toda a hora,
Para ainda viuer mais regalado,
Formarlha delle mesmo Deos ordena,
Por lhe ser mais suaue, & mais serena.

55.

Como de todo o Orbe, & Monarchia
Capitão General Deos o fizera,
Necessitaua Adam de Companhia,
Para ser Capitão, & Deos lha dera:
Mas no encontro que tem no mesmo dia
Co Inimigo maior, que astuto o espera,
Tão destruido ficou, tão debellado,
Que perde o Ceo terreno, & o sãto estado.

56.

Hum sono lhe influe Deos, não o Morphèo graue,
Que inda entaõ aos Cimmerios naõ tem vindo,
Nem da penna em colchoẽs de varia Aue,
Se està, para viuer, morto fingindo:
Repousa Adam em sono taõ suaue,
E Deos tanto que vio que està durmindo,
D'hũa Costa lhe forma a Eua airosa,
Açucena na cor, na graça Rosa.

57.

Naõ lha tira do rosto, ou peito amante,
Que achou das Costas ser mais conueniente,
Mysterio grande teue a acçaõ prestante,
Occulto para nós, sò a Deos patente:
Qual em terso marfim, osso elegante,
Culta imagem dibuxa Maõ sciente,
Tal dos Ossos de Adam cria, & figùra
Deos d'Eua em graça a culta imagem pura.

58.

Mas ay! que ſendo o ſono hum doce atalho
Do trabalho, que eſtà nelle em remanſo,
Do ſono tira Adam o ſeu trabalho,
Porque foi ſeu trabalho o ſeu deſcanſo:
Qual Bonina, que abrio co freſco Orualho,
Que Zephyro alentou ſuaue, & manſo,
Tal da coſta de Adam, botàm viuente,
Eua em graças abrio flor excellente.

59.

Acorda Adam, & vendo a fermoſura
Da Conſorte gentil, logo adiuinha,
Que delle ſe tirou forma tão pura,
Pois parte de ſeu corpo vio que tinha:
E flagrando em amor, & em brandura,
Tu es Carne, lhe diz, da Carne minha;
Mas ay! que por melhor renderte a palma,
Deos te fez do meu Corpo, Eu da minh'Alma!

Tu es Cãj 10, &c.

60.

Notai, que ſuauiſſimos amores!
Que requebros, notai, tão collocados!
Não ſaõ liſonjas vaãs, fictos ardores,
Requebros d'Alma ſaõ, d'alma lançados:
Não lemos lhe tornaſſe Eua fauores,
Nem requebros lhe diga namorados;
Vioſe fermoſa, & crèo ſe lhe deuia,
Quanto Adam lhe fallaua, & lhe queria.

61.

Se não foi, que por modo mais perfeito
Responde Eua ao Esposo amante, & brando,
Que he Eua Anjo em belleza, & por conceito
Ficaria, como Anjo, então fallando:
Ou foi, que ao sexo seu tendo respeito,
(Virginal pudicicia publicando)
Aos amores d'Adam se ficou muda,
Que a Dama mais calada, he mais sizuda.

62.

Em golfos innundando de delicias,
Viuem no Paraiso regalado,
Logrando dos deleites, & diuicias,
Com quanto cria a Terra, & o Mar salgado:
Mas ay! que logo em suas puericias
Durou pouco no Mundo hum doce estado!
Desgraça antiga! misero custume!
Mundana sorte! vniuersal queixume!

63.

Em quanto Deos em machina taõ bella,
No Mundo assiste em seus infantes dias,
Se leuantou no Empyrio graõ procella,
Entre essas nouas, & altas Gerarchias:
Que como a Lucifer se lhe reuella,
Que, dando complemento às Prophecias,
Hauia d'encarnar o Verbo Eterno,
Logo traçou no Ceo seu mesmo Inferno.

Que

64.

Que vendose taõ bello,& tão dotado
De tanto resplandor,Luz tão diuina,
Da soberba,& vamgloria prouocado,
Grandes conjuraçoẽs no Ceo machìna:
Porque adorar a Deos, quãdo Encarnado,
Lhe parece a Lusbel acção indina,
E, vindo de sacrilego a blasfemo,
Occupar quiz o Throno mais Supremo.

65.

Oppoemselhe Miguel vibrando a lança,
D'armas brancas vestido o Corpo Etherio,
E co as aladas Hostes com que auança,
Là no Empyrio, de Deos defende o Imperio:
E valor fulminando á semelhança
Do Leão,que rugindo em vituperio
Do Bruto opposto,vibra lingoa,& garra,
Que c'huma atemoriza,& outra agarra.

66.

Tal Miguel,em voz alta cometendo
Ao Bruto Lucifer,dizia airoso,
Quem ha,que semelhança fique tendo
Com Deos Summo Senhor,sò Poderoso? Psal. 112.
Que com Olhos d'Estrellas està vendo
Do Ceo mais alto,& Throno mais pomposo,
Tudo quanto nos Orbes inferiores, Eccles. 23
E na Terra se inclue,que innunda em flores?

67.

E eſte verſo excellente repetindo,
Que o Propheta depois cantou na Lyra,
Com graõ valor do Ceo foi expellindo
Innumera ſubſtancia, que delira:
Vem Lucifer cos ſeus, dos Ceos cahindo,
Blasfemando de Deos, & ardendo em ira,
E as Cadeiras, & Solios refulgentes
Deixa, com ſeus ſequazes inſolentes.

68.

Qual chuueiro geral, ou parto aquoſo
Do Ceo, que a hũa nuuem reduzido,
Dos Ares precipita hum Mar chuuoſo,
Sobre a Terra, em dilùuios eſparzido:
Tal, infeſtando o Ar, que de fermoſo,
Ficou com taes chuueiros denegrido,
Do Ceo cahindo vem precipitados
Os Eſtigios Dragoẽs, Anjos damnados.

69.

Ià do Empyrio quadrado, & Aula diuina,
Palacio do Monarcha Omnipotente,
Sibilando a Serpente mais malina,
Cercada cae d'innumera ſerpente:
Ià chega, & paſſa em miſera ruìna
O Decimo Criſtal, Roda luzente,
Que por Mobil Primeiro em doce accẽto
Faz com que os Orbes mais tẽ mouimẽto.

Iá

70.

Ià ò Noueno Ceo(que o Criſtalino
Por ſuas claras limphas foi chamado)
Chega o Monſtro infernal, Drago malino,
E ſuas claras ondas paſſa a nado:
Ià na praya de conchas d'ouro fino
Matizada, a apportar chega obſtinado,
No Firmamento digo, onde gemendo,
Pâra hum pouco, primor tão vario vendo.

71.

Alli repára em tanta luz diuerſa,
Tão fino eſmalte, & lùcidos fulgores,
E em Campina de Luz brilhante, & terſa
Nota a equiuocação d'Aſtros, & Flores:
No Zodiaco a viſta poem peruerſa,
E os doze Signos vendo ſuperiores,
Que d'Animais diuerſos tem figura,
Brama, vendo Animais ter tal ventura.

72.

Eſtes(diz para os ſeus)Brutos luzentes,
De malhas d'ouro fino variados,
Viuem no Ceo, em formas differentes,
E nòs nos vamos delle deſterrados:
Mais brutos ſomos que elles, pois cõtentes
Adornados de Graça, & adornados
De mais bello fulgor, o Ceo lográmos,
E, por mais Brutos, nelle não ficámos.

Mas

73.

Mas logo, continuando o precipicio,
O Firmamento deixão ſublimado,
E dos ſete Planetas o exercicio
Notando vem no curſo acelerado:
Vem no Septimo Ceo em graue officio
A Saturno d'influxos infeſtado,
Com que â vida cuſtuma fazer guerra,
Nouenta & hũa vez maior que a Terra.

74.

Logo ſaltão no Globo, que domina
Iupiter, falſo Deos, feliz Planeta,
Cuja influencia cauſa por benina,
Que Deidade o Gentio lhe prometa:
Com viſta, a Multidão, torua, & malina,
Para elle olha, por ver, Deos lhe cometa
Influxo tão ſuaue, & tão clemente,
Tão contrario deſt'outro antecedente.

75.

Iâ ao Quinto Zafir, que o rubicundo
Marte com influencia occupa varia,
Vem decendo, bramando o furibundo
Lucifer, co a Caterua a Deos contraria:
Guerras nota, que influe câ no Mundo,
Eſta braua, & ſanguinea Luminaria,
Por eſte effeito em vella ſe alegrâra,
Se tal vez bons effeitos naõ cauſâra.

Logo

76.

Logo no Quarto Ceo, Throno diuino
 Do Deos do Metro, & Rey das Luzes bellas,
 Que ardendo em lauaredas d'ouro fino,
 Nellas ſe queima, & não ſe abraſa nellas;
 Salta, em fogos ardendo, & deſatino,
 O que, antes de tão miſeras procellas,
 Lucifer como o Sol eſtaua feito,
 Porque Sol foi creado em nome, & effeito.

77.

Logo ao Terceiro Ceo, & rico quarto
 Da Deidade, que Eſtrella ſe aualia,
 Que das ondas maritimas por parto,
 Inda a Gentilidade a ter viria;
 Cercado de Eſcorpioẽs, chega o Lagarto,
 Que de pintas de fogo ſe cubria,
 E vendo, que perdêra igual belleza,
 Mais ſe embrauece, & enche de triſteza.

78.

Ià dá ſobre Mercurio, que o Segundo
 Ceo illuſtra, de rayos adornado,
 Que cõ branda influẽcia influe no Mundo,
 Por Planeta ſagaz, bem inclinado:
 Logo o Primeiro Ceo, Reyno jocundo
 Do mudauel Planeta não mudado,
 Que em tanta variedade firme aſſiſte,
 Com ſeus ſequazes paſſa Lusbel triſte.

79.

Iá das nuuens, diaphanos Outeiros,
Cahindo, c'huma horrìfica procella,
Abreſe a Terra, & os ràbidos Cerbeiros
Buſcando o Centro vão nos baixos della:
De ſua ſuperficie aos derradeiros
Abiſmos infernais, ſe nos reuella,
Que de mil & duas legoas queda deraõ,
Que do Mundo ao Inferno tantas erão.

80.

Qual o Aljofar, que em Ioyas de boninas,
Entre ambar engaſtou a Aurora pura,
Que em ſe ſubindo ás nuuens criſtalinas,
Em dureza, tal vez, troca a brandura:
Que já em pedra do Ceo, poſto em ruìnas,
A's Plantas poſtra a flor, queima a verdura,
Tal por querer ſubir, em fogo ardendo,
Cae, d'Aljofar Lusbel, granizo horrendo.

81.

Tanto que Lucifer ſe vio poſtrado,
E vio, q̃ Eua, & Adam, com ſummo auiſo,
No Mundo eraõ ſenhores do creado,
E Anjos na Terra em culto Paraìſo;
Enuejando da Graça o ſanto eſtado,
Que lograuaõ como Anjos, d'improuiſo
Peruertellos procura, & em tal perigo,
Fazellos ſeu Retrato em ſeu caſtigo.

Logo

82.

Jâ lâ no mais profundo desse Auerno,
Na masmorra mais baixa, & mais escura,
Chea de fumo, & horror do fogo eterno,
Que escurece, & alumia a flamma impura,
Collocado Lusbel já Rey do Inferno,
Hum throno occupa de horrida figura,
No qual se ostenta Rey na pena, & mando,
De todo esse infeliz Tartareo Bando.

83.

De rodas he a Cadeira horrenda, & fea,
Feitas de duas Serpes enroscadas,
Cada braço hũa Serpe, & della mea
No fim delle se enrosca, & faz laçadas:
Guarniçaõ, & lauor, de que se assea,
Saõ Viboras meudas repassadas
De Escorpioens, que formaõ varios riscos,
Com Salmandras, Cerastes, Basiliscos.

84.

Todos estes, com furia venenosa,
Nelle os farpoẽs trilingues exercitaõ,
E o triste na Cadeira prodigiosa,
Cos golpes se reuolue, a que o incitaõ:
Mas naõ basta esta pena rigurosa,
Que as flammas infernais nelle crepitaõ,
E ardendo, o atormentaõ de maneira,
Que renega do Cargo, & da Cadeira.

Sobre

85.

Sobre as Rodas das Serpes se menea,
Per sy mesmo este Throno temeroso,
Quando elle em tanta pena, em dor taõ fea,
Passea pello Abismo tenebroso:
Aqui posto Lusbel, que se rodea,
De innumero sequaz, monstro furioso,
Co as mãos do rosto as flammas apartando,
Assi diz, voz, & fogo vomitando.

86.

Incolas deste Reyno triste, & ardente,
A que fomos taõ cedo condemnados,
Que em tal escuridão, dôr tão vrgente,
Nos forão tantos gostos transmutados;
Pois perdemos o Ceo puro, & luzente,
Por brios, por jactancias, ou por fados,
Importa que as Cadeiras, que deixamos,
De que se vão lograr, as deffendamos.

87.

E pois no Paraïso tal injuria
Se nos fez com cairmos de improuiso,
Vinguemonos, ardendo em ira, & furia,
D'hum Paraìso, em outro Paraìso:
Porque no Terreal florìda Curia,
D'hum Monarcha, que em dous viue diuiso,
Nos podemos vingar, inficionando
A Graça, que estão nelle conseruando.

88.

Este,& sua Consorte,& Companheira,
Com seus de barro viuo successores,
Haõ de lograr no Ceo tanta Cadeira,
Quantas deixamos lâ por pundonores:
Porem se a Graça perdem, de maneira
Escrauos ficaràõ, sendo senhores,
Que não sò não irão ao Ceo sereno,
Mas neste penaràõ fogo em que peno.

89.

O caso he de grão pezo,& de importancia,
E para elle o Maior se necessita,
Eu quero ser quem và com vigilancia,
Tratar sua desgraça,& nossa dita:
Não me inuejeis sahir larga distancia
Desta estancia infernal escura,& aflita,
Que o mesmo fogo,& sua dor estranha,
Sempre em todo o lugar nos acompanha.

90.

Eu vou por obra pòr tão graue intento,
E entre tanto gouerne o desgouerno
Deste horrifico Reyno do tormento,
Belsabu, de quem fio o meu gouerno:
Isto dito, do Throno tribulento
Se leuãta,& as tres Furias cães do Inferno,
Que o acompanhem manda tão sòmente,
Que consigo não quer leuar mais gente.

Virg. Egl. & Dante, quod Apes & spiritus, gentes vocantur.

Logo

91.

Logo ordena à Serpente mais astuta,
Que da direita roda lhe seruia,
No Solio de que as penas executa,
E onde a pena maior o enfurecia;
Que abrindo as azas vis, q̃ as d'Aue bruta,
Que engeita pella noite o claro dia,
Imitaõ na feiçaõ, por seu abono,
Ella seja seu coche, ellas seu throno.

92.

Logo subindo nella, & atroando
C'hũ grande estrondo a horrìfica cauerna,
Tremeo o Centro, & os montes retũbãdo,
Ecco soou da penha mais superna:
Logo toma a voragẽ, que tomando
Por ordem da Sybila, que o gouerna,
Despois Eneas, dece, donde o horrendo
Lucifer vem subindo em fogo ardendo.

93.

Do Tenaro jà deixa a boca fea,
Que ao abismo infernal se communica,
E piza sobre a Serpe que esporea,
Os ares, que Lusbel nublando fica:
N'uma nuuem de fogo, que o rodea,
Voa, & co graõ furor, que se lhe aplica,
Naõ fica planta, ou penha, que naõ caya,
Que o monte briga, & a selua entaõ desmaya.

94.

Aſſi rompendo os ares, que infinitos
Eſpiritos infeſtaõ, que ficàraõ
Pendentes là das nuuens nos deſtritos,
Quando de Deos à Voz, nellas paràraõ;
Chega a aquelles deleites inauditos
Do Terreal Paraiſo, que logràraõ
Tam pouco os Pays commũs; ò mal profundo,
Durâr tam pouco tempo os bens no Mundo!

95.

Introduſſe co a Serpe no terreno	Geneſ.3.
Ceo, onde o meſmo Ceo choue primores,
Nadando, quando ſulca o prado ameno,
Em pelagos de grama, ondas de flores:
Inuiſiuel ſe porta o Anjo obſceno,
Que aſtuto executando ſeus furores,
Sò a Serpente com vulto de donzella,
Viſiuel quer que ſeja á Eua bella.

96.

D'hum bom roſto, & d'hum animo danado,
Quem de ſer enganado ha que ſe izente?
Que andou ſempre o engano disfarçado
Em roſtos de Anjo, & peitos de Serpente:
Deſt'arte tras a pirola occultado
O veneno, entre o ouro refulgente;
Tal, no lizo metal, ſe occulta a bala,
E a liſonja infernal na doce fala.

97.

Metido jà Lusbel, Drago homicida,
No ventre venenoso d'outro Drago,
Só, cos farpoens da lingoa tripartida,
Tiros trata fazer do môr estrago:
Que, d'enganos astutos instruida,
A Serpe, com lethal lisonja, & afago,
A Eua intenta ferir, que contra a graça,
Frechas na lingoa tem, dellas na traça.

98.

Entre as mais plantas bellas, que adornauão
O jardim soberano em varios laços,
Que paridas nos pomos se mostrauão,
Com seus frutos gentìs pòstos nos braços,
Hũa Maceira estaua, a quem cercauão
O pè, porque mouer não possa os passos,
Flores de vario cheiro, & varias cores,
Que da fruta, que tem, parecem flores.

99.

Cargada estaua a Planta reseruada
De mais fermosos pomos, & mais dinos,
Que os da planta, que foi tambem vedada,
Por quem Tantalo rompe em desatinos:
De scientificos dons sendo dotada,
Se prohibirão seus frutos peregrinos
Aos nobres Pays, de quẽ gerados somos,
Deixandoselhe liures os mais pomos.

Genes.2.

Vigia

100.

Vigia a Serpe,& dentro Lusbel nella,
Certa vez, em q̃ enuolta em graças tantas,
Paſſeaſſe Eua airoſa ſem cautella,
Com plantas de criſtal por entre as plãtas:
Sahio naquelles trajes Eua bella,
Em q̃ as Deoſas mais bellas, do que ſantas,
Ante o Paſtor Troiano apparecèraõ,
Quando ſobre a belleza contendèraõ.

101.

Por entre Roſas vai, que vergonhoſas,
Entre as Cecens ſe occultaõ mais ſerenas,
Em ſua cor ſe reuèm as Tyrias Roſas,
E em ſua candidez, as Açucenas:
Abaixaõſelhe as Plantas dadiuoſas,
Pomos por lhe ofrecer, ſombras amenas,
Fazem, por abraçala, os Aruoredos
Dos ramos braços,& das folhas dedos.

102.

Em quanto aſſi paſſea a gentìl Eua
Por eſte Paraiſo ſoberano,
A Serpe em giros horridos ſe leua,
A eſtancia por chegar de noſſo dano:
Sòbe nella metido o Rey da treua
A' planta, a que dirige o infauſto engano,
E allı fica a Serpente em modo aſtuto,
Não entre as flores jâ, mas entre o fruto.

103.

Vai Eua mais auante, & a planta atenta,
Que pello meſmo Deos lhe foi prohibida,
E vendo nella a Serpe peçonhenta,
Nem vella horror lhe faz, nem ſe intimìda:
E, como quem de vella ſe contenta,
De conuerſar com ella não duuìda,
Da liſonja lhe admite a peſtilencia,
Que he facil d'enganar hũa innocencia.

104.

Vè de malha veſtida a Serpe imiga,
Que a modo tem de Harpia geſto humano,
C'huma concha por caſco, com que briga,
De que armada naceo por noſſo dano;
Porque aſſi lhe conuem, que falle a obriga
O peruerſo Lusbel cheo d'engano,
E com voz tam fingida, como aſtuta,
Diſcreta quer fallar a Serpe bruta.

105.

Come, lhe diz, ò Dama peregrina,
Deſte pomo fatal, que te he vedado,
Porque ſó de o comer ſeràs diuina,
E de Deoſa virás a ter o eſtado:
A comer delle aqui te determina,
E delle para Adam deixa hum bocado,
Logo ficareis Deoſes, deſta ſorte,
Imperando na vida ſobre a morte.

106.

Ficareis Deoſes, pois ſereis ſcientes, Geneſ. 3.
Que o ſaber he de Deoſes atributo,
Que pouco tem de Deos os imprudẽtes,
Que bruto vẽ a ſer todo o que he bruto:
Taõ ſabios ficareis, tão eminentes
Se vòs ambos comerdes deſte fruto,
Que do bem, & do mal tudo ſabendo,
D'humanos, ficareis Deidades ſendo.

107.

Eua veſtida eſtaua airoſamente
Da tunica natiua, & adorno louro,
Que o cabello lhe ſerue, aſſi pendente,
Se de Marlota não, de Brial d'ouro:
Mas em quanto lhe falla a grão Serpẽte,
A maneira d'auſpicio, ou triſte agouro,
Num ramo ſe enlaçou parte dos fios,
Que das fontes lhe dece em aureos rios.

108.

Ou Zefiro, por vellos taõ fermoſos,
Brincaua alli com elles inquieto,
Ou elles ſó per ſy, como medroſos,
Se arriçauão de ver o torpe objeto:
Eua cos brancos dedos, dos frondoſos
Ramos, c'hũ deſdẽ doce, & alegre aſpeto,
Os deſenlaça rindo, & parecia,
Que num liſtão de prata os recolhia.

109.

A mão, com que o cabello desenlaça,
Sendo ella de jasmins, sendo elle louro,
Gentil pente se finge, que com graça
Com dentes de marfim lhe morde o ouro:
A Serpe por falaz, & astuta traça,
Lhe exagera o gentil aureo thesouro,
Dizendolhe, que pois tão gentil era,
Que ser Pente, & Serpente então quizera.

110.

Dando credito em fim a triste Dama
A's lisonjas da Serpe venenosa,
Postra a Graça, & a Razão tambẽ derrama,
E espinha fica, se era d'antes Rosa:
O humana ambição! terriuel Ama,
Que a desgraça criaste mais damnosa!
Pois co tiro d'hum pomo pouco duro
Fulminaste o presente, & o futuro!

111.

Colhe a maçaã, que tanto lhe contenta,
Que desmayos lhe expoẽ, pejo lhe indica,
Que no purpureo, & pàlido que ostenta
Destas acçoẽs effeitos lhe publica:
Tendo d'ouro, & rubì cor opulenta,
Pobre a Eua tornou a maçaã rica,
Que depois que a colheo, de graça pobre,
Do pomo alterna a cor no rosto nobre.

Em

112.

Em fim come do pomo,& trága a morte,
Perde a graça,& do fel da culpa gosta,
Do veneno acha doce o trâgo forte,
De que a maior desgraça està composta:
Bem qual o Nauegante, que erra o Norte,
Que, ou em Syrtes, ou, dà coa nao á costa,
Tal Eua o intento seu achando errado,
Naufràga em pranto,& sô se salua a nado.

113.

D'Eua ao caso, de Dido o arrojo aludo,
Que co estoque per sy matarse aspira,
E co pomo, que o foi de estoque agudo,
Eua se mata então, sem que se fira:
Fica Lusbel contente,& o Drago mudo;
E como a seu intento o effeito vira,
A serpe deixa,& foge d'improuiso,
Que troca pello Inferno ao Paraìso.

114.

O Eua taõ discreta,& tão sciente,
Como a razoẽs taõ friuolas differes?
Repara bem na fraze da Serpente,
Verás, que por tua mão cruel te feres:
Que serieis quaes Deoses, juntamente
Tu,& o santo Adam, que postrar queres,
A Serpente te diz, qual se dissera,
Que hũa cousa serieis, que não era.

115.

Se hum sò Deos ha na Terra, & Ceo jocũdo,
Como ser Deoses, Tu, & Adam querias?
Hauer hum Deos nos Ceos, & dous no Mũdo,
que era falsa illuzaõ como naõ vias?
Creste, contra o que cres, ao Drago inmundo;
Inda que nas razoens, transluzo, impías,
Que elle certo fallou, se creste errada,
Pois, quaes Deoses, ficastes sendo nada.

116.

Perdeste a fermosura, que a alma goza,
Inda que bello ostentes corpo, & vulto,
Tens, em viuo jardim, defunta a roza,
Tens, entre ouro gentil, veneno oculto:
Entre flores a Serpe venenoza
Em ti trazes, despois do graue insulto,
Que tua alma ficou, como peccaste,
Pirola, murcha flor, lethal Ceraste.

117.

Vaise Eua atraueſſando o paraizo,
A leuar da maçaã parte ao Esposo,
Que, por lhe conuerter em pranto o rizo,
Lhe vai dar hum bocado venenoso:
De Adam quer peruerter o alto juizo,
Pello tornar qual bruto, que furioso
O bocado entre os dentes em tomando,
Se despenha, da redea naõ curando.

118.

Cheirando da maçaã a parte hia,
Que deixou pera Adam Eua ſerena,
Pello olfato a fragrancia aſſi comia,
Se comer pella boca a fruta ordena:
D'ouro, ſendo veneno, parecia
A maçaã, que deu cauſa a tanta pena,
Auultauaſe Deoſa jâ com ella,
Como deſpois com outra a Deoſa bella.

119.

Num ramo d'hũa planta amena, & fria,
Cantando docemente ſeus amores,
Hum pintaſirgo, em cores, & harmonia,
Se daua á ouuir hum crauo, & á ver mil flores:
Taes quebros, & requebros diſpedia,
Que Eua, pondolhe os gemeos reſplandores,
O quiz tomar; mas elle a penna deixa,
Porque da maõ lhe foge, & ella ſe queixa.

120.

A penna lhe deixou na mão ſerena,
Como indicio da pena, que merece,
Pois naõ he digna jà, ſenaõ de pena
Quem da gloria ao Senhor deſobedece:
Demonſtraçaõ era eſta naõ piquena
Pera que Eua infeliz notaſſe, & creſſe,
Que o pomo, que comido entaõ hauia,
A eſcraua, de ſenhora, a reduzia.

121.

Mas ella, de ſeu damno deſcuidada,
Naõ repara em myſterios ſemelhantes,
Mas no pomo, & promeſſas enleuada
Sò de objectos ſe leua dilirantes:
Vai paſſando a diante acelerada,
E ſobre abrolhos, que não piza dantes,
Pôr ſente o branco pé, q̃ em ſangue enuolto,
Nadou a neue preza em rubì ſolto.

Geneſ. 3.

122.

Se as Roſas, rubicundas naõ naceraõ,
Com quanta mais razaõ crerſe podia,
Que della a cor purpurea receberaõ,
E não, de quando Venus ſe feria:
Parece, que d'induſtria lhe fizeraõ
Os abrolhos no pè eſta ſangria,
Tratando de aplacar então com ella
O frenezì, que aflige à Dama bella.

123.

Porèm, deſpois que a dor ſe lhe remoue,
Auante vai; & n'uma flor mimoza
A pegar c'hum jaſmim dos dous ſe moue,
Mas picaſe, & a cecem ſe torna em roza:
Breue ceo de criſtal jâ rubìs choue,
Ià de crauo o jaſmim disfarces goza;
Que a roſa, que a colher Eua ſe aplica,
Cos eſpinhos que brota, a fere, & pica.

De-

124.

Debaixo do docel verde,& ſombrio
D'hum Platano,a q̃ o pè beja hũ regato,
Que ſe eſtar mais ameno deue ao rio,
Deuelhe o rio a elle o eſtar mais grato;
Eſtaua Adam reuendoſe no frio
Criſtal,que lhe reflexa ſeu retrato,
Onde a fonte parece que murmura,
De ver a Adam remiſſo,Eua perjura.

125.

Chega a Dama infeliz â amena eſtancia,
Onde Adam logra a vida mais contente,
E delle eſtando jâ breue diſtancia
Do pomo lhe offerece o vaõ preſente:
Contalhe com feruor,com alegre ancia
Quanto lhe tinha dito a vil Serpente,
E quanto ambos de ponto ſubirião,
Se daquelle aureo pomo então comiaõ.

126.

Prouocado o ſcientifico Monarca
Das liſonjas da Serpe,& rogos d'Eua,
Come do triſte pomo,& a morte abarca,
Pois de lethal aconito ſe ceua:
Fica de ſua vida ſendo Parca,
Fica de ſuas luzes ſendo treua,
Ficaõ ſeruos,de Reys,& de Senhores,
Trocada tanta gloria em tantas dores.

O ro-

127.

O rogos feminis! talvez encantos
Mais do que de Medea, & Circe magas!
Risos, de Crocodilo astutos prantos!
Requebros, que tal vez sois duras pragas:
Crueis, d'outra Sirena, & doces cantos,
Vozes de Phitonizas, & de Sagas,
Quanto podeis cos miseros amantes,
Que errados tem por Norte Astros errantes!

128.

Em quanto Lucifer no Paraìso
A desgraça de Adam, & Eua machìna,
Asmodeu temeroso, & indeciso,
Noua desgraça ò Inferno vaticina:
Com Belsabu se auista d'improuiso,
E temendo apos d'hũa outra ruìna,
Lhe diz em alta voz, dos mais cercado,
Ouuime, ò tristes, meu funesto brado.

129.

Iâ seguindo os disignios insolentes
De Lucifer tiuemos graõ perigo,
E do Impyreo esses thronos refulgentes
Trocamos por taõ aspero castigo,
E de nouo a temer, por mui vrgentes
Razoẽs, venho outro mal; q̃ a crer me obrigo,
Que da desgraça d'Eua triste, & escura,
Resultará ao Mundo a mòr ventura,

Dis-

130.

Diſcurſando comigo ſuttilmente,
Infiro claramente, que o motiuo
De tomar Carne o Verbo Omnipotente
O peccado ha de ſer de Adam, nociuo:
Que haja Deos de encarnar, nos foi patẽte;
E a cauſa alcanço já; que eſta deriuo
Ha de ſer a occaſião, que em noſſo dano,
Obrigue o Ser Diuino a ſer Humano.

131.

E ſe ha Deos d'encarnar, como ha ſem falta, Ioan. 1.
Bem ſe vè que ha de ſer ſó por dar vida
Aos Humanos, que Deos amando exalta,
Tanto, que ſua libré quer ter veſtida:
Vede qual ficará de illuſtre, & alta,
A Natureza Humana a Deos vnida?
E vede, quando Deos ſeu barro tome,
Que bens aos Homens mais farà, ſendo Home?

132.

Vede que Mãy darà a Omnipotencia
A ſeu Filho Coeterno, & Soberano?
Que Graças, que Virtudes, que Excellencia
Lhe naõ infundirâ, por noſſo dano?
Tal ſerâ, qual por Mãy a Eterna Eſſencia
He bem que dè ao Verbo, em quãto Humano,
Onde o Immenſo Poder ſe recupille,
E tal ſeja, que os Aſtros aniquille.

E pois

133.

E pois, se ha de ser causa a culpa d'Eua
De se criar tam rara fermosura,
Se ha de vir tanta luz despois da treua,
De que serue fazer a Eua escura?
Que quem o pensamento ao alto leua,
Bem vé que esta diuina alta Creatura,
Que ha de humanar o Verbo Omnipotente,
Val mais que o Mundo todo juntamente.

134.

E tanto que no Mundo for creada
Ah! que ruinas temo, & tristes fados!
Que Raio, que Montante, & aguda Espada
Para os Anjos será precipitados?
Pois que se ganha em Eua ser postrada?
Que se ganha do Mundo nos peccados?
Quando, para remedio desse Mundo,
Tal belleza ha de abrir o Ceo rotundo.

135.

Em lugar d'Eua, & Adam, jà peccadores,
Se o Verbo ha de encarnar, & nacer ella,
Para que ha Eua, & Adam de ter errores,
Se se lhe ha de aplicar cura tam bella?
Deos no Mundo? Ah! cõ q̃ asperos rigores,
Quem não vé, que outra vez nos atropella?
E que o Raio fatal da Mulher forte, Prou. 31.
Nos não fulmina, & dà de nouo a morte?

136.

Ah! como temo lâ pello futuro,
Que a defdita de Adam, tam feftejada
De todo o Anjo infeliz do Auerno impuro,
Que inda culpa feliz feja chamada:
Serue a noite, com ter o Ceo efcuro,
De fazer mais alegre a madrugada,
Tal a noite da culpa, temo agora,
Faça da Graça fer mais bella a Aurora.

137.

De fe apagar a Eftrella luminofa
D'Alua, a que o dia faz de clara efcura,
Nace nacer do Sol effa aurea Rofa,
Que em luz banha o Ceo brãdo, & a Terra dura:
De fe murchar tal vez a Flor mimofa,
Se planta em feu lugar outra mais pura;
Pois não perca Eua a luz, & a flor da Graça,
Porque tam bello Sol, tal Flor não naça.

138.

Pois que jà Lucifer foi inftrumento
De tam gram perda noffa, & tal mofina,
Deixe agora de nouo o necio intento,
Com que fazer peccar a Adam machìna:
Bafte ternos poftrado em tal tormento,
Não nos procure naõ noua ruina,
Não trate de fazer mal tam tirano,
Para nos refultar em maior dano.

Logo

139.

Logo ſe auiſe, & logo, ao arrojado
Lucifer, que do intento ſe deſcude,
Que pondere o q̃ aqui tenho exclamado,
Para que de lugar, & intento mude:
Mas antes de Aſmodeu ter acabado
De fallar mais agudo do que rude,
Decendo vem, em medo a tudo pondo,
Ao Inferno Lusbel c'hum fero eſtrondo.

140.

Aluiceras pedindo vem, com goſto,
Aos Incolas malignos do profundo,
Mas elles o recebem com mao roſto,
Por temerem mòr mal do mal do Mundo:
Que o que Aſmodeu lhe tinha então propoſto,
Tam impreſſo ficou no pouo immundo,
Que delles cada qual antes tomâra,
Que Adam, viſto o remedio, não peccára.

141.

Deſpois que a Lucifer ſe ha rebatido
O tumulto, & o goſto com que vinha,
E lhe foi o juizo referido,
Que d'Aſmodeu então ſaìdo tinha;
Cahindo, em lhe peſar de ter cahido
Adam, a blasfemar com voz meſquinha
De ſy meſmo começa; & as negras Furias,
Nouas penas lhe dão, nouas injurias.

A Mor-

142.

A Morte feita bruto famulento,
Pasta em campo de flammas, & de horrores, Psal.48.
Com mór furia em Lusbel, cõ mòr tormento,
Quaes os mais brutos pastão nos verdores:
Com tal ira o deuóra o monstro cruento,
Que elle, & seus infernaes habitadores,
Anhelaõ, do sentir, ver jà o remate, Apocal.9.
Mas tem morte, que os paste, & naõ q̃ os mate.

143.

Fica Adam, & a misera Consorte,
Enganado da Serpe desabrida,
Passando vida, que parece morte,
Sofrendo morte, que naõ tira a vida:
Quanto trabalho teue, aspero, & forte,
Que aliuio teue em magoa taõ sentida,
Sua effigie terá nesta pintura,
Pois tal desgraça teue tal ventura.

GENEALOGIA
DA VIRGEM
SENHORA NOSSA.
CANTO II.

ARGVMENTO.

DEpois de Adam peccar, foi desterrado
Do ameno Paraîso, que lograua,
De seu mesmo suôr se sustentaua,
A gloria em pena jâ, o ocio em cuidado:
De aliuios quando mais desconfiado,
O Ceo de aliuialo então trataua,
E hũa noite, em que ao sono se entregàua,
Hum sonho lhe ministra regalado:
Hum bello Paranimpho lhe apparece,
Que em duas Aruores ricas lhe annuncia
Sua Estirpe, que tanto o ennobrece,
E como ha de tornar a Alta MARIA,
Que a Terra, & o Ceo de graças enriquece,
Em gozo seu pezar, sua noite em dia.

1.

DO Thalamo, em que jaz de prata pura,
Chorando, & rindo, ſ'ergue a Aurora fria,
Chorando, porque morre a noite eſcura,
E rindo, porque nace o claro dia:
Chora, por ver a Mãy na ſepultura,
Ri, porque o Filho vè, que lhe nacia,
Que anda no mũdo o bem, & o mal tão pares,
Que os prazeres ſe enuoluem cos pezares.

2.

Nacem d'hum meſmo parto juntamente,
Neſta vida mortal, o pranto, & o riſo,
Que o ſer triſte anda annexo ao ſer contente,
Como o Inferno, no Mundo, ao Paraiſo:
Chora a manhãa, & o pra do florecente
Enche os olhos das flores, d'improuiſo,
Das lagrimas, que verte a freſca Aurora,
Porque, pella imitar, ri junto, & chora.

3.

Mas não ſei qual he a cauſa mais ſentida,
Que a Aurora lamentar faz deſta ſorte,
Se ver o claro Filho darſe â vida,
Se ver a Máy eſcura darſe á morte:
Que quem conſiderar quanto anda vnida
No Mundo, a debil vida à Parca forte,
Razaõ tem de chorar indifferente,
A vida alegre, & a morte deſcontente.

4.

Hum periodo sò, he a vida breue,
Que no ponto da morte se termina,
Quem começa a viuer, na vida escreue,
E para o ponto vai, que o fim lhe assina:
A ansia graue virgùlla aò ocio leue,
Co ponto a breue clausula confina,
Que escreue a Vida em breues, & aphorismos,
Seus breues, & caducos sylogismos.

5.

Nace a Flor, que mais cedo o tempo trilha,
Que co rir da manhãa, chorando nace,
Em quanto chora viue, crece, & brilha,
E morre, em enxugando a linda face:
He no nome, & no effeito marauilha,
Pois tanto que respira, & as auras pace,
Logo morre, & sò viue em quanto chora,
Taes somos nòs tambem, & tal a Aurora.

6.

Que sabios documentos, que doutrinas
Tão vtis, para a vida descontente,
Nos dá a Manhãa, & as nitidas Boninas,
Ledas, rindo, & chorando juntamente!
Porque logrando as horas matutinas
Chorão nesse prazer, que tem presente,
Como quem anteuè, que da agonia,
He vespora o prazer, da noite o dia.

7.

Que texto tam expreſſo em Adam temos,
Do pouco que no mundo hum goſto atura,
Pois da pena, & da gloria os dous extremos
Vnidos exprimenta em dor taõ dura:
Logrando eſtaua a Graça, & logo vemos,
Que deſobedecendo à Summa Altura,
Começando a lograla, ó triſte eſtrella!
O meſmo foi lograla, que perdella.

8.

Obedece â liſonja d'hum encanto Geneſ. 3.
D'hũa Syrena doce, em que ſe enleua,
Que o preceito de Deos naõ pode tanto,
Como co triſte Adam o rogo d'Eua:
Come do pomo, & bebe logo o pranto,
Perde d'Alma o eſplendor, & affecta a treua,
De liure, & de ſenhor, fica catiuo,
Se morto para o bem, para o mal viuo.

9.

Ià lhe parece mal a nuéz ſanta,
Com que a pura Innocencia ambos veſtìra,
Tratão de ſe veſtir em anſia tanta,
Porque o pejo do crime aſſi lho inſpìra:
Das largas folhas d'hũa grande planta,
Com que por gala verde ſe cubrìra,
Se cobre o pobre Adam, & a Eſpoſa pobre,
Que de folhas o fruto os veſte, & cobre.

10.

Figueira ambulatiua já ſe aduertem,
Deſpois de ſe cubrir das folhas della,
Que ſem fabula, em plantas ſe conuertem,
Pois viuas plantas ſaõ, ſem graça bella:
Cabeça eraõ do Mundo, que peruertem,
Mas como a Deos, o Homem ſe rebella,
Todos plantas, ou todos pês, ſe viraõ,
E de folhas, quaes plantas, ſe cubriraõ.

11.

Num Throno d'ouro, d'Aſtros marchetado,
Que o melhor tem da noite, & o bom do dia,
Que do Sol, ſobre os raios collocado,
De peanha dourada lhe ſeruia;
De varia pedraria matizado,
Que em ſy, ſem ſe queimar, moſtra que ardia,
D'hũa nuuem cercado clara, & pura,
Que hum penhaſco de prata ſe affigura:

12.

Vem Deos do Paraiſo ao Paraiſo,
E offendido de Adam, quer caſtigalo,
Paſſea Deos, & Adam chama a juizo,
Que quer ouuilo, & logo ſentencialo:
Aonde eſtàs Adam? com ſummo auiſo,
Em alta voz pergunta; & niſto, abalo
Faz Adam donde eſtá, que entaõ ignôra,
Adonde eſtá, ſe em ſy, ſe de ſy fóra.

Quan

13.

Quando hum Homem comete hum crime graue,
Onde estâs Homem? diz, quem lho reprende,
Como quem lhe denota que naõ sabe
Onde està, quem acçaõ taõ graue emprende:
Assi Deos, porque o crime mais lhe aggraue,
Quando onde està lhe diz, dizer pretende,
Aonde estás Adam, que tal fizeste?
Onde estâs? que lugar tomar quizeste?

14.

Mui bem sabia Deos onde elle estaua,
Mas quiz ver se acudia a seu chamado,
Quiz ver se a Voz de Deos o accelleraua,
Para vir confessarlhe seu peccado:
Chega o Triste cuberto, como andaua,
De folhas, com que o pomo o deu trajado,
Insolito vestido, inepta escolha,
Comer do fruto, entaõ vestir da folha.

15.

Quaes Columnas de Marmore, que a Hera
Enroscada, cubrio de verdes ramas,
E porque verde Serpe se fizera,
De suas densas folhas fez escamas:
Tal, jâ não parecendo o que antes era,
Adam, & a mais intrepida das Damas,
Occultos entre as folhas, parecião
Columnas, que das heras se cubrião.

16.

Chegaõ desta maneira, transformados
Em plantas, ante Deos, que os conuocára,
E dó delito inorme enuergonhados,
Só descubertas trazem mãos, & cara:
De não acudir logo aos santos brados,
Dão por razão, mas foi semrazão clara,
Que porque estauão nùs, foraõ vestirse,
E daquella librè verde cubrirse.

17.

Ouuindo, & vendo Deos, que vem vestidos,
Quem vos disse, lhe diz, que nùs estaueis?
Eu vos vesti do traje, que despidos,
De pura candidez, ricos trajaueis:
O pomo que comestes esquecidos
Do preceito que Eu puz, que vòs quebraueis,
Que nùs estais bem sei, que vos tem dito,
Que nùs vos arguìo vosso delito.

18.

Bem, como Argos, que d'olhos se cubrìra,
De que as plumas adorna agora em Aue,
De mãos, da mesma sorte se vestìra
O delinquente Adam, & a Dama graue:
Que se Eua, c'hũa mão da planta tira
O pomo taõ amargo, & taõ suaue,
Por nota de sua culpa o Ceo ordena,
Que de mãos todo o corpo vista em pena.

19.

He a folha da Figueira, nos seus modos,
Retrato d'hũa mão, com seus enredos,
Que em que algũas os dedos naõ tem todos,
Muitas tem da mão fôrma, & sinco dedos:
Centìmanos (da terra viuos lodos)
Cheos de mãos, parecem d'aruoredos,
Que tambem, como os mais filhos da Terra,
Com peccar, contra o Ceo mouèraõ guerra.

20.

He folha o Homem, como Iob lhe chama, Job. 13.
Que o vento leua (& folha alguns sem fruto)
E em se cubrir Adam de folha, & rama,
Do que era se cubrio, por modo astuto:
Vai vestida da mesma a incauta Dama,
Que poem pella Innocencia triste luto,
Porque a librè que herdou da culpa impura,
Não se pôde negar que he verde escura.

21.

Disculpase alli Adam com Eua bella,
E Eua se disculpa co a Serpente,
Elle a culpa que tem dirige á ella, Genes. 3.
Ella à Harpia infernal, Serpe insolente:
Hum d'hum, & outro d'outro se querella,
Que parecer cada hum quer innocente,
Taõ antigo he no mundo este erro aceito,
De ninguem conhecer ao seu deffeito!

Não

22.

Não ſe houue Adam com Eua, em accuſala,
Qual com Lethèa Oleno, Dama pura,
Quando as Deoſas queriaõ caſtigala,
Por ſe lhe preferir na fermoſura:
Que a culpa ſobre ſy (ſó por liurala,
Do caſtigo) tomou, & pena dura,
Acção, que a quem quer bem vtil parece,
Pois padecendo em ſy, menos padece.

23.

Deſpois que a maldição a Adam, & a Eua,
E á Serpe venenoſa Deos lançàra,
A cada qual dos dous deſpe, os que leua,
E veſtidos de pelles lhe prepàra:
De brutos Animaes, que a mortal treua
Em termo tam ſucinto penetrára,
São as triſtes librés, ficando as pelles,
Para os pintar mortaes, raſgos de Apelles.

24.

Iá do bem, & do mal ſabe Adam triſte,
Que por ſeu mal, do mal a ſaber veo,
Ià Deos do Paraiſo, aonde aſſiſte,
O deſterra, por ſeu delito feo;
E porque a ſeus preceitos lhe reſiſte,
E da Aruore da Vida, que no meo
Do Paraiſo eſtà, comer podia,
E comendo, já nunca morreria:

Manda

25.

Manda Deos, que na porta preeminente
Deste bello Iardim (que se adianta
Ao das ricas Hesperidas, florente
Em pomos do metal dos d'Atalanta)
C'huma Espada de fogo refulgente,
Assista hum Cherubim por guarda santa;
Para que assi naõ possa Adam indino,
Neste Iardim tornar a entrar diuino.

26.

Tanto que Deos a Adam tem castigado,
Se sôbe ao Ceo no throno em que decéra,
De Seraphins sobr'azas collocado,
A quem a cera o Sol naõ derretèra:
Porque â imitaçaõ d'Icaro alado,
Nenhum dos Seraphins voa sem Cera,
Mas esta sem arder, que arde sômente,
Dos Seraphins, na Cera, o Amor ardente.

27.

Fõra do Paraiso viue, ou morre,
Laurando a terra Adam, d'abrolhos chea;
Do suor de seu rosto se soccorre,
De que guisa o jantar, prepara a cea:
Desta maneira o Vsso se recorre,
(Em quanto de granizo, o Ceo semea
A Terra) a seu suor, que em quanto he lenta,
Do suor de suas mãos sò se sustenta.

Come

28.

Come o paõ que ſemea, & que cultiua,
C o ſuor amaçado de ſeu roſto,
E aſſi torna o ſuor por traça eſquiua,
Donde ſahido tinha, ao meſmo poſto:
Sem ſer Eriſichthon, que a fome viua,
A comerſe obrigou, co graõ deſgoſto,
Come Adam de ſy meſmo, & ſe habitua,
A comer ſua carne, quando ſùa.

29.

Qual de manhãa, com boca d'ouro fino,
Chupa da Terra o Sol doces humores,
Que exhalados ao globo criſtalino,
A as nuuens ſe leuantão deſde as flores:
E chouendo deſpois o matutino
Vapor, torna onde d'antes ſeus licores;
Tal Adam, que o ſuor proprio comia,
O tornaua ao lugar donde ſahia.

30.

Geneſ.3. Deſpois de deſterrado, & afligido,
Viuia acerbamente fatigado,
Do Sol, & frio, o roſto tràs ferido,
Dos eſpinhos os pès, as mãos do arado:
Co as pelles d'Animaes, que tràs veſtido,
Bruto Animal parece, que impinado
Anda, como feroz inobediente,
Que o crime torna em bruto o delinquente.

Paſſan-

31.

Paſſando deſta ſorte a vida dura,
Coroou certa noite d'aſtros finos,
Hum dia, que de prata em ſepultura,
De Rey, morto logrou titulos dinos:
Tanto que ſemeou a noite obſcura
De aljofres eſſes campos criſtalinos,
A ſono prouocando a todo o mundo,
Adam ſe rende ao ſono mais profundo:

32.

Deſpois que no ſepulchro ficto, & grato,
Deſcança Adam de ſeu trabalho duro,
Sendo viuo, de morto jà retrato,
Tendo a effigie preſente, do futuro;
Não Morphèo vão pintor do humano trato,
Mas outro mais gentil Morphèo mais puro,
As eſpecies mouendo, que ſublìma,
A Adam dibuxa, & expoem eſte alto Enima.

33.

Parecelhe, que hum Anjo lhe apparece,
Que d'azues plumas cobre os niueos braços,
Que d'ouro borrifadas, ſe conhece,
Que do eſtrellado Ceo ſaõ dous pedaços:
E tanto que a ſeus olhos ſe offerece,
Por ſonhos, ſoberguendo os membros laſſos,
O prende pellos pês Adam contente,
Dos dous braços fazendo hũa corrente.

Logo

34.

Logo assinando a Adam hum rico encosto,
E tomando outro acima o Anjo altiuo,
Da boca despedia, & mais do rosto,
Minas d'ouro loquaz, resplandor viuo:
E notando o lugar em que está posto,
N'uma Aula de primor mais que excessiuo,
Se vio estar Adam, que absorto fica
Na grandeza, & dibuxo da Aula rica.

35.

Alem d'outros mais quadros, que cubriaõ
As paredes de prata reluzente,
Duas Aruores d'ouro se subiāo
Atè o alto do tecto preeminente:
Pellos ramos, que em laços se estendiaõ,
Em ordem successiua airosamente,
Estatuas ricas tem, Reys, & Monarchas,
Prophetas, Sacerdotes, Patriarchas.

36.

Ao pé da Aruore illustre, que do lado
Esquerdo s'ergue, em fabrica diuina,
D'Adam se postra a estatua, & o traslado,
Que no direito braço se reclina:
Tanto que nella Adam tem reparado,
Logo conhece a effigie peregrina,
Que inda que então d'espelhos não se vzasse,
Ià conhece qual tinha a regia face.

Hauia

37.

Hauia pouco Adam, que na corrente
D'hũa Fonte ſe vio, pura, & intata,
Que com pinceis de prata tranſparente,
Em laminas fugazes o retrata:
E no gemino eſpelho reluzente,
Dos olhos d'Eua, que de bella o mata,
Viſtas tinha tambem feiçoens taõ dinas,
Que eraõ eſpelhos ſeus, ſuas mininas,

38.

Repara (admiraçoens Adam formando)
Em ſeu Retrato, & mais, nas mais figuras,
E com loquaz ſilencio eſtà rogando
Ao Anjo, lhe declare eſtas pinturas:
Logo, com voz diuina, & accento brando,
Enchendo de fragrancia as auras puras,
Chouendo flores por hum crauo viuo,
Deſta ſorte lhe diz o Nuncio altiuo.

39.

As Aruores que vès com taes primores,
De pyramidaes pomos guarnecidas,
Que as Eſtatuas humanas, entre as flores
D'ouro, parecem pomos, que tem vidas,
São para que aliuies tuas dores,
Monarchas, & Peſſoas preferidas,
Que haõ de ſer teus famoſos deſcendentes,
Honra do tronco ſeu, gloria das Gentes.

40.

Este, sobre que esta Aruore se estriua,
E em que assenta as Raizes intricadas
Es tu, de cujo Tronco se deriua
O adorno destas Varas sublimadas:
Que na pena, que sofres excessiua,
Tão cheo de molestias tão pezadas,
Para te aliuiar, deu o Ceo traça,
A que esta exposiçaõ aqui te faça.

Luc. 3.

41.

Que inda que teu delito te ha postrado,
E diuertido o Ceo de tu o lograres,
O mesmo Ceo, de ti jà lastimado,
Quiz dar aliuio agora a teus pezares:
Que supposto que viues desterrado
Das delicias, & gostos singulares
Do ameno Paraìso, aqui te auiso,
Que ainda has de lograr melhor Paraìso.

42.

Desta tua famosa Descendencia,
Na fòrma que nesta Aruore se pinta,
E nestoutra, que inclue mòr excellencia,
Porque a mòres Heróes dâ melhor tinta;
Procederà do Ceo, por grão clemencia,
Para q̃ o Mundo logre, & o Inferno sinta
O Antidoto diuino, & a Medicina,
De teu veneno, & febre taõ malina.

Do

43.

Do Ceo, que tu fechaſte inobediente,
No Mundo a chaue ſe ha de obrar galharda,
Cujas guardas ſeraõ do Ceo clemente,
Pois para guarda ſua o Ceo ſe guarda:
Eſta abrirá o Empyrio refulgente,
Fazendo vir do Ceo, que te retarda,
A Deos, para que quando ao Empyrio volte,
Te leue, & da priſaõ dura te ſolte.

44.

E porque ſaibas mais por termos claros,
Tua propagaçaõ, tuas venturas,
Querote declarar os Heróes raros,
Que originaes ſeraõ deſtas pinturas:
Eſte, que firma os pès ſobre os preclaros
Ramos, aqui primeiro, as conjecturas
Te dizem já, que he Seth, que hoje em minino,
Ià moſtra, que terà geſto taõ dino.

45.

O Aſtrolabio, que tem na mão direita,
He ſinal, & inſignia peregrina,
De ſer elle o Inuentor, que ſe deleita
Na Sciencia Stelifera, que enſina:
No Ceo viue co a mente, & o curſo eſpreita
Dos Planetas, & machina diuina,
Tu lhe fechaſte o Ceo, mas elle o eſcala,
Pois cos Aſtros ſe occupa, & ſe regala.

46.

Quaes as Imagens saõ dos mais que conto,
Que estaõ nestas duas Aruores pintados,
Nota do dedo a acçaõ com que os aponto,
Verâs nellas seus vultos dibuxados:
Que, a quanto aponto, & digo estádo pronto,
Conhecerás de todos os traslados,
Porque se pluralize assi teu gosto,
Ouuindo o nome seu, vendo seu rosto.

47.

De Seth, nacera Enós, primeiro Vate,
Que a Deos dedicará sagrados Hynos,
D'Enòs Cainan, Varaõ d'alto quilate,
Delle Malalael, ambos beninos:
Deste nace Iared, que o voo abate
Dest'outro ramo, entre os pimpolhos finos,
Que entre estas folhas d'ouro, & verde, occulto
Quasi que o corpo tem, patente o vulto.

48.

De Iareth nacerâ aquelle altiuo
Prodigio do viuer, de Enoth tão forte,
Que atè o fim do Mundo estarà viuo, Genes.5.
Para vir a morrer junto co a Morte:
Mathusalem, que deste aqui deriuo,
No viuer, imitar querendo a sorte Gen. ibid.
Do Pay, será na vida sem segundo,
E della antonomasia câ no mundo.

Deste,

49.

Deſte, que foi nos annos o portento,
Procede eſte Varaõ, que Lamech chamo,
Cuja Eſtatua tomou altiuo aſſento,
Na dourada folhagem deſte Ramo:
Nelle â Primeira Idade o termo attento,
Que tres horas ſer d'ouro ſinto, & exclamo,
Que ao mais tempo infeſtaſte ſeu theſouro,
Com mudar na de ferro a Idade d'ouro.

50.

Deſte vltimo, que aqui te hei referido,
Procede eſte famoſo Patriarca,
Que naõ ſerâ por ſanto ſubmergido,
Do diluuio gèral, na aquoſa Parca:
Sò por Iuſto, em ſeu tempo, ſerà tido
No Mundo, & como tal, na fatal Arca,
Não ha de naufragar, mas nella entrando,
Ficará todo o Mundo reſtaurando.

51.

Quando viſto tiuer em ſua idade,
Giros dos Apolineos reſplandores
Trezentas vezes dous, a iniquidade
Do Mundo terá termo em ſeus furores:
Que Deos vendo dos Homens a maldade,
Suas impias acçoens, peitos traidores,
Caſtigarà co a morte ao Vniuerſo,
No mar, ficando o Mundo então ſubmerſo.

Geneſ. 6.

Gen. 7. & 8.

52.

Que então, qual Bruto, o Mar desenfreado,
Espumando feroz, vago discorre,
Estendese no curso acelerado,
E pellos montes salta, & valles corre:
Sobre o monte mais alto, & sublimado,
Quinze couados, fòrma vndosa torre,
Que qual ginete indomito se impina,
Por derribar o Mundo, que arruìna.

Genes. 7.

53.

Náo he este o diluuio fabuloso,
De que ficarà Pirrha, & Pygmalionte,
Que no Caucasso monte, ao mar vndoso
Escapàraõ, nao fixa feito o monte:
Que passado o diluuio proceloso,
Com pedras (porque á insania se lhe conte)
Restaurâraõ o Mundo empedernido,
Que de pedras parece, que he nacido,

54.

Os Filhos, que de Deos seraõ chamados,
De Seth, que he Varaõ justo, descendentes,
Vendo as filhas dos Homens, que gèrados
De Caim, saõ como elle, delinquentes,
Senhoras as faraõ de seus cuidados,
Por serem na belleza preeminentes,
E despois que as tomarem por consortes,
Gigantes gèraráõ impios, & fortes.

Genes. vbi supra.

Vendo

55.

Vendo Deos a malicia dos humanos,
Tanta dissoluçaõ, tanto peccado,
Por seus pezados crimes, seus enganos,
Dirà, que de criallos lhe ha pezado:
E por dar fim a crimes taõ prophanos,
Iustamente contra elles indignado,
Excepto Noè, seus Filhos, & Mulheres,
Todos seraõ das ondas caracteres.

Genes. 6.

56.

Serà papel immenso o innundante
Diluuio, q̃ atè a Terra ha feito em mares,
Os Cadaures em montes, letra errante,
Onde sò se leràõ mortaes pezares:
Os Brutos mortos sobre o graõ diamante,
Arrojados aos centos, não aos pares,
Sobre as ondas, em feo ajuntamento,
Seruiràõ de borroens no papel lento.

57.

Co pezo d'Animaes, & morta gente,
Encuruarsehaõ as ondas carregadas,
E encostado Neptuno a seu Tridente,
Ajoelharà com cargas taõ pezadas:
Qual Touro, que o farpaõ agudo sente,
Bramará o Mar por fauces azuladas,
Espumando de aflicto, ou de indignado,
Pois d'espumas cuberto andará a nado.

58.

Os Peixes viuiraõ no mais profundo,
Que do mar no niuel, ſerlheha prohibido,
Que arrojado nas ondas todo o mundo,
Farâ muro de corpos erigido:
E quando a aura a buſcar vier do fundo
O peixe á ſuperficie, remouido
Lhe ſerâ eſte intento cos nadantes
Corpos, que lhe farão toldos errantes.

59.

Qual Banda de aues denſas, que caçadas
Da rede, que as cubrio, ſe acháraõ viuas,
Que para o ar ſaltando fatigadas,
Saltão, por verſe liures, de catiuas,
Que eſtas ſuas acçoens vendo fruſtradas,
Romper naõ trataõ jâ as malhas eſquiuas,
Taes os peixes, ſe acima a vir ſe aplicão,
Topaõ na mortandade, & em baixo ficão.

60.

A Terra monſtro de milhoens de vidas,
Debaixo abafarà dos mares fortes,
E poſtrada entre as aguas homicidas,
N'um ponto ſofrerá milhoens de mortes:
Em ſeus montes, & vales conuertidas
As ondas, aos Mortaes de varias ſortes,
Deſd'o abiſmo aos mais altos Oriſontes,
Hora os poraõ em vales, hora em montes.

O Mar,

61.

O Mar,& mais o Ceo,paredes meas,
Se veraõ neſte tempo laſtimoſo,
E as ondas vapullando as nuuens feas,
Faraõ nellas ſoar o açoute aquoſo:
Muro ſe farâ o Mar,& os Ceos ameas,
Feitas do negro Paro,ou Iaſpe vndoſo,
Sendo em innundaçoens altas,& ſumas,
Montes as ondas,penhas as eſcumas.

62.

Quando chouerem Mares ſobre Mares,
Duuidarſeha,por ſua veſinhança,
Se o Ceo choue,ou ſe o Mar açouta os ares,
E o Ceo rechaça as ondas,que lhe lança:
A meſma onda faraõ,por mais pezares,
O Ceo,& o Mar,que em horrida mudança
Chouerâõ encontrados, que o Ar celeſte
Chouerâ para o Mar,para o Ar,eſte.

63.

Os corpos mortos,ſobre as ondas duras,
Andaràõ inſepultos,& enrolados,
Mas huns ſeraõ dos outros ſepulturas,
Sendo huns debaixo d'outros ſepultados:
Tumbas ſeraõ as ondas mais obſcuras,
Que as auultaõ os mares empolados,
As eſcumas mortalha,& em tal ruina,
Adro lento a maritima campina.

64.

O Ceo pelagos tùmid os chouendo,
Igualarà comsigo os altos mares,
E os naufragantes corpos recolhendo,
Os meterà das Almas nos lugares:
Os Brutos mortos sobre as ondas, tendo
Lugar sobre esses toldos desses ares,
Do Zodiaco aos mais, juntos ficando,
Milhoẽs de Signos mais lhe estaraõ dando.

65.

Joann. 1. O numero dos dias, que Deos manda
Daniel. 3. A Niniue intimar pello Propheta,
Quanta agoa no Mar corre, & nos Ceos anda,
Se encontrará do Ceo na altiua mèta:
Occulto o Sol, com magoa, & dòr infanda,
Sem transluzir vislumes de planeta,
Dez vezes quatro nacerá defunto,
No Ceo para se pòr, tendo o Mar junto.

66.

Genes. 7. Passados jà tres vezes sincoenta
Dias, que seraõ noites tenebrosas,
Serenarà o Ceo tão cruel tormenta,
Tanto diluuio, & chuuas procelosas:
Dourarâ o Sol de nouo a Terra lenta,
A noite brotarâ luzentes Rosas,
Reduzirsehà Neptuno a seus limites,
Cõ seus Nerèos fingidos, & Amphitrìtes.

E em

67.

E em ſinal do diluuio ſer paſſado,
  E da paz, que quer ter o Ceo co a Terra,
  Hum Arco de mil cores variado, Geneſ. 8.
  Se curuará no Ceo por fim da guerra:
  Iris o Arco gentil ſerá chamado,
  Mas o vulgo loquaz, que ſempre erra,
  Veio, d'Arco da velha, que o infama,
  Quando dama de Iuno Grecia o chama.

68.

Eſte Arco, que marcial ſerà inſtrumento,
  Se oſtentarâ ſem frechas, porque as ſuas
  Arrojadas terá já o Firmamento,
  Em diluuios de mortes, & ondas cruas:
  Ponte immenſa, ſobr'o humido elemento,
  O Ceo parecerà nas pontas duas
  Deſte Arco ſuſtentado, a cuja targe,
  O Mar rio ſerá, & a Terra marge.

69.

Noè, por ver ſe as agoas reduzidas
  A ſeu centro jà eſtão, & a Terra dura,
  Viuua de prazer, orphaã de vidas,
  Luto de lodo cobre triſte, & eſcura,
  Hũa lança das Aues denegridas, Geneſ. 8.
  Que na Arca entre as demais meter procura,
  Serà o Coruo infeliz da còr da Morte,
  Que então ao mũdo todo coube em ſorte.

Sae

70.

Sae o Abutre d'Apolo, Deos fingido
Do ninho de madeira, & os ares corta,
E a hum negro Cometa parecido,
Parece que a outro nouo eſtrago exhorta:
Eſtà já o Mar ó centro reduzido,
Detemſe a Aue voraz na gente morta,
Que ſobre montes de defuntos dece,
E farta, de tornar à Arca ſe eſquece.

Geneſ.8.

71.

Vendo o juſto, & prudente Patriarca
A tardança do Coruo ingrato, & rude,
Lança a Pomba fiel da commum Arca,
Que a noua em lhe trazer ſe naõ deſcude:
Sae d'Arca a Borboleta, & o Ar abarca,
E ſendoo na apparencia, & na virtude,
A boa noua lhe traz, n'um Ramo rico,
Com que eſmalta de verde o pardo bico.

Gen. ſup.

72.

Entra na Arca co ramo, & neſte indicio,
Que he paſſado o diluuio alegre auiza,
E co Pendão de Paz, Ramo propicio,
Outra Pomba mais bella ſymboliza:
Deixando os Animaes d'Arca o hoſpicio,
A terra cadaqual vagando piza,
Noé tambem cos ſeus, donde ſe encerra,
Sae cuidadoſo a pouoar a Terra.

Cant. 2.

Para

73.

Para ſy funda logo a Saga Albina,
Em que Araxa ſua filha lhe ſuccede,
Daqui diuide o Mundo, que domìna,
Em partes tres, que a filhos tres concede:
Aſia, de dar a Sêm ſe determina,
Africa a Cham, & Europa, que lhe pede
Iapheth, lhe concedeo, por mais mimoſa,
Inda que a Aſia fez Deos mais venturoſa.

74.

Deſte famoſo, & ſanto Patriarca
Procede Sèm, Melchiſedech chamado,
Sém, ſem o qual ficâra ſem Monarca
Syão, de quem terá o principado:
Se ſeu Pay edifica a commum Arca,
Eſte, maior prodigio edificado
Dará na gram Cidade, que contemplo,
Rainha das demais, em Culto, & Templo.

75.

Deſte Rey nobre, & Sacerdote ſanto, Geneſ.11
Arphaxad nacerá, como dous annos
Paſſarem do diluuio, que com tanto
Rigor no Mundo fez taõ mortaes danos
Deſte virá Caynan, que te adianto
A Salém, porque ſaõ termos vrbanos,
Ao filho preceder ſempre o Pay nobre,
Como o primor deſta Aruore deſcobre.

76.

De Salèm procede este Varaõ raro,
Que, com seu nome, o deu á Gente Hebrea,
Que Heber seja, me explico, & te declaro,
Homem de grande engenho, & rara idea:
Da lingoa Hebrea o idioma claro
Conserua, sem lezão, corrupçaõ fea,
Quando as lingoas Babel vir confundidas, Genes.11.
Marauilha fatal das mais subidas.

77.

Deste nace Phalé, & Regau nace
Dessoutro; & de Regau Saruch procede,
A este Nachoth por pay vemos que abrace,
E Nachoth, a Tharè por filho pede:
De Tharè procede este, cuja face
No resplandor a d'outros muito excede,
De se chamar Abram vemos que trate, Genes.17.
Atè que Deos o nome lhe dilate.

78.

A este honrará Deos, quando chamado
Filho seu se expuzer no Texto altiuo, Matth. 1.
Varaõ justo, & de dons grandes dotado,
Que Anjos hospedarâ charitatiuo: Genes.18.
Neste a Terceira Idade ha começado,
Não de ferro, porém, em quanto he viuo, Genes.25.
Mas terceira, em o ser de tal maneira,
Que, para o Ceo amalo he sô terceira.

Deste

79.

Deſte procede Iſaac, que alta figura
De Deos Homem ſerá no ſacrificio, Geneſ. 22.
De Iſaac nace Iacob, que a fermoſura
De Rachel comprará co humilde officio: Geneſ. 29.
De Iacob nace Iudas, que a perjura
Tençaõ de ſeus irmãos, do maleficio
De matar a Ioſeph, diuerte, & emenda, Geneſ. 37.
Fazendolhes trocar a morte em venda.

80.

Deſte, & da Nòra bella, que elle ignora,
Nace Pharés, por modo nunca ouuido, Geneſ. 38.
De Pharès nace Eſron, que ſe melhora
Em ter a Aram por filho, homem ſubido:
D'Aram Aminadab, qual Sol da Aurora,
Nace, ſendo o primeiro, que atreuido
As ondas ſe arrojou com valor nouo,
Quando o roxo Mar paſſa o Hebreo pouo.

81.

E deſta alta façanha, em premio honroſo,
Naſon ſeu filho foi Principe feito,
Do Tribu de Iudà, que taõ famoſo
Serâ, por ſer de Deos o mais aceito:
De Naſon, Salmon nace, o qual, eſpoſo Matth. 1.
He de Raab, que o alcança por reſpeito
Das eſpias, que occulta, & fauorece, Joſuè 2.
Daquelle, a que o Sol pàra, & lh'obedece.

De

82.

De Salmon nace Booz, que a Obed gèra,
Obed gèra a Ieſſé, Raiz famoſa
Cant. 2. Da Vara mais florìda, & mais ſincera,
Eccleſ. 24. Que brota a Flor do campo, ſendo Roſa:
De Ieſſé, qual d'Abril a Primauera,
1. Reg. 18. Nace o Cyſne, que na harpa ſonoroſa
Modulará mais doce, & mais ſuaue,
Que no Rio Cayſtro a candida Aue.

83.

Matth. 1. Deſte, por ſeu valor, ſua ſantidade,
De Filho ſe honrará o Verbo Eterno,
Quãdo encubrindo a propria Diuindade,
Tomar de teu ſayal trage moderno:
No inſtrumẽto do horror daquella idade,
Tocarà, que farâ, por dom ſuperno,
1. Reg. 17. O plectro d'hũa pedra alua, & rotunda,
Quando cordas, das cordas d'hũa funda.

84.

Deſte, a cujo altò nome ſei que falta
Hũa ſó letra, para ſer Da vida,
(Que da vida, porque ha de ſer mais alta,
Dauid, não ſem myſterio ſe appelída;)
3. Reg. 4. Nace eſte, que he Nathan, o qual ſe exalta
Co a ſucceſſaõ do Reyno, que extinguida
A do graõ Salamão, que o Sceptro tinha,
De ſua deſcendencia, o atou na linha.

85.

De Nathan (em quem tem a Quarta Idade
Principio) tem Mathat principio claro,
Que a Mena dà de filho a qualidade,
E de Mena procede Melcha raro:
De Melcha, a que o Ceo fez tal amizade,
Sabe, que Eliachìm he filho charo,
Deſte Ionas procede, & Ioſeph deſte,
E a Iudas Ioſeph gèra, Homem celeſte.

86.

De Iudas Ioàs nace, que eſcondido
Se liurarà da perfida Athalìa, 4.Reg.11.
Que com peito de bronze ha pretendido
Matar o neto, que lhe eſconde a tia:
Eſte ao Reyno deſpois reſtituìdo
He no templo, onde a Auô cruel, & impìa
Paga com ſua morte, & crueis rigores,
As que do Reyno deu aos ſucceſſores.

87.

De Ioás Leuì nace, que catiuo,
Do peruerſo ſerá, Rey Iſraelita, 4.Reg.14.
Que ha de roubar de Deos o Tẽplo altiuo,
Com ſacrilega mão, tençaõ precita:
Deſte, ſer Mathat filho aqui deriuo,
E de Mathat por filho ſe acredita
Iocim, & de Iocim, que naça cremos 4.Reg.16.
Eliezer, que o Aſſirio ajudar vemos.

88.

D'Eliezer Rey cruel, fero, & impio,
Nace Iesus, a quem jà entaõ parece,
Faz de IESVS o Nome, santo, & pio,
E que de varios dons jà o enriquece:
Este, com santo zelo, & ardente brio,
Os Idolos destroe, a que se ofrece
Gram parte de seu Reyno, & juntamente,
Desfazer de Moyses manda a Serpente.

4.Reg.21.

89.

De Iesus procede Her, que não imita
O Pay, mas o Auò, na iniquidade,
De Her, Almadan de filho se acredita,
Rey, que do Pay herdou vida, & maldade:
A este, em seu Palacio morte aflita
Seus Vassallos dâraõ com graõ crueldade,
Dous annos jâ despois de ter reinado,
Que acaba mal, quem mal ha começado.

4.Reg.21.

90.

A estoutra mais famosa Aruore vamos,
Que esta he, cujo remate rico encerra
Mais ricos pomos, mais dourados ramos,
Pois os pomos do Ceo expoem na Terra:
Nos mais altos pimpolhos, se atentamos,
Nos faz a intensa luz em sombras guerra,
Porque està tanta luz inda em ensaios,
Cegando na esculptura, como em raios.

Pois

91.

Pois ſe o alto has de ver da Aruore bella,
E notar ſeus retratos ſoberanos,
Em buſcar olhos d'Aguia te deſuella,
Que naõ vêm tanto Sol olhos humanos:
Que para ver a effigie alta, daquella,
Que os Ramos mais ſublimes torna vfanos,
(Quando o mais alto delles piza ouante)
Sò da Aguia a perſpicaz viſta he baſtante.

92.

Hora na forma dantes proſeguida,
Te quero expor de todo a illuſtre hiſtoria,
Dame agora attençaõ mais aduertida,
E de quanto diſſer faze memoria:
Neſta, eſtâ de tua morte a tua vida,
Neſta, eſtà de tua pena a tua gloria,
Nota de minha mão o index pronto,
E attento a tudo eſtá, quanto te aponto.

93.

Eſte he Almadan, que he pay de Thoſan ſanto,
Que o Templo refará de graues danos,
Que ſeus Auòs, & Pay, com rigor tanto, 4.Reg.22.
Lhe terâ originado em outros años:
Thoſan gerarà Abdy, que acaba em pranto,
De Pharaô catiuo, & ſeus prophanos 4.Reg.23.
Cuſtumes pagarà, morrendo aflicto,
Eſcrauo, & preſo em barbaro diſtricto.

94.

Abdy géra a Melchi, de mais amigo
Fado, pois Pharaô ſe lhe affeiçoa,
4.Reg.23. E o titulo do Pay co Reyno antigo,
Lhe dà, ſubordinandolhe a coroa:
De Melchi, Neri nace (ou Néro, digo)
Que Rey sò por tres meſes ſe pregoa,
4.Reg.24. Porque delles no fim, co pouo em peſo,
Dos Egypcios ſerá catiuo, & preſo.

95.

De Neri Salathiel tem nacimento,
1.Paral.3. Em cuja idade, a Quinta do Vniuerſo
Principio ha de ter, & illuſtre augmento,
Pois o fim ha de ter ſublime, & tèrſo:
Deſte, em Zorobabel, nace o inſtrumento
D'Iſrael para o pouo, bem diuerſo
1.Eſd.2. Do que ſeu Pay tem ſido, pois o guia,
A a liberdade antiga em que viuia.

96.

Deſte, Rheſa naceo, Ioanná de Rheſa,
De Ioanná nace Iudas, Pay chamado
De Ioſeph (que ſeu nome a dar começa
A Ioſeph mais moderno, & mais prezado)
Delle nace Semei, que ſe confeſſa
De Mathatias Pay; & o Filho amado
Gèra Matthat, que a Nagge tambem gèra,
E Nagge de Heſy Pay ſe conſidera.

97.

Hesy gèra a Nahum; Este dà vida
A Amòs, que Mathatias Pay acclama,
Este, d'outro Ioseph pay se appellìda,
Ioseph por filho a Ianne estima, & ama:
Melchi a filho de Ianne se conuìda,
E Leui de Melchì filho se chama,
Leui a Panther tem por filho charo,
Que a Bipanther propâga, Varaõ raro.

98.

Bipanther tem por filho o Auó santo
Do mesmo Rey dos Ceos, quando humanado,
Chamado Ioachim, da graça espanto,
Que he de Deos escolhido, & mais chamado:
No nome seu, o Verbo sacrosanto
Lhe poz preparaçaõ, que preparado
O Templo lhe ha de ter de mòr valia,
Sendo Pay da Christifera MARIA.

99.

Este (digo Ioachim) cuja alta dita
Não teue igual em seus Predecessores,
Esposo será d'Anna Bethlemìta,
Matrona de santissimos primores:
Em sangue, & sãtidade, & em tudo o imita,
Que ambos os mesmos tem Progenitores,
Que se elle de Nathan nacer entende, Luc. 3.
Ella de Salamão, que he irmão, descende. Matth. 1.

100.

Deſte vltimo Varaõ taõ ſublimado,
Nacerà por milagre, eſte Portento,
Eſte Sol, que ſerâ nunca eclypſado,
Eſta Eſtrella, a melhor do Firmamento:
Não lhe faz ſombra aqui ramo copado,
Como a todos os mais fazer atento,
Aſſi lhe não faz ſombra de Eua a planta,
Em ſua Conceiçaõ diuina, & ſanta.

101.

Neſta Genealogia preeminente,
De Colar á maneira deriuada,
De metal os fuzis ſaõ differente,
Conforme he a peſſoa retratada:
Cada qual he hũa Argolla, mas sòmente
Aquella he d'ouro fino fabricada,
Que alto quilate tem, porque ha entr'ellas,
Fuzis d'alquime, & peças d'ouro bellas.

102.

Se ſe poem no remate dos colares,
Para adorno, hũa joya de valia,
No fim deſtas manilhas ſingulares,
He rica joya a altiſſima MARIA:
Eſta te ha de pôr fim a teus peſares,
Eſta ha de conuerter tua noite em dia,
Eſta ha de ſer a luz de tua treua,
Quando em Aue mudar o nome d'Eua.

103.

Eſta, co fructo ſeu todo de flores, Iſai.11.
Do d'Eua ha de extinguir todo o veneno,
Se do Inferno te abrio eſte os horrores,
Aquelle te ha de abrir o Ceo ſereno:
Eſta, co fructo ſeu, farteha fauores,
Se Eua de eſpada fez o pomo ameno,
Eſta â bala obſtará, que te arruìna, Geneſ.3.
Se a maçãa, que Eua tira, he Columbrina.

104.

Eſta, a Torre ſerà celeſte, & altiua, Cant 4.
Que aſylo teu ſerá, & doce amparo,
Que os capacetes deſta Torre viua,
Contra Lusbel ſerão forte reparo:
Com ſua luz em tua noite eſcura, & eſquiua,
Serà, qual ha de ſer outra de Pharo,
Porque nella has de ter, em vindo à terra,
Como nas treuas luz, armas na guerra.

105.

Eſta Celeſte, & nìtida Donzella
Mãy, & Virgem verás, que he juntamente,
E do Filho de Deos ſendo Mãy bella,
A todo o Mundo, & a ti fará contente:
Adam, tanto que o Anjo lhe reuella
Eſte ſacro myſterio, de repente,
Lhe interrompe d'alegre a alta harmonìa,
E em ſonhos rompe em vozes d'alegria.

106.

O da Terra,& do Ceo rico thesouro!
Grita,mas proseguir querendo auante,
Desapparece o Anjo,& as azas d'ouro
Abre,sulcando as auras de diamante:
A visaõ se desfez, qual ao Sol louro
Neuoa debil na Aurora rutilante;
Acorda Adam,& âs vozes, Eua acorda,
Nelle enleo,& temor nella concorda.

107.

Preguntalhe Eua a causa do tumulto,
Com que acordou Adam vociferando,
Elle entre tristes ais,vario singulto,
De saudade,lhe diz assi, chorando:
Por temer cometer hum nouo insulto,
Te não digo,o que agora vi sonhando;
Fauores saõ,naõ penas,nem castigo,
Isto sò dizer posso, isto sò digo.

108.

Vendo Adam,que acordado jà naõ via
Tão celeste visaõ,gloria taõ rara,
Quando dormira crè,que naõ dormia
E que dormia só,quando acordára:
Mas,pois taõ pouco dura hũa alegria,
Cré,q̄ a q̄ teue,he certo que a sonhàra;
Que os prazeres na vida descontente,
Saõ sonhos,que se passaõ breuemente.

Qual

109.

Qual aquelle, que achou hum graõ thesouro,
Por illusaõ phantastica encantado,
Que de alegre dilira em ver tal ouro,
Crendo q̄ em Cresso, ou Midas se ha tornado;
Que hindo para o lograr, por triste agouro,
Vio desapparecer o ouro amado,
Tal, acordado Adam confuso fica,
Vendo em neuoa tornar visaõ tam rica.

110.

He estilo do prazer, quando se absenta,
Vingarse do que o tem, quando se goza,
Pois deixa, em seu lugar, dôr, q̄ atormenta,
Que estes saõ os espinhos desta roza:
Tanto que o Sol do pòlo se afugenta,
Logo a noite se segue tenebroza;
Assi no mundo breue, & humana essencia,
He sol o gosto, & noite sua absencia.

111.

Por lhe fugir tam presto esta alegria,
Adam fica com ansia duplicada,
Passando triste a noite, atè que a fria
Aurora a afugentou, de luz armada:
Logo o encosto deixando, & a companhia,
Madruga à agricultura costumada,
Rõpendo, porq̄ auspicios n'alma encerra,
Com suspiros o Ceo, co arado a terra.

112.

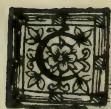
Suſpira, por ver já na terra indina,
Cant.6. Tranſplantada a Celeſte Roſa pura,
Que, ſendolhe ſuaue medicina,
Lhe cure da Serpente a chaga dura:
Amanhece eſta Eſtrella matutina,
Deſpois de ſua noite larga, & obſcura,
Tornando em luz a treua, o pranto em riſo,
A pena em gloria, a Terra em Paraìſo.

DA IMMACULADA CONCEIÇAM

DA VIRGEM

SENHORA NOSSA.

CANTO III.

ARGUMENTO.

CHegado aquelle tempo preferido,
Para o catiuo Adam ser resgatado,
Concebe Anna, sem mancha de peccado,
O Prodigio de graças mais subido:
Hum Anjo a Anna, & Anna a seu marido,
Annuncia este bem, parto sagrado,
Que jâ por Vates mil prophetizado
Estaua, para Adam ser redimido:
A Culpa Original, & a Graça santa
Contendem; cae a Culpa, & vence a Graça,
Fica intacta aquella Alma Sacrosanta:
Esta preseruação o Esposo traça,
Que d'ella ser sem mancha ha muito cantâ,
Porque fosse feliz d'Eua a desgraça.

Des-

1.

DEspois de Ceo, & Terra eſtar creado,
O Ceo tão bello, & a Terra taõ fermoza,
Elle de tantas luzes marchetado,
Ella de tantas flores quantas goza:
E deſpois que da Terra namorado,
Argos de olhos de prata luminoza,
A vigia de noite, porque a zella,
Com mais olhos, que aquelle a Io bella.

2.

E deſpois que de Daphne o Louro amante,
Que a fugaz Nimpha vio tornarſe em louro
Em golfos de ſafir, mar de diamante,
Deu ôs Peixes de prata, eſcamas d'ouro,
E delles paſſa, em coche rutilante,
A eſtãcia, que d'Europa illuſtra o Touro,
Repetindo eſta acção com lume eterno,
E alternando o Veraõ, & o frio Inuerno.

3.

Paſſados, deſtes circulos ſolares,
Sinco mil, tres, & oitenta, com mais cento,
Nos quaes bordando os Ceos, dourãdo os ares,
Phebo no mundo expoz ſeu luzimento,
Adornado de graças ſingulares,
Deſtes o derradeiro logra o augmento
De dons, & beneficios aſpirados,
De todos os demais annos paſſados.

Chegado

4.

Chegado o anno, pois, que a ſacra Mente
Tinha por primauera deſtinado
Aa Flor de Iericho, Roſa viuente,
A quem de Nazareth eſpera o prado;
Entra o Pay dos planetas refulgente,
Formando eſte anno, ha tantos deſejado,
No dourado de Colchos velocino,
Que ſe he vèlo de luz, he d'ouro Sino.

Eccleſ.24

5.

Tanto que os campos laura Delio louro
Em ſulcos de jaſmins, margens de flores,
Da filha d'Agenor co etherio Touro,
Que em prados de ſafir paſce fulgores;
Semea d'Amalthea a Copia d'ouro,
Chea de flores mil de varias cores,
Porque fiquem fecundas as campinas,
Das pigmèas cearas das boninas.

6.

A eſte tempo o Iordam Rio eminente,
Que tem de Paleſtina o principado,
Deixa a Vrna de prata tranſparente,
E de limos ſe oſtenta coroado;
E d'hum coro de Nimphas preeminente,
De ſuas meſmas Nayadas cercado,
Floridas vendo as margens Paleſtinas,
As argue d'em Abril brotar boninas.

Pſal.113

Que

7.

Que d'impulso fatìdico impellido,
(Tendo em ſy combinado as Prophecias)
Que o Paleſtino prado eſtè florìdo,
Quer ſeja de Dezembro aos oito dias:
D'Abril para eſte mez ſer transferido,
De ſuas flores gentìs,co as galhardias,
Trata;porq̃ então vé, q̃ a Flor q̇ encerra,
De tranſplantar hauia o Ceo na Terra.

8.

Falla co as Flores, que ſe eſtauão rindo,
Na graça,&no verdor com que brilhauão,
Em quem a aura o meneo repetindo,
Reſponder por aſſenos ſe antolhauaõ:
O Prado, que moſtraua eſtar ouuindo
As vozes, que do rio então ſoauão,
Moſtrando, que ſe iraua,& que temia,
Nos crauos côra,& nos jaſmins enfia.

9.

Veſtido lança o Rio preferido,
De rica tèla branca neſte dia,
D'azul entreforrado,& guarnecido
D'hùmida prata,& lenta argentarìa:
Verdes as mangas ſaõ,com que o veſtido
Mais hũa,& outra margem lhe pulía,
Por gorra traz hum nìtido turbante
Feito d'ondas,& tufos de diamante.

10.

E guarnecido assi com este asseo,
Posto em pè, sobre hũa onda cristalina,
Da alta Syão chegando â margem veo,
A que esmalta o verdor varia bonina:
E d'espadana, & junça posto em meo,
Que atê a cinta lhe seruem de cortina,
(Como de zelozia às Nimphas bellas)
Assi diz para o Prado, à vista dellas.

11.

Indiscretas Boninas, necio Prado,
Que este Abril pellos outros regulando,
Tendes o Ceo de dia, em vòs pintado,
Como quando denoite está brilhando;
Não cuideis que deste anno he jà chegado
O nouo Abril, que estais equiuocando,
Ah! guardai para entaõ, que he importãte,
A florìda libré, téla fragrante.

12.

Da Cabra de Amalthea a ponta d'ouro,
Que a Esposa de Zephyro venera,
Para entaõ reseruando seu thesouro,
Transferirà â Dezembro a primauera:
Mais fulgente na Cabra, que no Touro,
Apolo brilhará dessa alta esphera,
Com flores, qual Medèa a Eson renoua,
Tomarâ a Terra antiga fórma noua.

Guar-

13.

Guardai, pois, vossas galas, vossas cores,
Para esta Primauera mais benina,
Não rompais as librès desses verdores,
Fragrancia naõ vertais tão peregrina:
Poupaiuos, Flores, para o mez das flores,
Que o Ceo aqui, por mim, vos vaticina;
Para a Terra vestir, com alegre ansia,
De flores tèla, alentos de fragrancia.

14.

Pello que a vossos Vates tenho ouuído,
Subtìs interpetrando as Escripturas,
He chegado aquelle anno appetecido,
Em que principiaràõ nossas venturas:
Chegarà nelle o dia preffinido,
Em que a Rosa melhor das Rosas puras, Eccles.24.
Tansplantada da Mente Eterna ao Mũdo,
Hum esteril jardim fará fecundo.

15.

Por este tempo o Auspicio soberano
Disse ha muito (se a idade não me engana) Cant.2.
Que apparecèraõ flores (& este he o anno)
Na nossa Terra, jà contente, & vfana:
Que por nos conuerter em gloria o dano,
Fará este anno feliz a feliz Anna,
N'uma só Flor cifrando a Primauera,
Que seus prados matiza à outaua Esphera.

16.

Bem puderaõ ſaber voſſos Paſtores,
Que repaſtão em vòs ſeus manſos gados,
Que era chegado o tẽpo, em q̃ eſſas flores
A Dezembro aplicar deuem os prados:
Pois os Prophetas ſeus predeceſſores,
Os deixàrão d'auſpicios doutrinados;
Deſta Virgem prediſſe Ieremias,
E da meſma fallou claro Iſaìas.

Ierem.31
Iſai.7.

17.

Deſta Eſtrella, & ſeus rayos ſingulares,
Deixou Balam tambem prophetizado,
E Salamão no liuro dos Cantares,
Deſta Eſpoſa diuina ha decantado:
Eſtes, & outros mil, em mil lugares,
Della, em ſeus vaticinios haõ tratado,
Deſta Virgem, tambem, deſte Sol viuo,
As Sibyllas hão dito em metro altiuo.

Num. 24.
Cantic.

18.

A Perſica eſcreuéo, que naceria
Deos no Mũdo, de Máy pura, & Dõzella,
A Lybica, que o Rey reclinaria
Iuſto, a cabeça no regaço della:
A Delphica, que a Deos conceberia
Por diuina virtude a Virgem bella,
(O limite excedendo á Natureza)
Mas que era obra do Rey de sũma Alteza.

19.

A Sammia, que em ſeu caſto ſeyo humano
Fomentaria a Virgem immaculada
De Deos o Filho Sacro, & Soberano,
Que nella preparou eſtancia amada:
A Cumèa, que tanto que do pano
Noſſo, humana librè tomar lhe agrada,
Que por Māy ha de ter hũa Donzella,
Mais, que quantas nacèraõ, pura, & bella.

20.

A Heleſpontica diz, que contemplando
Antigamente, vio, que ſe adornaua
Com grande honra hũa Virgem, q̄ ficando
Virgem ſempre, atè os Anjos ſuperaua:
Que hum Filho á luz daria, de admirando
Reſplandor, que do Sũmo Deos moſtraua
Ser ſacra Gèração, pia, & fermoſa,
Que gouernarà a Terra em paz ditoſa.

21.

A Phrygia, que por ter tanto peccado
A natureza humana inficionada,
Quiz Deos mandar ſeu Filho ſublimado,
Ao peito d'hũa Virgem immaculada:
Cujo aduento ſeria annunciado
Por hum Anjo, primeiro á Māy ſagrada,
Cujo Filho a liurar dos contrahidos
Crimes viria, aos miſeros cahidos.

A Ty-

22.

A Tyburtina disse, que o diuino
Espirito lhe deu impulso vsano,
Para poder cantar em metro fino,
A Virgem de primor mais soberano:
Na qual, de Nazareth no sitio dino,
O Verbo encarnará, q̃ em traje humano,
Os campos de Bethlem vereis que piza,
E inda foi mais cantando a Prophetiza.

23.

A Erictrèa diz, que estaua vendo
A Mãy do Verbo, que do Ceo decia,
Lá aos futuros seculos trazendo
Mezes de gloria, dias de alegria:
Que esta Virgem fermosa, & santa, sendo
De Géração Hebrea, sofreria
Desde seus tenros annos magoas duras,
Como a ver as Idades dão futuras.

24.

Esta mesma Sybilla tambem proua,
Que sahindo pequeno o Verbo Eterno
Do Claustro de MARIA, que Luz noua
Daria ao Mundo com fulgor moderno:
A Cymmeria tambem prediz, & approua,
Que hauia de crear ao Sempiterno
Deos da Eterna milicia, hũa Donzella,
Mais que as Estrellas, pura, & q̃ o Sol, bella.

25.

Pois notai, ſe com tanto illuſtre auſpicio,
(Alem dos mais, doutros Prophetas ſantos)
Se verifica bem, que o Ceo propicio
Nos quer dar o Eſperado ha tẽpos tantos?
E, para effeito ter tal beneficio,
(A ordem natural mouendo a eſpantos)
Ha primeiro de ter no mez, que diſſe,
Conceiçaõ pura a Mãy de Deos felice.

26.

Pois, como vos naõ daõ eſtas noticias
Voſſos doutos fatidicos Paſtores?
Para que reſerueis tantas dilicias,
Para o mez, que he ſó digno deſſas flores:
Se ignoraõ tempo tal, ſaõ impericias,
Se o ſabem, & o naõ dizem, ſaõ rigores,
Que, ponderadas bem as Eſcripturas,
Eſte he o tẽpo, em q̃ o Ceo choue vẽturas.

27.

Querendo continuar o ſabio Rio
Eſta proſopopea, que encarece,
Eis q̃ hũ Paſtor d'hũ boſque ameno, & frio,
Que eſtaua alli vezinho, lhe apparece:
Que debaixo de hum platano ſombrio
Tendo ouuido ò Iordão, ſe lhe offerece,
A reſponder a cauſa, porque as Flores
Vertem ambar, & o Cãpo expoẽ verdores.

28.

Tanta idade mostraua em seu aspeito,
Que por Mathusalem passar pudera,
O Rosto graue, & cheo de respeito,
A presença suaue entre seuera:
O monte que habitaua, & o campo aceito,
Em seu rosto lhe pinta a idade austera,
Porque do campo os sulcos trâs na fronte,
E a neue na barba expoem do monte.

29.

A hum Baculo se arrima, dibuxado
De diuerso lauor, varias figuras,
De hum gabaõ ao seu vso vem trajado,
Sobre as outras campestres vestiduras:
E tanto que ao Iordaõ chega sagrado,
(Depois de o saùdar, & às Nimphas puras)
De pé (porque de pè o Rio estaua)
Dest'arte o Velho sabio lhe fallaua.

30.

Ouuindote arguir, ò claro Rio,
Das flores o brilhar com tanta instancia,
Deste bosque sahi fresco, & sombrio,
A darte em voz, o que ellas em fragrancia:
Com silencio loquaz, com mudo brio,
Te respondem; porèm com consonancia
De palauras, por minhas mal cortadas,
Responder venho às tuas bem limadas,

31.

Se o Vaticinio ſacro, que não erra,
Prediz, como inda agora propuſeſte,
Que ha flores de brotar a noſſa Terra, Cantic. 2.
De flores com razão o Campo veſte:
Que ſe o verdor, que ves nellas ſe encerra,
Hũa trata murchar Virgem Celeſte,
Outra Virgem de partes mais diuinas,
Dará eterno verdor a eſtas boninas.

32.

Reprimir tanta gloria, naõ podendo,
Os Campos ſe eſtaõ rindo de contentes,
E alegres, de quem ri, acçoens fazendo,
Os Crauos labios ſaõ, os Iaſmins dentes:
E dar graças ao Ceo, ledos querendo,
Lhe fazem de boninas differentes,
Fragrantes ſirios, verdes luminarias,
Firmes na perfeiçaõ, nas cores, varias.

33.

E com prazer, álem de eſtarem rindo,
Dando a ler em ſy eſtaõ varios primores,
Que de verdes dicçoẽs hum liuro abrindo,
Os Prados ſaõ papel, letras as Flores:
De Roſas, & jaſmins, em verſo lindo,
Se eſtão lendo nos Prados mil louuores,
E das plantas eſtão entoando as Aues,
Os que nas flores lem, verſos ſuaues.

Não

34.

Não cuides, não, que falta nestes prados,
Quem medite, & me explique as Prophecias,
Antes, porque estão nellas doutrinados,
Os Campos se matizão d'alegrias:
Que, os dictos dos Prophetas observados,
Este he o tempo aspirado ha tantos dias,
Esta, a Idade d'ouro, & o Tempo nouo, Exod. 12.
Em que do Egypto sae de Deos o pouo.

35.

Nos dibuxos, que ves neste cajado,
Que foi d'hum graõ Pastor santo, & sciente,
Me ficou em figuras reuellado
Essa Astrèa melhor, Virgem prudente:
Ià pobre te passou nelle encostado Genes. 28.
Seu dono, desterrado antigamente,
E bem puderas tu, chegando a vello,
Ià que me não conheces, conhecello.

36.

Nesta Escada, que ves, està a figura Genes. 28.
Dessa Virgem, de quem falla Isaias,
Por quem Anjos viraõ da Etherea altura,
E iraõ Almas lograr das Gerarchias:
Logrou Iacob dormindo esta ventura,
Nòs velando veremos nestes dias
A Escada, que da Terra ao Ceo nos passa,
Cujos Degraos seraõ de graos da Graça.

37.

Joan. 4. Neſte poço, que aqui ves dibuxado,
A quem Iacob remoue a pedra fria,
Geneſ. 29. Eſtà, conforme creo, figurado
A ſacra Conceiçaõ da alta MARIA:
Todos os mais, de marmol tão pezado,
Com que à Graça nos cobre a Culpa impia,
Opprèſſos fomos, deſd'aquelle inſtante,
Que Eua ſe atreue ao pomo, delirante.

38.

Sô a eſta Rachel de môr belleza
Terà o Iacob diuino, & Eſpoſo nobre
A pedra remouida, por fineza,
Joan. 4. Que a viua agoa da graça aos demais cobre;
Que, porque naõ lhe opprima a gentileza,
O marmol tira, a fonte lhe deſcobre
Seu amante Iacob, antes que a bella
Rachel, prima em valor, chegaſſe a ella.

39.

Entre ouelhas miudas, que pintadas
Neſte cajado eſtão, veràs manchados
Cordeiros, a que as mãys d'imaginadas
Manchas, fizeraõ dellas variados:
E neſte ſó, dos mais que nas manadas,
Sem mancha ſe adornou de vèos neuados,
O Cordeiro de Deos ſe vaticina,
Mancha, de cuja Mãy, não ſe imagina.

Neſta

40.

Nesta Estrella, que aqui se nos retrata,
A Estrella de Iacob, Iacob figura, Num. 24.
Que na noite da culpa, della intata,
Estrella serà d'Alua, & Aurora pura: Cantic. 6.
Que neste seu bordão, quanto relata
Deste graõ Patriarcha a alta Escriptura,
Nelle se dibuxou, com graõ mysterio,
Bordão, que pòde ser Sceptro de Imperio.

41.

Delle o acquiri por prenda mui presada
Por quanto hũ meu Auò delle o ha herdado,
Cos dibuxos da Estrella, & mais da Escada,
Do Tanque, & dos Cordeiros, q̃ ha guardado:
Agora, ó feliz Rio, se te agrada,
Vè, se bem arguiste, ou mal ao Prado,
Quando, pellas razoens, que te hei proposto,
Nas flores será igual Abril, & Agosto.

42.

No campo inda que viuo, na Cidade
Viui jà noutro tempo, & da Escriptura
Aas letras me apliquei em outra idade,
Que na verde aprendì para a madura:
Porque no campo achei tranquilidade,
Nelle viuo, & affecto a sepultura,
Que atè a morte terei nelle por vida,
Porque o campo sò dà campa florida.

43.

Acabou de fallar o Paſtor graue,
E o Iordáo, que de ouuillo muito goſta,
Conuencido da practica ſuaue,
Suſpenſo ſe ficou, ſem dar reſpoſta:
Mas, porq̃ as máos lhe beije, & os pès lhe laue,
As limphas de criſtal á marge encoſta,
E tanto que eſta vènia lhe dedica,
Mergulha, & ſe recolhe â gruta rica.

44.

Co golpe as veas liquidas ſoàraō,
Os ares borrifando o ſangue dellas,
Preſo, & ſolto criſtal, logo ajuntàraō,
Arrojandoſe ao rio as Nimphas bellas:
Ao de cima os cabellos, que ficáraō,
Parecem limos d'ouro, & as Donzellas,
Que ſe hiáo pellas ondas transluzindo,
Sereas de marfim ſe vão fingindo.

45.

Chegado o tempo, pois, & o Mez florido,
Que exordio dá do Mundo â primauera,
Que ſendo mez de Inuerno deſabrido,
He de flores Abril neſta illuſtre Era;
Hum dos Tres, que dos Dous ha procedido,
(Onde a meſma Deidade reuerbera)
Deſta maneira falla juntamente
Ao Filho Eterno, & Padre Omnipotente.

Pois,

46.

Pois de ſer minha Eſpoſa concebida
Chegado o termo eſtá tão importante,
Neſta, da Mente ſacra, á humana vida,
Iornada, me conuem guiala amante:
Se quando ſae a Eſpoſa; he acção deuida
Hir o Eſpoſo ſeu della diante,
Eu, como Eſpoſo deſſa Virgem bella,
A acompanhala, hei d'hir diante della.

47.

Se; quando, Eterno Padre, eternamente
Em voſſa Mente ſacra a produziſtes,
Toda chea de graça preeminente,
Então, a todas logo a preferiſtes,
E ſe toda gentil, toda excellente,
Sem mancha decantala já me ouuiſtes,
Que á preſeruala vá diante importa,
Por fechar a Lusbel do Ceo a porta.

Abeterno ordinata. Sapiẽt. 24.

Cant. 4.

48.

Se na prioridade, que contemplo,
Em Vós, ô Padre, foi primeiro obrado
Da Trindade diuina o ſacro Templo,
Do que em Eua o Tugurio do peccado;
Eſte Mappa do Ceo, da Graça exemplo,
Como d'Eua ſerà contaminado,
Se antes d'Eua, ſem mancha a produziſtes,
Não hauendo inda em Eua as manchas triſtes?

Sapiẽt. 24. Abeterno ordinata.

E ſe

49.

E ſe Eua triſte em graça foi creada,
Que ſer eſcraua ſua naõ merece,
Como eſta ſoberana Aue ſagrada, — Luc. 1.
Terá a mancha, de que Eua então carece?
E ſe os Anjos co a graça ſublimada
Tambem creados forão, bem parece,
Que não tenhão de nòs mòres regalos,
Que a Rainha dos Anjos, ſeus Vaſſalos.

50.

Quando ſe faz no Mundo hũa pintura,
Com ſombras ſe realça o illuminado,
E Eua, vendo ſem ſombras ſua figura,
Sombras lhe poz, mas ſombras do peccado;
Porèm, neſte painel da fermoſura,
Para em tudo ficar bem aſſombrado,
Eu ſombras lhe porei de luz, ſem treua, — Virtus Altiſſimi obumbrabit. Luc. 1.
Por ter tudo do Ceo, & nada d'Eua.

51.

Todo em Adam peccou ſeu deſcendente,
He ſentença commũa, porém, della
Ha de ſer exceiçaõ pura, & excellente,
A que junto ha de ſer Mãy, & Donzella;
Se a deſterrar a noite, a refulgente
Eſtrella d'Alua ſae á Aurora bella,
Eu deſta Aurora ſou luzeiro agora, — Cant. 6.
Que a noite abſentarei, liurando a Aurora.

Pois

52.

Pois conceba Anna jà Filha tão ſanta,
E ſeja deſta Flor Iardim bendito,
Porque tenha a Trindade ſacroſanta,
Filha o Pay, Mãy o Filho, & Eſpoſa o Eſprito:
Se sò no roxo Mar MARIA canta,
Quando o paſſa, do medo o pouo aflito, Exod. 15.
No roxo Mar do ſangue, & corpo humano,
Romperà ſó MARIA em canto vſano.

53.

Ella meſma dirà, que a toda a hora,
Aſſiſtindo ante Nôs leda, & contente,
Sempre cantou, qual Aue em ſua Aurora, Ludens omni tẽpore. Prou. 8.
Na Mente eterna, quaſi eternamente:
Todo o filho de Adam ao gerar chora,
Co veneno da chaga da Serpente, Geneſ. 3.
Mas MARIA, que o collo lhe quebranta,
Donde os mais vem chorando, ella sô canta.

54.

Se ab æterno, por Nôs foi adornada,
Com diuino primor, com diuina ordem, Ab æterno ordinata. Prou. 22.
Implica á ordem, com que foi creada,
Poder virlhe a empècer d'Eua a deſordem:
Qual a Lua de rayos adornada,
Que inda que os caẽs lhe ladrẽ, não lhe mordẽ,
Tal á Lua, que illuſtra o Eterno Padre, Cant. 6.
Não morde o Cão Eſtigio, inda que ladre.

Diſſe:

55.

Disse: & porque a este tempo jâ a serena
Flor, no viuo botão se organizâra,
E a Rosa mais gentil, sacra Açucena,
Em candidez purpurea se encarnára;
E o esteril Iardim jâ o Ceo ordena,
Que a fecundo o reduza a Flor mais rara,
Por brotar flores mais n'uma, que encerra,
Que quantos jardins juntos ha na Terra.

56.

Logo a sacra Trindade Omnipotente,
Conforme no prazer, ao claustro d'Anna
Aquella Alma aplicou taõ excellente,
Com que dà vida â Virgem soberana:
Co a Graça preseruante, & preueniente,
Seu Esposo diuino a deixa vfana,
Assombrando o Inferno, que em desmayos
Vê, que as treuas dos mais nella saõ rayos.

57.

Que jâ chegado d'antes tinha a Graça,
D'armas brancas vestida, & de belleza,
Que hum de cristal escudo airosa embraça,
Se tèla rica veste, em ouro aceza:
C'huma espada na maõ de rica traça,
Cherubim na postura, & gentileza,
Guarda este Paraîso preeminente,
Por naõ poder entrar nelle a Serpente.

Genes. 3.

A man-

58.

A Mancha Original, que chega irada,
Lingoa de Serpe traz, rosto d'Harpia,
E fazendo da lingoa seta eruada,
Tiro faz à Alma pura de MARIA:
Repara a Graça o tiro acelerada,
No escudo de cristal, & a que esgrimia
Espada sobre a Mancha dece escura,
Que foge, & deixa intacta a Virgem pura.

59.

Qual ràbido Librèo preso, & atado,
Que a quem distáte tẽ morder querendo,
Indo para pegar, fica frustrado,
Que a cadea o suspende, hindo correndo;
Tal o Caõ do feroz Commum Peccado,
Hindo para morder, em furia ardendo,
N'Alma da Mãy de Deos, pendente fica
Da prisaõ, sem chegar á Virgem rica.

60.

Ficou sem mancha a Lua mais fermosa,
E sem eclypse o Sol mais refulgente,
Sem espinhos ficou a melhor Rosa,
E sem procella o Mar mais excellente:
Ficou o Ceo sem nuuem tenebrosa,
Porque não padeceo em seu Oriente,
Lua, Sol, Rosa, Mar, & Ceo felice,
Mãcha, Espinhos, Procella, Nuue, & Eclice.

61.

Damasc. de Natiu. Virg.

Cria Deos, quando o Mundo infante cria,
A Luz primeiro, que o Planeta louro,
Que cria o claro Sol ao quarto dia,
E ao primeiro a Luz, que imita ao ouro:
Deſt'arte a Luz da Graça de MARIA,
Primeiro cria Deos, do que ô Theſouro
De ſeu Corpo lhe aplique, o Sol mais puro,
Daquella Alma, que o Sol argue de obſcuro.

62.

Damaſc. de Fid. orth.

Não ſem myſterio foi o encontro graue,
Que Anna tem com Ioachim á Aurea Porta,
Quando a noua lhe dá, que a celeſte Aue
Traz n'um rubì, de que ella o bico corta;
De que ſerà Iardim da Flor ſuaue,
Que fertil vem fazer a eſteril horta,
Em ſinal de que foi ſempre hum Theſouro,
A Porta, a Noua, & a Flor, que he tudo d'ouro

63.

O ditoſo Dezembro! cujos dias
Merecem, ſem ſentir nuuens eſcuras,
Não contados com brancas pedras frias,
Mas com ricos rubìs, com perlas puras:
Deu delles o Outauo às Prophecias
Complemento, & ſe Eſtrellas ſaõ venturas,
Dellas fez, ſem fazer ao Ceo aggrauo,
Aa Terra Outauo Ceo, teu dia Outauo.

Ouuio-

64.

Ouuiote ò Ioachim,ouuiote ó Anna,
Teu ſanto rogo,o Ser Omnipotente,
Deute propicio a Filha ſoberana,
Mãy ſua,& Filha tua juntamente:
A idade,que á fecundia empece,& dana,
Feſte eſteril tambem,Anna excellente,
Porque na Conceiçaõ da Filha bella,
Dous milagres obraſſe então Deos nella.

65.

Hum,a reſpeito teu,outro da Filha;
Porèm o teu ſerâ pluralizado,
Quando de eſteril jà fecunda brilha
Eliſabeth co Precurſor amado:
Mas o outro milagre,& marauilha,
Sò no Mundo outra vez ſerá obrado,
Quando o Verbo for Fructo da Flor bella,
Filha ſua,& Mãy delle,& mais Donzella.

Luc. 1.

66.

Que ſua Conceição pura ſeria,
Do auiſo,que te deu o Anjo d'antes,
E ao Eſpoſo teu,ſe colligia,
Que iſto ſe crê d'annuncios ſemelhantes:
(Do Ceo te trouxe o nome de MARIA,
Como a ella,das Aulas rutilantes
Lhe trouxe o de IESVS;fauor sô viſto
Em Ioaõ,em Iſaac,MARIA,& CHRISTO)

Epiph. hæreſ. 70.

Luc. 1.

O meſ-

67.

O mesmo reuelou a aquella altiua
Santa da Ley da Graça, inclita, & graue,
Estando em oraçaõ contemplatiua,
Por diuino fauor, a celeste Aue: (Luc. 1.)
Que em sua Conceiçaõ, taõ excessiua
Gloria sentio, por modo taõ suaue, (Bed. in 1. Luc.)
Que para referir gloria taõ alta,
Toda a lingua de hiperboles he falta.

68.

Toda bella, sem macula, lhe chama (Cant. 4.)
O Espirito Santo nos Cantares,
E não he bom requebro para Dama,
Fallarlhe, se os tiuera, em seus desares:
Que chamasse fermosa à Esposa que ama,
Bastaua, sem fallarlhe em seus azares,
Mas como era sem mancha a Virgem bella,
Por isso, quando a gaba, a expoem sem ella.

69.

Lua na fermosura, a chama o Esposo,
Que quando chea està, luz alardèa,
Porèm sô tem de Lua o luminoso,
Como o estar tambem de Graça chea: (Cantic. 6.)
Mas porèm na eleiçaõ foi Sol fermoso, (Luc. 1.)
A quem nenhũa mancha o rosto affea;
Proua de ser em Graça concebida,
Pois sò, qual puro Sol, fora elegida.

Fixa

70.

Fixa a Aguia diuina certo dia,
Os olhos neste Sol, em forma humana,
D'Estrellas coroada diz que a via, Apoc. 12.
E vestida do Sol da tèla vfana:
De cinta a seu chapim, Cynthia seruia,
Que, como manchas tem no rosto Diana,
Em lhas pisar ostenta a alta Rainha,
Que sempre pisou manchas, que naõ tinha.

71.

Naquelle quadro rico, em que pintada
Foi de Christo a Estirpe humana, & pura, Matth. 1.
Em proua de que fora immaculada,
Da Virgem os Pays, não tem nelle pintura:
Que delles, por naõ ter a Mancha herdada,
Ao Filho, em vez dos Pays, se dá figura;
Porque da Conceiçaõ na Graça, izenta,
Filha do Filho, & naõ dos Pays, se ostenta.

72.

Por conhecer, que estão contaminados
Da Mancha Original, os mais que aponta,
Delles o Texto diz, que saõ gérados,
Que ao gèrar se contrae taõ triste afronta:
Porèm, como os mais seus antepassados,
Que a Virgem foi gèrada, não se conta,
Que a mancha, por não ter delles herdada,
Della o Texto não diz, que foi gérada.

73.

Matth. 1. Mater Iesu Maria, &c.

Primeiro Māy de Deos foi, que MARIA,
Em todo o tempo a Virgem ſoberana,
Pois, ter ſombra de culpa mal podia,
Quem primeiro diuina foi, que humana:
O ſacro Texto cheo de energia,
Nos dà deſta verdade proua vſana,
Quando de Deos primeiro Māy ſubida,
Do que MARIA, nelle, ſe appellìda.

74.

Lib. de Maria, & Christo incarnato.

Quaſi do Filho a Encarnaçaõ diuina,
Da Māy à Conceiçaõ ſe continùa,
Razão, porque de graças foi taõ dina,
Que Filha naõ parece, mas Māy ſua:
Toda ſó Māy de Deos, não peregrina
Filha d'Anna, & Ioachim ſe conceitùa,
Reuezouſe co Verbo a Virgem bella,
Que Ella a Elle gèrou, & Elle a Ella.

75.

Cant. 2.

Pomba lhe chama o Ceo, requebro egregio,
Porque, entre as Aues mais, eſta ſó goza,
De não ter fel no corpo o priuilegio,
Texto, que, por taõ claro, eſcuſa gloza:
Que Pomba em lhe chamar o Eſpoſo Regio,
Do fel Original, Culpa amargoza,
Entre os filhos de Adam, liure a publìca,
Pois ſò izenta do fel da culpa fica.

Co

76.

Co este nome de Espelho immaculado, Cant.4.
O Ceo, não sem mysterios, a requebra,
Que Espelho, que húa vez sò foi quebrado,
Sempre, inda que se solde, mostra a quebra:
Pois, se este Espelho fùlgido, & sagrado,
Quebrâra algũa vez, Deos que o celebra,
Sem mancha o não chamàra, para proua
De que não teue quebra antiga, ou noua.

77.

Anticipouse o Sol â branca Aurora,
No dia em que resurge o Autor da vida, Marc. 16
Fez o Sol, o que o Sol diuino outr'hora
Obrou por esta Aurora mais luzida: Cant. 6.
Que as treuas a lançar da culpa fòra,
Quando resurge a Graça, já perdìda,
Sahio primeiro o Sol, que a Aurora amada,
Porque saia de sombras preseruada.

78.

A Política ensina, que não ama,
Quem pòde acudir antes da ruìna,
E a deixa executar na chara Dama,
Em que despois lhe aplique a medicina:
Pois, Deos, q̃ em seu amor puro se inflama,
Por sua Esposa gentîl, Dama diuina,
Como antes de cahir, podendo abstella,
Postrala deixaria, & então erguella?

79.

Antes de dar na rede qualquer Aue,
Môr bem lhe faz aquelle, que lhe acóde,
E antes de dar no eſcolho a incauta naue,
Aquelle, que liurala delle pôde:
Aſſi a Virgem, por modo mais ſuaue,
Remida foi primeiro, que ſe enlòde,
Que a liurou, por ſer ſempre luz ſem treua,
Deos, do Eſcolho de Adam, da Rede d'Eua.

80.

Cant. 2. Joan. 4.

Dô Campo Flor, & Fonte d'agua viua,
Nome he, que o Saluador para ſy toma,
Pois, ſer agoa de Flor, bem ſe deriua,
De que o Clauſtro da Virgem foi Redoma:
Se do cheiro ao licor a Ambula priua,
Que oleo fétido teue antes do aroma,
Na fragrancia deſta agoa ſe declara,
Que mao licor naõ houue, onde Ella andàra.

Odor Filij &c. Geneſ. 27

81.

Judic. ..

Hindo Samſam da Mãy acompanhado,
Hum Leaõ lhe ſahio de tòrua face,
Mas elle ſe adianta, & degolado
Primeiro o deixa, que elle à Mãy chegaſſe:
Aſſi o Leaõ do Original Peccado
(Porque ſua ſacra Mãy naõ deuoraſſe)
O diuino Samſam, que ſe adianta,
Mata, antes de chegar á Mãy taõ ſanta.

Fòge

82.

Fôge da noite fria, hum dia ardente,
E o brando fogo d'ouro, que ateaua,
Arder no bosque, & prado florecente,
Occulto, entre os verdores se auultaua:
Fumo, que escurecia ao Ceo luzente,
O escuro da noite se antolhaua,
E entre os fumos, faiscas scintilantes,
As Estrellas nos tectos de diamantes.

83.

A este tempo, em que em nitidas Estrellas
De Zafir a campanha florecia,
Abrindo pellos Ceos as azas bellas,
Hum Garçote do Ceo, do Ceo decia:
E postrado ante a Phenix das Donzellas,
Quando a embaixada dà, que o Ceo lhe enuia,
Em quanto à Virgem pura o Archanjo disse,
Em sua Conceiçaõ a expoz felice.

Luc. 1.

84.

Aue, que he ao reuez d'Eua, a nomea,
Porque ella a dita foi, Eua a desgraça,
E porque sempre foi de Graça chea,
Lhe diz, que toda està chea de Graça:
E por liure a propor da nodoa fea,
Contigo o Senhor, diz, por alta traça,
Sem que exprima o Archanjo de prudente,
De preterito o verbo, ou de presente.

85.

Que n'um,& noutro tempo,porque via
Que ſempre o meſmo Deos nella habitàra,
N'uma claùſula, vſando de energia,
Pello não pòr duas vezes o calára:
E porque de encarnar o Verbo hauia
Na Virgem, que elle em graças illuſtrára,
Quiz, que naquella claùſula felice,
O Verbo, sô de Verbo lhe ſeruiſſe.

86.

Entre as mulheres mais bendita a chama,
Como inſigne exceição de todas ellas,
Que a todas as demais a culpa infama,
Que feas, ao gèrar, ſaõ as mais bellas:
Mas, por propor ſem mancha a ſacra Dama,
Que he dos Anjos primor, Flor das Donzellas,
A ella sô, entre todas exceptùa,
Porque he ſem Nuuẽs Sol, ſem Manchas Lua.

87.

Aa reſpoſta da Virgem preferida,
Lhe torna, que ante Deos a Graça achàra,
E ſe ante Deos a Graça achou perdida,
No Ceo foi, pois Deos nelle a perſeruára:
E de ſer Ella em Graça concebida,
Aſſaz neſta reſpoſta nos declâra,
Pois já quando dos Ceos ſua Alma vinha,
A Graça, que Eua perde, achado tinha.

Inueniſti enim gratiã apud Deum. Luc. 1.

Por

88.

Por conformar co Archanjo a Virgem pura,
Sabendo, que de Adam a culpa iniqua
Toda a Alma, da Infernal Serpente escura,
Faz, com que a conceber, escraua fiqua;
Por mostrar, que não teue a mancha impura,
Por Escraua de Deos sò se publìqua, Luc. 1.
Que della a differença dos mais fora,
Ser sò Escraua de Deos, que a fez Senhora.

89.

Quando a Terra compunha de verdores,
E as taboas de Zafir, d'ouro crauaua
Deos nos tectos celestes, que em fulgores
Ià d'ouro, & já de prata variaua:
Ià quando de Planetas, & de Flores,
O Ceo, & o Mundo cheo fabricaua, Prou. 8.
Ella nos diz, que entaõ jà lhe assistia,
Porque o Mundo compoz com Deos MARIA.

90.

Compollo, quando o Autor delle o compunha,
Pois com elle assistio, como ella canta, Cum eo eram cũcta componens.
Compollo, quando mais se descompunha
O Mundo, nos preceitos, que quebranta:
Que a não ser ella aquella, que se oppunha
Contra o rigor diuino, a sacrosanta
Essencia, só castigo ao Mundo dera,
E dos Ceos a remillo não viera.

91.

E ſe antes della inda Eua não hauia,
Nem Mancha Original Eua padece,
Como de Deos a Mãy tella podia,
Quando Eua ainda então a naõ conhece?
Se aſſiſte a Deos a Angelica MARIA,
Quando o Chaos torna em luz, q̃ reſplandece,
Como ſofrerâ Deos, no Sol mais puro
De ſua Mãy, outro chaos, que he mais obſcuro?

92.

Da Raiz de Ieſſé, Vergonta altiua
Iſai. 11. O Propheta lhe chama (donde a bella
Cant. 2. Flor do Campo naceo fragrante, & viua,
Que ſendo Flor do Campo, he fructo della:)
Cobre a Terra â raiz, que a planta eſtriua,
A vara não, que ò Ceo ſubir anhella,
Aſſi a Virgem, que em nada a Terra affea,
Sò a Rama tem ſua, a Raiz alhea.

93.

Iudit 13. Iudith, que de ſy meſma era fermoſa,
Para vencer melhor o incauto amante,
Com aſſeos affecta hir mais airoſa,
Que a muita graça he a arma mais preſtante:
Pois quem crerá, ſe bom juizo goza,
Que a diuina Iudith, mais elegante,
Quando ao Mundo a vencer a Lusbel paſſa,
Não vem, mais que Iudith, ardendo em graça.

Quando

94.

Quando à Serpe Deos quiz maldiçoalá,
Lhe disse, que lethal odio poria
Entre ella, & a Mulher, & a de que falla,
Que a cabeça infernal lhe calcaria:
Pois, se a Virgem esta foi, que se regala,
Em pisar a Serpente Auerna, & impìa,
Como consentiria o Omnipotente,
Que primeiro a pizasse a vil Serpente?

Genes.3.

95.

Se como as mais mulheres concebida
A Rainha da Terra, & dos Ceos fora,
Neste acto lhes não fora preferida,
E Escraua então ficàra, & não Senhora:
Se Benta entre as Mulheres se appellida,
He, porque ellas saõ Noite, & ella Aurora,
Das mais por differença, o Archanjo graue,
Como á cousa do Ceo, lhe chamou Aue.

Luc.1.

96.

Prefere aos mais, tê a mesma Natureza,
Os Reys dos Animaes na forma altiua,
Que coroa ao Leaõ da grenha espeza,
E das plumas gentîs a Aguia esquiua:
Adorna doutro talhe, outra grandeza
Dos enxames a Mestra, que festiua
Poem em campo entre flores, como infantes,
Exercitos d'Abelhas susurrantes.

Guar-

97.

Guardouse pella Igreja o santo dia,
Que â pura Conceiçaõ foi dedicado,
Pois como a Igreja santa quereria
Que fosse santo, dia com peccado?
A Conceiçaõ ser santa de MARIA,
A Igreja o canta, & hoje o tem jurado
Os Doutores, & os mais deste Hemispherio,
Que assi se lhe inspirou do globo Etherio.

Breuiar. fratr. min. in Orat. de Cõcep.

98.

E na Gallica Athenas, muito d'antes,
Se custuma jurar, por quantos nella
Recebem de Doutores graos prestantes,
A pura Conceiçaõ da Virgem bella:
Scoto, & Mariòn, Sóes Mendicantes,
Pregoàraõ verdade taõ singella,
E Mariòn, porque o Ceo lho ha reuelado,
Veo o nome a alcançar d'illuminado.

Ægid. Lus de Cõcep. *D. Ant. 3 p. c. 1. t. 19. §. 4. Vinc. in specul. hist. t. 29. c. 96. fratr. Didac. de Ros. in Fl. sanct. c. 11 in vit. Virgin. & alij, *q̃ tem ser immaculada*; ex alijs. S. Pet. Dam. ser. de Assũpt. Laur. Iust. de Cast. Connub. c. 7. & l. de perf. grad. c. 1. D. Ansel. de Excel. Virg. c. 30. Idiota de Virg c. 2. Mar. Scot. & multi ita palam tenentes.

99.

E atraz destes vaõ, muitos Doutores,
E muita Christandade os vai seguindo,
(*E atè Doutos Thomistas Escriptores
Estão nesta verdade consentindo:)
Que de Santo Thomaz Expositores
Estão co mesmo Santo conferindo,
Em que foi concebida a Virgem pura,
Sem a Mancha commum da culpa escura.

Rompe

100.

Rompe o Angélico Cyſne em harmonîas,
Que inda que da Eſcritura não conſtaſſe,
Que eſtiueſſe, qual Ioão, ou Ieremias,
Santificada a Virgem, quando nace;
Que ſe hauia de crer ſem mais prefias,
Que a ella tambem Deos ſantificaſſe,
Mas com maîor razão dizer podia,
Que mais do que a eſtes fez, fez a MARIA,

3. parte

Pet. Dam. ſerm. de Bapt.

101.

Porque cos Santos Padres, & Doutores,
Todos, ſe Anſelmo tẽ, Doutor Egregio,
Que de Deos logra a Virgẽ mais fauores,
Que os Santos todos mais, mòr priuilegio;
Sendo, quaes outros ſantos inferiores,
Santificada ſó, fauor mais Regio
Não logràra, que os mais ſantificados,
A Deos lhe não dar dons auantejados.

Anſelm. de laud. Virg. Method. & alij.

102.

Pois, ſe he em tudo a todos preferida,
Como he dos Santos Padres reſoluto,
Para ſe preferir, em concebida
Ser ſem mancha, lhe quadra eſte atributo:
Deixou o Texto ſacro decidida
A ſantificaçaõ dos dous, de aſtuto,
Porque deſte fauor, que Deos lhes dera,
Se viſſe, que a ſua Mây Deos mais fizera.

103.

De Trento, aquelle Oráculo ſagrado,
Por de fè declarou, que a Virgem bella
Nunqua, nem venial teue peccado,
Como Santo Thomaz d'antes aſſella:
Ter o trifauce Caõ preſo, & atado,
Tambem o meſmo Autor diſſe por ella,
E pois, ſe preſo o tinha, aſſaz declára,
Que ò conceber, nem nunqua lhe chegára.

3. part.

104.

Diz mais d'Aquino o Archiuo de ſciencia,
Que em quanto Mãy de Deos, que não podia
Fazer mais pura Mãy a Omnipotencia,
Do que fez a Chiſtìfera MARIA:
Se Mancha Original nella aſſiſtencia
Tiuera hum ſó momento, bem ſe via
Que Deos crear podia Mãy mais rara;
Logo Thomaz ſem mancha aſſi a declara.

Ibid.

105.

Se a cauſa pello effeito ſe conhece,
Da Culpa Original he triſte effeito
A promptidão ao mal, que ſe appetece,
E o corpo á corrupçaõ eſtar ſobgeito:
Se hum, nem outro, na Virgem ſe offerece,
Da Mancha Original commum deffeito,
Claro he, que izenta foi, por razoens quantas
Philoſophicas ha, doutas, ou ſantas.

Se

106.

Se aquelle Phaetòn, que o Sol diuino
Do cauallo cahir fez abrasado,
Diz, que escrauo ficou do Caõ malino,
Todo o que se concebe em vil peccado;
Deos, que em honrar os pays, preceito fino
Poz, sendo Omnipotente, & Filho amado
Da Virgem, quem dirà com razão pronta,
Que em sua Mãy sofrerá tamanha afronta?

Actor. 9.

Exod. 20.

107.

Muito d'antes, que Hespanha celebrasse
Da pura Conceiçaõ dia tão santo,
Sabese, que no Ceo se festejasse,
Pello Angelico Coro em nouo canto:
Que, como d'Eua a mancha naõ se herdasse
Por aquella, que foi de Graça espanto,
Dia taõ bello, Aurora taõ galharda,
Como santo, no Ceo tambem se guarda.

S. Vincẽt. Fer. serm. de Natiu. Virg.

108.

E isto mesmo despois se decretàra
Em Basilèa, que esta questaõ moue,
No Concilio, que na era celebràra,
De cem vezes quatorze, & trinta & noue:
Desd'entaõ outra vez se veneràra
O graõ dia, em que o Ceo mil graças choue,
E desd'entaõ, por ser de fauor tanto,
Se guarda o santo dia, como santo.

Cõc. tit. 4.

Cujo

109.

Cujo decreto o Vice-deos Romano,
Que he duas vezes Pio, ha recebido,
E em Breuiario o poz contente, & vſano,
Como em Trento ſe tinha diffinido:
E delle, por hum Breue ſoberano,
Foi eſte ſanto intento conſeguido
No de mil & quinhentos & ſeſſenta,
Anno, que de mais oito ſe acreſcenta.

110.

E ſe iſto, que o Concilio Baſilienſe,
Em abono aſſentou da Virgem pura,
Que aos Anjos em pureza, & os Aſtros vence,
Sobre a rara izenção da Mancha eſcura,
Recebido naõ foi, he certo, & tenſe
Que pello ſciſma foi, que entaõ atura,
E não, porque eſte cèlebre decreto,
Naõ foſſe ſanto, & douto, & em nada ineto.

111.

E o gram Padre tambem, cuja ſagrada
Religião profeſſou Thomaz ſciente,
C'hum milagre prouou a immaculada
Conceição deſta Virgem preeminente:
Hum liuro, em que a publica perſeruada,
Para proua lançou no fogo ardente,
Que ſaltando per ſy do fogo intato,
D'hũs Hereges conuence o intẽto ingrato.

D. Antonin. 3. p. t. 19. c. 1. §. 4 Vincent. in ſpecul. hiſt. lib. 29 cap. 92.

Fazſe

112.

Fazſe aggrauo à ſuprema Dignidade,
Das couſas ſoberanas duuidar ſe,
Naquillo que a razaõ per ſy perſuade,
E que vem por diſcurſo a alcançarſe:
Ser a Virgem ſuprema, da fealdade
Da Mancha Original liure, moſtrarſe
Naõ pòde o Sol mais claro, do que o dita
O Diſcurſo, & a Razaõ ſanta, ou perita.

L. Domitius labeo ff. teſtam.

113.

E atè de Deos os mòres ſeus contrarios,
Luthèro, & o torpe Autor do Alcoraõ feo,
(Sendo errados no mais, & temerarios)
Que a pura Conceiçaõ confeſſaõ, creo:
Mil Volumes, milhoens de Commentarios,
De que o Chriſtianiſmo eſtà tão cheo,
Com mil authoridades, varia hiſtoria,
Trataõ deſta verdade taõ notoria.

Caniſ. lib. 1. de Beat. Virg. cap. 8. Galatin lib. 7.

114.

Co Homem luta Deos, quando a eſcura
Noite da Culpa, o Mundo contamìna,
De derribar ao Homem Deos procura,
Que claudicou da planta co a ruìna:
Tanto que rompe a Aurora, que figura
He deſta Aurora pura mais diuina,
Logo Deos de dar fim á luta trata,
Que Ella para o caſtigo as mãos lhe ata.

Geneſ. 32.

Dan-

115.

Dandolhe então d' Aurora a preeminencia,
Immaculada a chama, porque a Auròra
Diz, presença da luz, da treua absencia,
Effeitos, com que Deos sua Mãy decóra:
Fezlhe o diuino Sol sempre assistencia,
E como não ha treua, onde a luz móra,
Mal podia assombrala a sombra d'Eua,
Quando a Aurora suppoem faltas de treua.

116.

E jà o Cysne Propheta muito d'antes,
Psal. 109. Em auspicio prophêtico cantára
Da Conceiçaõ, que os Astros rutilantes
Excedidos deixou, em pura, & clara:
Que o Senhor dessas Aulas de diamantes,
Diz, que a auxiliar á Aurora tão preclara,
De madrugar hauia, onde confessa,
Que primeiro a luzio, do que amanheça.

117.

Innunda o Ventre d'Anna em glorias, tanto,
Que Nacar foi de perola tão fina,
Com mais razaõ, que a Mãy do Grande Santo
Luc. 1. Quando exulta em seu Ventre a Voz diuina:
E graças dando a Deos, que sacrosanto
Neto ser seu, preuè, que determîna,
Espera, de Septembro, o Abril da Graça,
Em que, de seu Outono esta Flor naça.

Dentro

118.

Dentro no Clauſtro d'Anna â Virgem pura
Cercão Anjos, em ſendo concebida,
Que he o Monte de trigo da Eſcriptura,
Que Açucenas do Ceo cercão na vida:
Alli muſicas cheas de doçura
Ouuindo eſtà, dos Anjos aſſiſtida,
Alli louuando a Deos, que ama, & adora,
Entre nuuens de grãa ſe oſtenta Aurora.

D.Fulber. ſerm.3. de ort. Virg.

119.

Tanto que Anna conhece, que ditoza
No ventre traz a prenda ſoberana,
E tão fecunda jâ, como glorioza,
Logra o fructo da Roſa mais que humana,
A Ioachim, que tal bem, ſem ſaber, goza,
As aluiceras pede a illuſtre Anna,
Dizendolhe, banhada de alegria,
Eſtas razoens, que alegre pronuncìa.

120.

Ditoſa dilaçaõ, que luſtros quatro
De eſteril me infamou, pois jâ me atento
Da fecundia, por Deos, feita theatro,
Onde ſacros prodigios repreſento:
Alegraiuos Eſpoſo, em que idolatro,
Pois conceber eſteril, ſe he portento,
Mòr portento de graça, & de pureza,
Concebi, por merce da Summa Alteza.

121.

Ià ſatisfeito eſtais daquella afronta,
Que Iſacar Sacerdote vos fizera,
Quando de voſſa offerta não fez conta,
Porque eſteril em mim vos conſidera:
Muito o opprobrio ſentìs, que vos afronta,
Mas ſe co pejo grande, que em vós gera,
Pello campo deixaſtes a Cidade,
Ià podeis viuer nella hoje á vontade.

122.

O Santo Ioachim, com prazer ſanto,
Banha da barba as caãs com pranto em fio,
E equiuocão, banhadas de ſeu pranto,
As brancas, brancas flores co rocio:
Não cabe dentro em ſi com fauor tanto,
E a Deos, & a Anna dá, com ſanto brio,
Graças, & parabens do bem que anhella,
Delle por ſeruo ſer, Marido della.

123.

Hum dia, em quanto occulta em nuue humana,
Eſta Aurora rebuça os reſplandores,
A tẽpo em que outra Aurora alegre, & vfana,
D'aljofres alinhaua as freſcas flores:
De ſua caſa de campo ſahio Anna
Seus rebanhos a ver, & ſeus paſtores,
Que d'hum vezinho campo em fertil relua,
Hora paſto lhe dão, hora na ſelua.

Era

124.

Era no mez de Mayo, que arremeda
O claro Firmamento nas boninas,
Quando hũ, & outro Irmão no Ceo ſe enreda,
Em abraços de eſtrellas criſtalinas:
E mais leda co a Filha, do que Leda
Cos filhos, que radìão luzes finas,
Vai a nobre Matrona, porque ſente,
Que encerra outro Planeta mais luzente.

125.

E hindo junto d'hum boſque jà chegando,
Que a feſteja com muſicas ſuaues,
Sendo (diuerſos tonos alternando)
Nas azas, & na voz Anjos as Aues,
Hum de Paſtoras bellas lindo bando,
De graças adornado, & roupas graues,
Ao encontro lhe ſae da ſelua vmbroſa,
Por ſaùdar no botão a incluſa Roſa.

126.

E hũa mais anciãa, mais graue dellas,
Que igualmente diſcreta, & gentìl era,
Cercada, ou de Cecens, ou de Donzellas,
Neſte Prado pintaua a Primauera:
Deſpois de ſaùdar co as Damas bellas,
Deſte Sol por nacer a viua Eſphera,
De Prophetico Eſpirito inflammada,
Aſſi diz à Matrona ſublimada.

127.

Venhaes embora illuſtre, & feliz Anna,
Que fazeis, com ſer anno feminino,
Deſte o tempo feliz, & a terra vfana,
Noue meſes, d'hum Sol, ſendo alto Sino:
Venhaes embora, digo, ò Diua humana,
Do Theſouro do Ceo Cofre diuino,
Onde a joya melhor, que teue a Terra,
Para o Mundo illuſtrar, viua ſe encerra.

128.

Cant. 3.

Carroça celeſtial, venhaes embora,
Mais que a de Salamão rica, & preſada,
Onde a Rainha vem, que o Ceo adora,
A paſſear os campos reclinada:
A alegrar eſtas flores, & eſta Aurora,
A eſtes campos ſejaes mui bem chegada,
Para elle ſer feliz, ditoſas ellas,
E elle fique mais verde, ellas mais bellas.

129.

Com razaõ entre ouelhas, & entre flores,
Foi voſſa ſacra Prenda concebida,
Pois he a Roſa dos dons mais ſuperiores,
Que nos jardins do Ceo foi produzida:
Della o diuino Pão, Deos dos Paſtores,
(Paõ, que he nectar do corpo, & d'alma vida)
Nacerâ para nós, feito Cordeiro,
Sendo o Leão de Iuda verdadeiro.

Ecclef. 24.
Cant. 2.
Ioan. 6.

Lançai

130.

Lançai deſſa Arca ſanta (ou deſſas Arcas,)
Nos diluuios da Culpa a Pomba bella, Geneſ.8.
Que o Ramo ha de trazer, que òs Patriarcas
Ha de alegrar na miſera procella:
Ramo, de cujas folhas mil Monarcas
Se laurearâõ no Ceo, como naquella Ioan. 18.
Planta enxertado, no Caluario Monte,
De ſinco bicas ſe regar na fonte.

131.

Da Raiz de Ieſſè naça jà a Vara, Iſai. 11.
Que ha de lograr do Ceo vario attributo,
Que vergonta ha de ſer celeſte, & rara,
Que a melhor Flor do Ceo darà por fruto:
Rompa eſſe véo Materno eſſa Alua clara, Cant. 6.
E liurenos das treuas do tributo,
Saia jà de Iacob a Eſtrella pura, Num. 24.
A dar ao Mundo Eſtrella, ao Ceo ventura.

132.

Notai, neſte anno, ò Anna venturoza,
A eſperança, que tràja nos verdores,
Vede os paineis nas Roſas, deſſa Roza, Cant. 4.
Deſſa Flor vede os quadros neſtas flores:
Bem, qual Nuuem, que ô Sol encerra, & goza,
Que vislumes transluz de reſplandores,
Tal Vòs me pareceis com ella agora,
Transluzindo os reflexos deſſa Aurora.

133.

Suſpende a voz a Prophetiza bella,
Paſtora em traje, & em tudo o mais Sybilla,
Que parece mais Anjo, que donzella,
Na graça, & nos myſterios, que ventilla:
E piſando, do prado a verde tèlla,
Que a d'ouro, & prata, abate, & aniquilla,
Logo alli, co as demais, hum baile traça,
Por feſtejar em Anna a incluſa graça.

134.

Anna á ſombra d'hum Freixo verde, & ameno,
Naõ ſem myſterio, ſe aſſentou contente,
Que a Serpente infeſtada do veneno,
A a ſua ſombra eſta Planta não conſente:
Aſſi Anna, que he freixo mais ſereno,
Geneſ.3. De ſua ſombra fugir vio a Serpente,
Quando a Filha, que em ſy traz incluida,
Nella, por dom do Ceo, foi concebida.

135.

Logo, ò ſom do adùfe, & do pandeiro,
(Inſtrumentos das feſtas Corybantes)
Vaõ entrando as Paſtoras no terreiro,
Bellas de cara, & de librè galantes:
A boca, & mais as mãos, a qual primeiro
Fórme as vozes, competem por inſtantes,
A boca, co as cantigas, que regalaõ,
As maõs, cos ſons, por cujas bocas falaõ.

Hum

136.

Hum baile de dous fios vaõ formando,
Que dous fios de pérolas parecem,
Que as Paſtoras, que nelles vaõ bailando,
Como perlas, em fios reſplandecem:
O baile em laberinthos intricando,
De taõ deſtras ambâges os guarnecem,
Que ſe perdem, com ar, nelles, por traça,
E ſe tornaõ a achar com gentìl graça.

137.

Tão leues piſaõ flôridos verdores,
Que parecem ligeiras Atalanthas,
Quando no baile vaõ piſando as flores,
Eſcaçamente inclìnaõlhe as gargantas:
Das flores, ao piſár, de varias cores,
Florecem de ſeus pès as caſtas plantas;
Trépaõſelhe os jaſmins, & Tyrias Roſas
Do campo, ás faces candidas fermoſas.

138.

Repete o ſom do ruſtico inſtrumento,
O Ecco, em alta voz, dos altos montes,
Nas viôlas repìca ambar o vento,
Nos crauos os aromas toca á Orontes:
Hum confuſo fazendo, & alegre accento,
Baixáõ lhe tocaõ no murmurio as fontes,
E as plantas reſonando docemente,
Lhe fazem ſons do boſque florecente.

139.

Tudo applaude á Açucena, que encerrada
No Clauſtro d'Anna, vèm chouendo amores,
A Aurora ſe lhe rende aljofarada,
O Sol ſe lhe offerece, em reſplandores:
Saùda tudo o mais, tambem á amada
Matrona, em muda voz, com mil louuores,
Que para a ſaùdar, té âs plantas graues,
Lhe eſtão dando em ſeu nome enſino as Aues.

Luc. I.

140.

Anna, no fim do baile lhe aggradece
Aas Paſtoras gentìs o alegre affeto,
E admìraſe entre ſy, quando conhece,
Que o Ceo lhe reuellou dom taõ ſecreto:
Mas antes, que nos Ceos em ouro ardeſſe
O Paſtor, que outro tempo foi de Admeto,
Se recolhe, & deſpede das Donzellas,
Que então deixa taõ triſtes, como bellas.

141.

Da quinta illuſtre ao paço já chegaua,
E acha a Ioachim no pateo della,
Que com ſanto tumulto a eſperaua,
Vendo, que o exercicio a traz mais bella:
No Roſto, já co Sol, ſe lhe esfolhaua
Tyrios crauos, que traz n'uma capella,
Que da cabeça entaõ, donde a trazia,
No Roſto a cór dos meſmos lhe cahia.

142.

Recolhemſe, & dá conta ao ſanto Eſpozo
Do paſſeo, que fez, prados que vira,
E chea d'alegria, & ſanto gozo,
Lhe diz quanto à Paſtora ſàbia ouuira:
Tambem conta lhe dà do baile airozo,
E mùſica, que mais, que â agreſte aſpìra;
Elle, em prazer banhado, de contente,
Lhe rende a Alma cos braços juntamente.

143.

Vai crecendo co tempo a Clauſtra ſanta,
Crece a Roſa, & o botaõ crece com ella, Eccleſ. 24.
E em dar graças à Eſſencia ſacroſanta,
Anna continuamente ſe deſuella:
A Flor noua, que encerra a velha Planta,
Deſd'o inſtante, que teue origem bella,
Voando a eſſe Ceo, qual Real Garça, Luc. 1.
Arde em diuino Amor, qual verde Carça. Exod. 3.

144.

Que do Materno Clauſtro, onde ſe encerra,
Tendo vſo da razão, & infuſa ſciencia,
Primeiro sòbe ao Ceo, que pize a Terra, Bernardi. in ſerm. de admir. grat. Mat. Dei.
Amando a Deos, d'amor com quinta Eſſencia:
Eſperando, que naça a paz da guerra,
Que o Ceo teue, do Mundo co a inſolencia,
Os Pays da Virgem ſacra andaõ contentes,
Anhelando ſeus dias florecentes.

Qual

145.

Qual experto Cultor da meſce amiga,
Que neceſſita o fructo doce, & puro,
Que vendo gràda, & chea a loura eſpiga,
A nhella ver jà nella o graõ maduro:
Que, por dar fim â miſera fadìga,
Por momentos eſpera o bem futuro,
Tal o Pay, & a Mãy da Virgem bella,
Ver deſta Meſce o Fructo aſpìra, & anhella.

146.

Eſte Fructo, de Flor taõ ſoberana,
Eſperão, que por Deos lhe he concedido,
Que eſte sô Fructo deu a eſteril Anna,
De quem Ioachim foi vnico Marido:
Quando caſou, ſe tem por couſa plana,
Que annos quarenta & ſeis de idade ha tido,
E quando velha, & eſteril foi fecunda,
D'annos ſeſſenta, & ſeis Anna jà abunda.

Caſtr. in vit. Deip. c. 1. n. 11. c. 4. n. 11. & cap. 3. n. 16,

147.

Onze annos, que viuêra depois, creſſe,
Com que quaſi oitenta annos prefizera,
E inda que Anna a Ioachim ſobreuiueſſe,
Nem marido, nem filhos mais tiuera:
Que ſe d'antes, certo he, que concebeſſe
Por milagre, deſpois como pudera
Conceber ſem milagre, não ſó ſendo
Eſteril, mas oitenta annos já tendo?

Id. c. 3. n. 15.

Se

148.

Se Irmãa da Virgem ſacra, outra Maria
Nomêa o ſacro Texto, he taó sòmente,
Porque entre Hebreos então coſtume hauia
De ſe chamar Irmaõ o que he parente:
Foi Cleophás de Ioſeph Irmão, que hauia
Sido eſpoſo da meſma, & como abſente
Da vida foi, Ioſeph com ſanto brio,
Seus filhos, & mulher recolhe pio.

Ioan. 18.

149.

E daqui procedèo, que eſta parenta,
Irmãa da Virgem foi appellidada,
Como a Rebecca Iſaac chamar intenta,
Porque parenta ſua era chegada:
Quatro filhos tambem, que eſta ſuſtenta,
(Eſta, que foi da Virgem sô cunhada)
De CHRISTO por Irmãos o vulgo acclama,
E, sẽ ter CHRISTO Irmãos, Irmãos lhe chama.

150.

Solomé, que Maria ſe chamâra
D'alguns, sô Solomé por nome tinha,
Nome, com que a Mãy nobre jâ ſe honrâra,
Dos Machabeus, & outras d'outra linha:
Eſta, da Virgem pura, & Pheniz rara,
Tambem não foi Irmãa, que a alta Rainha
Não teue Irmãas, nem CHRISTO Irmãos tiuera,
Que o eſtillo de fallar sò Irmaõs lhe dera.

Ioſeph. de antiq. lib. 13, c. 19. & lib. 15. c. 3.

E mais

151.

Valer. Maxim, lib. 2. c. 1.

E mais, quando os Antigos celebrauão
Tanto, ſegunda vez d' o não cazarſe,
Que as Matronas viuuas coroauaõ,
Que naõ tornauaõ mais a deſpoſarſe:
De toda a dignidade o homem priuauaõ,
Que naõ quiz c'hum ſó dote contentarſe,
E o bìgamo, inda hoje, he excluído
De ſer ao Sacerdocio promouido.

Alex. ab Alex. lib. 4. c. 8.

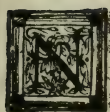
152.

E ceſſa toda a dùuida preſente,
Com mui graues Doutores reſoluerem,
Que Anna, & Ioachim morrèraõ juntamente,
Por, dentro n'um meſmo anno, ambos morrerẽ:
Huns dizem, tinha a Virgem preeminente
(Com elles jà de idade oitenta terem)
Annos onze, Outros, noue, & ſe diſcordão
Niſto, em juntos morrer, todos concordão.

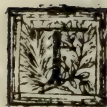
153.

Nem conuinha, que a Mãy caſta, & felice,
Da Pureza maior, que Deos creàra,
Em varios hyminèos ſe diuertiſſe,
Que não quadraua â Filha, & Mãy taõ rara:
Eſte Sol, que jâ nunqua teue eclyce,
Eſperaõ ſaia ao Mundo, a dar luz clara,
Os Eſpoſos, que em preces, & actos ſantos,
Pella alcançar, gaſtáraõ tempos tantos.

DA

DA NATIVIDADE
DA
DA VIRGEM
SENHORA NOSSA.
CANTO IIII.
ARGVMENTO.

NAce de Ierichó a viua Roza,
A alegrar Terra, & Ceo, que enche de amores,
Tem contenda entre si Aues, & Flores,
Sobre quem deste Sol mais sombras goza:
A assistir a esta Flor mais prodigioza,
As Virtudes se ajuntão superiores,
A Terra, & Ceo em festas, & louuores,
Gasta o dia feliz, noite ditoza:
Chega a noua contente ao Limbo escuro,
Enchemse as Almas santas de alegria,
Canta Dauid, & chora o Auerno impuro:
A Lusbel, Belsabu brauo arguia,
E os parabens a dar deste Sol puro,
Nasareth parte em tão alegre dia.

Tanto

1.

TAnto que hũa feliz Virgem fermoſa,
Em balanças(no Ceo)pèza de prata
O azeuiche da noite tenebroſa,
Co o ouro,com que o dia ſe quilata;
E oito vezes jaſmim, & ſete roſa
Na cor,a Aurora,& a Tarde ſe retrata,
Fazendo,que jà n'um,jâ n'outro eſpelho,
Branco ſe veja o Pólo,& o Mar vermelho.

2.

E tanto,que cem tubas d'ouro toca
A Fama,reueſtida d'aureas pennas,
E a ſulcar azuis campos ſe prouoca,
Batendo azas de plumas mais ſerenas;
E com canora voz,& ſons da boca,
Pregoa nas diſtancias Naſarenas,
A noua de nacer a Aſtrèa noua,
Com quem a Idade d'ouro o Ceo renoua.

3.

Sae a Mãy de Memnon,não lamentando,
Mas perolas chorando d'alegria,
E o leito de marfim leda deixando,
S'ergue em cabello a receber o dia:
E os campos de boninas ſemeando,
Ricas Cearas d'Ambar nelles cria,
Sendo Eſpigas,& Graõ,Orualho,& Flores,
Elle d'aljofar lento,ellas de cores.

Vemſe

4.

Vemſe em tal dia os campos admirados
Da nouidade, ou noua Idade d'ouro,
Vendo, que quando eſtáo murchos os prados
Então brotaõ de flores mòr theſouro:
Os Crauos, & jaſmins, que ſepultados
Na terra eſtauaõ jà, por ledo agouro
Reſurgem co as mais flores, que em eſtampas,
Se tinhaõ figurado os campos campas.

5.

As Aues, que paſſada a Primauera
Roucas, de cantar muito, ſe ficàraõ,
Da harmonìa, que o Outono entaõ lhe dera,
Docemente cantando ſe admiráraõ:
Em fragrancia celeſte, em voz ſincera,
As Boninas, & as Aues ſe emulàraõ,
Aſſinte requintando Flores, & Aues,
Os perfumes, & as muſicas ſuaues.

6.

Com voz d'aroma expoem ſua jactancia,
Por ſeus floridos làbios as Boninas,
E ao fallar co alento de fragrancia,
Incenſaõ junto as auras criſtalinas:
O motiuo, que tem ſua arrogancia,
Myſterio grande tem, cauſas diuinas,
Que, porque a Flor melhor nace, & ſaõ flores, Ecclef. 24.
Cuidaõ, que ellas merecem sò louuores.

7.

As Aues contra as Flores arguindo,
Dizem com voz harmonica, & ſuaue,
Que ellas ſe eſtão ás flores preferindo,
Pois a Flor, que naceo, he tambem Aue:
Deſt'arte docemente competindo,
Flores, & Aues eſtaõ com primor graue,
Enchendo com reciproca jactancia,
Os ares de harmonìa, & de fragrancia.

Luc. I.

8.

A Roſa, que Rainha ſe aualìa
De fragrantes Republicas fermoſas,
Vendo a de Ierichò, que então nacia,
A conſelho chamou Crauos, & Roſas:
E co grande tumulto da alegria,
Rubicundas as faces vergonhoſas,
Veſtida de carmim d'airoſa fralda,
Se aſſentou ſobre hum throno de eſmeralda.

9.

Iuntos do Prado os Princepes brilhantes,
A Roſa, a que os mais ſaõ ſubordinados,
Abrindo alegre os dous rubìs fragrantes,
Ambar reſpìra, & ouro falla aos prados:
Que abrindo a flor purpurea, os circunſtantes
Lhe penetraõ reconditos dourados,
Porque para fallar abre hum theſouro,
Que a boca he de rubi, & a lingoa d'ouro.

10.

E d'hum colar de perolas ornada,
Que lhe deu de presente a branca Aurora,
Diz, para a Aula gentil, Turba ambreada,
Assi, a gala d'Abril, pompa de Flóra:
Se vos não foi tégora reuelada
A causa d'outra vez nacer agora,
Eu vo la quero expor, Flores diuinas,
Se benignas me ouuirdes por boninas.

11.

Hoje da mesma sorte, que hoje abristes
O verde carcer do botaõ florìdo,
E no Prado a viuer ledas sahistes
Ajudadas do orualho enriquecido;
Desse modo a alegrar os campos tristes
Do materno botàõ, carcer subido,
Sahio de Ierichò a Rosa altiua
Co rocìo do Ceo mais bella, & viua.

Ecclesi.24.

12.

E por esta razão o Ceo sereno,
(Por festejar bonina tão sincera)
Mandou vestir de verde o campo ameno,
E resurgir no Prado a Primauera:
Pois, Flores deste Campo Nazareno,
Quando esta Flor mais bens vos não fizera,
Só por esta razão de nos dar vida,
Merece ser de nòs todas seruida.

13.

E contemplando bem ſeu Ser ſupremo,
Suas graças, ſeus dons, ſua fermoſura,
O obſequio maior he pouco extremo,
E a ſummiſſaõ maior, pouca meſura:
Pois por tanto primor, negarlhe temos
Vaſſallaje, em que ſou Rainha pura,
Quando Ella sô merece no vniuerſo,
O ſceptro de Rainha d'ouro tèrſo.

14.

Pois tal Roſa naceo, he tençaõ minha
Hir ſobmeterlhe o ſceptro às plantas bellas,
Que dos Anjos quem vem para Rainha,
Ser das flores Rainha, he honra dellas:
Que a purpura Real me não conuinha,
Em nacendo eſta Flor, Flor das Donzellas,
Alcanço, que a merecem por aſſombros,
Muito melhor ſeus pès, que noſſos hombros.

15.

Vamoslhe tributar a inſignia altiua,
Que do Prado por Principes trazemos,
Que em ſer Vaſſallos deſta Roſa viua,
Mais do que em Reys, illuſtres ficaremos:
Neſta Roſa Celeſte, & neſta Diua,
As graças ſaõ ſem par, os dons ſupremos,
Pois vamoslhe render, ſe vos parece,
A purpura Real, que sô merece.

Libe-

16.

Liberaes de fragrancias peregrinas,
Nôs Rosas, & vòs Crauos encarnados,
Nòs liberaes, por ser Alexandrinas,
Vós fragrantes, por ser almiscarados;
Em certame, & batalha de boninas,
(Que alguns sois da Batalha appelidados)
Em victimas d'aroma a darlhe vamos
Se purpuras na flor, sceptros nos ramos.

17.

Acabou de fallar a Rosa bella;
Eis o Crauo melhor dos Crauos finos
Abre o crauo da boca, & lança della
Vozes d'ambar aos ares cristalinos:
Fermosa Rosa, diz, se essa Donzella
He Rosa, que contèm dons taõ diuinos,
Eu, em nome das mais flores serenas,
Te quero obedecer em quanto ordenas.

18.

Disse: & deixando os solios respirantes,
Se leuantão em pé Crauos, & Rosas,
Para hir render as purpuras fragrantes
Aa Flor de Ierichó, Flor das fermosas:
Logo os Crauos tomando, como amantes,
As Rosas pella mão, gentìs esposas,
Vão pisando dos Prados os verdores,
Quaes Reys, acompanhados das mais flores.

19.

As galas, de que airosas se vestiaõ,
De varias cores saõ, de varias tèllas,
Com que os olhos, que nellas se reuiaõ,
Achauão nouo garbo, & esmalte nellas:
Xadrès de varias cores pareciāo
(Hindose entremetendo) as flores bellas,
Donde a triangular pedra ha mostrado,
Que quando as cores finge, imita ao Prado.

20.

Mas por hir em alarde mais airosas,
Poemse em lindas fileiras as Boninas,
Vão, por mais bellas, na vanguarda as Rosas,
Armadas d'archas verdes, piquas finas:
Seguemse as Açucenas, que cheirosas
Grauelinas leuauaõ por crauinas,
Logo dellas atraz vaõ as Violetas,
Cuja mosquetaria he de Mosquetas.

21.

Entre as Flores, que foraõ sempre Flores,
Vaõ as Flores, que foraõ gente d'antes,
Que, em diuinos trocando seus amores,
Vaõ da Flor, que naceo, de nouo amantes:
A troco de lograrem seus fauores,
A tributarlhe vão almas fragrantes,
E exhalando valor, com gentil arte,
Expoẽ a Amor valente, & fraco a Marte.

Hiaõ

22.

Hia ō por Capitaēs os Crauos bellos,
Ao moderno, de purpura trajados,
Vão por pagens os Goiuos amarellos,
(Que os pállidos naō ſaō para ſoldados:)
Os Lirios de bandeiras em modèllos,
De Alferes, & pendoens ſeruem nos prados,
Querendo preferirſe aos Crauos Tyrios,
Mas vai pouco de lirios a delirios.

23.

Vai de Meſtre de Campo alli ſeruïndo,
Veſtido de verdoſo, & ardendo em cheiro,
Septembro, que a Abril vai ſubſtituindo,
Que he o Meſtre de Campo verdadeiro:
Leua primor de guerra o Alarde lindo,
Porque ao marchar, por ſe fingir guerreiro,
Tê pilouros parece, que alli ſôaō,
Que o gado bala, os perdigotos voão.

24.

De pípharos, & tubas reſſonantes,
Lhe ſeruem d'Aues môdulas milhares,
Que (o ſonido das azas, por diſcantes)
Vão competindo em módulos cantares:
Em diſtincto eſquadraō, que he de volantes,
Pellos campos marchando vão dos ares,
Nos picos leuão bella picaria,
Nas pennas canos, tiros na harmonia.

25.

De colares de pèrolas da Aurora,
Marcha asseada a infantarìa bella,
E o Sol, que das boninas se namora,
O campo lhe alcatisa então de télla:
Em dar lhe osculos d'ouro se afferuóra,
Mas hum Grauo gentil, que as flores zèlla,
Por da batalha ser, a acçaõ lhe atalha,
Porque, pàllido o Sol teme a batalha.

26.

Assi vaõ caminhando airosamente,
Tudo enchendo de riso, & de fragrancia,
Para o jardim do tecto preeminente,
Onde a nacida Rosa toma estancia:
Do lugar, que encerraua a Flor viuente,
Hindo as Boninas jà breue distancia,
Ao encontro lhe vem mil Damas bellas,
Que hiaõ jà para o campo em busca dellas.

27.

De riquissimas galas vem vestidas,
Mas de traje diuerso, & varias cores,
Exhalando do rosto vinhão vidas,
E respirando vem da graça amores:
Tanto que às flores chegaõ preferidas,
Abraçàraõse alli flores com flores,
Saùdandose em taõ cortez maneira,
Que a graça choue, se o donaire cheira.

Logo

28.

Logo as Damas gentìs nos niueos braços,
As flores leuantando peregrinas,
Hũas, enchem de flores os regaços,
Outras, as mãos de neue de boninas:
Para o paço mouendo logo os paſſos,
Que encerra a Flor melhor das flores finas,
Entrão por elle as Damas ſublimadas
De graças, & de flores carregadas.

29.

E em chegando ao berço peregrino,
De mòr riqueza, & luzes adornado,
Que o que inclue, quando nace, ao Sol Minino,
Que he d'ouro, & de pyrópos marchetado,
Com donaire cortez, com primor fino,
(Sem ſer nenhũa dellas Ceo nublado)
A mãos cheas chouendo eſtão boninas,
Sobre o berço gentìl d'aureas cortinas.

30.

Vìraõſe então as flores excellentes
No lugar, & poſtura, que appetecem,
Que á viſta de tal Sol ſe expoem contentes,
E poſtradas, melhor ſe lhe offerecem:
Iâ de flores, em olhos florecentes,
Lhe parece, que entaõ ſe conuerteſſem,
Porque o berço gentìl, & o rico eſtrado,
Argos de olhos fragrantes ſe ha tornado.

31.

Achârão emballando ao ſacro Arminho
Tres Donzellas, que tem gentìl preſença,
E a mais velha, que veſte honeſto alinho,
Era gentìl, mas cega de nacença:
Para ſer mais fermoſa, foi caminho,
Ter nos olhos das mais a differença,
Que as mais, ſe em olhos ter, tem mais belleza,
Ella, em naõ tellos, tem mais gentileza.

32.

A do meio de verde eſtâ veſtida,
Com que mais de fermoſa ſe quilata,
E aſſiſtindo entre as flores, a pulìda
Gala, hum campo florìdo ſe retrata:
A mais noua das galas guarnecida,
Com que o Sol vai decendo â lenta prata,
Trajada ricamente ſe offerece,
Que de purpura fina ſe guarnece.

33.

Deſpois d'hũas, & outras conuerſarem,
Com grauidade, graça, & ſubtileza,
E ſummiſſoens alegres tributarem
Aa Graça, a que o Sól rende a gentileza;
A Minina do Ceo por arrularem,
Que he Minina dos olhos da belleza,
A mais noua das tres, que o berço emballa,
Aſſi canta, & o mais coro em tanto calla.

Minina

34.

Minina celeſtial, Aue diuina, Eccleſ. 24
Roſa de Ierichó, Pheniz ſagrada, Luc. 1.
Que ſendo alua, qual a Alua criſtalina,
Qual a Aurora, tambem ſois encarnada; Cant. 6.
Se de ſahir, qual Roſa matutina,
Do Materno botão, eſtais cançada,
Durmí ao canto meu, hum pouco agora,
E occultai eſſes Aſtros, como Aurora.

35.

Se Aue, & Mar ſois, em nome, & em graça vfana,
Sem cuidado durmì, Minina bella,
Que eſtà o Mar leite, em quāto o tomais d'Ana,
Que em quanto vos creaes, não ha procella:
He Anna Aue Alcyonèa ſoberana,
Que a virtude, ao crear, deſta Aue, aſſella,
Que em quanto a Aue do Ceo no ninho cria,
Iaz o Mar, dorme o Vento, & o Ceo vigia.

36.

Aqui tendes mil Damas circunſtantes,
Creadas, para ſer voſſas criadas,
Que em galas, & belleza eſtão brilhantes,
E em feſtiuos aplauſos occupadas:
Pois, cerrai eſſas luzes rutilantes,
Fechai eſſas janellas engraçadas,
E as Mininas gentìs, que aſſiſtem nellas,
As vidraças fechar vos deixem bellas.

Aquì

37.

Aqui tendes mil guardas peregrinas,
(Para em quanto durmirdes vos guardarem)
Durmì ſacro Portento, & as luzes finas
Ao Ioſuè do ſono hum pouco párem:
Neſſes berços do Sol, eſſas Mininas,
Em quanto vòs durmìs, & deſcançarem,
Falta vos não faraõ, para guardaruos,
Porque a Mininas mil vejo cercaruos.

38.

Mais fieis guardas tendes, que o fingido
Deos teue para a Dama, que occultaua,
Quãdo ó Paſtor, q̃ em Aue he conuertido,
Cem olhos deu, que em ſonos alternaua:
Não vos haõ de furtar: ay! que duuìdo,
Porque Garçotes mil com aurea aljaua,
Vejo ſobre eſtes tectos peregrinos,
Sulcar com azas d'ouro os ares finos!

39.

Mas jà ſei, que vos vem fazer regallos,
Feſtas, bailes, & muſicas traçando,
Que ſe elles Anjos ſaõ, voſſos vaſſallos
Do Ceo para Argos voſſos vem voando:
Pois, por nos agradar, & agradallos,
Durmì, para vos vermos, que sò quando
Fechardes eſſas luzes peregrinas,
Veremos, ſem cegar, feiçoens taõ finas.

Os

40.

Os Cupidos celeſtes, que eſtes ares
Coalhando vem com muſicas, & amores,
Fazendoſe mil tiros ſingulares,
Iunquilhos frechas ſaõ, farpoẽs ſaõ flores:
Co eſtas armas do Ceo decem milhares,
A guardar feſtiuaes voſſos primores,
E aſſi podeis durmir, Virgem galharda,
Pois tantos Anjos mil tendes de guarda.

41.

Acabou de cantar a Dama graue,
Cuja mâgica voz, & doce accento
Era encanto das vidas, por ſuaue,
Extaſis d'alma, & ſuſpenſaõ do vento:
Durmio no ninho d'ouro a Celeſte Aue,
Em quanto a gentil Dama ſegue o intẽto;
Mas logo a infante luz, q̃ illuſtra a Terra,
Abre os Aſtros, como ella os labios cerra.

42.

São eſtas Damas tres, que as mais achàraõ,
Quando entràraõ na Caſa peregrina,
Naõ as Charites tres, que acompanhàraõ
A Venus, da belleza Deoſa indina;
Que as tres Virtudes ſaõ, que ſe acclamâraõ
Theologaes, que da Deoſa mais diuina
As tres Charites ſaõ, de que eſtâ ornada,
E dellas de contino acompanhada.

Paul. ad Roman.

As

43.

As innùmeras mais, que lhe aſſiſtiāo,
Damas de alto primor, altas beldades,
Eraõ Virtudes mil, que a guarneciaõ,
De varios dons, diuerſas qualidades:
Que nas cores das galas, que veſtiaõ,
Symbolizando eſtaõ mil propriedades
De effeitos, & virtudes excellentes,
Para gala dos Ceos, gloria das gentes.

44.

Logo, entrando em Alarde peregrino,
Anjos de vario coro, com decoros,
No Retrete celeſte, em vario Hyno,
Cantando docemente vaõ a coros:
No ar, ou no vão delle criſtalino,
(De diuinos, no corpo expondo fòros)
Huns dançaõ, ſe outros cantão deſtramente,
Ao ſom d'aureo inſtrumento differente.

45.

Huns tocaõ alaùdes ſonoroſos,
Outros harpas dedilhão, com que encantão,
Pulſaõ nas cithras huns, plectros airoſos,
Outros em frautas doces, ſons leuantão:
Porém todos em bailes curioſos,
Poem em deſtras acçoens tudo o que cantão,
Que â quanto a voz, & o ſom materia dauão
Dos bailes nas acçoens, deſtros obrauão.

Não

46.

Não punhaõ pè no chaõ, porque nos ares
Dançauão com destreza, & galhardia,
Os doces sons, & as vozes singulares,
Formauaõ suauissima harmonìa:
Em soltos fios, hora, & hora a pares,
Faziaõ, com destrissima persia,
Voltas subtis, vistosos repassados,
Hũs de bandas, das maõs outros pegados.

47.

Quaes, co Sol nouo, Abelhas susurrantes,
Que deixando os retretes, em que jazem,
Iunto delles, nos ares respirantes,
Mil leues voltas daõ, mil giros fazem;
E fazendo ellas mesmas os discantes,
D'obrar bailes, & sons junto se aprazem,
Tal se auulta o Celeste Etherio Pouo,
Ao nacer desta luz, deste Sol nouo.

48.

E os bailes, por donaire, rematando
Com tiros de suauissimas redomas,
Hũas, no ar, nas outras acertando,
Quebrandose, chouiaõ mil aromas:
O retrete, que estaua jâ fragrando
Com perfumes, q̃ exhalaõ varias gomas,
Ficou das ricas aguas borrifado,
Com o odor das cassoulas duplicado.

49.

Os tiros ſe fazião com tal graça,
Que ó ſom das caſtanhetas reſpondião,
Tão certos ſe fazião, que na traça,
De criſtal ſerem outras parecião:
Co a pancada, com que ſe deſpedaça
Cada vidro excellẽte, os vãos ſe enchião,
Cõ q̃ a arte alterna o ſom das caſtanholas,
Concordando co as harpas, & viòlas.

50.

Acabadas as danças peregrinas,
Ao ſom de ſuauiſſimos diſcantes,
Motetes entoando em ſolfas dinas,
Orphèos eraõ das auras de diamantes:
Mil louuores, em muſicas diuinas,
Lhe entoauão nos verſos elegantes,
E tanto que eſtas feſtas ſe acabàraõ,
Ao pè do berço as azas humilhâraõ.

51.

Entre tanto, de fôra, feſtejando
Milhares de Paſtores á preſſa,
Mil muſicas campeſtres lhe eſtão dando,
Mil chorèas fazendo em todo o dia:
Os Cordeiros nos Prados retoçando,
Huns cos outros bailauão d'alegria,
E dançando, nas flòridas eſchòlas,
Os Cabritos leuantão cabriòlas.

Pſal. 113.

Alguns

52.

Alguns, que ſaõ mais deſtros, dos Paſtores,
E ſmèraõſe nos ſons, & no terreiro,
Huns fazem nas ſamphonhas varias flores,
Outros, florèos fazem co pandeiro:
Eſte o tange entre os pés, cõ mil louuores,
Sem diſcrepar em nada o ſom primeiro,
Eſtoutro o lança ao ar, tocando pronto,
E o torna a tomar, ſem perder ponto.

53.

Eſte tangendo a gaita, tambem canta,
Em quanto o folle ao ſom lhe ſopre o alento,
Eſtoutro em cabriôlas ſe leuanta,
Que em leue, dar liçoens pretende ao vento:
Outro, que cré, que niſto ſe adianta,
Baila co as mãos detraz com grande aſſento,
Outro os joelhos, & os pés co as mãos batẽdo,
Em ſy o ſom para o baile anda fazendo.

54.

Outros, com as Paſtoras engraçadas,
Fazer mil inuençoens de bailes tratão,
Nos quaes tècem com ellas mil laçadas,
Que hora ataõ com deſtreza, hora deſatão:
As Paſtoras cos bailes mais còradas,
Seraphins abraſados ſe retrataõ,
Que lhe ſerue exercicio, & ligeireza,
Igualmente de applauſo, & de belleza.

Deſpois

55.

Despois jà, que estes jogos fim tiueraõ,
E despois de jâ ter tomado alento,
A cantar nouamente se puzeraõ,
Os que tem melhor voz, mais brando accẽto:
Pastores, & Pastoras se escolhèraõ,
Para cantar melhor a seu intento,
E cantigas alegres inuentando,
A dous coros a Infanta estão louuando.

56.

E se a ouuir a Orphèo, & a Arionte,
Com azas, corpo, & pès, prodigio sendo,
Pello Ceo, pello mar, & pello monte,
Voando hum, nadando outro, outro correndo,
A Aue, o Delphim, & a Fera vir se conte;
A musica presente merecendo
Està, que pella ouuir, com razão deixe
O Monte, o Ceo, & o Mar, Fera, Aue, & Peixe.

57.

Em fim, que ó dia todo se requinta
Em applausos, & obsequios taõ festiuos,
Que a quinta de Ioachim, essencia quinta
De prazeres està, mais que excessiuos:
A Terra, na alegria, hum Ceo se pinta,
Dos Homens, & dos Anjos cos motiuos,
O Sol pâra a quadriga â festa grata,
Que tasca ouro nos Ceos, & escuma prata.

E se

58.

E ſe em feſtas na Terra arde eſte dia,
E o Mundo deliraua de contente,
Tambem em feſta varia o Ceo ardia,
D'inuençaõ noua, & traça differente:
Que em diſcantes, em bailes, & harmonia,
Os Cidadoẽs do Ceo, diuina gente,
Se occupaõ feſtiuaes, com ſummo gozo,
Por ver no mundo hum dia tão ditozo.

S.Vincẽt. Ferr. in ſerm. Nat.

59.

E alèm das feſtas mais, que là fazião
Por dentro deſſes Ceos ſeus moradores,
Duas quadrilhas delles ſe decião
Aas nuuens, por moſtrarem ſeus primores:
Os Cauallos do Sol, que em ouro ardiaõ,
Nos jaezes gentìs, alazaãs cores,
A deſtro vão, porém, vibrando luzes,
Parecem, ſendo Etherios, Andaluzes.

60.

E em quadrùpedes Cyſnes arrogantes,
Com paramentos d'ouro ajaezados,
Que de perlas, rubìs, & de diamantes,
Leuão caparaſoens todos broslados;
Pellas praças do Ceo ſaem brilhantes
Os gentìs Caualleiros, adornados
De marlotas tão reaes, que cega o vellas
Borrifadas d'aljofres, & de eſtrellas.

61.

E entrando nas paleſtras ſoberanas,
De diaphanas tèllas adornadas,
Iogaõ airoſamente alegres canas,
Que dos rayos do Sol foraõ cortadas:
Das canas na batalha (& não de Cannas)
Se jaculaõ pacificas lançadas,
E porque fique o jogo mais notorio,
Deſta ſorte o admira o auditorio.

62.

Entraõ no campo azul, fazendo aggrauos
Cos reflexos da gala ao Sol luzente,
E ó paſſear do campo os brutos brauos,
Quebrando as ſilhas vaõ co brio ardente:
Das flores, que pizando vão cos crauos,
Parece, leuantando airoſamente,
Que ás ventas leuar querem ſeus odores,
Que nas mãos entre os crauos prendem flores.

63.

Deſpois de paſſear os campos vaſtos,
Com donaire cortez, luſtroſo agrado,
D'ouro a dous Pinhos chegaõ, que, por maſtos,
De pendoens ſe coroão de borcado:
E mais raros, que denſos, ou que baſtos,
Por arte equeſtre, em modo compaſſado,
Voltando em dobre fio, em ouro ardendo,
Pellas praças do Ceo voaõ correndo.

64.

Deſt'arte, com decentes interuallos,
Páram entre outros dous maſtos oppoſtos,
Cujos pendoens dos olhos ſaõ regallos,
Que d'ouro, & branca tèlla eraõ compoſtos:
São Argos, Caualleiros, & Cauallos,
Que do etherio auditorio os olhos poſtos
Em ſy leuão, na gala, & nos arrèos,
Porque ha Argos tambem d'olhos alheos.

65.

Ià firmando os riquiſſimos turbantes,
D'anta nos coraçoens pègaõ gozoſos,
E cubertos de cifras elegantes,
Do coraçaõ no braço os poem brioſos:
D'ouro as canas, que tem nôs de diamantes,
Brandem co a dextra mão deſtros, & airoſos,
Logo medindo o campo de zafirá,
O jogo principiar querem, que admira.

66.

Sae o primeiro Angelico Garçote,
Arremeçando o Cyſne (em voo, & cores)
Que ao ſom da trombeta, & do fagòte,
Toca n'um ſó tropel quatro atambores:
Parte â todo correr, quèbra de trote,
Mas, em partindo o campo, ao ar de flores
Diſpâra a lança d'ouro, antes que ao pombo
O voo torça, a quem oprime o lombo.

67.

Ià do poſto ſahindo,& endereçando
Outro a cana,& o cauallo â redea ſolta,
O fingido inimigo vai buſcando,
Que ao tempo, que elle parte, já ſe volta:
Parece, que a liçaõ ſua tomando,
O contrario o ginete etherio ſolta,
Deſpede a cana, o outro a adarga appára,
Volta eſtoutro, outro tira, elle repâra.

68.

Se galhardo,& airoſo eſte comete,
Tambem repara o outro o tiro airozo,
S'hum o ginete bate, outro o ginete
Quebra, pello reparo obrar luſtrozo:
Do reparo,& do tiro o ar compete,
Nas quadrilhas gentìs, que em mutuo gozo,
Enchem d'aureos Cometas rutilantes,
O Ceo, feitos no curſo Aſtros errantes.

69.

E c'humas deſtras voltas rematando
O graue jogo a equeſtre Companhia,
O hipodrômo no fim jà vão buſcando,
Para o voo paſſar com bizarria:
A carreira em parelhas diſparando,
Voaua cada bruto,& não corria,
E no fim cada qual, quando paraua,
De cortez, as cadeiras arraſtaua.

70.

Se Dedalo preſente alli ſe achára,
Vendo obrar taes ambages, & rodeos,
De Creta o laberintho fabricàra
Com giros mais perplexos, mais enleos:
O fio d'Ariadna o não liuràra,
Nem de ſahir a Theſeu moſtràra os meos,
Que os dous fios, ſem fio, sò acertàraõ,
Em tornar a ſahir por onde entráraõ.

71.

Poſto fim a eſte jogo, ao meſmo inſtante,
Pende d'hum cordão d'ouro peregrino,
De criſtal hũa cifra rutilante,
Para anel ſer em dedos d'ouro fino:
Haſteas d'ouro com pontas de diamante
Empunha logo o Conclaue diuino,
Para ſe repetir Bellorophonte
Em Pegaſos de luz no Etherio monte.

72.

Naõ mudão de cauallo os ſublimados
Caualleiros do Ceo, por quanto achàraõ,
Que outros não pôde hauer, nẽ mais domados,
Nem mais galhardos, que eſtes, que occupâraõ:
De Neptuno, & Ociroe, que transformados
Hum em cauallo, em egoa outro, ſe olhâraõ,
Parecião gèrados, que parecem
Que de Deoſes, cauallos procedeſſem.

73.

Eis que ſoa o tropel quadrupedante,
Imitando o trouaõ, que o rayo lança,
Qual Cometa ligeiro, ao meſmo inſtante,
Da argòla o vaõ occupa a deſtra lança:
Que rompa os vãos eſpaços de diamante
A canora trombeta, a ſorte alcança,
E tantas ſe repetem com tal gala,
Que a tuba ſempre ſoa, & nunca cala.

74.

Pipharos doces, bellicas trombetas,
Que legitimos ſaõ, ſe ellas baſtardas,
Desluzindo a Buzina dos Planetas,
Tiples a charamellas daõ galhardas:
Cos ſons dos caſcaueis, que eſtes Cometas,
Que cores brancas tem, com caudas pardas,
Vaõ fazendo no curſo acelerado,
Vão os mais ſons, em modo concordado.

75.

Lógo, por variar, ceſſa a ſortilha,
E a jugar alcanzìas ſe endereçaõ,
Atê de Ceres loura a negra filha
Dar fim aos nouos jogos, que começaõ:
E bizarros jugando â marauilha,
Criſtalinas redomas ſe arremeçaõ,
Que nas adargas fùlgidas batendo
Se deſpedaçaõ, graça, & odor vertendo.

Neſtes

76.

Neſtes jógos a Terra, & o Ceo contentes
O dia todo gaſtão feſtejando,
Com obſequios, & applauſos differentes
Dia tão venturoſo celebrando:
Atè, que em luminarias refulgentes
As Ameas celeſtes rutilando,
O Ceo para outras feſtas principia,
Com a vinda da noite, hum nouo dia.

77.

Que tanto que banhâra Phebo louro
Os cauallos em purpura raſgados
Nas ondas de zafir, & os rayos d'ouro
Em cofres de criſtal teue fechados;
A roubarlhe Diana eſte theſouro
Dos montes de zafir, de prata aos prados
Déce, com ſuas Damas disfarçadas,
Com gazùas nas mãos d'ouro formadas.

78.

E chegando aos palacios Neptuninos,
Onde Delio de noite ſe eſcondia,
E vendo, que em retretes criſtalinos
Nos palacios de Thetis jâ durmia;
Abrindo os aureos cofres peregrinos,
Roubárão para a noite a luz do dia,
E logo remontandoſe às eſtrellas,
Do ouro, que furtou, partio com ellas.

79.

Sae o nocturno Sol, ſubſtituindo
A Phebo, com ſeus rayos ſingulares,
E, com frechas de luz ao mar ferindo,
De prata borda a terra, & d'ouro os ares:
As Eſtrellas, que às feſtas vem ſahindo,
Deſconhecendo a noite, & ſeus luares,
Crem, que de noite não, mas que de dia,
Brilhaõ deſſa celeſte galaria.

80.

Logo em feſtas de nouo o Ceo ſe eſmera,
Tanto que a Lua ſae, & o Sol ſe eſconde,
E dos Ceos, feita a noite Primauera,
No Prado azul com flores correſponde:
Iâ apparecendo vem pella alta Eſphera,
Nobre cauallaria etheria, aonde
Nos ricos Caualleiros, & cauallos,
Para a viſta ſe expoem nouos regallos.

81.

E ardendo em luminarias criſtalinas,
O Ceo, por celebrar feſta taõ rara,
As equeſtres quadrilhas peregrinas,
Lumes trazem tambem na mão preclara:
Que de tochas de prata, & luzes finas,
Encamizada rica ſe prepara
Neſſas lùcidas praças de zafira,
Com tanta gala, & luz, q̄ o Orbe admira.

Iâ

82.

Ià paſſeando vèm as nobres ruas,
Que adornadas eſtão de ricas téllas,
As tochas Sòes parecem,& as mãos ſuas
De viuos rayos ſinco eſtrellas bellas:
As quadrilhas,que ſaõ mil,& não duas,
A ver ſaem das fùlgidas janellas,
Seraphins a milhoens ardendo em flammas,
Como quem querẽ emular na terra as Damas.

83.

Nas marlotas azuis,ricos turbantes
Ardendo vem a etheria Companhia,
Que nos bordados d'ouro, & nos diamantes,
Em reflexos de luz a gala ardia:
Pheniz em pyras lùcidas brilhantes,
Cada qual dos garçotes parecia,
E os cauallos cubertos d'eſcarlata,
Ardendo em giroens vem d'ouro,& de prata.

84.

Paſſaõ lindas parelhas,atroando
Varias tubas os liquidos deſtritos,
E co tropel dos Cyſnes concordando,
O ſom,& eſtrondo faz ſons inauditos:
Deſta maneira,alegres feſtejando,
Oſtentão luzimentos infinitos,
Apeaõſe,& começaõ nouos jôgos,
D'inuençaõ diffetente,& varios fôgos.

Iâ

85.

Iá diſpàraõ mil lumes ſcintilantes,
Que para a Terra o Ceo choue foguetes,
Deſtes ſeruem, gentìs Aſtros errantes,
Que ſe arrojão dos liquidos retretes:
Ah, como para o olfato vem fragrantes,
Acezos em aromas ſaõ piuetes,
Nos eſtàlos, que dão, chegando á terra,
Arcabuzes de paz, ſe expoem na guerra.

86.

Os Anjos, & Donzellas peregrinas,
Que aſſiſtiaõ na Terra á Flor viuente,
Occupados em muſicas diuinas,
As feſtas vendo eſtão do Ceo luzente:
Os Paſtores, que habìtão nas campìnas,
De Naſareth, no prado florecente,
Em bailes, & folìas occupados.
Eſtão d'applauſos tantos admirados.

87.

Como vèm, que os foguetes ſe ſuſpendem,
De fogo em rodas vem, que o Ceo fulgùra,
Que, ou do Carro d'Elìas ſer pretendem,
2.Reg. 2. Ou dos Eixos dos Ceos ſaõ, por ventura:
Noutra parte do Ceo, Serpes ſe acendem,
Que ardem de Etherio fogo em flamma pura,
Que Hyeroglìphico ſaõ do fogo ardente,
Geneſ.3. Em que arde lá no Inferno a vil Serpente.

Arden-

88.

Ardendo eſtão, em flammas ſuperiores,
Aruores, que de fogo ſe formàraõ,
As folhas, de que ſe ornão, ſaõ fulgores,
Lingoas de fogo as flores, que brotàrão:
Neſtas plantas de tantos reſplandores,
Os Anjos pòde ſer, que annunciáraõ,
Que d'Eua a planta eſcura, & o pomo della, Genel.2
Em plantas ſe trocou de luz tão bella.

89.

Em tanto d'Abraham ao Seyo dece
Hum Paranimpho, que arde em alegria,
Em cujas azas d'ouro ſe entretece
Vario pyrópo, & illuſtre pedrarîa:
Em ſeu roſto o fulgor d'Alua amanhece,
Em ſeus olhos, em dous, o Sol radîa,
E no veſtido ſeu de verde, & prata,
Hum jardim d'açucenas ſe retrata.

90.

E em chegando ao abiſmo tenebroſo,
As portas, ſem abrillas, penetrando,
Co fulgor, que derrama o geſto airoſo,
Vai a eſcura cauerna illuminando:
Qual reſte do Planeta luminoſo,
Que do eſcuro apoſento o tecto entrando,
De reſplandor o adorna, & claro aſſeo,
Dandolhe d'ouro fino hum rico eſteo.

E nas

91.

E nas lùcidas azas sustentado,
Da cauerna no vaõ, graue pendendo,
Estando todo o Conclaue admirado
Do prodigio do Ceo, que estaua vendo;
Para Adam, que està prompto, & inclinado,
Como que ao Anjo está reconhecendo,
Dest'arte diz o Paranimpho graue,
Alegre no feruor, na voz suaue.

92.

Dame, infeliz Adam (feliz jàgora)
Aluiçaras de bem tão peregrino,
Pois nace hoje no Mundo a bella Aurora,
De que nacerâ cedo o Sol diuino:
Esta diuina Luz, que o Ceo adora,
Sobre hum alto pimpolho d'ouro fino
D'hũa Aruore gentil, jà te hei mostrado,
(Se naõ no original) foi no traslado.

93.

Agora, por mostrar, que quanto disse
Tudo està satisfeito jà, sem falta,
Noua te venho dar, que he tão felice,
Venhote annunciar gloria tão alta:
Nacerà desta Aurora, que predisse
Então, & que hoje a Terra, & o Ceo esmalta,
Aquelle Sol diuino, & sempiterno,
Que te trocará a noite em dia eterno.

Tu,

94.

Tu,& eſtes teus felices deſcendentes,
Trocai voſſa triſteza em alegria,
Que com ſeus ſacros raios refulgentes
Vos dâ jà luz a Aurora de MARIA:
Daiuos os parabens todos contentes,
Que pouco habitareis na ſombra fria
Deſte carcere triſte,& delle fóra
Cedo ſereis,por meio deſta Aurora.

95.

Diſſe:& as azas riquiſſimas batendo
Vai com ràpido voo ao Ceo ſubindo,
E do fulgor,que eſparze,vai fazendo
Alfange,com que as treuas vem ferindo:
Ficou graças o Limbo ao Ceo rendendo,
Com taõ grande fauor chorando,& rindo,
Chorando de prazer,rindo de pena,
Contrarios,que tal vez hum goſto ordena.

96.

Em ouuindo eſta noua os Padres ſantos,
E as Almas, que lá eſtão dos Eſcolhidos,
Em riſos feſtiuaes tornando os prantos,
Entoàraõ mil pſalmos preferidos:
E em chorêas tambem,em varios cantos,
Em golfos de prazeres ſubmergidos,
Se excedèraõ nos carceres obſcuros,
Em vendo deſte dia os raios puros.

Dauid

97.

1.Reg.18. Dauid, Cyſne nas caãs, & na garganta,
Pèga na harpa, que deſtro toca em vida,
A qual d'Orpheo â lyra ſe adianta,
Que he hoje em dez eſtrellas conuertida:
E tendo prompta a companhia ſanta,
Leuanta docemente a voz ſubida,
Dedilhando, & cantando com tal graça,
Que de humano na voz, d'Anjo tem traça.

98.

Parabens canta alegre, & mil louuores,
Aa ſoberana luz, que nace agora,
Genes.3. Sò para a Lucifer cauſar horrores,
E dar ao Inferno noite, & ô Mundo Aurora:
Canta de muitos ſeus predeceſſores
Prophecias, que exalta em voz canora,
Que, com nacer, tiueraõ complemento,
Para alegrar a Terra, & o Firmamento.

99.

Lusbel, & todo o mais Cerbeiro immundo,
A doce harpa a Dauid tocar ouuindo,
Fôge, como fazia cá no mundo,
1.Reg.18. Quando eſtaua a Saul triſte afligindo:
Lá ſe metem no abiſmo mais profundo,
Da alegre voz do alegre ſom fugindo,
Mas tanto que Dauid poz fim ao canto,
Vêm do abiſmo mais fundo maior pranto.

Que

100.

Que vendo, que no Reyno da Trifteza,
Os Efpiritos bons eftaõ contentes,
D'inueja vil ardendo em furia aceza,
Bramauaõ as horrificas ferpentes:
E cheas de veneno, & de fereza,
Mil faifcas, por lagrimas ardentes,
Dos olhos defpedìraõ, lamentando,
Quando as Almas do Limbo eftão cantando.

101.

Porque fabendo a caufa, & os motiuos,
Vendo, que o fceptro feu fe lhe poftraua,
Cos impulfos da inueja mais nociuos,
Lamentauão fua forte iniqua, & braua:
Lucifer, dando em fy golpes efquiuos,
Qual outro Erifichthon, fe efpedaçaua,
Que em nouos alarìdos, nouo pranto,
Se confundia o Reyno là do Efpanto.

102.

E mandando callar na gruta auerna,
As Serpes mais, os filuos lachrimantes,
Lamentando fua magoa, & dór moderna,
Affi diz, para os monftros circunftantes:
Incolas defta mìfera cauerna,
Que ardeis ha tanto em flammas crepitantes,
Sabei, que por mais dór, mal mais interno,
Hoje o Ceo nos duplìca o duro inferno.

He

103.

Prou. 31. He nacida a Mulher valente,& forte,
Que para degolarnos naceria,
Que,por noſſa infeliz,& infauſta ſorte,
Naceo,ou neſta noite,ou neſte dia:
Eſta he,a que ha de matar a meſma Morte,
Eſta,a que a toda a auerna,& triſte Harpìa
Calcabit caput. Ha de calcar o collo,& a garganta
Minha,me ha de piſar com dura planta.

104.

Eſta he aquella inimiga taõ valente,
Aquella Mulher digo,por quem diſſe
Geneſ.3. Deos,que entre ella porìa,& a Serpente,
Eterna inimizade,odio infelice:
Que ſe a hũa enganei aſtutamente,
(Porque o Mundo choraſſe, & o Inferno riſſe)
Outra a vingalla vem do Reyno Etherio,
Porq̃ eu perca o Empyrio,& mais o Imperio.

105.

Por iſſo eſſes feſtejaõ,que encerrados
Neſſe carcere eſtaõ,deſte diſtinto,
Porque,por meio della,libertados
Seraõ do tenebroſo laberinto:
Mas ay!que para nòs ſaõ triſtes fados,
O que para elles ſer ventura ſinto,
Por iſſo cá no abiſmo,& inferno ardente,
Huns cantaõ,& outros choraõ juntamente.

Noue

106.

Noue vezes a Amante vergonhosa,
Que de Latmo hum Pastor tem por amante,
Se fez na sobrancelha da fermosa,
E outras tantas no rosto de diamante,
Despois que temo sorte tão dannosa,
Despois, que ando de magoa delirante,
Que em sua Conceiçaõ como a vi pura,
Logo chorei do Inferno a desuentura.

107.

Pois chorai tristemente hoje comigo
Tal desgraça, tal perda, & tal ruìna,
Chorai tão nouo, & aspero castigo,
Chorai, chorai, tão mìsera mofina.
Acabou de fallar o Monstro imigo,
Que fogo pella boca, & voz fulmìna,
E logo em alarìdos temerosos
Rompem de nouo os Dragos venenosos.

108.

Despois, que grande espaço lamentàraõ
Com horrísonas vozes seus pezares,
E pellos igneos olhos derramâraõ
Phlegethontes em fogo, Ethnas em mares;
Tanto que os alarîdos abrandâraõ,
D'hum lugar eminente aos baixos lares,
Lançando hôrrida voz, suspiros sumos,
Da lingoa inflamaçoens, dos olhos fumos.

109.

De metal ſobre hum potro, duro, & ardente,
(Qual o Bruto, que Phalaris inuenta)
Onde Lusbel a todo o delinquente
Cos tratos mais horrendos atormenta,
Montado jà Aſmodeu, porque eminente
Fique à turba Tartarea, que lamenta,
Grita para Lusbel c'hum furor nouo,
Que lhe mande callar do Erèbo o pouo.

110.

Lucifer, por ſaber o que queria
Aſmodeu referir, com voz choroſa,
Callar manda a Tartarea companhia,
Que obedece â voz triſte, & temeroſa:
Logo Aſmodeu, que mais em furia ardia,
Que na flamma, que o cerca impetuoſa,
Deſt'arte ſolta a voz, que lhe interrompe,
Tal vez o pranto, em que ſe inflima, & rompe.

111.

De que te queixas, dize, ó Lusbel triſte?
De ti te queixa sò, pois ſó tiueſte
Culpa no mal, que choro, & que te aſſiſte,
Quando peccar jà ha muito Adam fizeſte:
Logo então, quando o caſo inorme vrdiſte,
Que mór danno tomaſte, do que déſte
Vaticìnei, em quanto co cruel Drago
No terreſte jardim fizeſte eſtrago.

Tu

112.

Tu causaste, de Adam que os descendentes,
Contra nòs, nessa Torre de belleza,
Venhaõ fazerse fortes, & valentes,
Que he todo o asylo seu tal fortaleza:
Os capacetes mil, que tem pendentes,
A ella dão pendentes de riqueza,
A elles armas, a nôs outra ruìna,
Que este he o rayo do Ceo, que nos fulmìna.

Cant.4.

113.

Naceo de tua culpa nosso dano,
Naceo do erro d'Adam sua ventura,
Tu mesmo contra ti foste tirano,
Tu lhe dêste de ti vingança escura:
Pois logo, que lamentas louco, & insano,
Se tu te duplicâste a prisaõ dura?
Pois já então dèste causa a que hoje naça,
Do Inferno a perdiçaõ, do Mundo a graça.

114.

Mais queria dizer, mas conuencido
Lucifer das razoens, que lhe ha proposto,
Rasgando o peito seu c'hum cruel bramido,
Logo o manda decer donde està posto:
Eis que a turba infernal nouo alarìdo
Leuanta, a Lucifer lançando em rosto
As razoens d'Asmodeu, que ouuir tem tèdio,
Por ver, que o erro seu não tem remedio.

115.

Em quanto o Ceo, a Terra, & o Limbo canta,
E sô amargamente o Inferno chora,
Anna, & mais Ioachim, em gloria tanta,
Delira de prazer co a ſacra Aurora:
Cada qual o eſprito ao Ceo leuanta,
E graças rende ao Deos, que humilde adora,
Que obrou nelles tão alta marauilha,
De lhe dar ſua Mãy por ſua filha.

116.

Com jubilos de gozo, & d'alegria,
Lamech feſteja, quando reuelado
Geneſ. 5. Lhe foi, que a Noè juſto geraria,
Que ô Mundo tornaria reſtaurado:
Deu ſummo goſto Iſaac, quando nacia,
Geneſ. 21. A ſeus Pays, de quem foi taõ dezejado,
E o Baptiſta, tambem, de puro gozo
Enche a eſteril Mãy, & o Pay ditozo.

117.

1. Reg. 5. De Samuel, que a Mãy, de Deos, alcança
Pello voto de ao templo dedicallo,
O nacimento foi todo bonança,
Todo gloria, & prazer, todo regallo:
Quando a Dauid Nathan deu eſperança,
(Por Deos em ſeu fauor aſſi ordenallo)
3. Reg. 1. Que a Salamão por filho a ter viria,
Encheſe o Rey de gloria, & d'alegria.

Pois

118.

Pois com quanta mais causa mais contentes
Os Pays da sacra Prenda se ostentauão,
Vendo, que delles nace entre os viuentes,
A Aue, por quem de Deos Auôs ficauão:
No annuncio, & no voto differentes
D'Anna, & Dauid, Ioachim, & Anna estauão,
Que a estes dous trouxe hũ Anjo o anũcio raro,
E dedicão mòr prenda ao Templo claro.

Luc.1.

119.

Que fosse todo cheo de alegrias
Este dia de gloria taõ sobeja,
Entre os homens, & etherias Gerarchìas,
N'uma Antiphona o canta a mesma Igreja:
Por voto de hum Pontifice taes dias
Se guardaõ, de Lusbel com summa inueja,
E qual fosse este dia, reuelado
Foi do Ceo cá na terra a hum seu priuado.

120.

Tanto, pois, que no dia milagrozo,
Em que esta Pheniz rara foi nacida,
A Fama a noua deu de tanto gozo,
De applausos, & de glorias excedida;
E naquelle destricto venturozo,
Tantas festas, por noua tão subida,
De taõ vario primor, se introduzìraõ,
Quaes jâ nunca atè li os tempos vìraõ.

121.

De Dauid os illuſtres Deſcendentes,
Do Tribu de Iudà tão celebrado,
Que ſaõ d'Anna, & Ioachim graues parentes,
Que ambos ſaõ deſte Tribu ſublimado;
Com feſtas,com regalos,com preſentes,
Vem dar o parabem taõ feſtejado,
Aos Pays da Mãy de Deos, dos Ceos Aurora,
Por quem o Mundo ri,& o Inferno chora.

122.

De Coches,de Carroças,de Liteiras,
De Cauallos,de Mulas,de Camelos,
Das eſtradas os planos,& ladeiras,
Se cobrem de prazer com mil deſuelos:
Os que vem em cauallos dão carreiras,
E Phebo pellos ver,& ver correlos,
Pàra a aurea quadriga no Oriſonte,
Tanto Phebo admirando,& tanto Ethonte.

123.

Apeaõſe na quinta illuſtre,& graue,
Velhos,Moços,Matronas,& Donzellas,
E todos daõ o parabem ſuaue,
Elles a Ioachim,& a ambos ellas:
He tanto o regoſijo,que não cabe
Nas ruas,nos retretes,nas janellas,
Tal he a Natiuidade ſoberana,
Da ſacra Mãy de Deos,& Filha d'Anna.

Trataõ

124.

Trataõ logo de ver com alegre ancia,
A illuſtre Primogenita nacida,
E entrando no retrete, que em fragrancia,
Deixa Sabà, & Panchaya eſcurecida;
Vèm de ſeu Oriente a nobre eſtancia
D'Anjos, & illuſtres Damas aſſiſtida,
E correndo do berço o véo preſtante,
Vèm, da Aurora em figura, ao Sol infante.

125.

E Aguias feitas de luz taõ noua, & rara,
Se admiraõ das feiçoens, & da belleza,
Vendo, que nas mais bellas foi auara,
E sô prodiga nella a natureza:
Tal Deidade transluz da gentîl cara,
Que adorâraõ por Deos tal gentileza,
(Como o de Ariopâgo deſpois diſſe)
A não crer, que hauia Deos no Ceo felice.

126.

As bem vindas lhe dão, com mil auſpicios,
Que o Ceo delles a alguns alli reuella,
Expoemlhe em voz contente os beneficios,
Para que vem ao Mundo a Virgem bella:
Olhos, & ouuidos tem todos propicios,
Nos vaticinios d'huns, no objecto della,
E acabada a viſita, ao diſpedirſe,
Tomàraõ não ter vindo, ou nunca irſe.

127.

Iosé illuſtre, que luſtros ſinco tinha
De idade, entre os de mais ſendo preſente,
(Que entaõ a Naſareth de Bethlem vinha,
Quando eſta Luz do Ceo tem ſeu Oriente)
Como que o coraçaõ já lhe adiuinha
Seu futuro prazer, dita excellente,
Cega no Seraphim recem nacido,
De ſanto amor em Ethnas acendido.

128.

E tomandoa nos braços pudibundos,
Com coraçaõ alegre, & alma deuota,
Chega aos jaſmins os crauos rubicundos,
Beijando os pès da Angelica Garçota:
E d'alma dos reconditos profundos,
A ſuas plantas então, por flores, brota
Ledos ſuſpiros, vozes amoroſas,
Zephyros d'alma de loquazes roſas.

129.

Deſpois que lhe tributa mil louuores,
E mil glorias futuras lhe annuncia,
Chorando de caſtiſſimos amores,
Se deſpede da Angelica MARIA:
E tanto que o Sol banha os reſplandores
Nos tanques de criſtal de Thetis fria,
Elle, & todos os mais, com que tem vindo,
Se vaõ co a noite a Naſareth ſurgindo.

130.

Outros Pastores mais, que os que em fulîas,
Em danças, & choreas se occupauão,
Ouuindo a noua chea de alegrias,
Do campo para a quinta caminhauão:
Com presentes de varias iguarias,
D'aues, & de cordeiros, que leuauão,
A ofrecerse vão â Prenda bella,
E a dar os parabens a seus Pays della.

131.

Outros gratos a tão celestes ditas,
Açafates cubertos de mil flores
Trazem cheos de fructas exquisitas,
Crendo leuão nas rosas dons maiores:
Que o campo inda que então brota infinitas,
(Por fazer a este Sol o Ceo fauores)
Effeito foi do dia sublimado,
Florecer, quando soe murcharse, o Prado.

132.

Huns de mil ramalhetes variados,
Outros de verdes ramos d'altas plantas,
Leuauão maõs, & hombros occupados,
Para lhe armar por fôra as cercas santas:
O louro, para forem laureados,
Entre as ramadas vai d'aruores tantas,
E em chegando aos que andauão festejando,
Vaõlhe o terreiro em bosque transformando.

Co

133.

Co a noite ſe recolhem delles mutos,
Muitos, em bailes, muſicas, & viuas,
A Morphéo ſe leuantão cos tributos,
Só por feſtas lograr taõ exceſſiuas:
Atè que do mar verde os aureos brutos,
Sobre as nuuens do Ceo ſubindo altiuas,
O rocìo ſacodem matutino,
Correndo em parallelos d'ouro fino.

134.

Theophr. apud Pelicer. lib. 1 p. 2. art. 2.

Quando nace eſte Sol, nace eſta Lua,
Dobrada luz o Sol eſpalha, & aſcella,
Trajada de mais luz, de manchas nua,
A Lua ſe publìca então mais bella:
Porque de Lua, & Sol ſe lhe attribua
O nome, Lua, & Sol ſe reuè nella,
Duplicando ſua luz com galhardia,
Por oſtentar prodigios deſte dia.

135.

Gerſon. t. 2. ſerm. de Concept. Richel. li. 1. art. 29.

Não na primeira face do alto Sino
De Virgo, hoje ſe vè, qual ſe vio d'antes,
Eſta Virgem nos braços c'hum Minino,
Que d'Anna aos braços jà deceo preſtantes:
Sem mancha expunha o roſto ſeu diuino,
Modeſta em traje, & em ſolios rutilantes,
(Que cos longos cabellos d'ouro adorna,)
De Virgo, mais fulgente ao ſigno torna.

Vai

136.

Vai o tempo correndo, ſendo coxo,
Em Pegaſos alados, & as muletas
Feitas azas (ſem ſer vaõ paradoxo)
São ligeiros, & rapidos Cometas:
Vai deſd'o Mar d'Athlante até o Mar Roxo,
Girando Apolo as lùcidas carretas,
Té tres vezes ferir de Europa o Touro,
Com garrochoens de luz, venablos d'ouro.

137.

Mas neſte meo tempo, em que Anna cria
Quem inda ha de criar quem jâ a criára,
No corpo, & mais nos dons tambem crecia,
Admirando em acçoens a Virgem rara:
Anna, & Ioachim, que nella ſe reuia,
Nas diſcretas acçoens della repara,
Vendo a idade excedida, & o ſer humano,
Em dons do Ceo, & auiſo ſoberano.

138.

Tal vez, quando no berço repouſaua,
Anjos a vella vem, & cegaõ nella,
Se hum as infantes plantas lhe beijaua,
Ontro beija na face a Infanta bella:
Aſſi Cynthia ao Paſtor, que tanto amaua,
A vir beijar durmindo, ſe deſuella,
Aſſi os Anjos, que ſaõ della vaſſallos,
Lhe vem fazer, & receber regallos.

Tudo

139.

Luc. 2.

Tudo n'alma, & no peito conferia
Com o vſo da razão a ſacra Infanta,
E do berço, entre ſy, graças rendia,
Por tanto mimo, â Eſſencia ſacroſanta:
O Angelico Coro, que ſabia,
Que nella aſſiſte jâ prudencia tanta,
Para a furto a beijar buſcaua enſejo,
Que quando prompta eſtà, della tem pejo.

140.

E aſſiſtindolhe muitos de contino,
Com caricias do Ceo, com mil fauores,
A ſeu ſubgeito candido, & diuino,
Lhe tributão caſtiſſimos amores:
Mas como o Sol circulla d'ouro fino
Oitocentos aneis de reſplandores,
Rematando cada hum com mil diamantes,
Entre Ethíope eſmalte mais brilhantes.

141.

Quiz ao prado ſahir a ſacra Flora,
A quem leua da mão a Mãy felice,
Que jà vai por ſeu pè a illuſtre Aurora,
Porque o Ceo ſe alegraſſe, & o campo riſſe:
Que como então no campo aſſiſte, & mora,
E as ouelhas de caſa, & as flores viſſe,
Pedio â doce Mãy, com voz mais doce,
Que com ella eſta vez ao campo foſſe.

Faslhe

142.

Fazlhe este gosto a Mãy com gosto sumo, Cant.4.
E a pizar leua a Rosa as flores finas,
Era ao sahir do Sol, que vinha a plumo,
Ser pagem d'outras luzes mais diuinas:
Arde o campo em aromas, cujo fumo
A exhalaçaõ parece entre as boninas,
Que se antolha no excesso dos odores,
Que ardem tambem cassoulas entre as flores.

143.

Pizadas dos jasmins, que alterna, as Rosas,
Que incensaõ com prefumes seus vestigios,
(Tornandose com vella mais fermosas)
Se eleuão de belleza em taes prodigios:
Os Anjos pellas auras luminosas,
Dando inueja aos Dragoens feros, & Estigios,
Com cantos, com prazeres, & alegria,
Por guardas vão da santa companhia.

144.

Os Musicos alados das campinas,
Doces despertadores das Auroras,
Com vozes, mais que nunca peregrinas,
Saùdão docemente âs sacras Flôras:
E subindose às nuuens cristalinas,
Com vozes suauissimas canoras,
Vaõ dar nouas ao Ceo, que ao campo vinha
Dos Angelicos Coros a Rainha.

Do

145.

Do campo n'uma flor pèga contente,
E mil vezes lhe aplica o crauo fino,
Beija a flor esta Rosa humildemente,
Repetindolhe o osculo diuino:
Porque vè, que figura era excellente
Da Flor, que desse Alcaçar cristalino
Ha de vir, Flor do campo a ser na Terra, Cant. 2.
Por dar fim sua paz â nossa guerra.

146.

Pede à Mãy, que lhe entregue hũ Cordeirinho
Mais aluo, do que a neue, & mais fermozo,
Dalhe a suaue Mãy o branco Arminho,
Em que ella péga então com summo gozo:
Com rosto alegre toca o niueo alinho,
Que acaricia, por modo mysteriozo,
Por ver nelle o retrato verdadeiro,
Do diuino Agnus Dei, sacro Cordeiro. Ioan. 1.

147.

Neste entretenimento tão discreto,
Tão cheo de mysterio tão subido,
Atè dos animaes roubando o affeto,
Assistiraõ no campo florecido:
Atè o claro Pastor, que foi de Admeto,
Por pucaros de flores ter bebido
O licor, que derrama entre as boninas
A Alua roxa nas horas matutinas.

As

148.

As Paſtoras gentìs,& ſeus Paſtores,
Que alegres ſummiſſoẽs vem tributando,
Huns lhe dão cordeirinhos, outros flores,
Aſſi à bella Minina feſtejando:
E vertendo prazer com mil louuores,
Vèm ó celeſte par acompanhando,
Elles frautas tocando,adùfes ellas,
Com pandeiros gentìs,ſamphonhas bellas.

149.

As Paſtoras,que vão em companhia,
Leuar querem no collo a Infanta bella,
Mas ella o não conſente,que queria
Hir cos jaſmins piſando a verde tèlla:
A doce Mãy,que nella ſe reuia,
E que,por ſeu primor,adora nella,
Leuandoa pella mão,leua ſerena
Enlaçado hum jaſmim c'huma açucena.

150.

Qual Planta,a quem pendente o ramo fica
Co pomo,que no extremo ha produzido,
A quem,ſe em flor,lugar em alto aplìca,
O pomo a faz pender,ſendo crecido;
Tal,pella mão leuando a Infanta rica,
Anna,planta animada ha parecido,
Que o fructo,q̃ em flor trouxe ao collo ſuaue,
Pender lhe faz do braço o ramo graue.

Os

151.

Os Paſtores com bailes concertados,
Até a porta da quinta as acompanhão,
E da Minina ſacra namorados
Se perdem d'amor puro, em que ſe ganhão:
Logrando ó diſpedir ſantos aggrados,
Com que os Paſtores de prazer ſe banhaõ,
Se tornão para o campo ſaudoſos,
D'objectos tão ſuaues, taõ ditoſos.

152.

Deſpois, que o Sol os dias alternando,
De mil quaſi, & cem laudas d'ouro fino,
N'um liuro deſcreueo, que foi formando,
Da ſacra Infanta o proceder diuino;
Onde as ſombras por virgulas tomando,
Por pontos toma os Aſtros com graõ tino,
As noites por parentheſes, & os feitos
Por perìodos junto, & por conceitos.

153.

Deſte tempo no fim, que em ſua idade
Sô tres annos enchia a Pheniz rara,
Deixando tudo enuolto em ſaudade,
Para hir dar gloria ao Templo ſe prepara:
Aqui, em quanto inuoco eſta Deidade,
A maina as azas Muſa, eſpera, & pàra,
Corrida de teu voo ſer tão falto,
Para tão alto Ceo, primor tão alto.

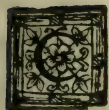
154.

Mas como has de voar Euterpe trifte,
Se minhas triftes lagrimas cançadas
Cos motiuos da magoa, que me affifte,
Tuas pennas me tem fempre molhadas?
Mas fe humilde atègora não fubifte,
Ià fubindo ao mais alto das efcadas
Do Templo fanto a Angelica Minina,
A fubir apos della hoje te enfina.

DA APRESENTAÇAM
NO TEMPLO, E ELEIÇAM DE ESPOSO
DA
DA VIRGEM
SENHORA NOSSA.
CANTO V.
ARGVMENTO.

DEscrêuese a exquisita gentileza
Da illustre Infanta, ao Templo dedicadà,
E como com Ioseph foi desposada,
Por mysterio, & por dom da Summa Alteza:
Concorre ao Templo a juuenil Nobreza
Do Tribu de Iudà, que conuocada
Foi â eleição d'Espozo da sagrada
Virgem, que ò Sol excede na belleza:
Todos vara na mão tem, mas florece
Sòmente a de Ioseph, que Espozo fica
Da Virgem, que mais pura resplandece:
Hum milagre sobr'outro se lhe aplica,
O parabem geral se lhe offerece,
Por fiar delle o Ceo Ioya tão rica.

Celeste,

1.

CEleſte, & fermoſiſſima MARIA,
Se eſta victima pobre, & humilde offerta,
De minha inerte, & inſípida Thalia,
Em voſſas Aras logra eſtima certa;
D'hum dos Cyſnes deſſa alta Gerarchia,
Que em acordada voz, ſempre deſperta,
Eternas aluoradas vos dedica,
A voz me dai ſuaue, & a lyra rica.

2.

Atè qui; Virgem pura, em culto metro,
Taõ tratado naõ vi, quanto hei tratado,
Porèm d'hũa aurea Cithra, & aureo Pletrò,
Parte ouço do ſeguinte decantado:
Eſta he aquella, daquelle, a quem o Sceptro
Da Rithma ſacra alguns haõ conſagrado,
Que igualando co ſom a voz ſubida,
Illuſtra a de Ioſeph, com voſſa Vida.

3.

Mas com voſſo fauor, ſacra Rainha,
Eſpero ſupperar ao mòr poema,
Remontandome ao Ceo na penna minha;
Sem que a ruìna fatal d'Icaro tema:
Tambem o Tartamudo voz naõ tinha
Para dar embaixada taõ ſuprema, Exod. 4.
Mas o fauor do Ceo, que lhe ha aſſiſtido,
Lha fez ſabio propor, fallar ſubido.

4.

E quando eu não mereça fauor tanto,
Mereça minha voz na Vida vossa,
Que entre os Tiples de tão celeste canto,
Se quer de Contrabaixo seruir possa:
E pois hoje subis no Templo santo,
Para aplauso dos Ceos, & gloria nossa,
Subì tambem comuosco a altiuo & têrso,
O humilde estilo meu, meu rudo verso.

5.

Dos Capacetes dessa Torre suma,
Que costumaõ de plumas adornarse,
Me valei para penna de hũa pluma,
Que com gala á escreuer possa aplicar se:
De milhares, que tem, peço só huma,
Com que o verso gentìl possa ostentarse,
Publicando, que em vida taõ serena,
Escripto foi com pluma, & não com penna.

6.

De Vida tão gentìl nas messes d'ouro,
Ricas do graõ do Ceo, gràdas de flores,
Os Cysnes, que primeiro em seu thesouro,
Da penna a falce poem, saõ segadores:
E Eu, q̃ atraz vou, qual Phebo atraz do louro,
(Que alcançar me faraõ vossos fauores)
De Ruth faço o officio, & rude sendo,
Sò as espigas, que deixão, vou colhendo.

Luc. 2a.

Inda

7.

Inda que he Meſſe tal, tão groſſa, & riqua
Eſta, em que a reſpigar entro ignorante,
Que ao melhor ſegador mais atraz fiqua,
Do que d'aureas pauèas colhe diante:
Pois daime, porque cegue a inueja iniqua,
Para ſegar tambem falce preſtante,
Não queiraes, que o fauor voſſo me negue,
Pois cego em voſſos rayos, que não ſegue.

8.

Na parte principal da Paleſtina,
Que em outro tempo foi do Mũdo gẽma,
E a mais clara Prouincia peregrina,
Eſcura, inda que foſſe a mais ſuprema;
Onde d'ouro o Tuſaõ do Ceo domìna,
Que lhe dá de criſtaes rica diadema,
Formandolhe a Coroa ſoberana
D'hũa Eſtrella inda mais q̄ a de Ariadna.

9.

Na Cidade, que Sêm ſanto edifica,
Que addìo o nome ſeu para ecco della,
Que a Tharſes, & Arabia excede em rica,
E a Delos, & à Chypre excede em bella;
Que ſobre Montes tres, que qualifica,
Parece, que trepar ao Ceo anhella,
No principal dos quaes, que o Syão era,
Seu Palacio Real Dauid tiuera.

10.

Nesta de Benjamim do Tribu gloria,
Que por espelho tem, ao Oriente,
O Iordão, que com celebre memoria
Caua lhe dà de prata transparente;
Que sobre o Syão, Gyaõ, & o Monte Mòria,
Se sublìma (em que està tão differente
Hoje, que nella tem Troya traslado,
Sendo della o demais, campo laurado.)

11.

3.Reg.6.

Hum Templo altiuo, & de maior ornato,
Que quantos Rhodas vio, Memphis, ou Roma,
A respeito do qual, o que Erostrâto
Queima, de vil tugurio aspecto toma;
Co a môr ostentaçaõ, môr apparato,
D'Ouro, varios Metaes, & vario Aroma,
Cedros, Euanos, Porfidos, & Iaspe,
Do Canôpo Rubìs, Perlas do Hidaspe.

12.

Aquelle Sabio Rey, que a Alexandrina
Magnificencia abate na grandeza,
Mandou edificar para a diuina
Magestade, que o poz em tanta alteza:
O dibuxo, & materia peregrina,
Elle excede em subtil, ella em riqueza,
A máchina, & a traça a arguir passa,
Se he maior a grandeza, do que a traça.

No

13.

No baixo da Cidade està fundado,
Do Monte Syão â parte do Oriente,
Tão rico, tão gentil, tão ſublimado,
Que era auge do primor, paſmo da gente:
Nella deu quarto Monte fabricado
D'ouro à ſanta Cidade o Rey potente,
Sendo eſte artificial tão alto, & bello,
Que ſe os mais Montes ſaõ, elle he Caſtello.

14.

A eſte Templo de tanta Mageſtade
Outro Templo mais rico ſe dedica,
Que he o Templo da Santiſſima Trindade
De mór belleza, & fàbrica mais rica:
Que ouro, & joyas, que â tal ſumptuoſidade
Salamão, por paſmar o Mundo aplìca,
Hũa ſombra sô ſaõ do Templo dino,
Que obrou mais rico o Salamão diuino.

Epiph. de laud. Virg.

15.

Foi deſte Templo viuo, o Architecto
Do laberintho Etherio o Autor nobre,
Que lhe fez d'ouro fino o rico tecto,
A reſpeito do qual Tybar he pobre:
E por mais admirar ſeu ſacro aſpecto,
Tanta riqueza, & dons nelle deſcobre,
Que do graõ Salamão o illuſtre Templo
He deſte mais diuino eſcuro exemplo.

Pſal. 103

16.

Deſte Templo do Ceo, Virgem diuina,
O illuſtre Frontiſpicio eſtà compoſto
D'extrema perfeiçaõ, varia bonina,
Que dá fragrancia à boca, & cor ao roſto:
Preſide entre os jaſmins a Roſa fina,
Qual, entre diamantes, Rubì poſto,
Que tẽ dous roxos Soes entre aluas Luas,
Nas Auroras gentìs das faces ſuas.

17.

Alb. Mag. ſup. Miſſ. de color. Virg.

Mas por ſer ſua aluura mais ſerena,
Para eſmalte maior da fermoſura,
Trigueira era na cor, mas não morena,
Que era branca, & roſada a Virgem pura:
Hũa Roſa, por boca, tem pequena,
Que hum diuidido Crauo ſe affigura,
E dentro de ſeus labios florecentes,
Tem dous fios de perolas, por dentes.

18.

Sobretirado he o Roſto peregrino,
Em bella proporção, de dous crauado
Soes, cheos d'eſplendor ſacro, & diuino,
Por cujo Zarço o Sol dera o dourado:
Iâ neſta idade moſtra, que o mais dino
Corpo gentìl, & bem proporcionado,
De eſtatùra meãa terá algum dia,
Que he da Virtude o auge a mediania,

Iunto

19.

Junto do aureo Cume (ou Testa intata)
Do Monte breue, em ouro florecido,
Duas fontes estão de viua prata,
Que ondas tem d'ouro em fios esparzido:
Sobre os dous garços Soes, com q̃ quilata
O Sol seus rayos, quando mais luzido,
Vibraõ duas meas Luas arqueadas,
(Que Arcos d'Euano saõ) settas sagradas.

20.

Entre hũa, & outra Aurora, ou Faces bellas,
(Qual no meio do Ceo Zona primeira)
Hum Muro de cristal se expoẽ entre ellas,
Como que diuidirlh'o Imperio queira:
Que o perfeito Nariz no meio dellas
Sobre o comprido em nìtida maneira,
Lhe dâ graça infinita ao rosto airoso,
Que não quiz, por passar, ser sô fermoso.

21.

Que he tão bella a celeste, & gentil Cara,
Tanto respeito encerra, & graça tanta,
Que a vista fóge, se o discurso pàra,
O natural se admira, a arte se espanta:
Feo o Anjo mais bello se declara,
A a vista da belleza, com que encanta,
Que a respeito de tanta gentileza,
Graça a graça não tem, garbo a belleza.

Susten-

22.

Suſtenta Frontiſpicio tão diuino,
Hũa Columna de Alabaſtro puro,
Que as d'Hercules abate peregrino,
E o primor das de Memphis torna eſcuro:
O Non plus da belleza, em ouro fino,
Nem em marmore Pario, ou jaſpe duro,
Neſta eſculpido foi, que em letras finas,
Eſcripto o tem de candidas boninas.

23.

As aluas mãos compridas, & fermoſas,
De Eſtrellas deſte Ceo logrão quilates,
Cujos rayos ſaõ ſettas milagroſas,
Que em criſtal de marfim logrão remates:
Saõ eſtas, & as demais partes airoſas
De viuentes boninas açafates,
Ramilhetes, que o Ceo formou altiuo,
Que fez ſeu gentìl corpo hum jardim viuo.

24.

Tal graça inclue na falla, & voz, que della
O metal, eſcurece o do ouro fino,
Grauiſſimo o olhar, & a viſta bella
Inſpiraua hum eſpirito diuino:
Iá neſta idade a Angelica Donzella
Suppèra da belleza o môr deſtino,
Que a reſpeito de ſua fermoſura
Toda outra gentileza fica eſcura.

Qual

25.

Qual Beſeleel, que com diuina ſciencia
A alta Arca fabricou do Teſtamento,
A que as Damas d'Iſrael toda a opulencia
De ſuas joyas dão, para ornamento;
Aſſi todas as prendas de excellencia,
Virtudes, perfeiçoens, merecimento,
De Seraphins do Ceo, Damas do Mundo,
Neſta Arca recupilla o Ceo jocundo.

Exod. 32.

Exod. 25.

26.

Callemſe as fermoſuras admiradas
Das Dèboras, Michòes, Euas, & Annas,
Das Racheis, & Tamàres ſublimadas,
Abigaìs, Eſthères, & Suzanas:
As Sàras, & Iudìths tão celebradas,
Iaelles, & Rebbecas ſoberanas,
Callem tambem, que ſua fermoſura
A a viſta deſte Sol foi ſombra eſcura.

27.

Eſqueçaõ Véſtas, Cinthias, Pulicenas,
Egerias, com Creuſas, & Dianas,
As Lucrecias, as Floras, as Helenas,
As Citherèas, Iunos, & Ariadnas:
As Biblis, as Andrômedas, & Almenas,
As Didos, as Camillas, Pompeanas,
Europas, Ledas, Danaes, & Daphnes,
Co as Porcias, Galathèas, & Cyanes.

Que

28.

Que toda a fermoſura, que eſparzida
Pellas mais bellas foi em varia idade,
Neſta Pandora noua mais ſubida,
Toda eſtà excedida com verdade:
Foi toda a outra belleza, a mais florida,
Murcho primor, & frìuola beldade,
Que eſte aſſombro maior da fermoſura,
Foi Sol viuo, & as demais ſol em pintura.

29.

Co aquelle Apelles ſacro me acommodo
Neſte quadro, que aqui de pintar trato, S. Luc.
Que com pincel perito ao proprio modo,
Fez pello Original eſte Retrato:
De partes tão gentìs não pinto o todo;
Porque o inculto pincel, cõ que o retrato,
He incapaz de pintar tanta belleza,
Que he para Seraphins tão alta empreza.

30.

Foi no principio ſeu logo acabado
Eſte Templo celeſte em ſeus primores,
Por dentro, de mil joyas adornado,
Por fóra, guarnecido de mil flores:
Por dentro logo foi tão ſublimado,
Que os meſmos Ceos lhe ficão inferiores,
Por fóra mui perfeito, mas pequeno,
Porque foſſe crecendo mais ſereno.

De

31.

D'encarnados rubìs, viuos diamantes,
As viuentes paredes ſublimauão
Opífices luzidos, & brilhantes,
Que em fàbrica tão bella ſe occupauão:
Coroados d' aljofres rutilantes,
Sobre veſtidos d'ouro, que trajauão,
Eſta Obra celeſtial crecer fazião,
Pella parte exterior, em que entendião.

32.

Tanto que mil, & cento dos luzidos
Obreiros, que em deſtreza rayos eraõ,
Que deſtes ſe oſtentauaõ produzidos,
E em tudo o de que ſaõ, em ſer ſe eſmeraõ,
Huns mais pequenos, & outros mais crecidos,
Neſte Templo do Ceo ſe entretiueraõ,
Trata o Summo Architecto, para exemplo,
Và dar alma eſte Templo ao outro Templo.

Cant. 2.

33.

Logo, quando a Induſtria Omnipotente
Fabricou eſta Torre peregrina,
Torre a fez para Templo preeminente,
Templo a fez para Torre alta, & diuina:
Pendem tropheos do Templo airoſamente,
Pendem, como tropheos da Torre dina,
Capacetes, porque Lusbel conheça,
Que ſe trazem ſuas armas na cabeça.

Era

34.

Era coſtume então muito obſeruado,
Entre os mais principaes, mais excellentes,
Que do Tribu de Iuda ſublimado,
Ou do ſancto Leuì ſaõ deſcendentes,
Ao Templo dedicar, culto ſagrado,
As Filhas primogenitas, contentes,
Para ſeruir a Deos em acçoens dinas,
E aprenderem as artes femininas.

35.

Mas tanto que annos treze alli enchiaõ,
Cada qual a Hymineo já ſe ſobmete,
Que nupcial eſtado recebiaõ,
Annos, antes de ter, duas vezes ſete:
Alli as liçoens diuinas aprendiaõ,
E o mais, que ô feminil ſexo compete,
Que para em taes acçoens ſahirem deſtras,
Tinhaõ dentro no clauſtro illuſtres Meſtras.

36.

Tanto que a Primogenita diuina
Da Caſa de Ioachim nobre Môrgada,
Do Tribu de Iudà ſacra Bonina,
E da Vara de Aram Flor animada,
Em graças, & belleza peregrina,
De dons enche tres annos illuſtrada,
Seus Pays o voto, & a ley pondo em effeito,
Trataõ de dedicalla ao Templo aceito.

Num. 17.

Rompe

37.

Rompe hũa Aurora clara o manto eſcuro,
Com que a Filha de Ceres ſe cubria,
E de ſeu criſtalino ventre puro,
Páre o mais louro,& mais fermoſo dia:
As Eſtrellas,que eſtaõ no Ethereo Muro,
Por ſe poſtrar â Angelica MARIA,
(Porque flores na terra ſer ſe agradaõ)
Dos Ceos,cà para os campos,ſe trasladaõ.

38.

D'ouro,& d'azul ſe veſte o Ceo ſereno,
E em flores as Eſtrellas criſtalinas
Se offerecem às maõs no prado ameno,
Suprindo ò campo a falta das boninas:
Que todo o Territorio Naſareno,
Damas, Matronas, Velhas,& Mininas,
Varoens de vario ſer,& varia idade,
Em colhellas ſe occupaõ em quantidade.

39.

O Sol as ruas lhe arma de brocado,
De flores a Alegria o pauimento,
Verde boſque em Dezembro ha ſimulado
As ruas,o commum Contentamento:
Logo com graue fauſto preparado
O illuſtre,& gentil companhamento,
Sae a Minina ſacra entre os Pays ſantos,
Dando enuejas ao Sol, ao Mundo eſpantos.

Veſtida

40.

Veſtida vem, então, de azul celeſte,
Borrifado de eſtrellas d'ouro fino,
Que era hũ Ceo na belleza, & outro Ceo veſte,
Por ſer corpo, & librè tudo diuino:
Porque mais o Cabello manifeſte,
Que fica a ſeu reſpeito o ouro indino,
Com laçadas de perlas, & jacinthos,
O leua preſo em bellos laberinthos.

41.

A Perfeição, a Graça, a Fermoſura,
As almas ſuſpendia, que admiraua,
Hum louua os olhos, outro a face pura,
Hum o talhe, outro o ſizo lhe louuaua:
Hum diz não vio tal graça, o outro jura,
Que em quanto Phebo doura, & Thetis laua,
Tal belleza não foi nunca aplaudida,
Nem tal garbo, & prudencia engrandecida.

42.

Admirados, alegres, & ſuſpenſos
Outros, hymnos lhe entoaõ em louuores,
E de fumos d'aromas, & de incenſos
Nuuens cobrem do Sol os reſplandores:
Mas porque vezes tres, em aureos lenços,
Primeiro as perlas colhe o Sol ás flores,
Que ſe chegue a Syão, da preferida
Cidade, cujo nome he ſer florîda.

43.

Entra cos ſantos Pays n'uma Carroça,
Toda d'autumnaes flores enramada,
A Virgem Celeſtial, para que poſſa
Vencer ſem anſia a trìplice jornada:
Nobre acompanhamento em copia groſſa
Seguindo vai a Infanta ſublimada,
Atê que de Syão os altos Muros
Illuſtraõ de ſeus Sòes os Aſtros puros.

44.

Ao entrar na Cidade, que edifica
Melchiſedech tão ſanta, & taõ famoſa,
As Filhas de Syão muſica rica
Lhe entoaõ com voz leda, em ſolfa airoſa:
Toda a Cidade obſequios lhe dedìca,
Que todo o Cidadão, toda a Fermoſa
A rua de boninas lhe alcatiſa,
E de aromas os ares lhe borriſa.

45.

Entra no rico Templo a dedicarſe
A ſeu Eſpoſo a Virgem ſoberana,
Naõ ceſſa o Sacerdocio de admirarſe,
Vendo belleza tal, taõ ſobre humana:
Em lagrimas alegres a banharſe
Começa de prazer Ioachim, & Anna,
Vendo a Minina bella admirar quantos
Vem ſua perfeiçaõ, ſeus dons taõ ſantos.

46.

De festa estaua o Templo sublimado
Pellos Trophèos, que em dia semelhante
Lhe ofreceo o Hebreo melhor soldado,
Quando em Ierusalem entrou triumphante:
Mas no Altar, que erigio então, sagrado
Pudera collocarse o Altar fragrante,
Que se offerece ao Templo neste dia,
Na bella, & serenissima MARIA.

2.Reg.6.

47.

Mas se inda não occupa taes lugares,
(Inda que hum Altar já logra no Egito)
Esperando a estão milhoens d'Altares
Com immenso louuor, culto infinito:
E d'Estrellas o Altar, que sobre os ares
(No Ceo, que està de letras d'ouro escrito)
Radìa, a espera là, quando com palma
A esses Ceos for subindo em corpo, & alma.

48.

Hauia alli no Templo hũa alta Escada,
Que degraos vezes tres sinco continha,
Cos Psalmos Graduaes solennizada,
Que a conta nos degraos dos Psalmos tinha:
Toma da mão â Virgem sublimada
O Sancto Zacharìas, & a Rainha
Celeste no degrao pondo primeiro,
Vè, que sòbe per sy tè o derradeiro.

Hieron. de laud. Virg.

Da

49.

Da graça com que ſóbe,& da alegria,
Do ar,com que ao mais alto ſe remonta,
O Pontifice paſma,& a Companhia
Toda, da acçaõ ſe admìra,a que eſtâ pronta:
A de Iacob,a Eſcada parecia, Geneſ.28.
Quando eſte Anjo os degraos cos pès lhe cõta,
Que nos quinze degraos preuè ſupremos
Quinze myſterios jà,cos quinze extremos.

50.

Qual môdula Aueſinha, que na Aurora
Vai com pauſado voo ao Ceo ſubindo,
Que âs nuuens em chegando,com canora
Voz vem decendo,o voo repetindo:
Tal a Aue Celeſtial,que os Ceos decóra,
Com paſſo ſoſſegado,& voo lindo
Tè o mais alto da Eſcada alegre paſſa,
E ſe torna a decer co a meſma graça.

51.

Dèce da Eſcada,& o ſancto pauimento
Honra,cos ſacros pés,do Templo ſanto,
E chea d'hum feliz contentamento
Dos Pays ſe arranca,& de Parente tanto:
Da Eſtrella de Balaam já Firmamento Num. 24.
Fica o Templo,que entoa nouo canto,
Iá de tão ſacro,& tão feliz Theſouro
Seruindo o Templo eſtà de Cofre d'ouro.

52.

Em ſy ofrece o Eſpelho myſterioſo,
Que, quando as Virgens entraõ, dão ao Tẽplo,
Mas eſte inda he mais claro, & mais fermoſo,
Cant, 4. Que de Iuſtiça Eſpelho eſte contemplo:
A eſte Eſpelho ſe enfeita o Ceo fermoſo,
Nelle vê ſeu retrato, & ſeu exemplo,
Que Eſpelho de veſtir he ſoberano,
Que ha de veſtir a Deos de traje humano.

53.

Vem á porta Regral deſta clauſura
As mais virgens entaõ a recebella,
Admiraõſe de ver tal fermoſura,
Paſmaõ de olhar tal Sol, ver tal Eſtrella:
Com hymnos celeſtiaes, muſica pura,
A leuão entre ſy, cegando em vella,
Ella com diſcriçaõ, que excede os annos,
As admira com termos ſoberanos.

54.

Anna inſigne, que he Meſtra illuſtre, & ſanta,
Deſtas Virgens do Templo, & Prophetiza,
Como a muſica ceſſa, a voz leuanta,
E deſt'arte ſua vinda ſolenniza:
Venhaes embora, diz, diuina Planta,
Sapiec. 24. Cedro, que o Monte Libano matiza
Oliueira, que encerra mil beldades,
Cant. 2. Acipreſte de Syão, Palma de Cades.

C,arça

55.

C,arça, que arde incombusta, verde, & pura, Exod. 3.
Do campo Flor, & Lirio florecente, Cant. 6.
Rosa de Ierichò na fermosura, Eccles. 24.
De marfim Torre, & Porta do Oriente:
De Iacob Escada, & Fauo de doçura, Genes. 28.
Sanctuario de Deos Omnipotente,
De perfumes Altar, da paz Cidade, 3. Reg. 6.
Dos Outeiros eternos Saùdade. Isai. 53.

56.

Porta do Ceo, Eschola da Sciencia, Ezech. 44
Mãy da sancta Esperança, & Mãy dos viuos,
Da Vida Aruore, & Pomba d'excellencia, Genes. 2.
Nao, que de longe traz mimos altiuos:
Templo da Gloria, & Throno d'opulencia, Cant. 2.
Paraìso de gostos excessiuos, Genes. 2.
De Dauid Torre, & Fonte d'agua viua, Cant. 4.
Horta fechada, & Mãy d'amor altiua.

57.

Lua fermosa, Estrella Matutina, Cant. 6.
Aurora, que em fulgores se leuanta,
Arca do Testamento peregrina, Exod. 25.
Véo de Gedeão, sellada Fonte santa: Iudith. 6.
Sem ter mancha, Vidraça cristalina, Cant. 4.
Monte, que aos altos montes se adianta, Apoc. 12.
Forte Mulher, Mulher do Sol vestida, Prou. 31.
Arca d'ouro, & de Araõ Vara florida. Num. 17.

58.

Virgem, que inda heis de ver, que ao Ceo ſubindo,
Para as aguas paſſar, que as nuuens colhem,
A Lua ſeruirâ de baixel lindo,
Porque os viuos jaſmins ſe vos naõ molhem:
Mar, que vindo do Ceo, ſois hum Mar Indo,
Onde as gemmas celeſtes ſe recolhem,
Rico Alamar broslado de diamantes,
Que ha de vnir Terra, & Ceo, q̄ eſtão diſtantes.

Luna ſub pedibus ejus. Apoc. 12.

59.

Eſte Templo a honrar ſejaes bem vinda,
Vôs, a quem todos eſtes Epithètos
Succintos vem, & ſaõ poucos ainda
Para voſſos primores taõ ſeletos:
Vinde, vinde, meu Sol, Minina linda,
Que Meſtra haueis de ſer dos mais diſcretos,
Aqui ficai comnoſco agora, em quanto
De Vós, em outro tono o mais não canto.

60.

Fica no Templo, & na clauſura ſanta,
A Minina do Ceo, radiando glorias,
E ſe co a fermoſura, & auiſo eſpanta,
Admira co as acçoens do Ceo notorias:
Tanto neſtas ſe eſmera, & ſe adianta,
Que entre ſy, della sô, contaõ hiſtorias,
As bellas companheiras admiradas
De tal prudencia, & prendas ſublimadas.

Que

61.

Quē, quaes Criſtaes de toda a fonte pura,
Que ſe eſparzem por partes differentes,
Que ſe vem a ajuntar do Mar na altura,
Onde achaõ d' ondas mais móres enchentes:
Taes, de toda a celeſte alta Creatura
Os altos dons, as graças excellentes,
De MARIA no Mar ſe expoem vnidas,
Onde achaõ dons, & graças mais ſubìdas.

62.

Para o culto do Templo alli aprende
As liçoens, o exercicio, & o lauor graue,
E as letras neceſſarias, com que entende
A fraze da Eſcriptura alta, & ſuaue:
Tem tanta habilidade, que tranſcende
O Cherubim mais alto a Empyria Aue, Luc.1.
No juizo, & primor, com que aprendia,
Toda a Meſtra admiraua, que excedia.

63.

De Prophetico Eſpirito impellìda
A Tùnica inconſutil laura, & tece,
Neſta ſanta clauſùra, onde aſſiſtida
Eſtà do Empyrio Ceo, que a vella dece:
Se a Tùnica de CHRISTO preferida,
Sem cuſtura, & ſaã ſempre, co elle crece,
A roupa de que a Virgem ſe veſtia,
Por milagre tambem ſe não rompia.

64.

Mil ſantos, & louuaueis exercicios
Introduz na clauſura a Virgem ſanta,
Com que a Terra, & os Ceos, q̄ tem propicios,
Não ſómente namôra, mas encanta:
Ella ſubio os altos edificios
Do Templo, a quem encheo de gloria tanta,
E Ella, nelle inuentou a religioſa
Saùdaçaõ do, *Deo gratias*, tão famoſa.

65.

Do dia, & mais da noite o mais gaſtaua
Em frequente oração contemplatiua,
E da Terra, em que aſſiſte, & que illuſtraua,
Dos Ceos ſe arrebataua a eſſa Aula altiua:
O mais, que deſte tempo lhe reſtaua,
Em lauores gaſtaua d'exceſſiua
Perfeiçaõ, para adorno, & luzimentos
Do Templo, & ſeus cuſtoſos Ornamentos.

66.

Aas horas, que o ſuſtento neceſſita
Para o celeſte Corpo puro, & intato,
(Qual, deſpois ao mais cêlebre Eremìta)
Do Ceo lho traz hum Paranimpho grato:
Paropſides de varia margarita
Ao diuino manjar ſeruem de prato,
Garçotes ſaõ das altas Gerarchias,
Não Coruos quem lhos traz, como a Elias. 3.Reg.17.

67.

Aa Virgem bella, à Pandora galharda,
Aſſiſtem de contino na clauſura
Anjos no dia louro, & noite parda,
Seruindo a tão diuina Fermoſura:
E Gabriel, que o Anjo he ſeu da guarda,
Serue de Capitão da gente pura,
Dos Anjos digo, gente ſoberana,
Porque ha gente tambem, ſem ſer humana.

Auẽd. de ſanct. ſer. deS, Ann. diſc.4. cũ S. Germ. & alijs.

Virg. & Dante, aſſi o tem.

68.

Quaſi onze circulares giros dera
O Sol pello Zodiaco luzente,
Em quanto a ſacra Flor fez primauera
A clauſura do Templo preeminente:
Mas tanto que eſte termo fim tiuera,
E o prefinido tempo eſtá preſente,
Para hauer de trocar a Virgem pura
Pello eſtado nupcial o da clauſura.

69.

Fallalhe à parte o Summo Sacerdote,
Dizendolhe, que o tempo era chegado,
Pois rica era em belleza, & mais no dote,
De tomar, pois o era, illuſtre eſtado:
Que diſcurſe conſigo, & entre ſy note,
Quem della ſer merece Eſpoſo amado,
Que nenhum mais illuſtre, & mais famoſo
Deixarà de eſtimar ſer ſeu Eſpoſo.

Ouuin-

70.

Ouuindo a Virgem intento taõ diſtante
Daquelle, que votado, & n'alma tinha,
Abrindo em perlas o rubì fragrante,
Que de graça, & auiſo adorna, & alinha;
Lhe diz; alto Pontifice preſtante,
Sempre foi meu intento, & tençaõ minha,
Conſeruar a pureza firme, & intata,
Porque eſta he a Virtude a Deos mais grata.

71.

Bem ſei, que entre a Hebrea electa gente,
Toda a que eſtèril he, infamia acquire,
Porque o Meſſias della ſabe, & ſente,
Que ha de nacer, por modo tal, que admire:
E aquella, que não deixa deſcendente,
De poder nacer della, he bem que tire
A eſperança, porèm Eu adianto
A Virgindade pura a intento tanto.

72.

E eſte ſanto propoſito, que tiue,
Des que o vſo da razaõ ſe me adianta,
Em voto eterno, & firme já em mim viue,
Com tençaõ pura, & confiança ſanta:
Não póde hauer no mundo quem me priue
De obſeruar voto tal, pureza tanta,
E aſſi ſubordinada â ley não fico,
De aceitar de Hyminèo o jugo rico.

Quan-

73.

Quanto mais, que o Meſſias Verdadeiro,
Como Iſaìas em cantar ſe funda, Iſai. 7.
De Carne Virginal ſerà herdeiro, Ierem. 31
E não da que eſtiuer corrupta, & immunda:
Se a Mãy Virgem ha de ſer, que do Cordeiro Ioan. 4.
De Deos, ha sò por Deos de ſer fecunda,
Mais perto deſta dita viue aquella,
Que ſe conſerua pura em ſer Donzella.

74.

Mas, para que em eſcuſas me detenho,
De naõ querer tomar, nem ter Eſpoſo?
Quando, antes de mo dardes, Eu jà o tenho,
E eſſe o mais galhardo, & o mais airoſo: Pſalm. 44
Por outro em trocar eſte ſe não venho,
He, porque outro nenhum he tão fermoſo,
Que eſte, que tenho, he aquelle, de quem tanta
Belleza, & perfeiçaõ a Eſpoſa canta. Cant. ibid

75.

Da parte deſte Eſpoſo preferido,
Que não obſteis, vos peço, a meu intento,
Que a meu voto conuèm sò tal Marido,
Que outro nenhum me chega ao penſamento:
Se Eſpoſo taõ galhardo, & tão ſubido
Tenho, que impêra a Terra, & o Firmamento,
Darme outro não trateis, pois o que adoro,
He sò por quem me vèlo, & a quem namoro.

Suſ-

76.

Suſpende a voz,& cõpa o crauo viuo,
Que os eburneos jaſmins eſconde,& cerra,
Ou dos labios o nacar fecha altiuo,
Que perlas em rubìs preſas encerra:
Admirado ficou com tal motiuo
O Pontifice então,a quem faz guerra
Do voto a nouidade,& o mais que ouuìra,
E a conſultar eſte caſo ſe retira.

77.

Cos de mais ſe vai ter do Templo ſanto,
De prodigio tão grande a darlhe conta,
Os Leuìtas ouuindo aſſombro tanto,
Padecem dentro em ſy perplexa afronta:
Porèm tornando em ſy do grande eſpanto,
Que obrou nelles da Virgem a razão pronta,
Concordão,que oblaçoens a Deos fizeſſem,
Para que neſte caſo obrar ſoubeſſem.

78.

Com vìctimas,com preces, cantos,& hynos,
A Deos pedem, que o acerto lhe reuelle,
Que inda que de tal bem não ſejão dinos,
O zello d'acertar os moue,& impelle:
Em canto,& panegyricos diuinos,
Quando mais cada qual vé ſe deſuelle,
Eis que ſoa hũa Voz diuinamente,
Do Sacrario do Templo preeminente.

A qual

79.

A qual nos tectos d'ouro retumbando,
(Para ſer duas vezes repetida)
O Ecco ſeu accento duplicando
A recita outra vez deſpois de ouuida:
E do diuino Oraculo notando
As vozes, & a periphraſe ſubîda,
Obſeruão, que os Mancebos florecentes
De Dauid, ſe congreguem, deſcendentes.

80.

E que n'um dia certo, & ſinalado
Ao Templo todos juntos ter vieſſem,
E ſendo de Moyſes, & Aram traslado, Num.17.
Varas ſecas na maõ todos trouxeſſem:
E aquelle, que tão bem afortunado
Foſſe, que quando ſecas eſtiueſſem
As de mais, viſſe a ſua florecida,
Eſſe a ſorte lograſſe appetecida.

81.

Deſpachaõſe Corrèos apreſſados
A toda Galilea, & Paleſtina,
Para os Parentes ſerem conuocados
Da Pheniz Celeſtial, Virgem diuina:
Relataſe por cartas, & recados,
Que manda o meſmo Deos, & determina,
Que os Mancebos da illuſtre deſcendencia
Venhaõ ter tão illuſtre competencia.

En-

82.

Entre tanto a Puriſſima MARIA
Caſo tão ſubſtancial com Deos conſulta,
E em ſuas mãos ſe poem, que delle fia
Do voto ſeu o bem, que lhe reſulta:
A Deos pede com intìma porfia,
A quem em Terra, & Ceo nada ſe occulta,
Que ſeu voto conſerue, pois forçoſo
Lhe era ter sò a Deos por ſeu Eſpoſo.

83.

Neſte tempo hũa Pomba o ar ferindo,
Batendo hum, & o outro galhardete,
Sobre o trançado d'ouro airoſo, & lindo
Intenta ſer volante Martinete:
E o fendido rubì do bico abrindo,
(Quando co a neue pura em cor compete)
Pendente ſobre as auras, que ſerena,
Deſt'arte diz à Virgem Naſarena.

84.

Segura viue, ò Virgem peregrina,
De que teu ſancto voto, & graõ pureza
Não poſſa padecer nunca ruìna,
Mas que eterna ha de ter ſempre firmeza:
Mas Deos, que tudo traça, & determína
Por modos, com que admira a Natureza,
Quer, que ao ſancto Hyminêo o Collo ofreças,
Porque onde as demais murchão, Tu floreças.

85.

Ardia a verde Carça antigamente, Exod.3.
E as folhas não queimaua quando ardia,
Passaua o Mar a pé a Hebrèa gente, Exod.14.
E em vez de naufragar, enxuto o via:
Se he sombra tua a Carça florecente,
Se es a Hebréa melhor, que a outra Maria,
Prodigios lograràs, fauor mais nouo,
Do que a Carça logrou, Maria, & Pouo.

86.

A seres Virgem pura nada implíqua
A Hyminèo Virginal o subjeitarte,
Que quem naõ herdou d'Eua a mancha iniqua,
Não póde corrupçaõ ter nella parte:
He mysterio do Ceo, he traça riqua,
C'hum Seraphim humano desposarte,
Porque debaixo desse vèo se occulte
O mór portento, & o bem maior resulte.

87.

Não implìca da Rosa à fermosura,
A a sombra estar d'hum Plàtano sombrio,
Antes à sombra delle a Rosa pura
Se repára ao rigor do seco Estio:
Estarem n'um jardim, entre a verdura,
O Iasmim, & a Cecem à calma, & frio,
Verás, que se não dà razão bastante,
Para ella não ser pura, elle fragrante.

Estar

88.

Eſtar em companhia alta, & ſerena
Tu com teu Virginal, & ſanto Eſpoſo,
He eſtar a Roſa pura á ſombra amena
D'hum freſco, & alto Plàtano frondoſo:
He aſſiſtir hum Iaſmim, & hũa Açucena
Vnìdos n'um jardim freſco, & cheiroſo,
Por tanto não recees, Virgem bella,
Que podes ſer caſada, & mais Donzella.

S.Hieron. S.Auguſt. S.Thom. & Theolog. communiter. tenent D. Ioſeph. fuiſſe Virginem.

89.

Se tens, por mais firmar tua pureza,
Feito abſoluto voto de obſerualla,
O Eſpoſo, que te der a Summa Alteza,
Tambem tem feito voto de guardalla:
Se tu do voto teu pedes firmeza
A Deos, que em tuas graças ſe regalla,
Eſpoſo te darà taõ ſanto, & puro,
Que teu voto, & o ſeu fique ſeguro.

90.

Diſſe: & exhalando o eſplèndido Apoſento
Aromas, que deſpede de contino,
Remonta o voo airoſo, & corta o vento
A Borboleta entaõ de candor fino:
Ella, ouuindo o ſantiſſimo portento,
Poſtrada, por fauor taõ peregrino
As graças rende a Deos, chouendo amores,
Seus Olhos perlas, ſua Boca flores.

O

91.

Os Seraphins celeſtes, que contentes
  Lograõ ſua contînua companhia,
  Poſtrando as azas d'ouro refulgentes,
  Se rendem á beliſſima MARIA:
  E com Cançoens, & Pſalmos excellentes,
  Entoando celeſte melodìa,
  Lhe daõ mil parabens ledos, & amantes,
  Em Lyras d'ouro, em tonos elegantes.

92.

Em tanto corre a noua alegre, & vſana
  Por toda Paleſtina, que admirada
  Fica da nouidade ſoberana,
  Atè então nunca d'antes acordada:
  Ao publico Edictal, com cara humana,
  Todos aplauſos daõ, mas mais aggrada
  Eſte alegre decreto aos Contendores,
  Que haõ de ſer a bem tanto Oppoſitores.

93.

Logo gallas, cauallos, & liteiras,
  Os Mancebos preparaõ florecentes,
  Que airoſos trataõ vir por mil maneiras,
  A ſer de tanta gloria Pertendentes:
  Daõlhe as gallas mil Partes eſtrangeiras,
  De còrtes, & de cores differentes,
  De que Sydonia, & Tyro então ſe eſgota,
  Com quanto ouro d'Ophir ſe illuſtra a Frota.

94.

Cada qual preferirſe em tudo trata,
Nos aſſéos, na pompa, & no apparato,
Eſte borda o veſtido d'ouro, & prata,
Crendo, que o que mais cuſta, he môr ornato:
Outro d'inuençaõ noua, & cor quilata
A gala, que com cuſto mais barato
Exceder cuida aos mais, crendo que aggrade,
Mais do que o muito cuſto, a nouidade.

95.

Eſte, que á arte equeſtre era inclinado,
Cauallos buſca, que os de Phebo igualem,
E co jaez de purpura bordado,
De maior preço os cobre, do que valem:
Aquelle, que Phaeton vai retratado,
Os melhores frizoens, que ſe regalem,
Compra, para que em fauſto aos mais exceda,
Ardendo o Coche d'ouro em Tyria ſeda.

96.

Outros nos muitos pagens, & lacayos
De cuſtoſas librés exceder tratão,
Onde o Sol ſcintilando fere os rayos,
Que no ouro, & prata delles ſe quilataõ:
Outros, nas flores d'ouro expondo Mayos,
Que no campo das tèlas ſe retratão,
Leuão jà nos veſtidos ſuperiores,
Para empreſtar ás Varas aureas Flores.

97.

Buſca cada hum com ſumma diligencia
A Vara mais galharda, & mais perfeita,
E feito juiz recto na apparencia,
Sem nôs buſca a mais limpa, & a mais direita:
E ſendo partes neſta competencia,
Todos ſaõ julgadores ſem ſoſpeita,
Pois todos julgaõ com diſcretas artes,
Que ſem partes aqui nenhuns ſaõ partes.

98.

Eſte, porque mais preſto lhe floreça
A Vara, de que pendem ſeus fauores,
Verde a corta de planta, que inda creça,
Por ſer mais tenra, & apta para as flores:
Outro da planta, que entre as mais mereça
Primeiro florecer entre os rigores
Do frio Inuerno, corta a Vara bella,
Porque entre as mais, primeiro floreça ella.

99.

Hum, por hum bem taõ grande ſuſpirando,
Tendo os ſuſpiros por trouoens do peito,
Crê, que a Alma ha de chouer, porq̃ chorando
Regarà, porque brote o Ramo aceito:
Outro, que mais ſubtìl philoſophando,
Que naõ florece crê de nenhum geito
A Vara em mão auara, vſa grandezas
Deſpendendo theſouros, & riquezas.

100.

Hum da triumphante Planta a vara alcança,
Em que ſe conuerteo de Phebo a Amada,
Outro da Planta, que em aromas lança
Lagrimas, que do Pay foi namorada:
Outro, da Aruore amena, de que a lança
Pelias antigamente foi cortada,
Outros, das que o Irmão tanto choràraõ,
Tê que as Almas em Almos ſe tornáraõ.

101.

Que as varas em querer deſtas altiuas
Plantas, lhe parecia, que acertauão,
Pois como foraõ d'antes Damas viuas,
De vir a florecer mais perto eſtauão:
Que, porque em gentilezas exceſſiuas
Floreciaõ, em Damas quando andauaõ,
Que inda floreceriaõ, lhe parece,
Que florece atè morto, quem florece.

102.

De Cedro incorruptiuel Ioſeph corta
(Por Planta, que a Pureza ſymbolìza)
A Vara, que leuar na mão lhe importa,
Como o Pontifical Edicto auiza:
Entra a cortalla n'uma gentìl Horta,
Que d'hum muro ſe cerca, porque fiiza
Com ſeu intento, ſer de Cedro a Vara,
Que n'uma Horta fechada ſe creàra.

Entra

103.

Entra na quinta, & junto de hũa Fonte,
Que rega hũ Cedro entre outras plãtas bellas,
A qual lauando o pè de hum baixo Monte,
O calça de criſtaes, veſte de téllas,
Se aſſenta; a tempo já, que no Oriſonte
As luzes dimidía o Sol, & dellas
Frechas d'ouro tirando à fonte fria,
Por entre os denſos ramos a feria.

104.

Aqui Morphèo, que ao ſom das aguas frias,
E ó accento das Aues ſe ſuſtenta,
E ô reſſonar das Aruores ſombrias,
Inda mais ſe regala, & ſe acrecenta;
Por modo myſterioſo tapa os dias
A Ioſeph (que em ſeus olhos dous oſtenta)
O qual, como do ſonno o aliuio goza,
Neſta viſaõ repara myſterioza.

105.

Hum Mancebo galhardo lhe apparece
Veſtido d'hũa tùnica celeſte,
Que traz (ſe azas não ſaõ, com que os guarnece)
Mangas de plumas, com que os braços veſte:
E tanto que à ſua viſta ſe offerece,
Porque affecto maior lhe manifeſte,
Hum abraço lhe dà, & outro aceita,
Quando aſſi em falarlhe ſe deleita.

106.

Desd'agora te ensina, ô Varaõ forte,
Em sonhos a ouuir sacros enredos,
Que tempo inda ha de vir, que desta sorte
Te ha Deos de reuelar altos segredos:
E nesta occasiaõ de tanto porte
Te auisa o Ceo entre estes aruoredos,
Que entre todos Tu sô es o escolhido,
Que da Virgem serà virgem Marido.

107.

Nesta de flores chea Horta fechada,
Não sem mysterio foi entrares nella,
A buscar deste Cedro a sublimada
Vergonta, que esta Fonte faz mais bella:
Que Cedro, Horta, Flor, Fõte, & Vara amada,
Se chama a perfeitissima Donzella,
E assi, em tudo quanto aqui notaste,
Hum Retrato gentil da mesma achaste.

Isai. 11.
Cant. 4.
Ecclesi. 44

108.

E se leuas na mão de Cedro a Vara,
E ella Cedro do Lîbano se chama,
Jà leuas o que queres, pois na rara
Mão leuas d'antemaõ a sacra Dama:
Para taõ alta dita te prepara,
Pois por Esposo seu o Ceo te aclama,
Aceita tanto bem, firme, & deuoto,
E não temas quebrar teu casto voto.

Flo-

109.

Florecer ſó verâs tua Vara bella,
Todas as mais dos mais,ſecas ficando,
Que ô Eſpoſo de tal Flor, de tal Donzella,
Bem he,que eſtejão flores ſinalando:
E ſe d'outras te téce jà capella
O Tempo,em prata eſſe ouro trãsformando,
He,porque he do alto Ceo ſacra vontade
De idade o Eſpoſo ſer deſta Deidade.

110.

He Torre de Dauid a Virgem pura,
Que do Eterno Dauid ſerá habitada,
Quando o Palacio azul da Etherea altura
Trocar por eſta Torre alta,& ſagrada:
E pella ter na terra mais ſegura,
Quer d'hũa Barbacãa tella guardada,
Entregandota a ti,quando jà pintas
De flores ſem pinſeis,de caãs ſem tintas.

111.

Diſſe:& rompendo as auras tranſparentes,
De ſuas azas gentìs, vélas fazendo,
Sulcando vai as ondas apparentes
Piloto de ſy meſmo, & Naue ſendo:
Logo d'entre as boninas florecentes,
Que ao bafo da fonte eſtaõ crecendo,
Lh'apparece hũa Dama airoſa,& pura,
De pudibundo roſto, & compoſtura.

 Piſan-

112.

Pizando vem cos pès flores ſerenas,
Colhendo vem nas mãos flores diuinas,
Saõ os Pès, & Cecens, tudo Açucenas,
Saõ as Mãos, & Iaſmins, tudo boninas:
Nas plantas, & nas mãos, que entre as amenas
Flores, que piza, moſtra, & colheo finas,
Se vè, que traz brincadas de junquilhos,
Luuas d'ambar, Alparcas de poluilhos.

113.

Veſtida vem de fina, & branca têlla,
De jaſmins, & açucenas coroada,
De quem, por martinete, a trunfa bella,
Traz hũa Palma d'ouro matizada:
Na Maõ virgìnea a candida Donzella,
Hum ramo d'Açucena traz neuada,
Equiuocando o objecto, que duuìda,
Qual he a branca Cecem, ou a Mão pulida.

114.

Tanto que a Ioſeph chega, & o ſaùda,
De pùdico fulgor banhando o roſto,
Da alua mão para a delle o Ramo muda,
Que o aceita cortez com grande goſto:
Alli quem ſeja a Dama em ſonhos cuda,
E em extaſis, de a ver tão bella, poſto,
Vendo nella tal graça, & dotes tantos,
Lhe tributa cortez amores ſantos.

115.

Sinco flores o Ramo desta rica
Açucena continha taõ serena,
Onde o Nome, & Candor se significa
D'outra melhor, mais candida Açucena:
Tanto que o gentìl Ramo alli lhe aplica,
Abrindo a Rosa, que fendeo, pequena,
Desta maneira diz o Monstro airoso
Ao Ioseph, que he por sonhos mais ditoso.

116.

Varaõ illustre, & sancto descendente
Daquelle Cysne Rey de Deos amado,
Que por Sancto, por Sabio, & por Valẽte,
Trocou em Sceptro d'ouro o vil Cajado:
Anjo primeiro, que entre a humana Gẽte
Foste o Varaõ primeiro, que votado
Pureza eterna tem, porque na Terra
Viua hum dos Seraphins, q̃ o Ceo encerra.

Math. 1.

117.

Por ordem do Ceo mesmo a tributarte
Este candido Ramo venho agora,
Que a insignia da Pureza manda darte,
Quãdo nos mais periga, & em ti melhora:
Nas sinco flores, que, por gentìl arte,
Nesta haste verde abrio a fresca Aurora,
O numero das letras se annuncìa,
Do Nome da purissima MARIA.

Vai

118.

Vai lograr tanta gloria, ò Varaõ nobre,
Em ſer Virgìneo Eſpoſo da mais pura,
Que o véo azul do Ceo na Terra cobre,
E que honrará do Empyrio a ſumma altura:
Vai, ſe os pobres te tem já feito pobre,
Riquezas a lograr da môr ventura,
A ſer Eſpoſo vai da Virgem rara,
E eſtas flores enxèrta neſſa Vara.

119.

Mas não enxertes não, que o Ceo potente
Preferindote aos mais teus Contendores,
Como â Vara de Aram fez florecente, Num.17.
A tua adornarâ de ricas flores:
Eſta Dama, que ves, ſempre preſenre
Terás em teus caſtiſſimos amores,
Em quanto o Ceo for Ceo, porque a Pureza
Sou, de que has de lograr ſempre a belleza.

120.

Acabou de fallar a Dama pura,
E entre apparentes Flores, & Açucenas
Se eſconde, às Roſas dando fermoſura,
E ás Cecens candidez, puras, & amenas:
Acorda Ioſeph logo, & da ventura,
Que durmindo logràra, naõ pequenas
Saùdades lhe ficaõ, reparando
Se o que vio foi deſperto, ſe ſonhando.

En-

121.

Entre dùuidas taes em ſy fluctùa,
Mas, ou foſſe durmindo, ou acordado,
Sempre por felìz ſorte teue a ſua,
De bem taõ ſoberano ter ſonhado:
Mas o Ramo, que vè, faz que atribùa
A a certeza, que o Ceo lhe ha reuelado
Tão ſupremo fauor, mercé taõ rara,
De que elle por indigno ſe declara.

122.

Humilde, & ſanctamente ſe acouarda,
Crendo, que ſorte tal nelle naõ cabe,
Que Virgem taõ Celeſte, & taõ galharda
Nem elle, nem ninguem merecer ſabe:
Porém olhando o Ramo, que elle guarda,
Que o da Sybilla faz que naõ ſe gabe,
Tem por certa a viſaõ, pois ſe lhe dera,
Sem ſer ſonho, no ſonho que tiuera.

123.

Sua muita humildade o deſconfia,
Quando pudera ter mais confiança,
E humilde reparando no que via,
Deſeſpera inda aſſi deſta eſperança:
Mil ſuſpiros ao Ceo do peito enuia,
E a Alma em preces mil traz delles lança,
Pedindo com rariſſima humildade,
Que ſe faça de Deos nelle a Vontade.

Con-

124.

Consigo (diz Ioseph) jà antigamente
Outro, do nome meu, ha interpretrado
Sonhos de gente estranha, que esta gente
Vio succeder assi como ha sonhado:
Lá Alexandre sonhou, que morte vrgẽte
Lhe daria Cassandro, & ha adiuinhado,
Tambem Amilcar teue hũ sonho esquiuo
De no dia seguinte ser captiuo.

125.

Não menos sonhou certo o fim da vida
Philippo, quando sonha, q̃ hum Cocheiro,
Sendo Rey, lhe ha de dar morte sentida,
Supposto os desterrou todos primeiro;
Que do moço Pausanias na homicida
Espada, onde esculpido estaua inteiro
Hum Auriga, morreo, porque se veja
Quanto o termo fatal preciso seja.

126.

E se sò Sonho foi, & naõ Mysterio,
Este, que agora tiue, inda assi cudo,
Que certo mo farâ o Globo Etherio,
A quem nada he difficil, facil tudo:
O mais indigno sou deste Hemispherio,
Mas se hũ Gentio sonha, & acerta agudo,
Eu, que em Deos creo, póde ser sonhasse,
Tão certo, que co aquelles me auultasse.

Logo,

127.

Logo, porque jà o mais tem preparado
Para a jornada, & acto taõ celeste,
Vendo que o dia alegre era chegado,
Que o Mar de prata, & d'ouro os cāpos veste:
Aquelle dia, digo, assinalado,
Em que o Esposo feliz se manifeste,
Ao caminho se poem no mesmo dia,
Que duas legoas do Templo só viuia.

128.

Todos os illustrissimos Parentes
Andão em caso tal taõ empenhados,
Que por ver suas Varas florecentes,
Deraõ pella de Aram vida, & morgados:
E pellas que despio junto ás correntes
Iacob, para os Cordeiros ver manchados,
(Que copadas de flores, deixou nuas)
Deraõ o sangue seu, & as Almas suas.

Num. 17.

129.

Os que vem, que lhe saõ na gentileza
Outros Emulos nobres preferidos,
Reynos derão, da Deosa da belleza,
A Phao, pellos vnguentos dirigidos:
Que sendo hum asco vil da natureza,
Deixa a Narciso, & Adònis excedidos,
Desque nelles o rosto informe banha,
Com que a fealdade perde, & as graças ganha.

Co

130.

Co dia limitado conferindo
As jornadas, o tempo, & a diſtancia,
Parteſe cada qual, & vem partindo,
A alma em pedaços, chea d'alegre anſia:
Nas ambreadas galas competindo,
Enchendo vem as vias de fragrancia,
Que como leuão flores nos veſtidos,
Querem, que vaõ cheirando por floridos.

131.

Quaes, no fim do Veraõ, Aues eſtranhas,
Que o paſſáraõ em Clima mais aceito,
Que hũas dos boſques, & outras das montanhas
Buſcão para paſſar do Mar o eſtreito;
Que por varios caminhos, varias manhas,
Todas a hum meſmo poſto vaõ direito,
Taes os Garçotes, que de voo vinhaõ,
Para Ieruſalem todos caminhaõ.

132.

Chegados, pois, os nobres deſcendentes
Do Rey Paſtor à célebre Cidade,
Com jùbilos, & aplauſos differentes
Todo o Sexo os recebe, & toda a Idade:
Saem a acompanhalos os Parentes,
E os de mais Cidadoens, que a Mageſtade
Admirando dos moços ſingulares,
Lh'ofrecem Caſa, Meſas, & Manjares.

133.

De Syão as bellissimas Do nzellas
Saem a ver tambem taes galhardias,
Enchemse de Sóes viuos as janellas,
E de Estrellas as nobres galarìas:
De ver tal bizarria as Damas bellas,
Ardendo em castas flammas, ficão frias,
E enleuadas em ver tanto Narciso,
Entre amantes suspiros chorão riso.

134.

Hũas lançaõ sobr'elles mil boninas,
E Iasmins, & Açucenas derramando,
Parece, ò esparzir das flores finas,
Que as aluas mãos vão nellas esfolhando:
Se Crauos, & Cecens chouem beninas,
Suas faces gentìs, se está auultando,
Que em pedaços despenhaõ das janellas,
Delles no carmesi, no candor dellas.

135.

Outras, Redomas lìquidas enchendo
D'odoriferas aguas, com graõ brio,
Chuueiros de fragrancia estão chouendo
Em contente, & apraziuel desafio:
E flores, na belleza, & graça, sendo,
Rosas, que estão vertendo então rocio,
Se ostentaõ nesta acçaõ contente, & léda,
Fogo arrojando em lenta lauarèda.

Entraõ

136.

Entraõ todos no Templo preferido
Co as Varas, que affectou nobre cobiça,
Crè delles cada qual de presumido,
Se justiça naõ he, que tem justiça:
Entra cada qual delles tão luzido,
Que delles supperado o Sol se ecliça,
E todos, co este fausto taõ notorio,
Tem contente, & suspenso o Auditorio.

137.

E póstos ante o Altar sacro, & diuino,
Ardendo o Templo em fógos, & prefumes,
Em quanto o Coro entoa vario Hyno,
E Erostràto parece o abrasa em lumes;
Cada qual com tumulto, & amor fino,
D'alma nos olhos dando alli vislumes,
Espera cheo d'ansia, & de temores,
Que sua Vara lhe dè fructo de flores.

138.

Tal hâ, que altiuo cobra confiança,
Crendo, que sô por tella mais mereça,
Que se verde se pinta a Esperança,
Não he muito o que he verde, que floreça:
Outro, vendo em Ioseph, que Flores lança
Entre a dourada Relua da Cabeça,
Teme, que as Flores della a Vara acquira,
Pois vé, que aos mais nas partes se prefira.

139.

Em fim,que cada qual diſcurſos varios
Phantaſia entre ſy por varias vias,
Temeſe cada qual de ſeus contrarios,
Temendo hauer nos mais mais biſarrìas:
Hum julga os juizos ſeus por temerarios,
Quando fórma confiadas phantaſias,
Outro, quando outros moſtraõ confianças,
Por necias lhe aualìa as eſperanças.

140.

O Pouo todo os olhos promptos tendo
Nas Varas, para ver qual florecia,
Eis que do Graõ Ioſeph a Vara vendo,
Vem,que toda de Flores ſe cobria:
Paſmão de caſo ver tão eſtupendo,
Mas cheos de prazer,& de alegria
Os parabens lhe dão,entre mil viuas,
Abraços,& caricias exceſſiuas.

141.

Vê ſua Vara,& paſma juntamente
Ioſeph,que a de Moyſes era repára, Exod. 4.
Pois de ſeca a vê jà verde ſerpente,
Que de pintas de flores ſe eſmaltára:
Se eſta não he,que a Vara florecente
Da Raiz de Ieſſé,crè,que he tal Vara, Iſai. 11.
E que ſe he a ſua,vè,que o Ceo propicio
Aos mais humildes faz mòr beneficio.

142.

Os mais, vendo fruſtrado o altiuo intento,
E que ſò de tal bem Ioſeph foi dino,
Conſiderando ſeu merecimento,
Nenhum queixume faz de ſeu deſtino:
Mas, por ſe acompanhar d'outro portento
Eſte de florecer o Ramo fino,
Hũa cándida Pomba abrindo os ares
Pouſar vem entre as flores ſingulares.

143.

Recréſſe a admiraçaõ com fauor tanto,
E Ioſeph, mais que os mais, marauilhado,
Com peito alegre, & com affecto ſanto,
Indigno entre os de mais ſe ha confeſſado:
Entoa nouos Hymnos, nouo canto
No Templo o Sacerdocio ſublimado,
Rendendo a Deos as graças, pois piedoſo
Deu a Virgem taõ ſanta hum tal Eſpoſo.

144.

Sendo a Inueja vil da natureza
Do vento, que o mais alto mais combate,
Logrando Ioſeph dom de tanta alteza,
Nenhum lhe inueja hum bem de tal quilate:
Que hum magnanimo ſer, ſumma grandeza,
Transcende a regiaõ, que a inueja bate,
E a Virtude em Ioſeph, por mui ſobeja,
Remontaſe inda álem da meſma inueja.

Virtus magnanima caret inuidia.

Entra

145.

Entra a noua por dentro da clausura,
Onde a Virgem Celeste se encerraua,
Que alegre a aceita, em Deos com alma pura,
Porque então de seu voto mais fiaua:
Alegrase de ter tanta ventura,
Que a Ioseph por Esposo o Ceo lhe daua,
E a Deos o pensamento, & as mãos leuanta,
Dandolhe graças mil por merce tanta.

Suar. sect. 1. disp. 7.

146.

As illustres, & Virgens companheiras,
Tanto que ouuiraõ noua tão preclara,
Tratando cada qual ser das primeiras,
Vem dar os parabens á Virgem rara:
Ella lhos gratifica em mil maneiras,
Expondo alegre a pudibunda Cara,
E o peito despenhando em mil pedaços,
Com perlas paga os pùdicos abraços.

147.

As que chegaõ primeiro, á Virgem bella
Abraços com prazer rendem prudente,
E as de mais, que não podem dalos nella,
Nas que a tem abraçada os dão sómente:
Cingida fica a Angelica Donzella
D'hum cinto de Planetas refulgente,
Quando dos braços em aneis suaues
Engastaõ esta Perla as Damas graues.

148.

Qual em ramo gentîl Rosa cercada
De boninas diuersas, & fragrantes,
Que se vè das propinquas só tocada,
E as propinquas tocadas das distantes:
Tal a de Ierichô Rosa encarnada,
Entre as Virgìneas Flores mais brilhantes,
Em Ramalhete està chouendo amores,
Entre Flores cercadas d'outras Flores.

149.

Postradas a seus pés, plantas diuinas,
Tanto que deixão liure a Virge intata,
Borrifando Mininas a Mininas,
Cada qual a alma em pèrolas desata:
E sentindo já então saudades finas,
Mil ternezas lhe expoem com boca grata,
Em pranto, & voz lançando, em taes querellas,
Flores por Crauos, Perlas por Estrellas.

150.

Tomaas da mão a Virgem milagrosa,
E humilde as leuanta agradecida,
Ellas entre prazer, & ansia penosa,
Rim na presença, & chorão na partida:
Em pàlido junquilho a Tyria Rosa
Expoem no Rosto bello conuertida,
Que entre brando prazer, tormento duro,
Sentem no bem presente o mal futuro.

Sentir

151.

Sentir o que ſe ſente, he ſentimento,
Que já até donde chega ſe exprimenta,
Mas temer padecer hum graõ tormento,
Muito maior rigor ſe repreſenta:
O receo d'hum mal, no penſamento,
Mais do que o meſmo mal a alma atormenta,
Que em toda a grande dor, tormento feo,
He menor o perigo, que o receo.

152.

Paſſa o de mais do dia a Virgem bella
D'Anjos da Terra, & mais do Ceo cercada,
E as horas, em que em Ceo conuerte a cella,
No Ceo conuerſa, em Deos arrebatada:
O Eſpoſo da Santiſſima Donzella,
Entre a juuenil Turba congregada,
Sacerdocio, & o de mais Pouo propicio,
Se foi do Templo ſacro ao nobre Hoſpicio.

DOS DESPOSORIOS
DA VIRGEM
SENHORA NOSSA
com S. Ioſeph.

CANTO VI.

ARGVMENTO.

DOs ſantos deſpoſoriós chega o dia,
E vê a Virgem no Ceo ſinaes crauados
De altos myſterios, nella executados,
E como o voto ſeu conſeruaria:
Vê dos Ceos eſſa excelſa galaria,
E o eſtado dos Bemauenturados,
E quando a benção lança aos Deſpoſados,
Do Leuita ouue varia prophecia:
Dãolhe muſica os Anjos ſoberana,
Tem colloquio celeſte a Virgem rara
Neſſe dia co Eſpoſo a ſanto intento:
Apparecelhe em bella forma humana
A Pureza, que a darlhe ſe prepara
Capellas de jaſmins do Firmamento.

Deſ-

1.

DEspe a tùnica Phebo d'ouro fino,
E menos louro já, que rubicundo,
Desse Etherio penhasco cristalino
Se arroja a se banhar no Mar profundo:
Despois que entra no golfo Neptunino,
Ficando elle sem luz, sem alma o Mundo,
Thetis, que morto o vè, benigna, & grata
Dá a seu cadauer d'ouro, éça de prata.

2.

O Ceo o acompanha à sepultura
Com mil tochas de prata scintilante,
Chora, arrastando luto, a Deosa escura,
De que he Plutão marido, & foi amante:
As Flores, que no campo entre a verdura
São de Flora Republica fragrante,
Morrendo de paixão nestas querellas,
Se vão em corpo, & alma, a ser Estrellas.

3.

Cheo o Mundo de luto, & de queixumes
Trata fazer ao Sol exequias graues,
As Estrellas lhe dão cirios, & lumes,
E os gemidos lhe dão nocturnas Aues:
Daõlhe os Campos piuetes, & perfumes,
Philomenas os Musicos suaues,
Que, sem ser tempo então, lamentão junto,
Por prodigio cantando ao Sol defunto.

4.

Mas dura pouco o luto de tal morte,
Que logo ſe enche o Mundo d'alegria,
Que veſtindo Diana argenteo còrte,
Da tumba de criſtal reſurge ao dia:
He na morte do Sol, Sol nouo o Norte,
Que co as Guardas de luz Rey ſe aualia,
E a Noite, que de Eſtrellas ſe coroa,
Das mais noites Rainha ſe pregoa.

5.

Tanto que o Ceo de pâginas immenſas
Abre o alto, & azul liuro da Eſphera,
Que em typos de criſtal, de prata emprenſas,
Letras d'ouro acquirio, que a noite géra;
Vibrando a Virgem rara graças denſas,
Pondo os olhos nos Aſtros, que ſuppéra,
De ſeu retrete, que arde em mil fulgores,
Lè nas letras de luz de Deos louuores.

6.

Alli poſta de joelhos, penetrando
Co Eſpirito gentìl a Aula mais rica,
Em Deos, todo ſeu bem, ſe eſtá eleuando,
Que ſua Alma engrandece, & glorifica: Luc.1.
Chouendo graças, graça lhe eſtá dando,
Pois co eſtado nupcial a qualifica,
Ficando ſempre firme o ſacro voto,
Fauor, té aquelle tempo, ao mundo ignoto.

Neſte

7.

Neſte ſanto exercicio, orando, paſſa
A mòr parte da noite a Virgem pura,
Pondo os olhos no Ceo pella vidraça
Da janella da Angelica clausùra:
Neſte tempo, em que eſcala os Ceos cõ graça,
Com preces, com pureza, & fermoſura,
Abremſe mais fulgentes, que o Topacio,
As Portas do celeſte, & alto Palacio.

8.

D'incorruptiuel Cedro, chapeadas
D'ouro, jacintos, perlas, & diamantes,
Eſtão as ricas Portas ſuſtentadas,
Em quicios de manilhas rutilantes:
Pella parte interior tem figuradas
Hiſtorias, que haõ de ſer, & foraõ d'antes,
E entre os mais, de Iudá o Tribu amado
Se oſtenta em mil myſterios dibuxado.

9.

Eſtaua, entre outras mais ricas pinturas,
Hũa Virgem gentìl, pura, & fermoſa,
Que em Deos poſtas as ſacras luzes puras,
Daua a hum nobre Varão a mão de Eſpoſa:
Hũa Vara com flores de miſturas
Tinha o Eſpoſo, & a Virgem milagroſa
Hũa Palma na mão, que hũa Açucena
Fazia florecer na mão ſerena.

Hũa

10.

Huma càndida Pomba as azas bellas
Sobre o ſanto Conſorcio airoſa abria,
E fazendolhe alli ſombra com ellas
Rico docel de plumas lhe fazia:
Por cima do portento das Donzellas
Hũa pendia letra, que dizia:
Ezech.44 Do Ceo Porta, & ſobr'elle outra com alma,
Pſalm.91. Que diz: florece o juſto como a palma.

11.

Conhece a Virgem ſeu Retrato raro,
E o de Ioſeph, da vara pellas flores,
Faz naquelles myſterios graõ reparo,
Crendo, que erão do Ceo nouos fauores:
Quanto lhe reuelou o Ceo preclaro
Vè naquelle dibuxo, & em ſeus lauores,
E como o deſpoſorio milagroſo
Ha de ſer Virginal, ſanto, & ditoſo.

12.

Dentro do alto Palacio criſtalino,
Que ſobre o Mobil Primo reſplandece,
Cujas paredes ſaõ de criſtal fino,
Se o tecto de Topacios ſe guarnece,
Hum Throno ſe leuanta peregrino,
3.Reg.10. Que o do Rey Sabio abate, & lho eſcurece,
Pſalm.88. Feito d'ouro, Pyrópos, & Diamantes,
De Rubìs, & Iacintos rutilantes.

Sobre

13.

Sobre noue degraos ſe ergue, & ſublìma
Tão alto, que co Vacuo confinaua,
E no ſupremo a Cauſa Eterna, & Prima
Por hum modo inefauel ſe aſſentaua:
Alli na ſacroſanta Face opima,
Como em lùcido eſpelho, ſe enleuaua
Soma innumera alada, & em doce canto
O Trypodos lh'entoa, Santo, Santo.

Pet. E

14.

Em cada hum dos degraos, que o pauimento
Tem de fino criſtal, d'ouro crauado,
A quem trata imitar o Firmamento
Quando eſtá de Aſtros ricos marchetado;
Innumero, & luzido Ajuntamento
De differente, & bello Choro alado,
Em vario miniſterio, em tono altiuo,
Se occupa de contino em louuor viuo.

15.

E em degrao cada Choro differente,
Conforme a ordem tem, conforme os dotes,
Louuando ſempre ao Ser Omnipotente
Eſtão, como celeſtes Sacerdotes:
Huns tocão cithras d'ouro deſtramente,
Outros harpas, viólas, & fagotes,
E ô ſom dos inſtrumentos, que alli tocão,
Todos a doces vozes ſe prouocão.

16.

Da Eterna Omnipotencia Vnica,& Trina
Na Visaõ Beatífica enleuados
Se vèm na luz, que vence ao Sol, diuina,
Em golfos de prazeres çoçobrados:
E tresuertendo a gloria peregrina,
Estão do abismo dellas admirados,
Logrando aquelles pêlagos profundos
D' inefauel prazer, gostos jocundos.

17.

Alli das tres Pessoas Sacrosantas
Deos a alta distinção lhe communica,
E sem nenhum cegar em luzes tantas,
Ve, que a luz, em que cega, olhos lhe aplica:
Alli, com serem tres Pessoas santas,
Vèm, que ha nellas sò hũa Essencia rica,
Vèm taes segredos, vém mysterios tantos,
Que a admiração, tal vez, lhe absorue os cãtos.

18.

Alli vèm como o Padre Omnipotente
Gèra ab æterno o Filho Sacrosanto,
E como delles ambos juntamente
Tambem procede o Paraclèto Santo:
Alli vendo o futuro, & o presente,
Como em fùlgido espelho, estão, em quanto
A Summa Omnipotencia lho permite,
Que huns a penetrar mais, que outros, admite.

Da

19.

Da Terra, là nos Ceos, à Virgem bella
Està vendo, o que os Coros sobre humanos
Em Deos vem lâ no Empyrio, que da Cella
Vé mais que elles nos Thronos soberanos:
Que se a Deos vio Moyses, he claro, que Ella, Exo. 19.
Que escolhida he no Mũdo entre os humanos,
Melhor do que elle o vio, pois preferida
He nas graças, nas obras, & na vida.

20.

Vè Iacob, quando dorme peregrino,
Na Escada, que do Ceo rica pendia, Genes. 28.
No degrao mais supremo ao Ser Diuino,
Que sua sacra Visaõ lhe concedia:
Assi no Throno, mais que d'ouro fino,
Sobre o vltimo degrao a Virgem via,
Melhor do que Iacob no fim da Escada,
Ao mesmo Deos, que della mais se agrada.

21.

Dos Noue Coros de Anjos, que assistião
Nos degraos dilatados, & excellentes,
Muitos com azas d'ouro descendião,
A postrarse a seus pès, dos Ceos luzentes:
Em musicas louuores lhe rendiaõ
Sustentados nos ares transparentes,
E a Virgem dando a Deos altos louuores
Se admira de lograr tantos fauores.

Mas

22.

Mas ao ſahir das Aulas Mageſtoſas,
Em riqueza,& prazer ſem ſemelhantes,
Não da cor das viôlas, mas das roſas,
Vem muitos Seraphins decendo amantes:
E os vltimos,cerrando as luminoſas
Portas crauadas d'ouro, & de diamantes, Ezech.44.
Tratão,do Ceo,que a viua Porta bella
De ſeus Sôes feche a gémina janella.

23.

Parte a Noite jà o curſo pello meo,
E a Virgem, que atè então orando eſteue,
O leito virginal de honeſto aſſeo
Trata occupar por hum eſpaço breue:
Poucas horas Morphèo ſeus sôes deteue,
(Qual ao Sol Ioſué) quando do feo Ioſ. 2.
Plutão enrôla a Eſpoſa o negro manto,
Que tanto Anjo raſgou com fulgor tanto.

24.

Tanto que a Noite jà de roubar trata,
Porque a Aurora não logre eſte theſouro,
Tanto pedaço ao Ceo d'etherea prata,
Que herdou,quando morreo,de Phebo louro:
E feita do azul Ceo negra Pyrata
De diamantes ſe vai cargada,& d'ouro,
Gritaõ à Aurora então canoras Aues,
Que venha obſtar da Noite aos roubos graues.

Acode

25.

Acode a Aurora então, que das boninas
O leito, em que jazia jà deixaua,
E por entre amenissimas cortinas
De flores, que por pontas lhe aplicaua,
As Faces descobrindo cristalinas,
De Prosèrpina o roubo a ver chegaua,
E apoz della a lhe obstar logo partindo,
Com farpoens de cristal a vai ferindo.

26.

Mais a Ethìope Deosa se acellera
No furto, que nos Astros executa,
Vẽdo, q̃ a Aurora em luz banhando a Esphera
Sóbe ao Ceo a lhe obstar com pressa muta:
Entre as nuuens a encontra, onde se esmera,
(Vendo, que em lho largar tanto reluta)
Em ver se restaurar podia ainda
Das Estrellas o roubo a Aurora linda.

27.

Não larga o furto a Noite, mas correndo
Se vai com elle, dando à Aurora queixa,
E o sangue, que ferida vai vertendo,
Nas nuuens, que roxea, impresso deixa:
Como a Alua absente a vio, perlas chouendo,
Com que assea no vulto a aurea madeixa,
Que nelle solta ao vento se esparzia,
Dandolhe d'ouro mobil zelozia.

Ao

28.

Ao campo dece logo, & vendo as flores,
Que a Noite colhe, & que deixou fugindo,
Compensa co as boninas superiores
Os Astros, sem que fica o Ceo mais lindo:
Tal vez, vendo as que tem càndidas cores,
Crê, que a Noite as Estrellas sacudindo,
As fez cahir nos prados, que as boninas
Se lhe antolhaõ Estrellas peregrinas.

29.

Tanto que nesta airosa competencia
A negra, & a branca Deosa se occupàra,
E de Venus a Estrella alta assistencia
Fez, como precursora, à Manhãa clara;
Estrellas de mais cèlebre excellencia
Madrugaõ a assistir á A lua mais rara,
Entrando com desuello, por seruilla,
A assealla, a compolla, & a vestilla.

30.

E mui custosas galas lhe aplicando
De cores, & de còrtes elegantes,
Da Aurora, como á Aurora, lhe estão dando, Cant.6.
Roxas, & brancas Nuuens rutilantes:
De branco, & d'encarnado a asseando,
Com branca tèla, & purpuras brilhantes,
Em tudo Aurora fica, & as Damas bellas,
Que a Aurora restaurou, viuas Estrellas.

31.

De mil laçadas d'ouro dibuxada
A vâſquinha de purpura excellente
Campo roxo ſe oſtenta, figurada
De ſulcos d'ouro,& perlas juntamente:
Hum armador de tèla prateada
De feitio veſtia condecente,
Que quiz neſta occaſiaõ foſſe o veſtido
Das cores de ſeu Roſto preferido.

32.

O cabello, que ao ouro excede em bello,
E do Bombiz o fio excede em fino,
He tal, que o ecco diz de ſeu cabello
Qual ſeja ſeu cabello peregrino:
As Damas, que lhe aſſiſtem com deſuello
Veſtindo o talhe ſeu bello,& diuino,
Recolhendoo em tranças peregrinas,
O cobrem de rubìs, & perlas finas.

33.

He tal a fermoſura, que Ella goza,
Que ſeu Roſto as exime de trabalho,
Que nelle a torpe Neue,& a falſa Roſa,
Nunca a Roſa fingio chea de orualho:
Deſpois, que já aſſeada a mais fermoſa
Dama ficou, que o Sol por vario atalho
Ià nunca deſcobrio do Ceo luzente,
Se reuè nella o Coro preeminente.

34.

Mas eis, que entre prazeres, & desgosto,
Sentindo sua absencia endurecida,
D'aljofres bôrdaõ logo o niueo rosto,
A alma expondolhe nelles derretida:
As rosas, & jasmins, de que he composto
O Rosto celestial, tambem sentida,
Borrifado de perlas lh'offerece,
A Virgem, que esta absencia já padece.

35.

E os dous vnîdos crauos diuidindo,
Coraes, que conchas saõ de perlas bellas,
Que da boca no Ceo fragrante, & lindo
Constellaçaõ parecem ser de Estrellas;
Doces amigas, diz, se estaes sentindo
Minha absencia, formando essas querellas,
Ah! que não sinto Eu menos a inclemencia
De me arrancar de vós, forçosa absencia.

36.

Se não fora do Ceo sacra vontade
Absentarme, & sahir desta clausura,
Em vossa companhia, & amizade
Tiuera o viuer sempre por ventura,
Que vossa gentileza, & sanctidade,
Vossos termos gentìs, vossa brandura,
De tal maneira em vôs me tem captiua,
Que sem morrer por vòs, sei que não viua.

37.

Mas naõ me vou, Amigas d'alma minha,
Inda que hirſe parece quem ſe parte,
Que quem parte, partindo a alma, que tinha,
Não ſe parte ao partir, pois parte em parte:
Com tal goſto com voſco me entretinha,
Que ſe vida tiuer quando me aparte,
Serâ, porque partindo a ſaudade,
Metade deixarei d'Alma em metade.

38.

Diſſe: & ao ſom dos vltimos accentos
Da doce voz, por penhas criſtalinas
Dous arroyos d'aljofres opulentos
Vem regando ameniſſimas boninas:
Tres vezes deſta abſencia os crueis tormentos
Padece cada qual deſtas Mininas,
Que co as dos olhos ſeus, cada qual dellas
Tres vezes chora em tres Mininas bellas.

39.

Mas já o Sol, que em tal dia ſe melhora,
Se ergue do leito azul do mar ſalgado,
A dourar a felice, & a fauſta hora,
Em que de caſa ſae Sol mais dourado:
De Eſtrellas vem cercada a viua Aurora,
A quem da Aurora o Sol acompanhado
Inferior ſe lhe poſtra, & o chaõ, que piza,
D'ouro, & prata Elle, & Ella lhe matiza.

40.

Com aplausos, com jubilos, com gosto,
Vem derramando alegres, & chorosas
As mais Virgens, com sancto presupposto,
Flores fragrantes, aguas mais cheirosas:
Cada qual, em seu bello, & niueo rosto,
Sobre jasmins, que nelle cercão rosas,
Tambem perolas verte, competindo
Mãos, & Rosto, agoa, & flores esparzindo.

41.

Aa porta vem chegando da clausura,
Onde, entre as Virgens mais brilhando vinha,
Qual entre as flores brilha a Rosa pura,
Ou qual entre as vassallas a Rainha:
Ao Portento maior da fermosura
Aqui das mais o pranto mais detinha,
Que por naõ se poder diuidir della,
Prendem d'alma em grilhoẽs a Virgem bella.

42.

Ella, dandolhe abraços saudosos,
Se despede da illustre Companhia,
Cos olhos se despede lachrymosos,
Que só d'alma co a voz se despedia:
E cuberta co manto, que os ciosos
Ceos darlhe de seu còrte parecia,
Té as Estrellas com elle o Rostro cobre,
Que entre esta Nuue azul tal Sol se encobre.

Daqui

43.

Daqui, entre Matronas preferidas,
Vem a Noiua de perlas, & de flores,
E o ſancto Sacerdocio com ſubidas
Vozes cantando vem a Deos louuores:
Entraua jà no Templo, de luzidas
Roupas Ioſeph trajado, que em primores
D'aſſeos de modeſtia, & compoſtura,
Vinha radiando em pùdica poſtura.

44.

Acompanhado vem dos Deſcendentes
Dos Tribus principaes, que perto habitaõ,
Que os mais Nobres ſe prezão de parentes
Seus, & do Tribu ſeu mais ſe acreditão:
Vendo todos feiçoens taõ excellentes
Na Virgem, que as de Eſtêr em pouco imitaõ,
Da belleza admirados, & do aſſeo,
Achão, que a Aurora he toſca, o Sol he feo.

45.

Saùdandoſe alli de parte a parte
Neſte encontro, que tem no Templo graue,
Ioſeph com ſua Eſpoſa o peito parte
Com caſtiſſimo amor, peito ſuaue:
A Virgem, por pagarlhe da meſma arte,
De ſeu peito lhe entrega a ſanta chaue,
Que ambos, com puro amor celeſte, & fino,
Dous Seraphins eſtaõ d'Amor diuino.

46.

Ioſeph, & a fermoſiſſima MARIA
Anjos ouuindo eſtão no Templo ſancto,
Cantarlhe glorias mil em prophecia,
Sem que outrem mais ninguem ouça tal canto:
Entre as viòlas d'ouro, & a melodia
Aſſiſte o Paraclèto ſacroſanto,
Reuendoſe na ſacra Deſpoſada,
De Dous Eſpoſa, & c'hum tão ſó caſada.

47.

Enlaça o Sacerdote as mãos ſerenas
Dos ſanctos Deſpoſados peregrinos,
Ofrecendo de duas Açucenas
Hum bello Ramalhete aos Ceos diuinos:
Quaes ſe vnem nos jardins Flores amenas,
Exhalando à porfia aromas finos,
Aſſi neſta vniaõ caſta parecem
Os Eſpoſos, que em puro amor florecem.

48.

Na Conjunçaõ dos dous Planetas claros
Felicidades mil o Ceo promete,
Que portentos do Ceo, myſterios raros,
Para influir no Mundo, lhes comete:
Tanto que poz os dous jaſmins preclaros
O Pontifice em caſto Ramalhete,
Dandolhe os parabens em prophecia,
Deſta ſorte, em voz alta, lhe dizia.

Bem

49.

Bem logrados sejaes Esposos santos,
Mais puros do que o Sol, que elle mais bellos,
Pois escolhidos fostes entre tantos,
Dos mesmos Seraphins para modellos:
Que em graças, & pureza excedeis quantos,
Competindo em volâtis paralellos,
Vos haõ de visitar com mil fauores,
Sendo entre Vôs, & Deos Embaixadores.

50.

Mathusalem atente em Vôs seus annos, Genes. 5
Iacob sua riqueza, & Ioseph atente
Em vòs, Ioseph, seus cargos soberanos, Genes. 41
Mas mais he ter a cargo hum Sol viuente:
Em Vôs, bella MARIA, em vèos humanos,
Se enuolua o Sol diuino, & refulgente,
Nuuem leue lhe sede, em que se moua, Isai. 19
Sendo a Nuuem, que ao Mũdo ò Iusto choua. Isai. 45

51.

O Vèlo de Gedeam seja figura, Iudic. 6
Que vos retrate, & inclua em seu mysterio,
E sede aquella Terra, Virgem pura, Psalm. 84
Que ô Saluador germine alto, & sydério:
Sede aquella Mulher, que em fermosura
Exceda ò Sol no lùcido Hemisphério,
E que vestida em suas luzes bellas, Apoc. 12
Calceis chapins de luz, touqueis Estrellas.

52.

Sede(pois hũa Virgem ha de ſer eſta)
A que dè complemento ás Prophecias,
Pois nenhũa outra as graças manifeſta,
Que oſtentão voſſas ſantas galhardias:
Sede aquella Donzella, que ſe apreſta
Em moſtrar verdadeiro a Iſaías, Iſai,7.
Virgem parindo,& Virgem concebendo,
Inaudita exceiçaõ das Damas ſendo.

53.

Sede a Eſpoſa daquelle ſacro Eſpoſo, Cant.4.
Que em voſſas perfeiçoens todo ſe emprega,
Que a outro, que vos guarde myſterioſo,
Por Cuſtodio,& por Anjo vos entrega:
Quando o Filho de Deos for victorioſo
(Dando a vida por nós)da morte cega,
Entregará ſua Mãy, que em Vós transluſo, Ioan.19.
A outro Filho, imitando eſte meſmo vſo.

54.

A Flor do campo cándida,& ſerena, Cant.2.
De Vòs, Roſa gentìl, honra do Prado,
Tome o rico encarnado de Açucena,
Que he da cor da Cecem voſſo encarnado:
Sede a Aue, que do Ceo venha ſem peña
No bico d'ouro d'hum Garçote alado, Luc,1.
Sendo qual Aue,& Flor canora,& bella,
Roſa dobrada ſendo, Aue ſingella.

Não

55.

Não quer Deos sua Esposa, que no Mundo
Sem Esposo resida venturoso,
E buscando o mais casto, & pudibundo,
Por Esposo a Ioseph vos dà o Esposo:
Callo o mais, que me inspira o Ceo jocundo,
Por me naõ ter alguem por fabuloso,
Sò o que digo de Vôs, Anjos humanos,
He, que heis de ver o fim de nossos danos.

56.

Lograi mil bens, que o Empyrio vos tribute,
E o que vossos Auòs tanto aspiràraõ, Genes, 49.
Em Vòs, sacra MARIA, se execute
Do modo, que elles já prophetizáraõ:
A bençaõ de Iacob se vos commute Genes. 32.
N'um Filho, que os mais todos naõ comparaõ,
Que sendo vosso Pay, & Filho vosso,
Vòs Virgem Máy sejaes, Elle Pay nosso.

57.

Os Ceos, que estão de Deos narrando a gloria Psalm. 18.
Por mil bocas de Estrellas, & fulgores,
E em papel de Zafir luzida historia
Compoem em letras d'ouro em seus louuores;
De Vòs façaõ desd'hoje alta memoria,
Na Chronica de tantos resplandores,
Para que lea o Mundo nas Estrellas
Tão puros Coraçoens, Almas taõ bellas.

Disse:

58.

Disse:& trocando em Deos as almas puras
Os Noiuos, que tu, Amor diuino, encalmas,
Nas mãos, que aluas Cecens tornão escuras,
Juntamente se daõ palmas, & Almas:
Preuendo nelles jâ glorias futuras,
O Leuita lhe poem nas sanctas palmas
Outras, como em sinal da grande gloria,
Que haõ de lograr com palmas de victoria.

59.

As Filhas de Syáo, d'agoas cheirosas
Borrifando a Ioseph, & á Virgem bella,
Fazem a agoa de flor, agua de Rosas,
Que estas saõ as que estáo chouendo aquella:
E inuentandolhe letras mais gloriosas,
Que as que a Dauid cantàraõ, se desuella
A Turba feminil em tonos graues,
Com lhe cantar mil musicas suaues.

60.

Logo, entre os Sacerdotes, & Nobreza
D'Israel, do gram Templo vem sahindo
O Varaõ justo, & o Auge da belleza,
O Sol por menos bello desluzindo:
Ella os Anjos excede em gentileza,
Elle cos Seraphins vem competindo,
Parecendo entre a Turba os castos Noiuos
Hũa Rosa, & hum Crauo entre mil goiuos.

Qu

61.

Qual no Anel, que em laçadas se adianta
De rica pedraria semeadas,
O Diamante no meio se leuanta,
Illustrando as riquissimas laçadas:
Tal, entre tanta Dama, & Perla tanta,
O Diamante das Indias sublimadas
(A sacra Virgem digo) parecia
No rico Anel da illustre Companhia.

62.

Enramadas estão as nobres Ruas
De ramos, & de flores preferidas,
Que vé Ierusalem as praças suas
Em florecidos bosques conuertidas:
Com ser dia, d'Estrellas, & de Luas
As janellas se ostentão guarnecidas,
Quem Estrellas veria, excepto agora,
Sahirem, quando sae a clara Aurora?

63.

Tinha este feliz dia o Ceo sereno
Roubado a Mayo em graça, & resplandores,
Pois amanheceo nelle o Prado ameno
Nas flores velho, & moço nos verdores:
Que da illustre Syão todo o terreno
Na alegria, boninas, & calores
Mostra, que em dia tal, com ledo ensayo,
Dezembro faleceo, resurgio Mayo.

64.

Do illuſtre Ioachim ao paço nobre
A multidão bizarra jà chegaua,
(Que hauer ſido Solar inda deſcobre,
Que elle em quanto foi viuo conſeruaua:)
Paredes,& janellas altas cobre
Rica tapeçaria,que oſtentaua
A Nobreza da Caſa antiga, & illuſtre,
Reſplandor d'Iſrael,de Syão luſtre.

65.

A rua,que ella occupa, ſe guarnece
D'Arcos triumphaes de verde, & freſca rama,
E delles cada qual então parece
Iris verde do Ceo da gentìl Dama:
Atys,& Cyparizo,que ſe ofrece
Nos pedeſtais,feliz cad'hum ſe aclama,
Por ter Daphnes então tornada em louro,
Entre flores cingida em laços d'ouro.

66.

Hum d'hũa parte,& outro da contraria,
Nos Arcos, que ſobr'elles ſe formauaõ,
Triumphante diadema de flor varia
Punha aos Noiuos gentìs quando paſſauaõ:
Chegando à porta jà de pedra Paria,
Os Virginaes Eſpoſos ſe voltauaõ
A dar a diſpedida cortèſmente
A taõ illuſtre,& taõ famoſa gente.

Fica

67.

Ficão cos ſoberanos Deſpoſados,
Por lhe fazer obſequio de parentes,
Alguns parentes ſeus dos mais chegados,
Que lhe mandârão d'antes ſeus preſentes:
Sobẽ à quadra, que quadros ſublimados
De tintas, & figuras excellentes
Aſſeaõ pellos altos das paredes,
Quando os vãos das janellas aureas redes.

68.

Collocados na purpura eſtendida,
A grande, & rica Meſa ſe preppara,
Que a da Aſſiria ſuppèra preferida,
Quando o amante Principe hoſpedàra:
Que ſe gaſta, & engaſta na comida
Hũa Perla ſem par vnica, & rara,
Outra Perla do Ceo mais bella, & rica
Deſta Meſa os manjares qualifica.

69.

Com dourados gomìz d'ouro em baixellas
Agoa às mãos logo dão os Meſtreſalas,
Seguemſe, deſpojando as eſpinhellas,
Pagens gentìs, que veſtem ricas galas:
Entre os manjares mais, que trazem dellas,
Naõ vem, ſendo jâ tempo de goſtalas,
(Por prohibirlhas da Ley a ceremonia)
Tenras netas da fera Calydonia.

Mas

70.

Mas vèm em muitas formas transformado
De Dèdalo o ſobrinho, que inuentàra
A Serra, por quem deixa o pouoado,
Pois o monte, & a ſerra inda lh'he chara:
De Nino a Mãy, em calido guiſado,
Vèm na Aue, que de fel ſe izenta rara,
E Argos, que conuertido em pluma graue,
Ainda no manjar ſe incha ſuaue.

71.

De tão varia iguaria entre a grandeza
Vem o inchado Perù ſymbolizando,
Que o banquete hum Perù era em riqueza,
Com que ſe eſtá nos fauſtos oſtentando:
Tambem, por variar, ſe poz na Meza
A Aue d' Iphis, que a noite ouue cantando,
Deſpòis que de Meleagro a irmãa vinha
Por gala dos guiſados na Galinha.

72.

Os Capoens, que ceuados ſe cozinhaõ,
Como os vêm pôr na Meſa os Conuidados,
Que cerejas com elles tambem vinhaõ,
Cuidaõ, vendo, que vem taõ cereijados:
Entra, entre os mais, que alli chegado tinhaõ,
O picado, picado cos guiſados,
E o desfeito, que foi por goſto feito,
Qual goſto, junto vem feito, & desfeito.

73.

Os deſcendentes d' Acteon, & do Sino
De Dezembro os filhinhos naõ faltàraõ,
Nem do Animal do aureo Velocino
Os deſcendentes por guiſar ficáraõ:
A Dama, que Argos guarda peregrino,
E o Deos, que á Europa rouba, aqui chegáraõ,
Que vem de nouo em brutos transformados,
O numero augmentando dos guiſados.

74.

Outros muitos manjares ſe ſeguìraõ
De varia ſorte, & prato differente,
A quem os perrexìs o goſto abrìraõ,
Que dá o agre, tal vez, goſto excellente:
Lacticinios diuerſos aſſiſtìraõ,
Conſeruas temperadas ricamente,
Doces de varia ſorte, & em prato franco,
Ambroſia celeſtial, ou manjar branco.

75.

No diuerſo das fructas ſuperiores,
Sobre as Meſas de flores guarnecidas,
Se viaõ junto eſtar pomos, & flores,
Quem vio flores cos pomos nunca vnidas?
Da marlota, que veſte de lauores,
Exhalando fragrancias preferidas,
Vinha o Melão, que piuidoſo falla,
E que sò diz quem he, quando ſe calla.

No

76.

No fim da rica Meſa (em que aſſiſtiaõ
Sò conjunctas Parentas, & Parentes,
Onde Ioſeph, & a Virgem preſidiaõ
Em lugares diſtinctos, & decentes)
Tres biſarros Mancebos ſe ofreciaõ
Nas mãos com inſtrumentos differentes,
Veſtidos de marlotas elegantes,
Turbando o Sol cos fùlgidos turbantes.

77.

Hum toca hum Crauo d'ouro, & parecia,
Que hum Crauo a outro Crauo entaõ tocaua,
De ſeis hũa Viòla outro tangia,
E hũa flor tocar outra ſe antolhaua:
Outro toca com deſtra biſarria
Hum Alaùde rico, & concordaua
O ſom deſte, & daquelles inſtrumentos,
Nas vozes, nas poſturas, nos accentos.

78.

Pondo em admiraçaõ aos Conuidados,
Que com Ioſeph tambem junto ſe eſpantaõ,
Deſpois de os ter corteſes ſaudados,
As vozes ſuauiſſimas leuantaõ:
Que dos deſtros deſcantes dedilhados
Ao ſom, deſta maneira airoſos cantão,
(Parecẽdo que Arion, Orphéo, & Amphiont
Deixão pella Cidade o Mar, & o Monte)

Ent

79.

Entoe o Ceo,& a Terra nouos Hynos,
Entoe o Mar,& os Rios tonos ſantos,
E em choreas,& ternos peregrinos
Ajudem eſte Terno a eternos cantos:
Pois hoje aos Deſpoſados mais diuinos,
Que em pureza, & nobreza excedem quantos
A Terra, o Ceo,o Mar nunca ha logrado,
A Hyminèo virginal ſe haõ conſagrado.

Pſalm.92.

80.

Paſtores das Montanhas ſublimadas,
Que neſſes de Zafir azues Outeiros
D'Ouelhas de criſtal guardais manadas,
Entre Cabras de luz,d'ouro Cordeiros:
E vòs,que neſſas Serras leuantadas
Vaqueiros,que veſtis ricos vaqueiros,
Touros guardais,colhei flores,& goiuos,
E vindeos derramar ſobre taes Noiuos.

81.

Os Rebanhos deixai neſſe azul Prado,
Que inda que haja Leoens,Rapoſas haja,
Rafeiros tendes là guardando o Gado,
A quem o Sol de ruiuo o pelo traja:
Para paſſar o golfo ſublimado
Tendes a Barca d'Aſtros,que auantaja
A Nao Argos,& aqui porto tomando,
A darlhe os parabens vinde cantando:

82.

Trazei nas mãos a Lyra preeminente,
Que d'Orphèo tendes lâ nos montes graues,
Cujo Tampaõ de Eſtrellas refulgente,
Rayos d'ouro, por cordas, tem ſuaues:
E em acordada voz, tono contente,
Vinde, como na Aurora as ledas Aues,
A dar os parabens comnoſco agora,
A Luzeiro melhor, mais bella Aurora.

83.

Quem vio o Crauo, & a Roſa entre as boninas,
De gentìs admirar, fragrando amores?
Quem vio entre as Eſtrellas criſtalinas
A Lua, que as excede em reſplandores?
Daquelles, ſe em alfombras peregrinas,
O retrato quer ver, veja os primores
De MARIA, & Ioſeph, & ſe a figura
Quer ver deſta, contemple a Virgem pura.

84.

Neſte dia gentìl os Ceos ſerenos
Nouas feſtas innouaõ, cultos nouos,
Eſtão Prados, & Boſques mais amenos,
Mais contente o Deſerto, & mais os Pouos:
Nos Mares os ſeus grandes, & pequenos
Incolas, dando n'agua mil corcouos,
Bailes fazendo em liquidas eſcòlas,
Sobre as ondas leuantão cabriòlas.

Daniel. 3.

Tudo

85.

Tudo ſe alegra em taõ ditoſo dia
Em auſpicio de graõ felicidade,
Porque em Noiua de tanta galhardia
Eſperamos do Mundo à liberdade:
Sendo objecto de tanta Prophecia,
Nos porà Ceo, & Terra em amizade,
Porque nella, ſe dantes a não tinha,
Ella tenha Aduogada, elle Rainha.

86.

Aqui deſapparecem de repente,
Vozes callando junto, & inſtrumentos,
Em quanto o Ecco no tecto refulgente
Repete alegre os vltimos accentos:
De Giges o Anel, que antigamente,
D'inuiſibilidade fez portentos,
(Que do fino Eliotropio ſe guarnece)
Que poz o rico terno, entaõ parece.

87.

Por homens os tem todos, mas a rara
Pheniz, que tem no Ceo comercio vfano,
Em lhe pondo os dous Sòes da linda cara,
Logo conhece o Terno ſoberano:
Era eſte aquelle Terno, que hoſpedàra
Hum ſeu ſublime Auô em traje humano, Geneſ.18.
Que mandado por Deos do globo ſanto,
D'hum Duo vem a ſer Terno de canto.

88.

Daõ graças logo, & todos juntamente
As daõ (despois de as dar) aos Noiuos santos,
E delles cadaqual em Deos contente,
Lhe torna nas razoens doutos encantos;
Da Turba dos Ministros diligente,
Huns leuantando vaõ manjares tantos,
Outros daõ agua âs mãos, que em exercicio
Diuerso, cada qual faz seu officio.

89.

Ficase certo espaço conuersando
Em propositos dignos de memoria,
Hum está nouos casos memorando,
Outro do tempo antigo illustre historia:
Entre outras, que se alli foraõ contando,
Recita a de Iacob com grande gloria
Hum dos mais anciaõs dos Conuidados
Lido em varia liçaõ, & Annaes sagrados.

90.

Alli diz, como sendo a mais fermosa
Pastora a alta Rachel, que então hauia,
Por Labão concederlha por Esposa,
Sete annos de Pastor Iacob seruia: Genes.29.
E como conuertida a neue em rosa
Co graõ calor do Sol n'um certo dia,
Vinha para Sichem com seu rebanho,
Por lhe apagar a sede em Sol tamanho.

91.

Como junto da fonte criſtalina
Tratando eſtaõ entaõ muitos Paſtores
De remouer a pedra, que a domîna,
Sem que lograr pudeſſem ſeus licores:
Porèm vendo Iacob, que a peregrina
Rachel vem, de gentìl chouendo amores,
Ià decendo da ſerra para a fonte,
Leuanta a grande pedra, & nella hum monte.

92.

Mas quando remouella então procura,
Sendo impoſſiuel quaſi á força humana,
Ao tempo, que leuanta a pedra dura,
Que hum impoſſiuel faz, ſe deſengana:
Fica co a campa ao hombro, ou ſepultura,
Que morto pella prima ſoberana,
Quer neſta acçaõ moſtrar â Dama bella,
Que atè morto impoſſiueis faz por ella.

93.

Deſcobre o tanque, & bebem ſeus licores
As ouelhas, que traz à limpha fria,
Bebe Iacob fermoſos reſplandores,
Que de ver a Rachel em ſede ardia:
Bebe o gado tambem dos mais Paſtores,
Deſpois que o de Rachel bebido hauia,
Que foi do bem commum cauſa excellente
Ser fermoſa Rachel, Iacob valente.

94.

Agradecelhe muito a Prima altiua
Eſte extremo, eſte amor, eſta fineza,
E na cor rubicunda a Roſa viua
Moſtra, quanto a penetra eſta proeza:
No roſto, que os jaſmins de candor priua,
Em mais fino papel, que o de Veneza,
Lè Iacob gratidoens, que Amor eſcreue
Em rùbricas de grãa, papel de neue.

95.

O Coraçaõ lhe moſtra agradecido
A Paſtora gentíl, ardendo em goſto,
Que do peito ás gentìs faces ſubido
Lhe expoem o Coraçaõ na cor do roſto:
Qual Vidro tranſparente, que cingido
De carmim, toma a cor do roxo oppoſto,
Tal o Criſtal do roſto enuolto em flores
Transluz do Coraçaõ as Tyrias cores.

96.

Iacob, por ſe pagar de ſeu ſeruiço,
Pello pacto, que tem com Labão feito,
(Se he ſeruir por amor regallo, & viço)
Quer ficar duas vezes ſatisfeito:
Pagaſe de Rachel, bello feitiço,
Que ſerue de a ſeruir com alma, & peito,
E de Labaõ pagarſe quer no gado,
Da ſoldada, que he premio duplicado.

97.

E porque era o partido, que os Cordeiros,
Que nacessem das mäys assinalados,
Ficassem de Iacob todos inteiros,
E do Tio, os que saõ, sem ser manchados;
Despindo as tenras varas de hũs Salgueiros,
De Sanguinhos, & Platanos copados,
Das camizas se val natiuas suas,
Que por vestirse, as plantas deixou nuas.

98.

E as tùnicas destas, & outras varas,
Que despidas ostentaõ varias cores,
Quando leua a beber ás aguas claras
O rebanho, em cesaõ de seus amores;
Lhas lança na corrente das preclaras
Fontes, porque lhe exponhaõ seus licores
Cores, que ao conceber estando vendo,
Fiquem filhos manchados concebendo.

99.

Como desta maneira o Pastor nobre
Acquirio muito gado, & graõ rebanho,
Ficando muito rico, se era pobre,
Pois tirou do segredo hum bem tamanho:
Acabaõse os sete annos, & descobre
Labaõ o engano vil, & lhe agua o ganho,
Com lhe negar a Prima, que elle adora,
Da harpa do coraçaõ prima sonora.

100.

E em lugar da Paſtora, que ſe aſſea
Das môres perfeiçoens do tempo antigo,
Pella filha fermoſa, dalhe a fea,
O galardaõ tornandolhe em caſtigo:
Sôlta o Paſtor o peito em larga vea,
Vendo, lhe dà Labam, como inimigo,
Lia, em cujo ſubjeito ſe naõ lia
Regras d'amor, liçoens de galhardia.

101.

E tornando a ſeruir outros ſete annos,
Para vir a alcançar a Prima airoſa,
Mais meritos fazendo dos enganos,
O que padece n'uns, nos outros goza:
Parecemlhe fauor os mόres dannos,
Que em que eſtes feos ſaõ, he tão fermoſa
A Paſtora, que adora, & ver anhella,
Que feo mal naõ ha, como ella he bella.

102.

No fim dos dous ſetenos ſe melhora
Seu amoroſo mal, & febre amante,
Paſſada tanta noite logra a Aurora,
Paſſado tanto mal, bem taõ preſtante:
Como a Rachel alcança, a quem adora,
Iá rico, jà felice, & já triumphante,
Para voltarſe alegre ſe prepàra
Com ſua chara Rachel á Patria chara.

103.

Ella, que de Labaõ ſeu Pay ſabia,
Que Idolos d'ouro tinha, que adoraua,
Lhos rouba, & desfazellos pertendia, Geneſ, 31
Por tirarlhe occaſiaõ, que tanto aggraua:
E vindoſe na doce companhia
Do illuſtre Eſpoſo ſeu, que muito amaua,
Se ella os Idolos d'ouro ao Pay trouxera,
Idolo de criſtal de Iacob era.

104.

Aſſi chega à ſua Patria o Patriarca
Cheo de gloria, & cheo de riqueza,
D'imperios de prazer feito Monarca,
De Rachel cos imperios de belleza:
Chegando, della toda o ſitio abarca
Cos rebanhos, co a caſa, & co a grandeza,
E alli ſe fica rico, & venturoſo,
Deſpois de taes trabalhos taõ gozoſo.

105.

Aqui poz fim à hiſtoria o que a recita;
Eis, que outro, logo alli, Varaõ ſciente
Reſpondendo, lhe diz, tenho por dita
Paſſo ouuir recitar taõ excellente:
Hum Propheta, que ha muito o Seyo habita
D'Abraham, que aplicou antigamente
Eſſa hiſtoria, ouui jà, ao Graõ Meſſias,
Que diſſe naceria em noſſos dias.

Ouui,

106.

Ouui, que dizia elle, que figura
Era Iacob do Eſpoſo ſacroſanto,
Como Rachel daquella Virgem pura,
De que Iſaìas já prediſſe ha tanto:
Que o peccado de Adam he a pedra dura,
Que a fonte de agua viua encobre, em quanto
O diuino Iacob naõ for chegado,
Para Ella beber della, & mais ſeu gado.

Ioan. 4.

107.

Mas tanto que a alta Eſpoſa vir na Terra
Cercada de Rebanhos copioſos,
Decerá ſeu Paſtor deſſa azul Serra,
E exporà ſeus criſtaes aos ſequioſos:
E o peſo, que aos de mais todos faz guerra,
E impoſſiuel ſe auulta aos mais forçoſos,
Ell e leuantarâ taõ facilmente,
Que ande a vontade, & a obra indifferente.

Exiuit sāguis, & aqua. Ioan. 19.

108.

Remouendo penedo taõ peſado
(Sò para elle de penna, & de rigores)
Da fonte de licor puro, & ſagrado,
Patentes ficaráõ ſacros licores:
Se Rachel cauſa foi, de todo o gado
Beber, junto co ſeu, dos mais Paſtores,
Por cauſa de Rachel mais bella, & altiua,
Beberá todo o Mundo da agua viua.

Verè langores noſtros ipſe tulit. Iſaiæ 53.

Ioan. 4.

Os

109.

Os Cordeiros, que nacem ſinalados,
Por traça do Paſtor, que aſſi o pertende,
Os Cordeiros ſeraõ predeſtinados,
Em quem pòr ſeu ſinal ha muito entende: Apocal.7.
Deſtes encher irá ſyderios Prados,
Quando à Patria tornar, donde deſcende,
E o Labaõ infernal deixando pobre,
Rico ſe tornará, triumphante, & nobre.

110.

As Varas, que elle deſpe para as cores, Ierem.1.
Seraõ as com que os ſeus brando caſtiga, Pſalm.44.
As quaes, dos olhos ſeus entre os licores, Pſal.109.
Faraõ, concebaõ n'alma emenda amiga:
Os quatorze annos, que por ſeus amores
Serue com graõ cuidado, & graõ fadiga,
São aquelles, que eſpera, des que a bella Ioan.1.
Rachel nace, atè vir a encarnar nella.

111.

Deſpois que logra a caſta Eſpoſa pura,
Rico de graõ rebanho, & já triumphante,
(Deſpois de padecer procella dura,
Extremo mal, rigor mais penetrante)
Hirſe com ella à Patria então procura,
(Inda que elle algum tempo vai diante) Math.27.
E com grande Rebanho, & grande Imperio
Entra no ſacro Ouil, Palacio Etherio.

Os

112.

Os Idolos, que furta Rachel ſanta
Ao Pay cego, que tendo olhos não via,
Saõ aquelles, que poſtra, & que quebranta
A Rachel, que degolla a Idolatria:
Deſpois de tanto caſo, & ſorte tanta,
Na Patria de Iacob, que engeita a Lia,
Hirà a bella Rachel Mäy, & Donzella
A ſer de Terra, & Ceo Rainha bella.

113.

Acabou de fallar, & os Circunſtantes,
Que goſtáraõ d'ouuir taõ graue hiſtoria,
Com cortezes palauras elegantes
Dão aos dous igualmēte aplauſo, & gloria:
E porque ſuas galas rutilantes,
Que lançou neſta feſta taõ notoria,
Iá de ſombras perfilla o claro Dia,
Se deſpede a famoſa Companhia.

114.

Fica a ſacra MARIA, & Ioſeph ſanto
Na rica ſala em companhia chara,
Dando graças a Deos por fauor tanto,
Por tanta gloria, & por mercè taõ rara:
E como hia enrolando o aureo manto
A Tarde pouco, & pouco, & deſpertàra
A Aura fria, jà ha muito, as flores bellas,
Iá deſpois de durmir a ſéſta entr'ellas,

Par

115.

Para hum nobre jardim da casa nobre
Sae o casto Varaõ, & a celeste Aue,
Ella Rosa entre as Rosas se descobre,
Elle entre os Lyrios mais Lyrio suaue:
E sobre hum Marmor, que hũa Parra cobre,
Que lhe dá dilatado assento graue,
Sentados com modesta cortezia,
Ioseph, desta maneira lhe dizia.

116.

Pompa dos Seraphins, Celeste Ornato,
Com que na Terra o Ceo mostrarse trata,
Do Original de Deos viuo Retrato,
Virgem, por excellencia, pura, & intata;
Iá deueis de saber como o Ceo grato,
(Que hora ẽ ouro está ardendo, & hora ẽ prata)
Traçou nosso virgineo Desposorio
Pello modo, que já vos he notorio.

117.

N'um sonho, sendo Eu pobre taõ indino,
Que tiue junto d'hũa fonte fria,
Se seruio reuelarme o Ceo benino
Vosso virginal voto, alta MARIA:
E porque Eu consagrada ao Ceo diuino
A mesma virginal pureza hauia,
Vendo, que me fazia taõ ditoso,
Que da que Escrauo sou, seria Esposo.

Graças

118.

Graças lhe dei, por ver, que ſe me ordena,
Sendo Eu tão incapaz, ò Virgem pura,
Que viua vnido a Vôs, qual à Açucena
Se vne o branco Iaſmim entre a verdura:
Pois ſois gloria do Ceo, naõ vos dè pena,
Ver, que caſada eſtaes, que a fermoſura
De voſſa Virgindade incomparada
Foi logo em ſeu principio eternizada.

119.

Viuiremos, puriſſima MARIA,
Como os Anjos no Ceo, noſſos amores
Seraõ, quaes os que tem co a luz o dia,
Ou quaes as flores tem co as outras flores:
Vôs ſereis meu amor, minha alegria,
Eu ſerei voſſa pena, & voſſas dores,
Que vendo, que ſeruiruos bem não poſſo,
Quando fordes meu bem, ſerei mal voſſo.

120.

Mas ſempre com vontade, & alma pronta,
Vos ſaberei ſeruir como captiuo,
Eu ſerei, por indigno, voſſa afronta,
Vòs, por prenda do Ceo, meu garbo altiuo:
Sempre extremos farei por voſſa conta,
Por vos ſeruir morrendo, em quanto viuo,
E com vìctimas d'alma, & da vontade
A Ara frequentarei deſſa Deidade.

121.

Rico naci,& rico fui criado,
E de muitos tambem jâ fui ſeruido,
E ſe o officio aprendì,he eſtillo vſado
Ter todo o nobre algum, que haja aprendido:
Para que ſe de algum moleſto eſtado
Moleſtado ſe vir,& perſeguido,
Disfarſe a qualidade em terra alhea
Co officio,com que a falta remedea.

122.

Eſte de meus Parentes foi o intento,
Quando officio quizeraõ,que aprendeſſe,
Mas deſpois que aprendi,meu penſamento
He querer delle vſar,ſe vos parece:
Por elle ganharei noſſo ſuſtento,
Que a humildade me inclina, & me offerece
Eſta ſorte de vida,que me agrada,
Por ſer por Deos,& naõ por mim,tomada.

123.

Mas,ou porque do Ceo ſe me inſpiraſſe,
Ou por Eu entender,que aſſi conuinha,
Porque pobre por Deos rico me achaſſe,
D'antes a pobres dei a herança minha:
Bem ſei,que ſois Morgada,& vos ficaſſe
Muito maiores bens,do que os que Eu tinha,
Mas eſpero de Vôs,que eſſa riqueza
Tambem depoſitemos na pobreza.

124.

A Viuuas honeſtas, & a Donzellas,
Se goſto voſſo for, como imagino,
Daremos a mór parte, que naquellas
He mais aceita a eſmolla, & o dom mais dino:
De ſuas poſſeſſoens duas partes dellas
Voſſo Pay, com impulſo alto, & diuino,
Aos pobres, & ao Templo dedicaua,
E viuia da parte, que reſtaua.

125.

E pois deſta riqueza ſois herdeira,
Della a repartiçaõ he bem que herdemos,
E por lograr pobreza verdadeira,
Se elle as duas partes deu, Nôs tudo demos:
Que Eu do officio, que tenho, de maneira
Vſarei, que ambos Nòs nos ſuſtentemos,
Que quando ſem riqueza, & por Deos pobres,
Então ſeremos ricos, entaõ nobres.

126.

Illuſtre he noſſo ſangue, mas ſegredos,
Que inſpira Deos, naõ ſaõ moralizados,
Cortaõſe pellos pês os Aruoredos,
E em pè tamanhos ſaõ, como poſtrados;
Que medidos por pés, palmos, ou dedos
Tem a meſma medida leuantados,
Que derribados tem na terra dura,
Que o alto, q̃ ſe humilhou, naõ perde a altura.

Atra

127.

Atraz torna o que quer dar hum graõ ſalto,
Para poder paſſar mais adiante,
E quem ſaltar da Terra ao Ceo taõ alto,
Que torne muito atraz lhe he importante:
Ah Virgem! perdoai, que ſei, que falto
No que deuo à razão, qual dilirante,
Em vos propor a Vòs, ſem recatarme,
Conſelhos, que sò Vôs podereis darme.

128.

Vòs o Norte ſereis de minha ſorte,
Que pois o ſois, puriſſima MARIA,
Sereis de minha vida Eſtrella, & Norte,
Que della pellos pelagos me guia:
Eſcreuerei na praya minha Morte
Do Mar, que voſſo Nome pronuncia,
Porque o refluxo, & o dom de voſſa Graça
Parte do M lhe apague, & Norte a faça.

129.

Tereis em mim hum mui leal Eſcrauo,
Que com alma, & com vida vos regalle,
Tereis a todo o mal, & a todo o aggrauo
Hum firme Eſcudo, a quẽ nenhũ ſe igualle:
Neſte Roſto vereis o S, & o Crauo,
Com que liure vereis, que me aſſinalle,
Clicie ſerei de voſſos reſplandores,
E Vôs meu Sol ſereis, caſtos amores.

T. Diſſe:

130.

Disse:& a Virgem, que ouuindo está contente
O que tanto condiz com seu intento,
Entreabrindo o Rubì fino, & viuente,
Lhe responde com graõ contentamento:
Ioseph diuino, diz, Anjo prudente,
Esposo virginal, sancto Portento,
Tudo quanto me agora heis relatado,
Me foi, como a Vós mesmo, reuellado.

131.

E despois, que fiquei certificada
De vosso virginal voto, & pureza
Por hum Nuncio do Ceo, que esta embaixada
Me trouxe por fauor da summa Alteza;
De vir a ser comuosco desposada
Me banhei d'alegria, & de tristeza,
D'alegria, d'hum bem de tanto preço,
De tristeza, de ver, que o naõ mereço.

132.

Vossa Escraua serei, vossa Captiua,
Inda que indigna Esposa me conheça,
E sempre em mim vereis, que em quanto viua,
A Vòs, como a Senhor, vos obedeça: Genes. 29.
Vosso sancto feruor, virtude altiua,
Que Anjos venhaõ seruir, sei que mereça,
E assi, quando seruir tal sanctidade,
Terei no captiueiro a liberdade.

133.

Sereis meu Cherubim, que me deffenda,
Não com fùlgida espada d'aço fino,
Mas co essa perfeiçaõ taõ estupenda,
E co esse virginal valor diuino:
Sereis o Asylo meu, de quem pertenda
Ter amparo seguro, & peregrino,
E para que seguiruos sempre possa,
Vós sereis o meu Sol, & Eu sombra vossa.

Psalm.92

134.

Casto Ioseph, mais casto, que o primeiro,
E a quem por vosso voto o Ceo mais deue,
Que aquelle he virtuoso verdadeiro,
A quem a occasiaõ naõ se lhe atreue,
Se o outro gouernou hum Reyno inteiro,
E tanta honra despois de aflicto teue,
Vôs (se hũa Alma val mais, q̃ Imperios mutos)
Sempre lograreis desta altos tributos.

136.

Se os muitos bens, que tinheis, & riqueza
Nos cofres da pobreza enthesourastes,
Dos dons do Ceo, & bens da Natureza,
Hum sancto, & rico Cresso vos ficastes:
Vossa graõ sanctidade, & graõ pureza
He a riqueza maior, que grangeastes,
Nem pôde hauer thesouro de tal copia,
Como nessa ostentaes taõ rica inopia.

136.

O meſmo intento tenho, que tiueſtes,
De que meu dote em pobres ſe diuida,
E ſe voſſa riqueza aos pobres déſtes,
Seja entre elles a minha repartida:
A riqueza conſiſte em bens celeſtes,
Que em vento ſe conuertẽ os bẽs da vida,
E para que do Ceo ricos fiquemos,
Pello Ceo os da Terra aos pobres demos.

137.

Ser pobres, para Nôs he a môr riqueza,
Que por Deos a pobreza naõ deſdoura,
E para ſuſtentar a natureza
Meu theſouro ſerá minha teſoura:
Embarcados na naue da pobreza,
Para à India paſſar, que outro Sol doura,
A Linha paſſaremos pella linha,
E Agulha de marear farei da minha.

138.

Por minhas meſmas mãos com ſummo goſto
Leda vos ganharei ſuſtento vario,
Geneſ.3. E eſcuſando o ſuor de voſſo Roſto,
Para ambos ganharei o neceſſario:
1.Reg.25. Serei a Abigail, que no deſgoſto,
Na falta, & no ſucceſſo, em fim, contrario,
Co ſuſtento vos rogue, & vos animе,
E que deſpois de Deos sò a Vòs eſtime.

Diſſe:

139.

Disse:& o ſanto Ioſeph, banhado em pranto
Co exceſſo do prazer de tela ouuido,
A ſeus pès ſe poſtrou humilde,& ſanto,
Em tal graça,& em tal gloria ſuſpendido:
A Virgem, que iſto vio, fez outro tanto,
E ambos poſtos de joelhos a partido
Vierão, pois de joelhos já ſe achauão,
Que a Deos as graças deſſem do que obrauão.

140.

Em oração ſe poem,& Ioſeph graue
O voto reiterou, que tinha feito,
E banhado em prazer, licor ſuaue
Dá graças ao Senhor, com grato peito:
Ratifica tambem a celeſte Aue
O puro voto ſeu com doce aſpeito,
Graças rendendo a Deos com ſummo gozo
De hum Seraphim lhe dar por caſto Eſpozo.

Albert. Mag. ſup. miſſus eſt 28.

141.

O Ceo, vendo os puriſſimos Amantes
Confirmando ſeus votos nouamente,
Dos Seraphins, que tinhão circunſtantes,
Por boca, lhe dá muſica excellente:
E ſeus olhos abrindo rutilantes,
Que sò abre de noite o Ceo luzente,
Reuendoſe nos Virgens Deſpoſados,
Eſtipulla ſeus votos ſublimados.

142.

Neſte tempo, já a Tarde remendaua
De ſombras o jardim, & as flores bellas
Em parte, em pardo còrte, dibuxaua,
E em parte inda bordaua em aureas tèlas:
Zephyro, que entre as flores paſſeaua,
As requebra ſuaue, & amantes ellas
As copas meneando lhe aſſenauão,
Que eſte dia de Abril então lograuão.

143.

Querendo jà voltarſe ao rico Paço,
E os primeiros para elle jà mouendo,
Eis, que cheo de flores o regaço,
Hũa Dama gentìl ficârão vendo,
Trazendo hũa metida já no braço,
Outra capella rica vem tecendo,
Como que do jardim das flores bellas
Vinha compondo a Dama eſtas capellas.

144.

Veſtida vem de branco, & parecia,
Que era prata maciça, o que trajaua,
Mas o azul fraldelhim em ouro ardia,
Onde o Sol em figura ao Ceo bordaua:
Sobre as madeixas d'ouro, que prendia
Em liſtoens onde a prata rutilaua,
Coroa traz de brancas açucenas,
E de jaſmins crauadas as melenas.

Tão

145.

Taõ fermosa, fragrante, airosa, & bella,
Tão candida, tão pura, & airosa vinha,
Que para outra se achar mais gentìl, que ella,
Foi necessaria a Angelica Rainha:
E em chegando à purissima Donzella,
E ao Anjo, que alli consigo tinha,
Se lhe postra a seus pés, & antes que deça,
As capellas lhe assenta na cabeça.

146.

E golpeando sobre perlas finas
O carmim, em que o rosto expoem ferido,
A respeito das quaes ficaõ indinas
As que hão da roxa concha procedido;
Anjos com corpo, diz, prendas diuinas,
Rosa de Ierichò, Lirio floridò,
Que a este jardim, que florecer fizestes,
Entre as mais flores dais duas celestes.

147.

As candidas capellas de açucenas,
Que ás madeixas gentìs vossas tributo,
Hyeroglifico, & insignias saõ serenas
Da pureza maior, que em vôs perscruto:
Não d'ouro, & de diamantes, mas de amenas
Flores, vo las tecì, que não dà fruto,
Como as flores, o ouro, & os diamantes,
Inda que ricos saõ, não saõ fragrantes.

148.

Por tanto, de boninas vo las rendo,
Que em candidez, fragrancia, & gentileza
Hum Retrato gentìl fiquem fazendo
De vossa virginal graça, & belleza:
Se as estais nos prefumes excedendo,
Se fructo dais taõ rico de pureza,
De flores (& não d'ouro, ou de diamantes)
As Diademas vos vêm melhor fragrantes.

149.

Naõ cuideis, que estas flores, & càpellas
As produzìraõ cà jardins terrenos,
Que dos Ceos nas azues alfombras bellas,
Em jardins se creárão mais amenos:
A coroar vos venho aqui com ellas,
Por sacra commissaõ dos Ceos serenos,
Que reuendose em Vòs, & em vossas graças
Estaõ, pellas diáphanas vidraças.

150.

Nelles habìto, & tenho de diuina
Estar n'um tempo em muitos mil lugares,
O Ceo he minha Patria peregrina,
Mas na Terra tambem viuo em milhares:
Com vosco viui sempre, & qual Bonina,
Que o Hortelaõ na terra, a Aura nos ares
Regala; fui de Vòs sempre mimosa,
E em Vòs, em summo grao, pura, & fermosa.

Vòs,

151.

Vós diuino Ioſeph, d'hum Anjo, ao menos,
A pureza lograis, que os Ceos admîra,
Porèm, ſacra MARIA, á dos ſerenos
Choros vejo que a voſſa ſe prefira:
Que as Flores dos jardins todos terrenos,
Do Ceo todos os Aſtros, que em Zafira
Engaſtão rayos d'ouro, & Anjos quantos
Neſſes viuem do Ceo Palacios ſantos.

152.

Todas, & todos elles preferida
Pureza em Vôs abſortos eſtão vendo,
Que de todas a ſua, em graos vnìda,
A voſſa ſó lhe fica eſcurecendo:
Eſperauos a Corte alta, & ſubìda
Para Rainha ſua, já anteuendo,
Que a pureza taõ rara naõ conuinha
Menos grao, que o de ſer do Ceo Rainha.

153.

Diſſe: & oſculos dando às caſtas plantas
Do Varaõ juſto, & gloria das Donzellas,
Deſapparece a Dama, que nas ſantas
Peſſoas viue, & em ſuas Almas bellas:
Ioſeph, que a vìra jà entre outras plantas
Naquella humana forma, quando dellas
Cortar a Vara foi, logo em a vendo
Ficou a excelſa Dama conhecendo.

Tam-

154.

Tambem, que era a Pureza, a Virgem pura
Penetrou, pello estillo, & pudicicia,
Que naquella phantastica figura,
Bem como Anjo, tomou forma ficticia:
Que por fauor do Ceo nesta postura,
Tão chea de belleza, & de dilicia,
Lhe appareceo então, para que vissem
Quanta pureza, & graças incluïssem.

155.

C'huma santa humildade ao Ceo renderão
Por tão nouo fauor nouos louuores,
E sobr'elles hum sacro odor vertêrão
Os Ceos de mòr fragrancia, que o das flores:
Ià as pyras do jardim, que em ouro ardèrão,
Em quanto o Phenis louro em resplandores
Sobr'ellas se queimou, vèm que se absente,
Por renacer nas partes do Oriente.

156.

Recolhemse co Hespèro, que sahia
Por Precursor dos Astros peregrino,
Ioseph illustre, & a bellissima MARIA,
Astros de melhor luz, ser mais diuino:
O tempo passaõ cheo de alegria,
Quaes Estrellas no globo cristalino,
Ou quaes Anjos no Ceo, no campo as Flores,
Em dignos exercicios de louuores.

Re-

157.

Repartem pellos pobres a riqueza,
Que enuejãdolhe em Deos tão sãto estado,
Tomaõlhe para sy sua pobreza,
E por ella as riquezas lhe haõ trocado:
Contentase com pouco a Natureza,
Por isso de seus bens quanto haõ deixado
Foi taõ parca porçaõ, que os santos nobres
Declinauaõ de ricos para pobres.

158.

Alguns mezes assistem na Cidade,
E della a Nasareth trataõ passarse,
Que he vontade de Deos, delles vontade,
De flores em Cidade hir transplantarse:
Passaõ a Nasareth com breuidade,
E vão flores com flores ajuntarse,
Deixando de Syão, Pouo, & Nobreza
Cheos de saudade, & de tristeza.

159.

Esta Cidade nobre, & populosa
Tem destinado o Ser Omnipotente
Para entre todas ser a mais ditosa,
Pois quer trocar por ella o Ceo luzente:
Aqui do Campo a Flor quer ser da Rosa
Mais celeste, & gentìl fructo excellente,
Aqui na Torre, & mais gentìl Castello
Entra, como em Colosso, o Sol mais bello.

DA

DA ANNVNCIAC,AM,

E

ENCARNAC,AÕ

DO DIVINO VERBO.

CANTO VIJ.

ARGVMENTO.

CHegado o prefinido, & feliz Anno,
Em cuja prodigiosa Primauera
Quer decer da mais alta, & rica Esphera
O Eterno Verbo, a se fazer Humano:
Manda de Nasareth ao sitio vfano
C'huma Embaixada à Virgem mais sincerà
Hum Paranimpho excelso, que lha dera
Postrado ao Seraphim mais soberano:
Consente a Virgem pura, & no sagrado
Claustro concebe ao que he de Tres Segundo,
Ve a Deos no Ceo, que em sy tem encerrado:
Conjectura hum aerio Anjo inmundo
O Mysterio, & de nouo fatigado
Quer dar parte a Lusbel là no profundo.

Em

1.

EM Coche de criſtal, d'ouro crauado,
Que tiraõ pellos Ceos alazaâs Pias,
Cujo pélo de Eſtrellas remendado
De prata as noites fôrma, & d'ouro os dias,
De Delos o Senhor ha paſſeado
Do Zodiaco as doze gallarìas,
Vendo a candida Irmãa inteira, & mea
Doze vezes vazia, & doze chea.

2.

E deſpois que hum & ſincoenta centos,
Com mais nouenta & oito, giros dera
Por todos eſtes Signos opulentos,
Alternando o Inuerno, & a Primauera;
E os Cauallos com ricos paramentos
Neſtas voltas meteo, neſſa alta Eſphera,
Que â redea obedecendo d'aureo fio,
Do trilho ô repetir giraõ com brio.

3.

Deſte tempo no fim, Apolo louro,
Se de Admeto paſtor fora primeiro,
Em prados de zafir, em feno d'ouro
Apaſcenta de Colchos o Carneiro:
Faz ao campo brotar verde theſouro,
E cubrir d'ouro, & azul o Etherio Outeiro,
Diſpondo, que com graça, & galhardia
Hum floreça de noite, outro de dia.

Neſte

4.

Neſte enſejo, neſſe alto Firmamento,
Onde he rico inſtrumento cada Sino,
D'Eſpelhos treze toca hum Inſtrumento,
Onde rayos ſaõ cordas d'ouro fino:
E a prima dedilhando, que no accento
Fina, & não falſa achou no Velocino,
(Que vem a ſer deſte anno a Primauera)
Para o Mundo alegrar deſtro a tempera.

5.

Ao ſom de ſeus effeitos as Boninas
Bailes formaõ do Zephyro agitadas,
E tocadas por elle as Viòlas finas
Viſtas ſoaõ melhor, do que eſcutadas:
Os Crauos, que tem teclas peregrinas,
Não de marfim, mas purpura formadas,
Tocados fazem ſons neſtes diſcantes,
Não em ſonòras vozes, mas fragrantes.

6.

Flores ſaõ ſeus floreos delicados,
Com que o Monte, & o Campo ſe quilata,
E em criſtaes diſcantando deſatados,
As claras Fontes ſaõ Harpas de prata:
As Aues, que na Solpha lem dos Prados,
Orphèos de pluma ſaõ da ſelua grata,
E peruertendo a ſolpha em voz mais pura,
Sobem do Sol, que dece, na figura.

7.

Ao ſom deſtes diſcantes, & harmonîa
Flóra eſtà dibuxando regalada
De ſuas Damas gentìs em companhia,
Em verde eſtrado, & flòrida almofada:
Broslando eſtá com mágica energia
A Primauera ao viuo dibu xada,
Laurando taõ ſubtil, que ſe affigura,
Que borda o original, não a pintura.

8.

Para o rico broslado as Flores finas
A Seda lhe offerecem de mil cores,
Perlas para meſclar entre as boninas
A Aurora lhe dedica em ſeus licores:
Prata lhe daõ as horas Matutinas,
O Sol Ouro lhe aplica em reſplandores;
Porque não falte em taõ gentíl cuſtura
Seda, Perolas, Ouro, & Prata pura.

9.

Dibuxa tanto ao viuo os verdes Prados,
Que de boninas mil culta ſemea,
Que a grama crece alli, q̃ os tem colmados,
E das flores na Aurora o humor fumea:
Zephyro nos riquiſſimos bordados
As Flores moue, os Alemos menea,
E os Boſques, com q̇ os altos vai formando
Eſtão reuerdecendo, & reſſonando.

10.

De verde,& prata borda as leuantadas
Penhas,& os Montes de torçal dobrado,
Paſtaõ nelles Rebanhos âs manadas,
Em pentẽ de marfim toſquiando o Prado:
As Rapoſas nas matas embrenhadas,
E o vil Lobo nas brenhas emboſcado,
A furto dos Paſtores,& Rafeiros,
Dáo aſſalto em Ouelhas,& Cordeiros.

11.

As Fontes vai bordando tranſparentes,
Com prata fina,& aljofres miſturados,
E as que deriua liquidas Serpentes
Correndo vaõ em roſcas pellos prados:
Tanto ô viuo as dibuxa, que as nacentes
Em burbulhoens de prata deriuados
Conuidão a beber em ſeus licores,
O gado não taõ sò, mas os Paſtores.

12.

As Plantas,feitas Aruores de Eſtrellas
Nas flores,com que à viſta tanto aprazem,
Crecendo eſtão alli nas ramas bellas,
Que ao Sol,que rayos vibra ſombras fazem:
As Aues,que em ſuauiſſimas querellas
Em cantar dia,& noite ſe desfazem,
Taõ ao proprio ſe oſtentaõ dibuxadas,
Que em que pintadas ſaõ, naõ ſaõ pintadas.

Abrin-

13.

Abrindo estaõ o bipartido bico
A acçaõ de quando cantão figurando,
E taõ ò natural no lenço rico,
Que se ouuẽ dentro nelle estar cantando:
Em differente tono com graõ pico
Estão neste dibuxo accentos dando,
Que sem milagre hauer neste bordado,
He o mesmo a figura, & o figurado.

14.

Saem por cima dos torçaes perfeitos,
Outras mais altas em volantes frotas,
Que d'ondas de cristaes em golfos feitos,
Musicas se affigurão Galeótas:
Que nas naues, que tem dẽtro nos peitos,
Seguindo pello Ceo varias derrotas,
De seus remos ao som de varias plumas,
Vão clarins de marfim tocando algumas.

15.

Da Terra, que alli veste de borcados,
Que perfilla subtil de varias flores,
Estaõ os altos Montes namorados
Trepando às altas Nuuens nos lauores:
O Regato, que corre em pés neuados,
Em sinal de que rindo està d'amores,
Para a Selua, por labios transparentes,
Nos miudos seixinhos mostra os dentes.

16.

Seu Imperio dibuxa em variedades
De Campos, Montes, Bosques, & Aruoredos,
Os Bosques saõ alli verdes Cidades,
E Obiliscos, & Torres os Penedos:
Os Campos saõ as Quintas, & as Herdades,
Que pouoaõ gentîs Incolas ledos,
Aruoredos, que saõ pouo Gigante,
E Flores, Pigmeo pouo, mas fragrante.

17.

Alli fóros vai dando aos verdes pouos,
Que authorisar querendo seus criados,
Crauos das flores fez, Principes nouos,
E Rainhas as Rosas fez dos prados:
A Ceres fez Princesa dos renòuos,
Grandes os Aruoredos fez copados,
Que cubertos por ella nesses ares
Se ostentaõ de seu Reyno Titulares.

18.

Com pontos mais subtis de mais primores,
Que os d'Aragnes, & Pallas, quando destras
Em famosos, & celebres lauores
Contendem da almofada nas palestras,
Flòra bordando está campos, & flores,
Supperando da agulha as grandes Mestras,
Em cujo verde lenço, & graõ destreza,
Se ostenta, & não se imita a Natureza.

19.

Neſte tempo ha chegado o prefinido
Termo, que ha tanto eſtà na ſacra Mente,
De ſer o Homem primeiro redimido,
Com tanto ſeu captiuo deſcendente:
Que quando no Cordeiro preferido
Entra a enchelo de luz o Sol luzente,
De Deos entra o Cordeiro em Sol mais puro, Ioan. 1.
Deixando o Aries vil, & o Sol obſcuro.

20.

Que neſte tempo do anno, & eſtancia noua,
Em que o infante Mundo foi creado,
E em que o Homem primeiro o pomo proua, Gen. 3.
Por dar peçonha ao Mundo n'um bocado;
Neſta meſma ceſaõ o Ceo approua
Dar remedio a ſeu mal inueterado,
Que ſempre em todo o mal a Medicina
Na Primauera opéra mais benina.

21.

Quizſe vingar Lusbel ſoberbo, & ingrato
Do precipicio ſeu taõ merecido,
E porque em Deos não póde, em ſeu Retrato Geneſ. 1.
Se quiz vingar da Serpe ſoccorrido: Gen. 3.
Bem, qual, ao que lhe deu nociuo trato,
Não lhe chegando o Touro embrauecido,
Se a capa lhe alcançou, quando lhe eſcapa,
Que o furor executa sò na capa.

22.

Comèo Adam do pomo,& nelle traga
Hum còpo de veneno,com que empece
A toda a humana Eſtirpe, que propaga
(Excepto hũa sò Flor,que atè o Ceo crece)
Parece, que eſte côpo, que triaga
De Botica ha miſter,que do Ceo dece,
O Côpo d'ouro foi,que Ioue dera,
Onde occulta a doença ao Mundo viera.

23.

Caſtigo he,que o Ceo deu(fabùla a gente)
Aa imagem do Gigante temerario,
Que de barro a Eſtatua obrou contente,
Não a que ſonha o Rey de metal vario: Daniel,2
O qual tanto que a fez,no Ceo luzente,
O lume por furtar,com voo Icario
Aſſalto fez,& tanto que lho aplica,
Logo o Barro com vida,& em carne fica.

24.

Fica o Autor da Eſtatua caſtigado
N'um Monte atado,& d'hũ Abutre horrẽdo,
Vertido o ſangue, o peito deuorado,
Por ella graues penas padecendo:
O Homem,que da Eſtatua propagado
Foi,porque fique em penas ſuccedendo,
Aa doença ſogeito a ficar veo,
Pagando em pena propria o crime alheo.

25.

Quaſi aſſi o Promotheu diuino,& eterno,
(De quem ſombra parece o fabulozo)
Fez de barro a Eſtatua,& o fogo interno
Celeſte inſpirou nella,ardendo em gozo:
E no pomo,que ao Incola moderno
Do Paraiſo véda deleitozo,
O veneno ficou,na cruel ſentença
De que eſte foſſe o vaſo da doença.

Gen. 2.

Gen. 3.

26.

Bebeo Adam no pomo eſte lethargo,
Que a tanto communica deſcendente,
Fica o triſte ſobgeito a mal amargo,
Aa doença cruel,â dor vrgente:
Toma o diuino Opifice a ſeu cargo
Liurar da lethal anſia a Adam doente,
E para effeito ter,traça,& ordena,
Que da culpa de Adam ſofra elle a pena.

27.

Que pello amor,que tem à Imagem bella,
Que com tal perfeiçaõ forma,& auiua,
Aas penas,que sòmente merece ella,
Offerecerſe quer por traça altiua:
Que hir por ella pagar n'um Monte anhella,
Aberto o peito ſeu co a lança eſquiua,
Dando a vida,& o ſangue ſoberano
Por ſeus filhos,qual ſacro Pelicano.

Ioan. 18.

Che-

28.

Chegado, pois, o desejado termo
D'Adam ser com seus filhos resgatado,
Saude de cobrar o triste enfermo,
E de vida tomar o sepultado;
As eternas Cidades pello hermo
Deste Mundo, de bens despouoado,
Troca o diuino Verbo, que jà aspira
Decer dessas Estancias de Zafira.

29.

Decretase em diuino Consistorio,
Que do Seyo do Padre Omnipotente,
O crime a extinguir d'Adam notorio,
Deça o Diuino Verbo em continente:
Admîrase o Angelico Auditorio
Vendo o Diuino Verbo taõ Clemente,
Que se quer disfarçar em traje humano,
Sendo de Terra, & Ceo Rey soberano. Psalm. 88

30.

Tem os Anjos enueja á humildade
Da humana Natureza, pois que della
Se quer vestir a mesma Diuindade,
Porque à Angelica entaõ exceda em bella:
Vem que deixa a diuina Magestade,
Por vir a ter por Mãy hũa Donzella,
O Ceo, que por lugar menos subido
O troca por seu Ventre esclarecido.

31.

Elege logo o Conclaue Diuino
Embaixador Celeste, & Nuncio graue,
Para com garbo, & applauso peregrino
A Embaixada do Ceo leuar suaue:
Elege a Gabriel Archanjo dino
De á Phen iz mais sem par leuar outra Aue,
Que a Garçote taõ bello só conuinha
Hir por Embaixador a tal Rainha.

32.

Chega ao diuino Throno, cuja maça
He mais que transparente, & cristalina,
D'ouro naõ he, que tem mais digna traça,
Nem de prata tambem, que he menos fina:
Naõ tem o Sol nos Rayos tanta graça,
Nem as Estrellas luz taõ peregrina,
Esmeraldas, Zafiras, & Diamantes
Nem taõ preciosos saõ, nem taõ brilhantes.

Isai, 6.

33.

E postrado ante o Ser Omnipotente,
Que he de glorias Abismo, & Gloria immensa,
Com rosto humilde, & gesto reuerente,
Logra a Vnica, & Triplice Presença:
Logo o Espirito Sacro, & Prepotente,
(Que em Essencia he dos Dous, sem differeça)
Soltando a Voz, Oraculo diuino,
Dest'arte diz do Throno d'ouro fino.

Chegou

34.

Chegou o termo, ò Paranimpho alado,
De tomar Carne o Verbo ſoberano,
Que d'Adam, & ſeus filhos laſtimado,
Antes de humano eſtar, jà eſtá humano;
Eſtâ diuinamente decretado,
Que ſe occulte o Brocado em toſco Pano,
E veſtindo encarnado o Verbo altiuo,
Liure faça, nacendo, a Adam captiuo.

Ioan. 1. Pſalm. 84.

35.

Prophetizado eſtà, que hũa Vergonta
Da Raiz de Ieſſê, Aruore altiua,
Ha de nacer no Mundo, para afronta
Da Planta, que para Eua foi nociua:
De cujo alto Pimpolho, que remonta
Seus Ramos atè os Aſtros, ſe deriua
A Flor, que libertando do tributo
A Adam, deſta alta Vara ha de ſer Fruto.

Iſai. 11. Geneſ. 2. Cant. 2.

36.

A eſte tempo meſmo, & proprio inſtante,
Eſcalando as muralhas de Zafira
Com preces, & feruor ſancto, & preſtante,
Com graça, & com eſpirito, que admira,
Eſtà na Terra, que Ella faz brilhante,
D'Alma tirando balas, que nos tira,
Eſta Flor, que ha de ſer Mãy, & Donzella,
Que cada prece ſua he bala bella.

37.

Nesta mesma occasiaõ te hei destinado
Para meu Precursor, & Nuncio graue,
Parte pois, pois o termo he jà chegado,
A leuar Embaixada taõ suaue:
A Nasareth te parte acelerado,
Que merece ser Ninho de tal Aue,
E postrado â seus pès, como á Rainha,
A Embaixada lhe dá da parte minha.

38.

Luc. 1. Esta Pheniz que digo, & Virgem bella
(Cujo nome he MARIA) he desposada
C'hum Varaõ justo, que he Parente della,
Matth. 1. Da Casa de Dauid taõ celebrada,
Ambos saõ, Elle Virgem, Ella Donzella,
Ambos da mesma Estirpe sublimada,
Em Galilèa habitão venturosa
Na Cidade mais sancta, & mais ditosa.

39.

Dizelhe, que mouido o Omnipotente
De minha instancia, & seu ardente zelo,
Por dar vida, & saude a Adam doente,
Iudic. 6. O Rocio quer dar ao limpo Vèlo:
O Verbo, dizer quero, Prepotente
De seu Ventre jà quer ser Fructo bello,
E que para este effeito, & alto intento
Importa, que Ella dê consentimento.

Dize

40.

Dizelhe, quando dùuida lhe faça
Verſe Mãy, ſendo Angelica Donzella,
Que ante Deos tem achado tanta graça,
Que o meſmo Deos terà Mãy Virgem nella:
Minha Sombra, que ao Sol excede, & paſſa,
Tal luz lhe aplicará, graça taõ bella,
Que conceba, & mais paira ao ſoberano
Filho de Deos, ſem ſer por modo humano.

Luc, 1.

Virtus al tiſſimi ob umbrabit &c.

41.

Diſſe: & o bello Gabriel tomando airoſo
Hum corpo de gratiſſima figura,
Hum Ephèbo, que o Sol mais eſpecioſo,
Fica na gentileza, & na poſtura:
Azas ſe poem o Icaro ditoſo
De plumagens de cor, que á Etheria altura
Certas Aues leuáraõ do Oriente,
De que as plumas gentìs mendiga a gente.

42.

D'hũa gentíl marlota guarnecido
De giroens d'ouro, & Eſtrellas ſcintillantes
Decendo o Archanjo vem do Ceo luzido,
Derramando fulgores rutilantes:
Ià ſinco vezes ſinco o Sol veſtido
Tinha d'ouro, & de Eſtrellas de Diamantes
Ao Março mais feliz, que atraz ſe oſtenta
De ſinco mil, cem mais, outo, & nouenta.

Eá

43.

E à cesaõ, que do altiuo Firmamento
Descobre a Nasareth, que ver queria,
Em Tumulo de prata, em Adro lento,
Defuncto Apolo jà no Mar jazia:
Diana, que entaõ logra o mór augmento,
Sol da Noite se faz, que torna em dia,
E as Flores, que co Sol se sepultârão,
Nas Estrellas se vé, que se saluárão.

44.

As Boninas, que tinha entâo colhido
Proserpina fatal, quando furtada
Foi do rico, mas hórrido Marido,
Com quem meio tempo sô viue casada;
Espalhandoas entaõ no Ceo luzido,
Se entâo de prata veste coroada
Dellas mesmas, lhe seruem nos roletes
Hũas de perlas, & outras de alfinetes.

45.

Vem sulcando Gabriel as ondas bellas
Desses Golfos de luz, Etherios Mares,
E fazendo hum gentil mergulho nellas,
O fundo vem buscando pellos ares:
(Que se elles ondas saõ, o fundo dellas
He a Terra com seus limos, à lugares)
E taõ galhardo vem buscando o fundo,
Que em rayos, qual Phaeton, abrasa o Mundo.

46.

Chega dest'arte â mais felice Estancia,
q̃ ô Sol logra ẽ seu quarto, ou quarta Esphera,
E entrando no Retrete, que em fragrancia
Excede entre os Iardins á Primauera,
Vendo à Virgem do Ceo, que cõ sancta ancia
Estaua em Oração pia, & sincera
Pedindo aos Ceos, que o Iusto já chouessem, Isai,45.
Postrase âs plantas, que em seus pés florecem.

47.

E soltando a voz branda, & milagrosa,
Que ò rõper, qual Aurora, lhe abre hũ Crauo,
De Iericoth dest'arte diz â Rosa, Ecclesi.24
Que he das mais, por mais bella, illustre agrauo:
Deos vos salue, Donzella alta, & fermosa,
Que as luzes superais do Globo outauo,
Vòs, que de Graça chea estais diuina, Luc.1.
Mais que quando de luz o està Lucina.

48.

O Senhor Soberano dos Senhores
Com Vosco està, & dentro em Vôs habita,
Que he seu Iardim vossa Alma, & seus amores,
Onde Elle se regalla em nossa dita:
Por vossos Dons, Senhora, superiores,
Vòs só entre as Mulheres sois Bendita,
Esta vos chamarão todas as Gentes,
Varias Naçoens, & Linguas differentes.

Ou-

49.

Ouuindo estas razoens, turbouse a Aurora,
Turbata est, &c.
Turbouse o Sol, turbouse a Fonte rara,
Que tal vez co esplendor, que nelles mora,
A Aurora, & o Sol se turba, & a Fonte clara:
Turbouse, digo, a Luz, que o Ceo adora,
Turbouse a Limpha, que Eua naõ turbára
Turbouse o Sol, que excede a Turba alada,
Ficando a Fonte, o Sol, & a Luz turbada.

50.

Confusa, digo, a Virgem sacra fica
Cos annuncios, que ouuio ao Nuncio graue,
Que da alta saudaçaõ, que entaõ lhe aplica,
Por indigna se tem a celeste Aue:
Não sabe quem taõ altos lhe dedica
Encomios, com modestia taõ suaue,
Bem via ao Anjo a Virgem soberana,
Porèm repara em verlhe a fòrma humana.

51.

Qual a càndida Pomba em hora estiua,
Que a beber de cristal dece a corrente,
Que quando brinda a limpha fugitiua
Do Nebry d'improuiso a sombra sente;
Que ficando mais morta do que viua
Cant. 2.
Teme, sem resoluerse em tal repente;
Tal fica a sacra Pomba vendo, & ouuindo
Hieron. Epist. 22. ad Eustoç.
Em forma a Gabriel d'hum Moço lindo.

De

52.

De ver Anjos a Virgem não ſe admira,
Que co elles de contino conuerſára,
Sô a perturbou a pratica, que ouuíra,
E a noua forma, que eſte então tomára:
Tanto que Gabriel turbada a vira,
E que eſtá penſatiua alli repara,
Por ſuſpenderlhe a dùuida, que tinha,
Aſſi falla á Seraphica Rainha.

S. Ambroſ. lib. 2. de Virginib.

53.

Naõ temais, fermoſiſſima MARIA,
Que a embaixada, que aqui dada vos tenho,
Naõ he minhà, he de Deos, que vola enuia,
Por cuja ordem dos Ceos agora venho:
A eſt'hora, em que domìna a noite ao dia,
Deos, a que Amor obriga a tanto empenho,
(Qual agora o Sol dá ſeu lume à Lua)
Seu Filho vos quer dar para Mãy ſua.

54.

Concebereis o Filho ſacroſanto,
Que he gerado ſem Mãy eternamente,
Pay teue ſempre, que he tres vezes ſanto,
E agora vos quer ter por Mãy Clemente:
Sendo da Natureza, & Mundo eſpanto
Concebereis, qual Vidro tranſparente
Do Sol concebe o rayo, & fica intato,
Ficando de mais luz com mais ornato.

Iſai. 6.

Parireis

55.

Parireis eſte Filho eſpecioſo,
Pſalm.44. E bello ſobre quantos haõ nacido,
Serà o ſacro Parto milagroſo,
Ficando intacto o Ventre eſclarecido:
Qual da Penha, que ſùa em tempo aquoſo,
Sae o licor de ſeu ventre, & o deixa vnìdo,
Deſt'arte parireis, pois Deos ſe empenha,
Qual a Vidraça ao Sol, qual a Agua à Penha.

56.

O Nome, que poreis ao Prepotente
Filho, IESVS ſerá, Nome ſagrado,
Eſte Grande ſerà, & Omnipotente,
E Filho do Altiſſimo chamado:
Darlheha Deos a Cadeira preeminente
Matth.1. De Dauid, que deſpois delle encarnado
Seu Pay ſe chamarà, que fica ſendo
Seu Pay Dauid, Vôs delle procedendo.

57.

Na Caſa de Iacob hum Reyno eterno
Lograrà, que ſeu Reyno eſclarecido
O termo ha de lograr, que o Ceo ſuperno,
Que ha o tempo de ſer delle excedido,
Como iſto ouuio ò Oraculo moderno,
(Tendo quanto o Anjo diſſe conferido)
Lhe torna, & diz a Angelica MARIA,
Que como viuo Ceo graças chouia.

58.

Como pòde dar fructo a Rosa pura,
Se não passa seu fructo de Bonina?
Como creará â Perla a Concha dura,
Se â humidade não se abre Matutina?
Se a Planta, que victorias assegura,
Sem sombra d'outra Planta masculina
Fructo não dâ; como hũa Virgem bella
Póde junto ser Mãy, & ser Donzella?

59.

E pois, se Eu Virgem sou pura, & intata,
E meu Esposo o he com voto feito,
Se Varaõ não admito, nem me trata,
Como pòde o que dizes ter effeito?
Qual do Mar sobre as ondas, que quilata,
De Deos voa o Espirito perfeito,
Desta sorte (lhe torna o Nuncio dino)
A Vòs virá o Espirito diuino.

Genes. 1.

Superueniet, &c.

60.

O sancto Paracléto darà traça
Para o Filho de Deos ser concebidó,
Ficando inda mais pura vossa Graça,
Vosso Virginal Claustro mais subido:
E a Virtude de Deos, que torna escaça
A seu respeito a luz do Sol luzido,
Vos farà clara sombra com luz tanta,
Que inda vibre mais luz vossa Luz santa.

Obumbrabit tibi.

E por-

61.

E porque sò por ordem ſoberana,
(A natural em tudo peruertida)
Ha de tomar o Verbo forma humana,
Ficando a Diuindade ao Corpo vnida;
Por iſſo, Virgem pura, & Aurora vfana,
Gen. 3. O Fructo, que nacer da Flor ſubida
De voſſo Virginal Ventre ſagrado,
Sancto, & Filho de Deos ſerà chamado.

62.

Não duuideis, que tudo aſſi ſer poſſa,
Pois Deos de que aſſi ſeja foi ſeruido,
Senaõ vede a Izabel, que he Prima voſſa,
Que eſtèril na velhice ha concebido:
Eſte he o ſexto mez por conta noſſa
Do Filho, que por Deos lhe he concedido,
E Deos, que a hũa eſtèril fez fecunda,
Mãy vos fará, & Virgem ſem ſegunda.

63.

Nada he a Deos impoſſiuel, facil tudo,
Pois c'hũa falla sô c'hum leue aſſeno,
Sem deſuello, trabalho, & ſem eſtudo,
Gen. 1. Creou a Terra, o Mar, & o Ceo ſereno:
Creouuos, que inda he mais, & quem do rud
Chaos creou o Ceo puro, & o Prado ameno,
E ſobre tudo a Vòs, he couſa clara,
Que tudo pôde obrar quem tal obrára.

Acab

64.

Acabou'de fallar o Archanjo graue,
E por Deos inſpirada a Virgem pura
Na sùpplica do Ceo branda,& ſuaue
O *fiat* quer jà pór, que o Ceo procura.
O Bico de Rubì, ô celeſte Aue,
Abri,abri, trinando eſta ventura,
Aquelle Sy dai jâ, que he ſoberana
Condiçaõ, ſem a qual Deos não ſe humana.

65.

Dai, Pomba celeſtial, conſentimento
A que o Phenix, que vir ao Mundo aſpira,
Deixe o Ninho Paterno, & altiuo aſſento,
E em voſſa venha arder Virginea Pyra;
Onde com forma noua, & nouo alento
Plumas roxas em Vôs de nouo acquira,
Aquella, digo, ſacra Humanidade
Plumas, que haõ d'encubrir a Diuindade.

66.

Deſpenhai deſſas penhas excellentes,
Qual ſonòra corrente criſtalina,
Aquelle Sy, da voz entre as correntes,
A cujo ſom ſe alegre a Aula diuina:
Que ſaõ penhas de perlas voſſos dentes,
Clara voſſa corrente peregrina,
Sonòra voſſa voz pura, & ſuaue,
E Vôs ſellada Fonte, excelſa, & graue.

Cant. 4.

X Olhai

67.

Olhai, que estaõ rogando os Patriarcas,
Que habitaõ d'Abrahaõ no Seyo obscuro,
Que deis (qual deu a Deos na luta as arcas
Iacob) essa Arca desse Ventre puro:
Olhai, que aquelles dous tristes Monarcas,
Que deraõ causa a tanto mal futuro,
Esperaõ, que deis fim a tanto dano,
Dando motiuo a Deos fazerse humano.

Gen. 49.
Genes. 32.

68.

A terceira potencia d'Alma vossa
Se aplique, a que a segunda da Trindade
Pessoa tome em Vòs a librè nossa,
Vestindose de nossa humanidade:
Porque o Mundo sarar de seu mal possa,
Curailhe por palaura a enfermidade,
Que c'huma sò podeis, d'hum Sy co termo,
Ser causa de sarar Adam enfermo.

69.

Neste alto Beneficio, que de Santa
MARIA ha de lograr nome excellente,
O *fiat* ponde já de gloria tanta,
E collai nelle a Adam, que he pertendente:
Olhai, que chora o Mundo, & Lusbel canta,
Em quanto nesta supplica clemente
O *fiat* naõ puzerdes, que propicio
Fará que fique Adam co beneficio.

Luc. 1.
Fiat mihi.

Fia

70.

Fia Láchesis, Parca fabulosa,
Os fios, de que pende a humana vida,
O que he fabula vãa, Virgem ser mosa,
Hoje fazei verdade concluida:
O fio, de que pende a venturosa
Vida aos filhos de Adam, que tem perdida,
He o *fiat*, que de Vòs o Ceo pertende,
De quem do Mundo todo a vida pende.

71.

Reparai, que de toda a estirpe humana
A vida extincta está, conforme sinto,
E em laberinthos, que Lusbel profana,
Se perde o Mundo, & nelles fica extinto;
Pois aplicai, Seraphica Ariadna,
Para o Homem sahir do laberinto,
Desse *fiat* o fio, a que arrimado
(Morto o Monstro) se saia restaurado.

72.

Na Roca desse Claustro taõ diuino,
(Que he Ceo, onde a pureza resplandece)
Ponde a sacra madeixa d'ouro fino,
Que em tal *fiat* fiada á Terra dece:
Qual pella boca o fio peregrino,
De que a librè pulida o Mundo tece,
Lança o Bombiz, lançai dessa suaue
Boca esse fio desse *fiat* graue,

73.

Tanto que a ſacra Virgem conſidera,
Que do Verbo ha de ſer Obra diuina
A ſacra Encarnaçaõ, por quem eſpera
Ha tanto o Mundo em mìſera ruìna,
Qual abre entre jaſmins a Primauera
O Crauo rubicundo, & a Roſa fina,
Abrindo os dous Rubis, onde os figura,
Delles exhala o *fiat* a Virgem pura.

74.

Pois he vontade, diz, do Omnipotente
Senhor, a quem tributo Alma, & Vontade,
Que em mim ſe obre o Myſterio preeminente
De ſe humanar a meſma Diuindade:
O que reſpondo humilde, & reuerente,
Poſtrada ante a Diuina Mageſtade,
He, que ſou do Senhor Eſcraua indina,
E que ſe faça em mim quanto deſtina.

75.

Tanto que deu o Sy, taõ anhellado
De tanto Patriarcha ha tempo tanto,
Dece a ſeu Virginal Ventre ſagrado
A fazerſe Homem o Verbo Sacroſanto:
Qual à Lua penetra o Sol dourado,
Qual às Flores penetra d'Alua o pranto,
Ou qual a Cor oppoſta ao Criſtal fino,
Tal penetra eſta Eſtrella o Sol diuino.

Ioan. 1.
Psalm. 84.

Logo

76.

Logo vne a Diuindade ao meſmo inſtante
Hypoſtaticamente o ſoberano
Ouro ao Barro groſſeiro,& o ſacro Infante
Neſſe inſtante ficou diuino,& humano:
Pigmêo fica o Eterno,& mór Gigante,
N'uma Concha ſe encerra o Occeano,
Na Nuuem de criſtal o Sol ſe encobre,
E no toſco Burel a Tèla nobre.

77.

Que tanto que do peito ſacro,& puro
O Sy ſubio â boca mais fermoſa,
E por entre hum de perlas, & outro muro
Fendéo, para ſahir, a Tyria Roſa;
Logo o que encheo de luz ao Chaos obſcuro,
Organizou na Clauſtra milagroſa
De puriſſimo ſangue, ou rubì fino
Hum Corpoſinho humano,mas diuino.

78.

E aplicandolhe alli com graõ preſteza
Hũa Alma excelſa, á ſacra Humanidade
De Chriſto, vne a diuina Natureza
Na ſegunda Peſſoa da Trindade:
Ficou ſubida ao Ceo noſſa baixeza,
Ficou decida à Terra a Diuindade,
Ficou Deos Homem,para que ficaſſe
O Homem Deos,& em Deos de Deos gozaſſe.

79.

De puriſſimo ſangue ſoberano
Do puro Coração da Virgem bella
De Deos gerado foi o Corpo humano,
Que sò de coraçoens viuer anhella:
Tal co ſangue do peito ò Pelicano
Em dar vida a ſeus filhos ſe deſuella,
Tal outra Aue Real là no Oriente
Co ſangue os filhos gera, & admira a gente.

80.

De Seraphins ſobre azas excellentes
De diuerſas plumagens variadas,
Que dos ares ſulcando as tranſparentes
Ondas foraõ Chalupas animadas;
N'uma Nuuem, que as flammas refulgentes
4. Reg. 1. Do Carro igneo do Vate ha ſuperadas,
Baixou de ſeu Palacio ſoberano
A fazerſe o Diuino Verbo humano.

81.

Figurado jà d'antes muito eſtaua
A reſpoſta da Virgem, na que dera
1. Reg. 25 Abigail ao Rey, que por eſcraua,
Quando Rainha a fez, ſe lhe ofrecera:
Aſſi ao Summo Rey ſe dedicaua,
Quando à Eſpoſa, & Rainha a promouera,
A Virgem por Eſcraua, porque cria,
Que de Deos por Eſcraua mais ſubia.

Quan-

82.

Quando ſe vio eſtar mais ſoberana,
Vendoſe Māy da meſma Omnipotencia,
Então ſe humilha mais,& mais ſe humana,
Então de ſe abater ſobe à excellencia:
He Mar MARIA,& o Mar,he couſa plana,
Que das fontes não incha co aſſiſtencia,
E nella entrando a Fonte,de que he Filha,
Como Mar não ſe eleua,antes ſe humilha.

Ioan.4. Fôs aquæ viuæ.

83.

Seu beatifico objecto communica
(Qual là Empyrio ôs Bemauenturados)
Quando o Verbo a ſeu Ventre ſe lhe aplica,
Deos â Virgem,que dons logra admirados:
E tanto que de Deos Cuſtodia rica
Fica logrando dons taõ ſublimados,
Transluz tal claridade a Virgem bella,
Que atè as Aguias do Empyrio cegaõ nella.

84.

Qual Nuuem de criſtal,pedaço errante
De Ceo,que nada em golfo criſtalino,
Que mais,que as mais, ſe oſtenta rutilante
Deſpois,que em ſy recolhe ao Sol benino:
Tal eſta Nuuem leue mais brilhante
Fica,deſpois que encerra ao Sol diuino,
Transluzindo apparencias de Deidade
Pello criſtal da opaca humanidade.

Iſai.1[illegible]

85.

Concebe a Rosa à Flor do Campo rica,
Que inda que a Rosa he flor, que naõ dá fruto,
Seruindolhe de fructo a flor lhe fica,
Porque de flor não perca o attributo:
Tanto que o fructo â flor se communica,
Paga toda outra flor triste tributo,
Qual vibora lethal; mas esta Rosa
Por dar Fructo de Flor, co a Flor o gosa.

Cant. 2.
Eccles. 24.

86.

Com outro *fiat* vne o Omnipotente
A luz, que inda não tinha, ao Ceo luzido,
Mas a Virgem co *fiat* excellente,
A luz da Luz, que he mais, a sy ha vnido:
Crear c'hum verbo Deos a Luz fulgente,
Omnipotencia foi, mas dar nacido
Co mesmo verbo ao Verbo sacrosanto,
Parece môr portento, & mòr espanto.

Gen. 1.
Ioan. 1.

87.

Ser Nuncio Gabriel desta embaixada,
Achou o Rey celeste, que conuinha,
Pois, se para ser Deos Homem foi dada,
No nome Gabriel, Homem Deos, tinha:
Alem de que jà d'antes reuellada
A Encarnaçaõ do Verbo, ou a mezinha
Do contagio de Adam, por elle fora
A Daniel, que anhella ver tal hora.

Daniel. 9.

Se

88.

Se Eua, que de feliz fez desditoso
O Mundo, foi de Pay sem Mãy gerada,
Iá vem tornar o Mundo venturoso
De Mãy sem Pay a Geraçaõ sagrada:
He a Filha Mãy do todo Poderoso,
Se Adam foi Pay da Esposa desgraçada,
Porque d'Eua, & de Adam contagios varios
Sô Deos sabe curar com seus contrarios.

89.

Ao tempo, que outro Polux se affigura
O Archanjo pello Ceo vibrando rayos,
Na gala com que dece, & na postura,
Representando Abris, pintando Mayos,
Hum dos Anjos Aerios, que em escura
Noite eterna ficou em crueis desmayos,
Vendo, que à Nasareth Gabriel decia
Tornando com luz tanta a noite em dia.

90.

Nota a noua marlota, de que veste,
Nota a gloria, & prazer, que nelle admira,
E temendo, que o Verbo jà se apreste
A destruir o Reyno da mentira,
E que elle Nuncio seu seja celeste,
Que dos altos Palacios de Zafira
Mande â Terra, que esmalta d'alegrias
Aa Virgem, que ser Mãy preuẽ Isaias.

Isaiæ 7.

Con-

91.

Consigo meditando,& reuoluendo,
Que nouo caso he este,ou noua historia,
Combinando os lugares,que està lendo
Da sagrada Escriptura, na memoria,
Acha,pello que alcança,& està temendo,
Que deue accelerarse o Rey da gloria
Para decer ao Mundo a sublimallo,
Dando ò Inferno pena, & ó Ceo regallo.

92.

Vé,que entra em Nasareth,Cidade nobre,
Em Casa,onde jâ mais o Anjo impuro
Entrada teue,& aonde se descobre,
Que hum Consorcio celeste habita puro:
Vè,que mais do que o Ceo, d'Astros se cobre,
Quando seu mant o a noite cobre escuro,
Se cobre o feliz tecto,onde rutilla
O Ceo fulgores,& ambares destilla.

93.

Vê,que tendo o Espirito malino
De todo o Anjo mao precipitado
Entrada no habitaculo mais dino,
No Tugurio,& no Paço sublimado:
Que naquelle habitaculo diuino,
A que o curso dirige o Nuncio alado,
Ià nunca entrada teue,porque encerra
O priuilegio môr,que teue a Terra.

Atra

94.

Atraz de Gabriel chegar quizera,
Por ver, ſe quer do tecto, o que paſſaua,
Para nouas leuar â Infernal fera,
Que incauta deſte caſo vè que eſtaua:
Decer dezeja, & não ſe delibèra,
Que hum grilhaõ lhe parece, que o ataua
Nos ares, de que pende, pois queria
A traz do Anjo decer, & naõ podia.

95.

Dá conta do que admira, & do que nota
A outros ſeus companheiros, & vezinhos,
E em lagrimas de fogo, em que ſe eſgota,
Expoem ſeu mal, & rõpe em ays meſquinhos:
Que quando o Prado azul mais flores brotà,
E a noite ſe adornou de mais alinhos,
Entaõ no breue circulo, que occupa,
Naufraga em pranto eſta infernal chalupa.

96.

E abrindo a negra boca, ſcintilando
Pellos horridos olhos ſanguinoſos
Relampagos, que d'alma eſtà exhalando,
Porque entre fogo, & agua os tem choroſos;
Vôs de aerios, lhe diz, funeſto bando,
Eſpiritos, que jà foſtes ditoſos,
(Mas ay! que hũa hora sò) no Ceo ſuperno,
Que nos deu neſtes ares noſſo Inferno.

Não

97.

Naõ viſtes, naõ notaſtes a alegria,
O traje, a gentileza, & a poſtura,
Com que agora Gabriel eſte ar abria
Ardendo em deſuſada fermoſura?
Co as azas d'ouro, & verde, que batia,
Acendia dos Aſtros a luz pura,
Em ſeus olhos leuando, & mais nas téllas,
Nelles dous Soes, & mil Eſtrellas nellas?

98.

Tem myſterio ſem falta a nouidade,
Que algum graõ caſo he eſte em noſſo dano,
Teraõ as Prophecias neſta idade
Complemento com Deos fazerſe humano?
Que ha d'encarnar he liquida verdade,
Que lá dentro do Empyrio ſoberano
O ſernos reuelado a cauſa ha ſido
De rebellados ter do Ceo cahido.

99.

Em outra forma, & com tumulto menos
Outras vezes deceo deſſa alta Eſphera
Eſte Archanjo nadando os Ceos ſerenos,
E outros muitos tambem em varia era:
Mas na gala jardins veſtindo amenos,
Com que em ſy recupilla a Primauera,
Nunca decer o vi, qual vejo agora,
Tornando a noite eſcura em clara Aurora.

100.

A que atribuiremos gala tanta,
Tanta alegria,& tanta gentileza?
No Ceo com ricas musicas se canta
Para mais pranto nosso,& mais tristeza:
Os Eixos,em que o Mobil se leuanta,
Das rodas ao mouer d'azul grandeza
Nouo som vaõ fazendo,que bisarros
Cargados de prazer cantaõ seus Carros.

101.

Os Anjos principaes,que estaõ regendo
Os sete claros lùcidos Planetas,
Ao tempo,que bisàrro foi decendo
Bordando de fulgor as sombras pretas,
Alegres,de prazer rayos vertendo,
Os parabens lhe deraõ,& Cometas
Felices disparando de fulgores,
Lhe deraõ salua,& a Deos nouos louuores.

102.

Nesse ambito da Lua transparente
As Aues de seus bosques variadas
De plumagem bisarra,& differente
Foraõ em Philomenas transformadas,
E com tonos de musica excellente
As azas lhe ofreciaõ matizadas,
Para sobr'ellas vir entre os cantares
Galhardeando o Ceo,sulcando os ares.

Raro

103.

Raro he o caſo, pois tem ſinaes taõ raros,
Noſſo temor tem cauſas admirau eis,
Que os celeſtes Oraculos preclaros
Naõ faltaõ nunca, & ſaõ irreparaueis:
A Meſagem ſe leua onde dous claros
Eſpoſos ſanctos viuem, que notaueis
Viſitas tem do Ceo cada momento,
Mas nunca com tal fauſto, & tal portento.

104.

Se aſſi como na Caſa ſancta, & bella
Viuem dous Deſpoſados, a habitàra
Algũa ſancta, & Angelica Donzella,
Crerà, que a Encarnaçaõ hoje ſe obràra:
Virge ha de ſer a Mây do Verbo, & della
(Conforme o Ceo por vezes reuelára)
Ha Carne de tomar o Verbo Eterno, Ierem.31.
Para gloria do Ceo, pena do Inferno.

105.

Pois como poſſo crer que hũa caſada
Poderá Virgem ſer, para que humana
Carne tome da Carne immaculada
A ſegunda Peſſoa ſoberana?
Se ella he Virgem, ou não, eu naõ ſei nada,
Que nada deſſa ſei morada vfana,
Porèm ſei, que nos dicta a conjectura,
Que implica ſer caſada, & Virgem pura.

Ma

106.

Mas não ſei que me bate câ no peito,
Não ſei que vaticinio me atormente,
Temo que algum graõ mal nos ſeja feito,
Que coraçaõ preſago nunca mente:
Notauel a cauſa he de tal effeito,
E aſſi temo, que a Dama preeminente,
Que neſſa Caſa habita onde o Anjo dece,
Donzella ſeja, que em virtudes crece.

107.

Ahi eſtà ſeu disfarce, & meus temores,
Daqui podem tomar nouos motiuos,
A herua he de hũa cor, & d'outra as flores,
E o frio pedernal tem lumes viuos:
Se Lucifer nos hòrridos ardores
Soubera deſte caſo, entre os eſquiuos
Fogos, bem ſei, que ardéra nouamente
Em temor, em congoxa, & em ira ardente.

108.

Valhe hum de vôs contar tudo o que paſſa,
Pois alcançar mais que iſto naõ podemos,
Porque elle cos maiores junta faça
A ver ſe alcança ao certo o que tememos:
Vòs não viſtes a Nuuem, cuja graça
Dos Aſtros vence a luz, que nos extremos
Do reſplandor, & cores peregrinas
D'Iris vence, & de Phebo as luzes finas?

Neſta

109.

Neſta Nuuem, que digo, & que vôs viſtes
Atraz do Anjo decer dos Ceos radiantes,
De rubìs variada, & de amethiſtes,
De pirópos bordada, & de diamantes;
Que glomeraua airoſa, ſe aduertiſtes,
Denſas ondas de prata rutilantes,
N'um Throno de criſtal me parecia,
Que celeſte Deidade preſidia.

110.

Verdade he, que no ponto, & no momento,
Em que olhei para a Nuuem luminoza,
Cego fiquei de ver taõ graõ portento,
Sem diſcernir quem dentro o Throno goza:
Porèm, ſe naõ me engana o penſamento,
Diuindade occultaua a Nuue airoza,
Ah! como temo termos taõ modernos,
Que ſejão para nòs nouos infernos.

111.

Parta hum de vós a eſſe Auerno obſcuro
A leuar taes noticias, pois parece,
Que preſo, & atado eſtou c'hum grilhaõ duro,
E incapaz de lá hir, ſe o pertendeſſe:
E atè deſtes effeitos conjecturo,
Que o que temo ſerá, que naõ carece
De myſterio o acharme atado, & quedo,
Paſſando de penado a ſer penedo.

Diſſe

112.

Disse: & hum dos ouuintes su spirando,
Fumos de hôrrida luz lançando junto,
Teu justo temor, diz, teu justo mando,
Hum he meu danno, o outro meu assunto:
Mas que effeito nos fica resultando
De Lucifer sabello, te pergunto?
Se essa acçaõ he do Deos, que nos domina,
Como a pôde estoruar tençaõ malina?

113.

Contra quem nos creou, & outros milhares,
Contra quem por delictos n'um momento
Nos fez trocar os Ceos por estes ares
Mudandonos tal gloria em tal tormento,
De que serue, senaõ de mais pezares,
Querer obstar a seu diuino intento?
Nem Lucifer com seus sequazes todos
Para poderlhe obstar pôde ter modos.

114.

Frustrada he essa acçaõ de lhe hir dar conta
A este Principe infausto lâ do Auerno,
Desse nosso temor presente afronta,
Pois nada pòde contra o Ceo superno:
Sabello, ou naõ sabello tanto monta,
Bem lhe basta por pena o escuro Inferno,
Para que he darlhe nouos sobresaltos,
Se he baixo seu poder para os Ceos altos?

115.

Neſte tempo nos Ceos legioens biſarras
D'alados Seraphins em traje humano
Com cithras, alaùdes, & guitarras
Todo o ambito atroaõ ſoberano:
Nas librès de giroens, & aureas barras,
D'aljofres, & ouro fino, mais que Indiano,
Os olhos cegaõ, quando os preferidos
Cantos, & ſons encantaõ os ouuidos.

116.

As Eſtrellas, que em rayos ſe propagaõ,
Das azas ao bater, que os Anjos mouem,
Hũas ſe acendem mais, outras ſe apagaõ,
Atè, que outros as luzes lhe renouem:
As danças, & choréas, em que vagaõ,
As boninas, & ambares, que chouem,
As muſicas, & os ſons, com que diſcantaõ,
Suſpendem coraçoens, almas encantão.

117.

Iá a taes horas Apollo rutilante
Com alfange de luz, d'ouro cutello
Tinha partida a noite mais brilhante,
Que mais dita logrou, fulgor mais bello:
Voltauaſe no leito de diamante
D'outro lado jà o Sol, que o paralello
Da Aurora hum ponto já diminuhia
Do da noite, que igual quaſi aſſiſtia.

118.

A Aue de Apollo, que ſeu gîro ſente,
Leuantando já a voz ſolennizaua
A volta, que o Sol faz para o Oriente,
Porque o dia de noite feſtejaua:
Neſte tempo Gabriel graue, & contente
Entre outros Anjos mais os Ceos ſulcaua,
E entrando no Palacio criſtalino,
Dâ conta, & occupa o Throno d'ouro fino.

119.

Aſſiſtida ficou a Virgem pura
Da ſoberana Eſſencia Vnica, & Trina,
Que inda que Homem sô o Verbo ſer procura,
Toda a Trindade lhe aſſiſtio diuina:
Fica a celeſte Caſa co a ventura
Do Palacio, & da Torre criſtalina,
Que dez Ceos tem de finos alabaſtros,
Por bazes de criſtal, liceſſes d'Aſtros.

120.

Que poucas horas ha, ô Virgem bella,
Que em oração diuina arrebatada
A Deos pedieis, que creaſſe aquella,
Que em Vós ha quatorze annos tem creada!
Com que anſias lhe pedieis que a Donzella,
Que Iſaìas prediſſe ſublimada,
Vieſſe ao Mundo jà, & Nuue vſana
Foſſe do Sol diuino em forma humana!

Iſaias 7.

Iſai. 19.

121.

Com que feruor, com que anſias taõ beninas
Vos eſtaueis em Deos arrebatando,
Lendo as letras Propheticas diuinas,
Que da Virgem, que ſois, eſtaõ fallando!
Com que doces palauras perigrinas
Lhe eſtaueis vaſſallagens tributando,
Dizendo, quem me fora taõ felice,
Que Eſcraua de Senhora tal me viſſe!

122.

1.Reg.25. Quem daquella Abigail, que ao Rey ſublime
De ſy meſma ha de dar manjar perfeito,
E que ao melhor Dauid, quando o opprime
A fome, o Nectar lhe darâ do peito,
Humilde ſerua fora! que por crime
Tiueſſe, ſe hum ſó ponto a ſeu preceito
Faltar pudeſſe, ou não ſe deſuelaſſe
Em que ſempre a ſeruiſſe, & regalaſſe!

123.

Exod.3. Quem vira a noua Carça, que ſe inflama,
Que tendo a Deos em ſy verde ſe ofrece!
Iſaia 6. E a Braza de Iſàias neſſa Dama
Vira, ſem que ſeu caſto labio ardeſſe!
Quem o Carro d'Elias, cuja flama
4.Reg.2. Não queima quando ardendo reſplandece,
Vira neſſa Donzella em noſſos dias,
Vendo nelle encerrado o nouo Elias!

Quem

124.

Quem aquella Carroça do diuino
Salamão vira jà delle occupada!
E em ſeu Reclinatorio d'ouro fino
A Mageſtade vira eſtar ſagrada!
Que eſſa Virgem de garbo peregrino
Ha de ſer, por ſer nellas figurada,
De Moyſes Carça, & Braza de Iſaías,
Coche de Salamão, Carro d'Elias.

Cant.3.

125.

Quem a forte Iudith bella, & valente
Vira já degolar ao Monſtro imigo!
E a cabeça cortar da vil Serpente,
Que foi cauſa de Adam ter tal caſtigo!
Quem vira a noua Eſther ſanta, & prudente
Venerada do Rey nouo, & antigo,
Que decendo do throno ſublimado,
A ſubiſſe ao mais alto, & illuſtre eſtado!

Iudith 13.
Gen.3.
Eſther 5.

126.

O Roſa, lhe dirieis, ſoberana,
De Ierichò ha tanto apellidada,
Do Botão de teu Ventre, em forma humana,
Brota do Campo a Flor, não ſemeada:
Apparece no Mundo Aurora vfana,
A Noite a deſterrar, triſte, & nublada,
Saya do Ventre teu, qual do da Aurora,
O Sol, que o Sol com rayos d'ouro adora.

Eccleſ.24.
Cant.2.
Cant.6.

127.

Gen.19. Oh, quem te vira já, Rachel fermoſa,
Do diuino Iacob, Paſtor jà feito,
No fim dos quatorze annos feita Eſpoſa,
Se antes delles ſeruida com reſpeito!
Quem me vira jà a face milagroſa,
De jacintos as maõs, o eburneo peito!
Cant.7. E as Açucenas deſſe Clauſtro amigo
Cercando o Monte do celeſte Trigo!

128.

Cant. 5. Quem me vira chegar de noite occulto
O Eſpoſo, atè bater à Regia Porta,
Com voz ſuaue, & féruido tumulto,
Pedindo, lhe abras, porq̃ aſſi lhe importa!
Quem entre varios ays, vario ſingulto,
Te vira (porque Amor aſſi to exhorta)
Sahir jà da Cidade pella rua,
A buſcar a quem ama eſſa Alma tua!

129.

Cant.4. Quem me vira ã aquella Horta toda flores,
D'aromas, & fragrancia enriquecida,
Deçer a regalarſe, & a ſeus amores
O Eſpoſo, que a Hortelaõ jà ſe conuida!
Que deſpois de lograr de ſeus verdores,
Colha os lirios, de que ella eſtá florìda,
Cant.5. Entre os pomos, colhendo, & os razimos,
Das Punicas maçãas gomos opìmos.

Oh,

130.

Oh,chouaõ essas Nuuens transparentes Isai.45.
O Iusto,que ha d'abrir o Ceo sereno, Cant.2.
Abrase a Terra, & em partos florecentes
Germine ao Saluador,que he Lirio ameno!
A Vara de Iessé brote entre as Gentes
A Flor celeste em seu Iardim Terreno! Isai.11.
Vnase o Ceo á Terra, & em seus amores
Demse osculos de paz Astros, & Flores.

131.

Em taes exclamaçoens a Virgem bella
Estaua,quando o Ser Omnipotente
Mandou o santo Nuncio a ter com ella,
A leuarlhe a Mesagem preeminente:
Vendo a Virgem despois,q̃ era a Donzella,
Que com tanto feruor,dezejo ardente
Ver aspirára então,absorta fica,
Crendose pobre,para ser taõ rica.

132.

Vendose Mãy de Deos,se considera
Outra,& naõ a que d'antes tinha sido,
A mesma he na humildade,em q̃ se esmera,
Mas por outra se tem no grao subido:
Separarse de sy,em sy quizera,
Para parte de sy se hauer rendido
Aa parte,que por outra imaginada,
Della fosse seruida,& venerada.

133.

Sem falta, que de humilde em ſy diria,
Vendoſe Mãy de Deos, a Virgem pura,
Eu ſou eſta, ou quem ſou? Eu ſou MARIA?
Eu ſou a que Iſaìas ver procura?
Deos, que me fez, em outra me faria,
Para caber em mim tão graõ ventura?
Que Eu, em quãto Eu, não ſou a que me vejo,
Sou a que em mim ſeruir outra dezejo.

134.

O humildade ſanta, ò Regia Filha
Do merito maior, maior prudencia,
Tu das Virtudes es a marauilha,
Que as mais todas ſuppèras na excellencia:
Que o eſpirito grande sò ſe humilha,
O baixo não, nos moſtra a experiencia,
Que sô no que alto for, poderà acharſe,
Entre o alto, & baixo, vão para humilharſe.

135.

Ah! crea o que he ſoberbo, que he ignorante,
Pois querendo ſubir á grande altura,
Erra o caminho, & crendo vai auante,
Atraz torna ao reués do que procura:
Qual Phaetonte ſubir quer arrogante,
E porque cego vai da neuoa eſcura,
Quando cuida que ſobe, então mais dece,
Porque então mingoa mais, quãdo mais crece.

Filhos

136.

Filhos da Terra ſaõ os preſunçoſos,
Que de baixos lhe nace o ſer inchados,
Que a não ſer della partos monſtruoſos,
Os Gigantes não foraõ taõ ouſados:
Quando aos Ceos trepar querem luminoſos,
Nos abiſmos da Terra ſaõ poſtrados,
E os Montes,porque ao Ceo trepar cuidárão,
Debaixo de ſeus pès os ſepultâraõ.

137.

Subido no mais alto,& mais ſubido
Monte,que tem criſtaes por penhas bellas,
Se vio Lusbel,gigante preſumido,
Que em tapizes de Ceo pizaua Eſtrellas:
Quiz ſubir mais,& foi logo abatido,
Que fulminando fùnebres querellas,
Do mais alto pinaculo ſuperno
Ao mais baixo deceo,abiſmo Auerno.

138.

Se quizerdes ſubir,vós arrogantes,
Eſcolhei de ſubir a certa via
Da virtude,atraz dai paſſos preſtantes,
E a humildade leuai por voſſa guia:
Deſt'arte ſubireis a ſer triumphantes,
E ao mais alto lugar,maior valia,
Deſt'arte voſſos altos penſamentos
Conſeguiraõ felices ſeus intentos.

O Vir-

139.

O Virgem bella, exemplo ſoberano
Da humildade maior, mòr qualidade,
Do merito mais alto, & mais vfano,
Da môr virtude, & da maior bondade:
Vôs ſubis a Diuino o ſer humano
Co eſſa voſſa profunda alta humildade,
E por ella ſubis a ſer tão alta,
Que sò ſer Deos, deſpois de Deos, vos falta.

140.

Com ſerdes de Dauid, Rey prepotente,
E d'outros Reys, & illuſtres Patriarcas
Por hũa, & outra parte deſcendente,
Que os melhores do mũdo eraõ Monarcas;
Com ſeres primogenita excellente,
Com morgado, & riquezas pouco parcas,
E ſendo, ſobre tudo, ao Mundo vinda
Para dos Anjos ſer Princeſa linda.

141.

Com ſerdes ſoberana Filha bella
De Deos, que para Mãy vos tem creada
Do Verbo, que tomar de Vòs anhella
A Sacroſanta Carne immaculada:
Com ſerdes ſacra Eſpoſa, que o deſuella, (Cant.6.)
Do Eſpirito de Deos, que em vós ſe agrada,
Sois taõ humilde, ſendo taõ altiua,
Que Deos vos fez Senhora, & vòs Catiua. (Ecce Ancilla, &c. Luc.1.)

142.

Do trabalho do officio, que exercita,
Neste dia, Ioseph, do Ceo por gosto,
Cançado (des que o Sol se precipita
No mar) ocupar trata o casto encosto:
Que ao nocturno crepusculo se incita
A ficar posto o Sol, & Ioseph posto
Aa mesa celestial, ambos por traça,
Ioseph da Aurora, o Sol da noite baça. Ecclef.24.

143.

E despois de tomar parco sustento
O Varaõ justo, & o Auge da pureza,
No seu entra Ioseph casto aposento,
E em seu retrete a Angelica Princesa:
D'Assuero, & Antonio o opulento
Banquete atraz ficou do desta Mesa,
Que hũ Rey, & hũa Rainha aquelle ha dado,
E este pella dos Anjos foi guizado.

144.

Anticiparse a hora neste dia
De Ioseph se acostar, mysterio ha sido,
Que era de Deos sómente, & de MARIA
Este mysterio a todos preferido:
O Sol, de Sol mais bello se escondia,
O Esposo, d'outro Esposo mais subido,
Que dorme o Sol, & o Esposo venturoso,
Quando véla o Sol sacro, & o sacro Esposo.

DA

DA VISITACAM QVE A VIRGEM SENHORA NOSSA fez a ſua Prima S. Izabel.

CANTO VIIJ

ARGVMENTO.

DEſpois do Verbo Eterno concebido,
Viſitar a Izabel a Virgem trata,
De Iudèa às Montanhas não dilata
Sobir com ſeu Eſpoſo eſclarecido:
O monte verde, o campo florecido
Se lhe poſtra, & lhe ofrece a fonte prata;
De virgineas Paſtoras turba grata,
Não ſem myſterio, então lhe ha aſsiſtido:
Referemſe as celeſtes qualidades
Da Virgem, que hum Paſtor diſcreto alcança,
Ser a que ao Mundo traz felicidades:
Chega a caſa da Prima, onde deſcança,
E entoa, ao ſaudar, ſacras verdades,
Canta Izabel myſterios, & Ioão dança.

Logo

1.

LOgo despois, que o Salamaõ celeste Cant. 3.
De marfim na Carroça entrou viuente,
E de encarnado a gala amante vèste,
Que de téla entrefórra preeminente;
Antes que em menos lùcido se apreste
Carro Phebo a subir sobre o Oriente,
Quer sàhir o Sol sacro mais bisarro,
Os Montes a illustrar no eburneo Carro.

2.

Fechadas as purissimas Cortinas
Mais que de fina téla, ou de brocado,
Occulto o Rey das Indias cristalinas
Subir ao Monte quer, decer ao Prado:
Dos Ceos as azues Rodas perigrinas
Sello aspìraõ do Coche sublimado,
Quando o Sol, & a Lua tambem trata
Darlhe hũa Roda d'ouro, outra de prata.

3.

Chegada a Aurora, pois, em que outra Aurora, Cant. 6.
Antes do Sol sahir, sahir queria
A mostrar, que antes jà do Sol ser fôra,
Sahia nella o Sol, que em sy incluhia:
Vendo, que à borrifar no campo à Flora
D'aljofres de Menòn a Mây sahia,
Inspirada por Deos mais pura ordena
Hir pizar com jasmins varia açucena.

4.

Prepararſe quer jà para a jornada
A Virgem, & o Varaõ mais venturoſo,
Do Ceo para Rainha Ella creada,
Elle para ſer della caſto Eſpoſo:
Veſteſe, não de tèla matizada
De flores d'ouro em campo dilicioſo,
Que ornaõ ricos broslados, rendas ricas,
Que tu Vamgloria humana ao Mundo aplicas.

5.

De Millão, & Sydonia a gala nobre
Não traja, mas deſpreza a Virgem rara,
Lãa veſte de mòr preço, que a que cobre
O Carneiro em que Phrixo o mar paſſâra:
Da meſma cor natiua a gala pobre,
Que o brocado, & a tèla não compara,
Vèſte, com graõ myſterio expondo nella
Quanto euita o affectado a Virgem bella.

6.

Não véſte, não, do vomito do Bicho,
Que he de ſy meſmo Parca, o fio amado,
Que em cortinas de lãa occulta o Nicho,
Em que Deos vai mais rico, que em brocado:
Veſtir com propriedade he ſeu capricho,
Por iſſo véſte lãa com ſancto agrado,
Que veſtir lãa d'ouelhas vemos queira,
Porque ſe moſtre em tudo, que he Cordeira.

Leua

7.

Leua em lugar das ricas bandas d'ouro,
Das loyas de Esmeralda, ou de Zafira,
Do melhor Reliquario no Thesouro,
O mais rico Agnus Dei, que o Mundo vira: Ioan. 1.
Co a modestia de seu cabello louro
Ao artificial o preço, & ò ouro tira,
Desluzindo tambem co a Cara airosa
A affectada das Damas Neue, & Rosa.

8.

Não affecta crecer co chapim rico,
Nem co chispo pulido, externo traje,
Que em desprésar vaidades leua o pico,
Como em fazer sem pompa esta viage:
Quanto vai do Ceo sancto ao Mundo inico!
Quanto do verdadeiro à vãa folhage!
Quanto do sizo vai à vãa locura,
E quanto do affectado á fermosura!

9.

Cobre hum Manto da cor do Ceo luzente,
Que de Ceo jà na Terra se cubria,
E porque em tudo Ceo seja apparente,
De Estrellas com seus Soes o guarnecia:
Rasgouse o Ceo, & a parte mais fulgente
Deu para manto à Angelica MARIA,
Porque parte do Ceo cubra na Terra
O Ceo viuo, que o Sol diuino encerra.

Ioseph

10.

Ioſeph prepara o Bruto mais ditoſo,
Que a carga ha de leuar, que inueja Atlante,
Mais que o que paſſa â Europa venturoſo,
E que o que vio Athenas mais preſtante:
Da pelle do Animal rico, & famoſo
De que Helles carga foi pouco conſtante,
Com quanta mais razão eſte he sò dino,
Pois peſo ha de leuar, que he taõ diuino;

11.

He o felice Animal da eſpecie ruda
Daquelle, que a Samſam armas prepara, Iudic. 15.
E daquelle, a que o Ceo deu voz ſizuda,
Para aſſombros fallar, que lhe ditâra: Num. 22.
A quem do verde freixo a folha aguda
Herua he para o matar d'heruada Xara,
E em quem ha de triumphar Deos algum dia,
Que jà ſe enſaya a andar nelle em MARIA. Matth. 21

12.

E preparando o mais para as jornadas,
Dellas quanto á diſtancia he neceſſario,
Com parcas iguarias bem guiſadas,
Ao alforge reduz o limpo almario:
Preſentes nelle poem fructas paſſadas,
Com branco paõ, com lacticinio vario,
Que vnio Ioſeph, ſem ſer diuinamente,
No alforje o paſſado, & o preſente.

13.

De caſa ſaem, quando ſae a Aurora,
Que nos Boſques, nas Seluas, & nos Prados,
Com jubilos de muſica canora,
Eſpera os dous diuinos Deſpoſados:
O Valle, o Monte, & o Prado, a Deoſa Flora
Lhe alcatifa de flòridos borcados,
A quem ſeruir de córte a Relua trata,
E as Flores, d'altos d'ouro, roxo, & prata.

14.

A Primauera, cêlebre Pintora,
Que então viue de campo em caſa, & quinta,
Por obſequios fazer â graõ Senhora,
Para hir vendo, paineis ricos lhe pinta:
Que na Terra, que tão felice fora,
Lhe pinta o Ceo azul com verde tinta,
E as Eſtrellas, que o enchem de fulgores,
Nas Flores lhas retrata em varias cores.

15.

Que và piſando o Ceo na Terra dura,
Trata a ſubtil Pintora com cuidado,
Que em quanto o Ceo não piza neſſa altura,
Quer que o pize na Terra retratado:
Faz cada Aſtro verter fragrancia pura,
Por lhe ter o caminho perfumado,
E em differentes quadros, mas extenſos,
As pinturas varìa em varios lenços.

16.

Pinta os Bosques em alta perspectiua,
E as Plantas borrifando de boninas,
Ramalhetes de Estrellas de excessiua
Grandeza, as apresenta em tintas finas:
As Aues, que parecem fructa viua
Entre os ramos das Plantas peregrinas,
Cantandolhe aluoradas, na serena
Voz, dão gloria a ouuir, se a ver dão penna.

17.

E quando a algum regato se auezinha,
(Que de hir acompanhando à Virgem trata)
Elle correndo vai, se ella caminha,
Por ser da Madre perla Ayo de prata:
E alegrandose em ver a alta Rainha,
Pulalhe o coraçaõ na limpha grata
Nos seixinhos, que dentro vaõ saltando,
Que até hum peito de pedra a adora brando.

18.

Quando pisando vai a viua Aurora
O Prado de manhãa, das flores finas
Com olhos, de prazer o Campo chora,
Que as Boninas lhe seruem de Mininas:
E as Viòlas, & Crauos, que a tal hora,
Porque dancem co Zéphyro as Boninas,
Sons parece que fazem, que em fragrancia
Estaõ fazendo ó olfato consonancia.

19.

Quando à viſta dos Boſques ſe apreſſura
Por ſincopar diſtancias à jornada,
Freſcas ſombras lhe ofrece a Eſpeſſura,
Se do caminho, & Sol vai moleſtada:
Verdes doceis de amena fermoſura
Lhe dedica de plantas coroada,
Que de ſua folha quer, que a ſombra eſcolha,
Em que nella não ha ſombra de folha.

20.

Quando trepando vai aos altos Montes,
Que ſe auultaõ de marmore Gigantes,
(Que o Cabeço Cabeça, & as Fontes Fontes,
Grenhas as Brenhas ſaõ, Penhas Turbantes)
Sobre o hombro, que iguala aos Oriſontes,
Tomando eſte Ceo viuo como Atlantes,
Taõ ſoberbos ficauaõ, que diriaõ,
Que antes ſer Montes, que ſer Ceos queriaõ.

21.

Mas de então ſer pungentes, vergonhoſos,
Disfarçaõ a aſpereza cos verdores,
Fazendo, como os Nautas cauteloſos,
Dos eſpinhos anzoes, iſca das flores:
A Tôrga mais miuda aos pedregoſos
Outeiros vèſte entaõ de Tyrias cores,
Para nellas moſtrar, que eſtaõ còrados
Com vergonha de entaõ naõ ſerem Prados.

22.

Assi vai caminhando apressurada
De seu virgineo Esposo em companhia,
Aliuiando o trabalho da jornada
Co tumulto, & prazer com que a fazia:
Com passos da Escriptura alta, & sagrada
Os fatigados passos aliuia,
D ella historias contando, & repetindo,
Que vai co casto Esposo conferindo.

23.

Tanto que em seu Zenith pello Orisonte
Phebo subindo a luz dimidiàra,
Hũa Selua lh'ofrece hum alto Monte,
Que d'huns riscos coroada ao Ceo trepàra:
Com catana de prata hũa alta Fonte
A Selua pello meio lhe talhâra,
E as margens, que entre as plantas lhe borrifa,
De tapizes de flores lhe alcatifa.

24.

De suas plantas abrindo os verdes braços
O Bosque neste Monte alto os hospèda,
Que dos ramos fazendo amenos laços,
Mil abraços lhe dá com cara lèda:
A Fonte, que lhe inueja estes abraços,
Correndo pellos ver, se ficou queda,
Que à vista de tal bem, tal alegria,
Correose de correr, & não corria.

25.

Della se assentão junto os dous Portentos
De Virtude, de Graça, & de Pureza;
São tapetes de flores os assentos,
E a relua florìda a fresca Mesa:
Passarinhos, que saõ grilhoens dos ventos,
Parabens lhe estão dando dentre a espesa
Folha, em alegre voz, que em quanto jantão,
Aues à Aue do Ceo endechas cantão. Luc. 1

26.

Em Sala de esmeraldas, & boninas
He a Fonte Mestresala, que offerece
Agua ás mãos em baixellas cristalinas
Aos dous Esposos, que lograr merece:
Tira Ioseph do alforje as viandas dinas,
Que sobre a toalha poem, que então parece
Branca nuuem, que hum Ceo verde remenda,
Que a seus Astros seruindo està de venda.

27.

E póde ser, que os Anjos, que guiàrão
O preso Vate, & o Coruo, que offerecem
O sustento, que então necessitàrão,
A Daniel, & Elias, que padecem; Daniel. 14 3. Reg. 17
Por suas mãos, & seu bico aqui leuârão
Soberanos manjares, que comessem,
Poupandose de Mesa para Pagens
Os Anjos, das Virgineas Personagens.

28.

Não ſem myſterio eſtaua o Monte ouante
Veſtido de verdor entre os penedos,
Seruindolhe das Penhas no Turbante
De verde martinete os Aruoredos:
Onde a Fonte de prata, ou de diamante
Deſpenhada dos aſperos rochedos
Longa fita de prata ſe affigura,
Que do Turbante atraz ſe dependura.

29.

Não faltauão nos Valles verdes plantas,
Fontes, ſeluas, boninas, & verdores,
Para aliuio das tres Peſſoas ſantas,
Que em tudo quanto vém produzem flores:
Mas o Ceo, que lhe faz caricias tantas,
Que Anjos lhe deu por Apoſentadores,
Eſte Monte lhe ofrece no caminho,
Para lhe ficar nelle mais veſinho.

Pſalm.90.

30.

Eſtando à Meſa os Virgens deſpoſados
O ſuſtento tomando neceſſario,
D'Anjos, que os Gentí-homens ſaõ, cercados,
Que entoaõ vario Pſalmo, & Hymno vario;
Vém, que ſubindo vem com pès neuados
Sinco Paſtoras, que do Sol contrario
Vem fugindo a buſcar neſte alto Monte
A ſombra, & o licor do boſque, & fonte.

Veſti-

31.

Veſtidas vem ao ruſtico pulìdo
De palmilha luſtroſa á marauilha,
Que parece, que as almas, que haõ rendido,
Dada a palma lhe tem para a palmilha:
Branco com froco verde era o veſtido,
Que hũ meſmo traje em todas luſtra, & brilha,
Surroens de varias cores, & cajados
De figuras diuerſas dibuxados.

32.

Chapeos de palma trazem, que o Sol louro
De ſeus roſtos gentìs lhe deffendia,
Quando o Sol, por lhe dar oſculos d'ouro,
Pheniz d'amor em pyras d'ouro ardia:
Nelles ſintilhos ſaõ de môr theſouro
Capellas, com que flor varia os cingia,
E não falta quem diga, & a quem pareça,
Que a ſy meſmas ſe trazem na cabeça.

33.

Sobre o hombro de marfim trazem pendente
O cabello por hir mais deſenuolto,
N'um mòlho c'hum liſtaõ preſo sômente,
Por ficar mais airoſo preſo, & ſolto:
E ſendo sò nas cores differente,
Em qualquer delle Amor andaua enuolto,
Que he tal, que a Berſabé ſe eſſe aſſiſtìra,
Quando a vé nua, o Rey veſtida a vìra. 2. Reg. 11

34.

Da ſubida do Monte, & dos calores,
Com que o Sol, como a Daphne, as fatigaua,
Lhe vem ardendo o roſto em tyrias cores,
Onde a neue, parece, ſe queimaua:
Nelle á ſombra lhe vêm das roxas flores
Os jaſmins do candor, que as illuſtraua,
Orualhados com graõs, que a neue viua
D'aljofar, co calor do Sol, diriua.

35.

Chegando, pois, à ſelua venturoſa,
Que à cabeça do Monte dá plumagem,
Buſcando a Fonte vem de prata vndoſa,
Que com ellas ſe encontra na viagem:
Chegando perto della, na frondoſa
Sala, que em verdes frizos faz paragem,
Aa Meſa vem os ſanctos Caminhantes,
Que as tinhaõ donde eſtauão viſtas d'antes.

36.

Pàraõ logo, & reparão no diuino
Objecto, que as ſuſpende, admira, & eleua,
Que parece, que em redes d'ouro fino
As prende com ſeus Sòes a Luz ſem treua:
Os Eſpoſos tambem no peregrino
Objecto paſtoril, cuja cor nèua,
S'alegraõ, vendo a graça, & corteſia,
Que cada qual das Damas lhe rendia.

Qual

37.

Qual por virtude occulta a Pedra fina,
Que do ouro tomou sómente as cores,
Atrae a ſy a pálida bonina,
Deſpois, que tem jà murchos ſeus verdores:
Tal o Alambar do Ceo, Perla diuina,
A ſy atrae as viuentes ſinco Flores,
Não murchas, mas tão bellas, que ſe as vira,
Co ellas Zeuzis a Deoſa conferìra.

38.

Dellas a principal, que ſe adianta
Aas de mais, na idade, & no juizo,
Com roſto alegre, & tom de voz, que encanta,
Vem dedicarſe ao nouo Paraizo:
E chegando á preſença pura, & ſanta,
Que a eſpera com ſizudo, & graue rizo,
Poſtrada co as de mais aos pès diuinos,
Aſſi diz para os ſanctos Peregrinos.

39.

Conſorcio ſoberano, Pàr celeſte,
De cuja perfeiçaõ, preſença graue
Para eſte feminino Coro agreſte
Sayem grilhoens, que dão priſaõ ſuaue:
Ver noſſa ruſtiquez não vos moleſte,
Vernos chegar aqui não vos aggraue,
Que deſpois que vos vimos, confeſſamos,
Que Vòs nos impedis, que nos não vamos.

Se-

40.

Senhora illuſtre,& Virgem disfarçada,
Que,ſem falta nenhũa,ſois Princeza,
Que eſſe geſto,& eſſa graça ſublimada
Bem pregoa,que o ſois por natureza:
Porque de humildes trajes adornada
Peregrina trazeis tanta belleza?
Se ſem peregrinar,por ſer taõ dina,
Peregrina gentil,ſois peregrina?

41.

Que vos ha ſuccedido,ò Virgem pura?
Que aſſaz moſtrais, q̃ o ſois,no modo,& idade,
Que caſo foi,o que â aſpereza dura
Deſtes montes piſar vos perſuade?
Se digna me fazeis de ſta ventura,
De que darme eſtas contas vos aggrade,
Extremos em ſeruiruos toda a vida,
Vereis,que faço,ſe he que ſois ſeruida.

42.

Não me tenhais por necia,audace,& ruda,
Em vos pedir, ſem meritos,fauores,
Que he amor groſſeiro n'alma mais aguda,
E julga por diſcretos ſeus errores:
A aqui não dilirar,& eſtar ſizuda,
Fora de voſſas graças ſuperiores
Captiua não eſtar,com tal exceſſo,
Que nem ſei qual eſtou,nem o que peço.

43.

Bem vejo, que não he quem vos deſterra,
Crime, que cometeſſeis, nem ſe obraſſe
Por cauſa voſſa, lá na voſſa terra,
Que tudo me aſſegura eſſa alua face:
Que a gloria, a candidez, & a luz, que encerra,
Bem publìca, que d'Alma inclyta nace,
Que he voſſo Roſto Eſpelho criſtalino,
Que hum Coraçaõ moſtrando eſtà diuino.

44.

Mas, tal vez por delictos de Parentes,
Que alguns crimes perpetraõ eſtranhados,
Tambem padecem muitos innocentes,
Que por falſos indicios ſaõ culpados:
Minina bella, em montes inclementes,
De penhaſcos, & Carças pouoados!
Ah! que ſem falta he a cauſa grande, & rara,
Delicto alheo foi, deſdita amara.

45.

Não ſei como eſſes Ceos, vendo os aſſeos
Da graça, & perfeiçaõ, que vos quilataõ,
Em nuuens de criſtal, de gloria cheos,
Não decem logo, & vos não arrebatão?
Se là fingem gentìlicos enlęos,
Que ao mais alto dos Ceos, que vos retrataõ,
Arrebatou hũa Aguia hum geſto airoſo,
Como não vem roubar ſer mais fermoſo?

Mas

46.

Mas como ha de roubar o Ceo radiante
A quem o rouba a elle, & o namora?
Que de vossa belleza o Ceo amante
Roubado, vendo estou, que vos adora:
Porque Vôs, co esse Angelico sembrante,
Que mais flores produz, q̃ em Mayo a Aurora,
Não sò roubais as almas docemente,
Mas atè o mesmo Ceo puro, & luzente.

47.

Não sei, que vejo em Vôs, Senhora altiua,
Que Deidade transluz taõ gentil Cara,
Que em Vòs vejo hum fulgor, que me catiua,
Que sae, qual Sol ao Ceo na Aurora clara?
Bem penetro, que estou já excessiua,
Mas Amor, quando he grande, não repara,
Mais que em manifestarse, & eu dest'arte,
De que toda vos amo sei sô parte.

48.

Daime licença, Angelica Princeza,
(Que esta me pareceis no gesto, & traça)
Que acompanhe esse Sol dessa belleza,
E que dos Rayos seus sombra me faça:
Com vosco me leuai pella aspereza
Dos Montes, que hoje passaõ de Ceos praça,
Porque se Anjos nos Ceos gloriosos moraõ,
Nos Montes vejo a dous, que os Ceos namoraõ.

Disse:

49.

Disse: & a sacra MARIA, & Ioseph graue
De seus summissos termos obrigados,
Com mostras de prazer, gesto suaue
Lhe agradecem seus animos honrados:
E por se mostrar grata a celeste Aue,
Sobre perlas abrindo os animados
Rubìs, desta maneira respondia
Das Pastoras á bella Companhia.

50.

Pastoras bellas, honra das Montanhas,
Que com alegre passo agora pizo,
Que com terem de marmore as entranhas
Brandas me ofrecem tanta graça, & auizo;
Quem me hoje traz por solidoẽs estranhas,
Que saõ ansia dos pès, dos olhos rizo,
Crime proprio não he, remedio alheo
He d'hum delicto antigo, inorme, & feo.

51.

Não fui nelle culpada, & bem patente
Minha innocencia està, mas por indicios
Alguns (poucos) me tem por delinquente,
Sendo que crem, que izenta estou de vicios:
Dizem, que por peccar hum meu Parente,
Que Eu que tambem herdei seus maleficios,
Sendo, que o que se diz tem juizo vario,
E que o Mundo em geral julga o contrario.

Vou

52.

Vou começar a pòr em liuramento
Este Parente meu com graõ tumulto,
Que n'um carcere escuro está de assento,
E anhella ver do Sol o alegre vulto:
He a priuaçaõ da gloria seu tormento,
Que na masmorra o tem seu graue insulto,
E Eu, por lhe acudir, & por liurallo,
Padeço este rigor por seu regallo.

53.

Disfarçada naõ vou, que este he meu traje,
Que de mim nunca foi gala admitida,
Que a Planta, que em sy tem muita folhaje,
Nunca he de muito fructo enriquecida:
Sô me conuem fazer esta viage
Deste de minha guarda Anjo assistida,
E assi vos agradeço, & naõ aceito,
Que vòs me acompanheis com grato peito.

54.

Disse: & logo as Pastoras dezejosas
De mostrar seu affecto, & rendimento,
Metendo no surraõ as maõs fermosas
Tiraõ delle o melhor de seu sustento:
E de affectas passando a dadiuosas,
Lhe offerecem com grato acatamento
O queijo, & requeijaõ puro, & perfeito,
Por suas mesmas maõs obrado, & feito.

Em

55.

Em fètaõs, que matizaõ crauelinas,
Seus dons lhe daó as rusticas Donzellas,
Que saõ de Corte nas feiçoens diuinas,
E tanto no entendido, como em bellas:
Para dar este mimo, as Cecens finas
Das aluas maõs lhe seruem de baixellas,
Mas quando os lacticinios dar quizeraõ,
Na cor das maós lhe fica o que entaõ deraõ.

56.

Aceitalhe a Christìfera MARIA
De seu pequeno dom o grande affeto,
Mais por vrbana, & sancta cortesia,
Que da dadiua mesma pello objeto:
De sy naõ toma a dadiua a valia,
Mas da vontade, & animo secreto
Com que se dà, & a Virgem, que o conhece,
Quando hum lhe aceita, o outro lhe agradece.

57.

Michol, Agar, Rachel, Ismenia, & Anna,
Das sinco, os nomes saõ, lindas Donzellas,
Onde o Nome da Virgem soberana
Tem nas primeiras letras delles Ellas:
Traz dellas cada qual por pluma vfana
Hum ramo no chapeo de flores bellas,
D'huma letra gentil feito â maneira,
Onde do Nome seu traz a primeira.

Ofrece

58.

Ofrece cada qual o Ramo airoſo
Aa Virgem, que lho aceita em corteſia,
Ficando a Virgem lendo, & o caſto Eſpoſo
Nelles juntos o Nome de MARIA:
Iſto, que acaſo foi, por myſterioſo
Tem Ioſeph, vendo a bella Companhiã
Em boninas trazer (porque mais creça)
O Nome de MARIA na cabeça.

59.

Logo junto de ſy manda ſe aſſentem,
Porque em quanto pedia imperio tinha,
Porque as Flores ao Boſque ſe acrecentem,
De quem a Virgem Roſa era a Rainha:
Ellas, que indignas d'hum tal bem ſe ſentem,
Dizem, que tal fauor lhe não conuinha,
Que eſtar de joelhos ante tal portento,
He o que lhe conuinha por aſſento.

60.

Inſta a Virgem celeſte, & as Donzellas
Obedecendo a rogo tão ſuaue,
Mais ſinco flores dando às verdes tèllas
Da Selua, tomão nella aſſento graue:
Qual Lua, que cercada eſtá de Eſtrellas,
Fica dellas cercada a Angelica Aue,
E o Virginal Eſpoſo á parte poſto
Borrifa de prazer o caſto Roſto.

En

61.

Em practica ſuaue, em quanto a calma,
Que do campo os verdores entriſtece,
Faz, que as ſombras ao Sol leuem a palma,
Que ao Sol ſe foge, & a ſombra ſe apetece,
Moſtrando o coraçaõ, expondo a alma,
Que no roſto, & na practica offerece,
Eſtá a Virgem celeſte co as Donzellas,
Que Ioſeph logra á parte o objecto dellas.

62.

As Aues ſobre as aruores, que ſeruem
De docel verde ás ſantas Perſonagens,
Porque dellas o eſtylo então obſeruem,
Em módulas conuerſaõ lingoagens:
Verdes chapeos, em quanto os rayos feruẽ,
Porque as plãtas lhe dão, delles plumagẽs
As Aues tratão ſer de varias cores,
Cujas plumas apellão para flores.

63.

Os diuinos Eſpoſos conuidâraõ,
Co que tinhaõ na meſa parca, & ſanta,
Aas Paſtoras gentìs, que ſe eſcuſáraõ,
Em quanto ſua inſtancia não foi tanta:
Tanto que refeiçaõ todos tomáraõ,
Ioſeph caſto, & a Virgem ſacroſanta
Co as Donzellas gentís as graças deraõ
A Deos, que entre ſy occulto alli tiueraõ.

64.

Leuantouſe a Aura, que atè então durmira
Em thàlamo d'aromas recoſtada,
(A Aura, que em outro tempo a morte vrdìra
A Procris bella, quanto deſgraçada)
E tanto que nas plantas ſe ſubira,
E co ellas em brincar ſe deſenfada,
Os Eſpoſos do Ceo, que Anjos retrataõ,
Continuar a jornada ambos ſós trataõ.

65.

Querem acompanhallos as Donzellas,
Que preſas em taes graças ſe moſtrauaõ
Com cadeas mais ricas, do que aquellas
Com que os Gàllicos pòuos ſe oſtentauão,
Que ſe d'ouro os fuzìs, que ſayem dellas
D'Hercules pella boca, os agrilhoauão,
Pellos olhos, & bocas, mais que humanas,
Sayem priſoens de amor mais ſoberanas.

66.

Ficaõſe pezaroſas, & obedientes,
Ficando em ſy, de ſy ſómente o menos,
Que a alma, & o coraçaõ lhe vão pendentes
Dos dous Eſpoſos candidos ſerenos:
Decem eſtes aos prados florecentes,
Fazlhe a diſtancia os corpos mais pequenos,
E ellas cegando ô longe em ſeus objectos,
Morrem d'amor ás maõs de ſeus affectos.

Leua-

67.

Leualhe por vontade a alma catiua
Aas Paſtoras a Virgem ſoberana,
Naquella fermoſura mais que altiua,
Naquella graõ virtude mais que humana:
Co aquelles dons do Ceo, graça exceſſiua,
Fulgor mais que de Phebo, ou de Diana,
Co as partes admiraueis, com que enleua,
Os coraçoens traz ſy, & as almas leua.

68.

Que a fragrancia do Corpo ſublimado
He tanta, que recende, & que regalla,
Não ſò por ſer taõ bem complecionado,
Mas porque hũ raro odor celeſte exhalla:
Nome de Cinamòmo lhe foi dado, Ecclef.24.
Porque hũ cheiro do Ceo, q̃ não ſe igualla,
De ſy fragrando eſtà, de tal maneira,
Que onde na Terra eſtâ, tudo a Ceo cheira.

69.

Hũa Roſa, & hũa flor naturalmente
Cheira, & ſe flor a Roſa foi chamada,
Que fragrancia de ſy lance excellente,
He couſa natural, & exprimentada:
Mas era o cheiro ſeu tão differente
Das boninas, que fica ſupperada
A mais fragrante flor deſta Flor graue,
Que he a fragrãcia, que exhalla, mais ſuaue.

70.

Que as duas qualidades peregrinas
De natural fragrancia, & claridade
Teue a Virgem no corpo, entre as diuinas
Graças mais, ſem ter nunca enfermidade:
Vendo portentos taes, partes taõ dinas,
Tão notauel fulgor, tanta beldade,
Se conuerterão muitos, conuencidos,
De ver graças, & dons já nunca ouuidos.

71.

De Phantea ſe diz, que era taõ bella,
De virtude, & primor taõ preferido,
Que como n'um criſtal, no roſto della
Seu exercito via ſeu Marido:
Se a reſpeito do Sol, menos que Eſtrella,
Da Virgem em razão, Phantea ha ſido,
Que reſplandor, que graça ſe veria
Nas faces de criſtal da alta MARIA?

72.

Aquellas naturaes impuridades,
Que ao ſexo feminino coube em ſorte,
Naõ padece em nenhũa das idades
Do Eſpirito Sancto a alta Conſorte:
Taõ puras tem do corpo as qualidades,
Que corrupçaõ de humor, doẽça, ou morte
Lhe naõ podia dar, que a excellente
Virgem morreo d'amor, naõ de doente.

Em

73.

Em grao eminentiſſimo, de quantos
Anjos, & Santos teue o Ceo, & a Terra,
As virtudes, os dons, & os dotes ſantos,
Todos a Virgem pura logra, & encerra:
As boas propriedades, que houue em tantos
Animaes, tambem logra; & doce guerra
Faz ás flores, que ſaõ mais preferidas,
Que em virtude, & odor deixa excedidas.

74.

Teue de lingoas Dom, com que entendia
Todas, & a ſua tambem todas entendem,
E da meſma maneira conhecia
Alheos coraçoens quanto comprendem:
Da Terra, & mais do Ceo tudo ſabia,
Que as ſciencias mais altas ſe lhe rendem;
Sapiencia, & Sciencia infuſa encerra,
Para o Ceo hũa, & outra para a Terra.

75.

As Bemauenturanças oito, ao viuo,
Em ſummo grao eſtaõ nella eſculpidas;
De Prophecia o dom ſupremo, & altiuo
Tem, com prerogatiuas nunca ouuidas:
Em fim, que foi do Ceo ſupremo Archiuo,
Onde as virtudes todas, repartidas
Por quantos Santos ha em Ceo, & em Terra,
Todas em ſummo grao inclue, & encerra.

76.

E por tantas razoens, portentos tantos,
Virtudes tão celestes, tal belleza,
Em taõ diuinos dons, dotes taõ santos,
Fica a Alma, a quem a vio, catiua, & preza:
Quanto nella se vio, saõ tudo encantos,
Com que o Ceo fez pasmar a Natureza,
E por tanto as Pastoras, que se admìraõ,
Co coraçaõ traz della entaõ partìraõ.

77.

Continuando vão sua jornada,
Hora montes pisando, hora planicie,
Ioseph illustre, & a Virgem sublimada,
A quem o Ceo he baixa superficie:
O Sol, que da flor foge namorada,
Do Sol da Virgem fica amante Clicie,
Quando ella algũa vez, porque elle a enoje,
Foge do Sol, qual elle a Clicie foje.

78.

Pouco, & pouco, por pontos, & minutos,
Decendo vai ao mar de Daphne o amante,
Onde os quatro alazoens ardentes Brutos
Decem co Carro d'ouro rutilante:
Vaõ as sombras crecendo, & nellas lutos
Arrasta o monte, & a planta ressonante,
Ou he, que suas sombras faz maiores,
Por fazer co ellas sombra a Soes melhores.

Mas

79.

Mas tanto que veſtido d'encarnado
Phebo na Corte entrar de Thetis fria,
E no Palacio azul for hoſpedado,
Onde ſoye durmir de noite o dia;
Propoem tomar humilde agaſalhado
Ioſeph caſto, & a puriſſima MARIA
N'uma paſtoril caſa, que defronte,
De longe vèm, q̃ occupa o pê de hũ monte.

80.

Na fralda de hũa ſerra pedregoza
A ruſtica morada ſe diuiza,
Que entre verde aruoredo eſtancia goza,
Que a aſpereza do monte ſuauiza:
Hum Regato, que alli d'hũa fermoza
Fonte nace, eſte ſitio lh'ameniza,
Cingindo ô monte em arco o criſtal frio,
Que frechas de criſtal deſpenha a hum rio.

81.

Tanto que já (qual a Marè crecendo,
Que pouco, & pouco banha a branca area,
Que de criſtal com lingoa vai lambendo,
Atê, que a praya cobre a Marè chea)
A ſombra foi do Sol a praya enchendo,
Atè banhar a terra em treua fea,
Para não naufragar em ſeus eſcuros,
Trataõ de tomar porto os Anjos puros.

82.

Para a palhiça casa os passos mouem,
Que pequena distancia jà ficaua,
Porque as ditas d'Abram nella renouem,
Quando Anjos menos bellos hospedaua:
Iâ, para que se aninhem, & se encouem
As Aues, & Raposas, causa daua
O primeiro Crepùsculo, pouco antes,
Que o Ceo acenda os Cirios rutilantes.

Gen. 18.

83.

Balando o aprisco buscão já as Ouelhas,
& a Cordeira dos Ceos as acompanha,
Que o gado, & os Pastores, em parelhas,
Decem para os apriscos da montanha:
As flores amarellas, & vermelhas,
Que Flora tinha em flòrida campanha,
Emboscadas nas sombras se occultauão
Das Estrellas, que então sobr'ellas dauão.

84.

Que vendo nas campanhas superiores
Tantas mechas caladas rutilantes,
Exercitos, que vinhão sobre as flores,
Cuidão, que saõ os Astros scintilantes:
Porque o Sol os armou de resplandores,
Por soldados os Astros tem, que infantes,
Crem, que as Estrellas saõ, que na eminencia
Das campanhas do Ceo tem assistencia.

Mas

85.

Mas a verdade foi, que o Ceo fulgente,
Por ver os Caminhantes peregrinos,
De zafir aos balcoens ſahio contente,
Feito hum Argos azul d'olhos diuinos:
Chegando â humilde caſa, della a gente,
Quando os Rebanhos ſayem criſtalinos
A paſcer grama azul nos altos prados,
Os ſeus recolhem nos curraes colmados.

86.

Aa porta os Peregrinos ſoberanos
Eſperaõ do tugurio os moradores,
Que do Lobo voraz temendo os danos,
Andaõ fazendo officio de paſtores:
Vem para caſa, & vem os ſobre humanos
Eſpoſos, que com graça, & com primores
Lhe pedem agaſalho, a que os ajuda
Da noite a boca, que lho pede muda.

87.

Era o dono da caſa hum Paſtor velho,
Que treze luſtros ter moſtra de idade,
Homem de bom viuer, de bom conſelho,
E, pello modo ſeu, de authoridade:
Transluzia de ſy, como de eſpelho,
Viſlumes de prudencia, & ſantidade,
Filhos, & Mulher tinha, & ao que moſtraua,
Feliz viuia, & nada lhe faltaua.

Com

88.

Com ledo coraçaõ, com doce agrado
Dá pousada aos celestes Peregrinos,
Em cujo objecto, & graças enleuado,
Que hospêda Seraphins cuida diuinos:
Com desuelo, com ansia, & com cuidado,
Côm doce gratidão, termos beninos,
Os agasalha, em quanto a Aurora fria,
A noite não sepulta, & pare o dia.

89.

Despois de mesa, em pratica agradauel
O Velho com MARIA, & Ioseph fica,
Despois, que esposa, & filhos, com notauel
Summissaõ, se lhe postra, & se dedica:
Perguntalhe o Pastor, se da innefauel
Encarnaçaõ do Verbo se pratica
Lá na Corte, entre sabios, & prudentes
Vistos nas Escripturas excellentes.

90.

Algũas recitou das Prophecias,
Que do sacro Mysterio daõ noticia,
Que ouuido tinha em seus antigos dias,
E obseruadas de sua puericia:
Alli repete aquella de Isaías
Taõ chea de esperança, & de dilicia,
Em que trata da Virgem preeminente,
Que o Pastor, que a recita, tem presente.

91.

Ioſeph reſponde (os olhos feitos fontes
Com dezejos de ver já a Deos humano)
Quem creria, que achaſſe neſtes montes
Prudencia tal, ſugeito taõ vrbano?
Porque elles te haõ ſubido aos Oriſontes,
No Ceo aprender deues ſoberano
Eſſas liçoens, que taõ capaz recitas,
E eſſas glorias, que enuolues no que ditas.

92.

Naõ ſe falla de nouo em ſeu effeito,
Porèm da alta Eſcriptura bem ſe alcança,
Que deue de eſtar perto o tempo aceito,
Em que fim ha de ter noſſa eſperança:
E ſe o auſpicio, que ſinto câ no peito,
Por meu, me não fruſtrára a confiança,
Crêra, que a Virgem bella em noſſos dias
Ha de dar complemento ás Prophecias.

93

O Paſtor, que notado o modo tinha,
A graça, a pudicicia, & a fermoſura
Daquella, que ha de ſer dos Ceos Rainha,
E aquelle reſplandor d'Alma taõ pura;
Como que o coraçaõ já lhe adeuinha,
Que era aquella, a que tanto ver procura,
Rompe neſtas palauras, impellido
D'hum nouo alento, & eſpirito ſubido.

Varaõ

94.

Varaõ illuſtre, ſe he que ſois experto
Nas Propheticas letras, & alcançado
Tendes dellas, que eſtá o tempo perto,
Em que ao Mundo ha de vir Deos humanado,
A Virgem, que Mãy ſua ha de ſer certo,
(Conforme ha muito eſtà prophetizado)
Iulgo com meu juizo rudo, & toſco,
Que he eſta, que trazeis aqui comvoſco.

95.

Illuſtriſſima Virgem, quanto atento
Neſſe celeſtial Virgineo geſto,
Tudo he Ceo, tudo he luz, tudo he portento,
Onde a Omnipotencia mete o reſto:
Poderſehà enganar meu penſamento,
Mas em Vòs eſtou vendo manifeſto,
Que Virgem naõ naceo atè eſta era,
Tão ſanta, taõ capaz, nem taõ ſincera.

96.

Logo pella manhãa ſe vè no dia,
Se ha de ſer claro, eſcuro, quente, ou frio,
Se ſe tem derretido a neue fria,
Logo o moſtra na enchente o claro rio:
A meſſe logo entaõ, quando ſe cria
Moſtra o fructo, que dar pòde no Eſtio,
Aſſi em Vôs eſtou vendo, & não me implico,
Sol claro, Enchente illuſtre, & Fructo rico.

A Vir-

97.

A Virgem ſoberana ha conferido
Tudo n'alma, em q̃ a Deos dá mil louuores,
Vendo, que por Mãy ſua foi ſeruido,
Que a venerem tẽ ruſticos Paſtores:
Mas logo com juizo alto, & ſubido,
Trazendo do rubì ao Roſto as cores,
Reſponde ao Velho ruſtico prudente
Deſta ſorte, entre graue, & entre contente.

98.

Não ſou digna, ô Paſtor honrado, & ſanto,
De eſcraua ſer deſſa Senhora bella,
Que do Ceo por milagre, & por eſpanto
Ha de ſer Mãy do Verbo, & mais Donzella:
E ſe Deos me quizer ſubir a tanto,
Que ſeja, ſendo indigna eſcraua, aquella
De quẽ quer tomar carne, & humano traje,
Naõ he porque às de mais leue Eu ventaje,

99.

Neſtas, & n'outras practicas de eſprito
Paſſaõ parte da noite em varia hiſtoria,
E os Paſtores com bem taõ inaudito
Innundaõ em prazer, banhaõſe em gloria:
Deſpois de ſe render o corpo aflito
Aa morte, que Morphèo dà tranſitoria,
Iâ deſpois da Oraçaõ, cõ a doce vinda
Da Aurora, Ioſeph parte, & a Virgẽ linda.

Deſpois

100.

Despois de despedidos dos Pastores,
Que sentem sua ausencia enternecidos,
Dando à Aurora mais bellos resplandores,
E os campos reduzindo a mais floridos;
Altos montes, & valles inferiores
Vão pisando os Esposos mais subidos,
Continuando, ao modo da primeira,
A segunda jornada, & a terceira.

101.

No fim desta, já quando o Sol queria
Recostar a cabeça d'ouro fino
No leito de zafir de Thetis fria,
Que em Palacio o hospéda cristalino;
O da illustre parenta se ofrecia,
Hum monte ennobrecendo ao par diuino,
Que quanto mais para elle caminhaua,
Que hia crecendo, á vista se antolhaua.

102.

As Pastoras, que então jà cos Pastores
O gado vem trazendo, em encontrando
O Consorcio do Ceo, que inspira amores,
Ante elles se ajuntàraõ festejando:
E todos tributandolhe fauores,
Os chapeos, & toucados despojando
Das capellas gentìs, que nelles trazem,
Para os cubrir de flores as desfazem.

Entre

103.

Entre bailes alegres, doces cantos,
Inſtrumentos tocando differentes,
De ſúbita alegria expondo eſpantos,
Vão ſeguindo aos Eſpoſos excellentes:
Que acõpanhando os dous portẽtos ſantos
Vaõ com bailes, & muſicas contentes,
Atè do graõ Leuita o illuſtre paço,
Que occupaua de Hebron hũ nobre eſpaço.

104.

Que todos quantos viaõ, & cegauão
Do geſto Virginal nos rayos viuos,
Tal affecto, & amor lhe tributauaõ,
Que de ſeu graõ primor ſe expoem catiuos:
Todos de coraçaõ aplauſos dauaõ
Aa Rainha gentil dos Ceos altiuos,
Que tal graça, & virtude exhala, & expẽde,
Que a tudo, quanto a vè, catiua, & prende.

105.

Cos Tûmulos encontrão excellentes
Em parte já do tempo diſſipados,
Que foraõ de tres claros Aſcendentes,
Dos Virgineos, & ſantos Deſpoſados:
Dous, do Marido, & Filho preeminentes,
Da que ſe rio dos Anjos hoſpedados,
O vltimo, daquelle que jà fora
Amante fino da melhor Paſtora.

Obſe-

107.

Obſequio lhe tributaõ puro, & ſanto,
Co a graõ veneraçaõ, que lhe deuiaõ,
Naõ lhe victìmaõ ays, nem libaõ pranto,
Porque o reſgate ſeu perto jà viaõ:
Que a Encarnaçaõ do Verbo ſacroſanto
A Virgem, & Ioſeph ambos ſabiaõ,
Ella do alto Myſterio, que occultaua,
Elle das Eſcripturas, que obſeruaua.

108.

Chegados, pois, os ſantos Caminhantes
Ao Palacio do nobre Zacharias,
Ià a vellos as Eſtrellas rutilantes
Vinhaõ ſahindo ás altas galarìas:
Eliſabeth, que tem recado d'antes,
Sae junto â noite, cos ſeus muitos dias,
A receber a Prima ao pateo nobre,
Acçaõ, que eſtimaçaõ, & amor deſcobre.

109.

Ou foi, que alguns dos ruſticos Serranos,
Que a aquellas horas vio Deidade tanta
Subindo aos mõtes, vir decẽdo aos planos,
Para lhe hir dar recado ſe adianta:
Que vendo graça, & dons taõ ſoberanos
No Varaõ juſto, & na Donzella ſanta,
Se foi de motu ſeu a dar noticia
A a illuſtre Eliſabeth de tal dilicia.

Ou

109.

Ou daqui o ſoubeſſe, ou lhe inſpiraſſe
Aa gram Matrona o Ceo, em como vinha
A Prima a viſitalla, & anhelaſſe
Ver as graças, que della ouuido tinha;
Ou foſſe, que algum Anjo lhe annunciaſſe,
Que a viſitalla vem a alta Rainha,
Aa porta eſtaua já alegre, & vfana,
Quando chegou a Virgem ſoberana.

110.

Cercada de criadas, & donzellas
A illuſtre Eliſabeth abrindo os braços, Luc. 1.
Os rende de jaſmins ás plantas bellas,
Dando à Virgem dociſſimos abraços:
Como liure dos braços della, & dellas
Se vio, antes de entrar nos altos paços,
Com doce voz, com que eſſes Ceos regalla,
Deſt'arte a Virgem bella á Prima falla.

111.

Deos vos ſalue Matrona ſublimada,
Honra de noſſo Tribu eſclarecido,
Que do labèo de eſtèril libertada
Fecunda eſtais, por dom do Ceo ſubido: Gen. 18.
Sabei, que ſois a Sâra auantejada,
Que, hauendo velha, & eſtèril, qual vós, ſido,
De Deos inda que alcança o Filho charo,
Que o que haueis de parir, foi menos claro.

112

Lograi o ſanto Ventre, & o Filho amado
Dado por Deos, por mais feliz ventura,
Que he certo, que ha de ſer Sol humanado,
Se o Sol do ventre ſae da noite eſcura:
Se da idade à noite aueis chegado,
Noite de Eſtrellas chea, & dita pura,
Quando de Vòs nacer o Filho altiuo,
Será viuo ſinal de ſer Sol viuo.

113.

Tanto que aſſi fallou a Virgem rara,
Chea Izabel de dom de Prophecia,
Banhando de prazer a ſenìl cara,
Treſuerte o goſto nella, & a alegria:
E tornando a abraçar a Prima chara,
Porque em braços ſe viſſe a noite, & o dia,
De Eſpirito diuino eſtimulada,
Aſſi ſaùda à Virgem ſublimada.

114.

Portento celeſtial, Sol feminino,
A cuja viſta o Sol luzido, & puro,
Quando vèſte os dous Pôlos d'ouro fino,
He hũa ſombra vil, hum Aſtro eſcuro:
Vòs, que na perfeição, primor diuino,
Os Anjos ſupperaes no etherio muro,
E deſſe Roſto dais, que rayos gêra,
3.Reg.34. Sinaes, que no Synai Moyſes jà dera.

Ben-

115.

Bendita ſois, ò Virgem ſoberana,
Entre quantas Mulheres haõ nacido, Luc. 1
Pois vos viſtes diuina antes de humana,
Quando do nacar d'Anna perla heis ſido:
Bendita ſois, pois deſſa Flor vfana
Ha de nacer o Fructo eſclarecido,
Que bendito ha de ſer, & Vôs bendita,
Que bem dita heis de dar á gente aflita.

116.

Donde me veo agora tal ventura,
Como eſta de vir ter comigo agora
A Mãy de meu Senhor celeſte, & pura,
Sendo do Sol diuino illuſtre Aurora?
Quando mereci eu, que a Fermoſura,
Que he de Deos Throno, & q̃ eſſe Ceo adora,
Me venha a mim buſcar neſtas montanhas,
Para me encher de glorias taõ eſtranhas?

117.

Eu ſerua, & Vós Senhora eſclarecida!
Vòs Princeſa ſem par, eu vil vaſſala!
Eu murca flor, Vòs Roſa preferida!
Eu o tedio do Mundo, & Vòs a gala!
Eu a meſma velhice aborrecida,
Vòs a belleza, a quem nenhũa iguala!
Pois quem digna me fez, ſendo eu indina,
De me buſcar de Deos a Mãy diuina?

118.

Vendo a Virgem, que á Prima he reuelado
O Myſterio por Deos, já não negando
O innefauel Myſterio ſublimado,
Que Eliſabeth lhe eſtà manifeſtando:
Soltando a voz n'um Cantico ſagrado,
(Que he o primeiro, q̃ a Deos em metro brãdo
Da Graça ſe cantou na Ley ſuaue)
Deſt'arte dobra, & canta a celeſte Aue.

119.

Luc. 1. Magnifica, & engrandece eſt' Alma minha
A o Senhor dos ſenhores ſoberano,
Sap. 24. Que creada em ſua mente já me tinha
Antes do Ceo, da Terra, & do Occeano:
E o Eſpirito meu, vendo que vinha
A vnirſe, ſem labèo, ao corpo humano,
Sempre em Deos exultou; cuja Virtude,
Antes de enferma ſer, me deu ſaude.

120.

Porque lá deſſes Ceos, Throno diuino
Com olhos, de que a luz aos Aſtros daua,
Como em Eſpelho puro, & criſtalino
Se reueo na Humildade deſta Eſcraua:
E por taõ ſummo bem, fauor tão fino,
Em quanto doura o Sol, quanto o Mar laua,
Bendita me diraõ com hymnos nouos
Todas as Gèraçoens, todos os Pouos.

Por-

121.

Porque aquelle Senhor taõ ſublimado
Seu poder oſtentou, ſua grandeza
Em me ſubir de Eſcraua ao mòr eſtado,
Subindo atè os Ceos minha baixeza:
E a poder referir quanto me ha dado
De dons do Ceo, de gloria, & de riqueza,
Os Orbes ſuſpendéra, em fauor tanto,
Com que me engrandeceo ſeu Nome ſanto.

Luc. 1.

Bed. in 1. Luc.

122.

Sua Miſericordia preeminente
(Attributo infinito, que o decóra)
Aquelles lograràõ perpetuamente,
Que temerem ſeu nome a toda a hora:
Por ſua gèraçaõ de gente em gente,
(Tanto alcança quẽ teme a Deos, & adora)
Sua Miſericordia dilatada,
Serà neſtes, que digo, executada.

123.

Armou de ſeu poder taõ admirauel
Seu Braço ſoberano; & golpe duro
Deſcargou com valor irreparauel
Sobre os ſoberbos vãos d'exẽplo obſcuro:
E aquella vaidade miſerauel,
De que trazião cheo o peito impuro,
Lhe fruſtrou, & punio de tal maneira,
Que em ſeu caſtigo vèm ſua cegueira.

124.

Que os Soberbos do Mundo,& poderoſos,
Que a Lucifer nos termos imitauão,
Qual a Eſtatua,poſtrou, dos poderoſos
Thronos,de que arrogantes dominauaõ:
E os Humildes, que em actos feruoroſos
D'amor,& piedade ſe occupauaõ,
Os exaltou a Thronos ſingulares,
Trocando eſtes co aquelles os lugares.

Daniel.2.

125.

Os Pobres,que da fome fatigados
Eſtauaõ de humildade enriquecidos,
Encheo de bens,& mimos regalados,
E do Ceo de theſouros preferidos:
E os Ricos em ſeus vicios obſtinados
Da riqueza os deixou deſtituidos,
Que a ſorte por trocar a bons,& iniquos,
Os ricos pobres fez,& os pobres riquos.

126.

Recebeo Iſrael das Prophecias
Aquelle doce fim,que tanto anhella,
Que o ſummo Rey das altas Gerarchias,
Minino quer nacer de Mãy Donzella:
Com jùbilos de gloria,& d'alegrias
Recebeo(de burel cobrindo a tèlla)
Eſte Infante do Ceo, que eſtà lembrado,
Que de Miſericordias vem cercado.

127.

Que da mesma feiçaõ, que ha annos tantos
Por sua sacra boca o predissera
A nossos jà passados Padres santos,
Assi cumpre a palaura, que lhes dera:
A Abrahaõ seu mimoso, digo, & a quantos
Descendentes ha tido atè esta era,
Porque nesta occasiaõ cumprida vejo
Delle a promessa, & delles o dezejo.

128.

Assi cantou a Virgem a Deos louuores
Em verso, por ficarem mais suaues,
Que para a Deos louuar, delle inuentores
Ennòs foi, & despois Prophetas graues:
Em verso estão, se estão em orde, as Flores,
Versos as melodias saõ das Aues,
Hymnos, & Psalmos saõ versos diuinos,
Que sem versos não ha Psalmos, nem Hynos.

129.

Tubal, vindo imperar na Hesperia antiga,
Sendo vassallos seus, seus descendentes,
Em verso lhes deu leys, com que os obriga
A obseruar seus decretos excellentes:
Que do metro o suaue, & a doce liga
He delicia a juizos excellentes,
E porque de suas leys nenhuns se enfadem,
Em verso lhas compoz, porque lhe agradem.

130.

E atê aquelles, que em verſo decantárão
Damas, Amores, Satyras, & Guerras,
Seu nome câ no Mundo eternizârão,
Honrando vario Reyno, & varias Terras:
Homero, que as Naçoens todas honrárão,
(Que de Heſpanha piſou valles, & ſerras)
Antes de Chriſto foi mais de ſeiſcentos
Annos, ſem prouar nunca eſquecimentos.

131.

Virgilio, que de humilde nacimento
Se leuantou ao globo mais remoto,
Das leys do Lethe o verſo o deixa izento,
Sendo ha tanto ſugeito ás leys de Cloto:
Ouidio, cujo verſo foi portento
No ſuaue, & ſubtil, por commum voto,
Inda que ha tanto o mata o Fado eſquiuo,
Sempre, ſem morrer nunca, eſtarà viuo.

132.

Pindaro, por eſta arte tão diuina
Do metro, em q̃ em ſeu tempo ſ'ha eſmerado,
Quando Alexandre a Thebas arruìna,
Manda, que elle sò fique preſeruado:
Hũa moeda d'ouro Grecia aſſi na
A Cherillo, por cada verſo am ado;
Que foi no tempo antigo a alta Poeſia
De Reys, & Generaes a idola tria.

Eſtes

133.

Eſtes,& outros mil,que ſe ſeguiraõ,
Que eſtatuas tem,da fama nos altares,
Sò pello culto verſo conſeguiraõ
Ser de honras illuſtrados com milhares:
Alguns a Senadores ſer fugíraõ,
Só por comporem verſos ſingulares,
Silio o fez,& outros,que não conto,
E dos noſſos alguns,que não aponto.

134.

Mas hoje neſtes tempos,ſe bem julgo,
De taõ diuino dom ſe naõ faz conta,
Que entre juizos vìs,gente do vulgo,
O que foi a mòr honra, he a môr afronta:
Por acçaõ de prudentes não diuulgo
Eſta,que com vontade alegre,& pronta
Eſtes dão o que he ſeu ao douto verſo,
Que sò verſo ſe chama o douto, & o tèrſo.

135.

Que todo o que ſelecto metrifica,
Alèm de ſeu diuino entendimento,
A toda a arte,& ſciencia a mente aplica,
Para de todas ter conhecimento:
Que inda que d'ouro tenha a vea rica,
E tranſcenda eſſes Ceos co penſamento,
Sem ter noticias taes,em amplo aſſunto
Lhe eſtancarà o engenho,& a pena junto.

Quem

136.

Quem fez inuilecer esta Flor bella,
Que das partes de mais, he a mais diuina,
He a vulgar ignorancia, com que nella
Poem sacrìlega mão caterua indina:
Se a Arte, & primeiro o Ceo, se não desuella
Em aperfeiçoar esta Bonina,
Não trate, não, ninguem de cultiualla,
Que sò em culto jardim fragrancia exhalla.

137.

O Musa celestial, Virgem sagrada,
No juizo, nas partes, na sciencia
Sobre todos os Anjos sublimada,
E sobre toda a humana intelligencia:
Bem mostrastes na musica acordada
De versos taõ subtìs vossa excellencia,
E que sô Vòs podeis cantar louuores
A a Flor de vosso fructo em sacras Flores.

138.

Vós, Rosa soberana, Aue diuina,
(Que fragrando harmonìa, aromas canta)
Qual Rosa, & Aue em hora matutina,
Tanto odor affinais, musica tanta:
Cheiro de canto, & voz d'aroma fina
Nesta harmonìa aquì exhalais santa,
Que por melhor cantar, ser mais fermosa,
Aue, que dobra, sois, dobrada Rosa.

De

139.

De dez verſos gentìs foi voſſo canto,
Que foraõ cordas dez d'altiuo accento
Deſte voſſo Pſalterio acorde,& ſanto,
Que de dez cordas conſta eſte inſtrumento:
Delle o Cyſne Propheta ha dito ha tanto
Ao ſom da harpa que toca, que o concento
De taõ diuino ſom,voz taõ diuina
Por prodigio já d'antes vaticina.

140.

Em quanto,pois,cantou a Virgem pura,
Que em ſua candidez,& voz ſuaue
Excede, na garganta,& mais na aluura,
Do Cayſtro a neuada,& môdula Aue:
Ioaõ cheo de graça na clauſùra
Materna,com prazer diuino,& graue,
De ſorte á Mãy ſua gloria communica,
Que naõ cabendo em ſy de prazer fica.

141.

E ao ſom das duas Primas affinadas,
Que hum diſcante fizeraõ excellente,
Bailou dentro Ioão das illuſtradas
Entranhas, dando ſaltos de contente:
Porque tanto que ouuio as acordadas
Vozes, em ledos ſaltos docemente
Ante a Arca do Senhor,nelles ſe eſmera,
Como hum ſanto Auò ſeu d'antes fizera.

Que

142.

Que do Eſpirito ſanto eſtimulado,
Ouuindo a ſacra voz da Virgem ſanta,
Da viua cithra d'ouro ao ſom ſagrado
O Infante Ioão baila, & Izabel canta:
Que ouuindo a voz do Verbo, q̄ encerrado
Vem no Clauſtro da Virgem ſacroſanta,
Com jubilos, & bailes d'alegria,
Sem voz, a Voz ao Verbo reſpondia.

143.

Que vendoſe Ioão da mancha, & falta
De Adam liure por Deos, cõ goſto interno,
Querendoſe ſahir do ventre, ſalta,
Por vir fóra adorar ao Verbo Eterno:
E co vſo da razão, que jà o exalta,
A Deos reconhecendo, do materno
Carcer graças lhe rẽde, & humilde o adora,
Que vé que o ſacro Sol ſe inclue na Aurora.

144.

Qual d'agoas o Vèdor vé a natiua
Vea d'agoa, que occulta a denſa terra,
Que onde a viſta dos olhos ſe lhe priua,
Co lume da arte acerta, o que o ver erra:
Tal vè Ioão a Fonte d'Agua viua,
Que na Terra do Ceo virgem ſe encerra,
Que ſe então para a ver lhe falta a viſta,
Vè co lume do Ceo, que vè lhe aſſiſta.

Ioan. 4.
Pſalm. 84

Ou

145.

Ou qual Rayo, que dá na têrſa eſpada,
Que ſem impedimento da vainha
A folha lhe penetra acicalada,
Que concebida em ventre eſtreito tinha:
Tal o Rayo de luz da Luz ſagrada,
Que vibra o Sol da Angelica Rainha,
Penetra a folha de criſtal viuente
D'Eliſabeth no clauſtro preeminente.

146.

Em quanto as charas Primas entretidas
Suauemente eſtaõ; os dous Parentes,
Com moſtras de prazer d'Alma nacidas,
Os parabens ſe eſtaõ dando contentes:
Que em vez de vozes ſantas, & pulidas,
Com acçoens, & aſſenos differentes
A Ioſeph Zacharias manifeſta
Tudo o que n'alma tem de gozo, & feſta.

147.

Ioſeph com graõ prazer, graue, & ſizudo
Por aſſenos tambem lhe reſpondia,
Que por ſe parecer com elle em tudo,
Sem voz lhe falla, porque mudo o via:
De ſorte, que hum, & outro eſtaua mudo,
Hum de prazer, & o outro d'alegria,
E ainda que nenhum mudo eſtiuera,
Ambos tanto prazer mudos fizera.

Logo

148.

Logo entrando na ſala peregrina
De columnas de cera illuminada,
Que as vezes logra então d'Aula diuina,
Da Rainha, & do Rey dos Ceos honrada:
Della pendendo vem de tinta fina
Vario quadro, & figura aſſinalada
D'altos Progenitores, & Parentes,
Onde eſtaõ tranſuerſaes, entre aſcẽdentes.

149.

E reparando a Virgem ſoberana
Na pintura moderna, & mais preclara,
Vio entre as mais eſtar Iſmeria, & Anna,
Eſta a Mãy ſua, aquella a Tia chara:
Tinha Iſmeria a Izabel da mão vfana,
E Anna tinha em Minina a Virgem rara,
Que atéli ſe oſtentaua na pintura
Golfo de graça, & Mar de fermoſura.

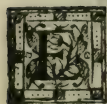
150.

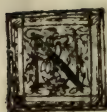
Logo hoſpedar aos dous Portentos charos
Trata Izabel, & o grande Zacharias,
Que com vontade liza, animos claros
Mandão guiſar diuerſas iguarias:
Hoſpedados os dous Portentos raros,
A aſſiſtencia Izabel de largos dias
Pede à celeſte Prima, a qual eſtima
Seja para ficar terceira a Prima.

CON-

CONTINVANDO COM o assumpto do passado; & das presumpçoens de Sam Ioseph.

CANTO IX.

ARGVMENTO.

EM quanto vezes tres a Deosa trina
Enche o rosto de luz, que ostenta vfana,
Aßiste â Prima a Virgem soberana
Atè nacer do Verbo a Voz diuina:
Mil cultos rende à sacra Peregrina
A gente cortezãa, turba serrana;
Voltase a Nasareth, que grata, & humana
Em darlhe o parabem toda se affina:
Corre o tempo; & em sinaes Ioseph repara
Da diuina prenhez, & de ansias cheo
De presumpçoens, em ondas mil fluctua:
Eis que hum Anjo o Mysterio lhe declara,
Conuertese em prazer seu triste enleo,
Pede â Virgem perdão desta ansia sua.

1.

NA casa illustre, & santa companhia
Do excellente Leuìta, & Izabel santa
Se fica a Serenissima MARIA,
Em quanto Philomena, & Tereu canta:
Que em quanto a Primauera flores cria,
O Bosque folha, & flor; & fructo a Planta,
E tres Signos nos Ceos Apollo corre
Pello Inuerno, que ás mãos do Veraõ morre.

2

Luc. 1. De Iudéa se fica nas montanhas
Exod. 25. A Arca do Testamento peregrina,
Qual ficou nas d'Armenia mais estranhas
Genes. 8. A Arca, que a Noé deu casa benina:
Ià nas Virgineas pùdicias entranhas
Da Emperatriz do Ceo, Virgem diuina,
No deserto, do Espirito leuado
Deos viue, antes de nelle ser tentado.

3

Isai. 2. Monte de santidade dominante
Psalm. 57. Sobre os de mais he a Virgem appellidada,
E se se busca sempre o semelhante,
Por isso hum Monte a outro Monte agrada:
Fica a Virgem com Deos hum Monte Atlante,
Sobre os mais altos Montes leuantada;
Pois melhor do que nelle, se reclina
Nella o Ceo no graõ Rey, q̃ os Ceos domina.

Mas

4.

Mas que muito que os Montes agradassem
Ao Monte sacro, que seus hombros piza,
Se nos cordeiros, q̃ em seus cumes pascem,
E nelles Ella, & Deos se symboliza:
De que os Montes co Monte se ajuntassem,
Cordeiros co Cordeiro, nos auiza
A Virgem, vindo a elles, & ficando
Co Cordeiro, entre os mesmos habitando.

Ioan. 1.

5.

Gentil Pastora, entre Pastoras bellas,
A Virgem antes de se hir quiz ser primeiro,
Se nos montes cordeiros guardaõ ellas,
Ella em monte melhor, melhor Cordeiro:
Gosta de ouuir as rusticas Donzellas
Gritar ao lobo, do mais alto outeiro,
Que ella ao Lobo infernal tambem vozea,
Que a presa solte jà da presa fea.

6.

Que ella em casa da Prima illustre, & santa
Faz tudo o que nos montes as Pastoras,
Se ellas cantaõ là nelles, ella canta
A Deos louuores mil todas as horas:
Se ellas plantas, & fontes (quando infanta
O Sol a sombra faz) buscaõ sonoras,
Ella he Fonte sellada, & Planta altiua,
De sombra toda luz, & d'agoa viua.

Cant. 4.
Eccles. 24.

7.

O tempo, da Oraçaõ que vago fica
Aa Virgem ſoberana, ao exercicio
De Minerua, que excede, alegre aplica,
Que eſtar ſempre occupada he ſeu officio:
Tal vez a Prima a ver a quinta rica
Leua aquella que tem ao Ceo propicio,
E junto ás fontes liquidas das ſeluas
Lh'ofrece por tapiz fragrantes reluas.

8.

As Boninas, que então logrão em Mayo
Virgem mais bella, & Signo mais benino,
Que aquella que em Agoſto he ſeu deſmayō,
Pois lhes murcha o verdor fragrante, & fino,
Clicies de tanto Sol, de tanto rayo,
Perfumaõ na Ara viua a Deos Minino,
Que Zephyro, que as moue, em copia denſa
Thuribulos faz dellas, com que incenſa.

9.

Nouo primor, fragrancia mais diuina
Tomaõ da Flor do Ceo com a aſſiſtencia,
Fazſe Pheniz purpurea a Roſa fina,
Que arde em pyra d'aromas de excellencia:
Cèrca de imagens mil deſta bonina,
Mayo Pintor da Roſa a preferencia,
(Que o he de Ierichó) para que crea,
Que de retratos ſeus toda a rodea.

As

10.

As Roſeiras, que ſaõ verdes brazeiros,
Que ardem de cheiro em rubicundas flamas,
Se jactaõ de ambreados piueteiros,
Sendo o aroma a flor, caçoula as ramas:
Cirios ſaõ, que vaporaõ varios cheiros,
As boninas de mais, que em varias chamas
De diuerſa fragrancia, & varias cores,
Ardendo eſtaõ em frios reſplandores.

11.

Que a Alampada, que pende, d'ouro fino
Deſſa Abobada azul, em ouro ardendo,
He pouco lume a Altar, que he taõ diuino,
E a Sacrario, que a Deos viuo eſtá tendo:
E por lhe preparar obſequio dino,
Flòra as vèlas de flor foi acendendo,
E em verdes caſtiçaes meſcla contente
Mil piuetes de flamma florecente.

12

O verde pauimento, que occupado
He da que encerra a Deos Cuſtodia bella,
Sobre o verde azulejo eſtâ adornado
De tapetes gentìs de verde tèlla:
De varia pedra fina eſtâ eſmaltado,
Pello occupar a Angelica Donzella,
Que os crauos ſaõ rubîs, jaſmins diamantes;
Quem vio gemmas de flor? pedras fragrantes?

13.

Templo se ostenta o Bosque florecente,
Que està enramado porque està de festa,
E a Capella de musica excellente
Canta em choro dos ramos da floresta:
Os Musicos, que alli suauemente
Cantão na manhãa, tarde, noite, & sésta,
Mil Aues saõ, que em seus accentos graues
Se desfazem com musicas suaues.

14.

Tal vez, â Virgem pura nesses ares
(Abrindo as azas, que ornaõ de mil cores)
Fauilhoens lhe estaõ dando singulares,
De flores plumas, ou de plumas flores:
Com cantares à Esposa dos Cantares,
Estaõ dando das aruores louuores,
Que a differentes choros emulando
Estaõ, á Virgem sacra, & a Deos louuando.

15.

A Fonte sobre o tanque despenhada
Com voz de prata canta, & naõ murmura,
E da bica atê o tanque arco formada,
Se finge Rebecaõ de prata pura:
E do bosque, por partes diriuada,
Em cobras de cristal pella espessura,
Cubrindose de flores entre as ramas,
Se salpica de pintas, ou de escamas.

Fu-

16.

Fugindo vai, com ser Serpe fingida, Gen. 3.
Da Inimiga da Auerna, & vil Serpente,
Que atè a figura desta se intimida
De ver o Sol da Virgem preeminente:
Porém de ver tal gloria suspendida,
Tornando atraz a lìquida corrente,
A figura perder de serpe trata,
Para do bosque ser banda de prata.

17.

A Virgem, & Izabel ambas louuando
A Deos em quanto vião, & notauão,
Està hũa co a outra conuersando,
E os Filhinhos ditando o que fallauão:
Tè que a feliz estancia jà deixando
Para o nobre palacio caminhauão,
Tendo o campo logrado em seu abono
A Primauera n'uma, & n'outra o Octono.

18.

De Elisabeth domesticas Donzellas,
Que lhes vem dedicando mil louuores,
Em capellas cantando, com capellas
Mostraõ, que hũas, & as outras saõ de flores:
E quaes junto do Sol claras Estrellas,
Que estão delle tomando os resplandores,
Parecem ante o Sol Virgineo puro,
Que torna por mais claro ao Sol obscuro.

19.

Assi entraõ no paço venturoso,
Que do Empyrio logrando o foro fica,
Pois do diuino Sol feito Coloso,
O logra posto então na Aurora rica:
Nelle fica, & não sei se o casto Esposo,
Que a tributarlhe obsequios sò se aplica,
Ficou com ella (todo o tempo digo)
Mas que tambem ficasse a crer me obrigo.

20.

Em quanto vezes tres a Deosa trina
De seu Arco vne as pontas de diamante,
E co as frechas da aljaua cristalina
A noite banha em sangue rutilante;
Assiste a duas vezes Peregrina,
No subido da graça, & no distante,
Na santa companhia da Parenta,
Que o Sacrario de Deos conuersa, & alenta.

21.

Tanto que a Voz de Deos sae das entranhas
Maternas, & soou no Infante santo,
A quem o Ecco incluso nas Montanhas
O accento duplicou, que soou tanto;
A Nasareth se parte das estranhas
Serras a Mãy do Verbo sacrosanto,
Deixando a Prima co mais bello Infante,
Que atè então Phebo vio do Nilo a Atlante.

Sàra,

22.

Sâra, cuja belleza foi tão rara,
Que de cem annos fez perder por ella
Os Principes de Syaõ, que a bella cara
Em desmentir a idade se desuella,
Porque tres Anjos bellos hospedàra,
Alcança hum filho, quando a Dama bella
Da esterilidade, & idade alcança
Ter perdida, de tello, esta esperança.

Gen. 18.

23.

E porque outros tres Hospedes melhores
Ha hospedado Izabel velha, & infecunda,
Outro filho alcançou de graças móres,
Que em maior gloria, & honra lhe redũda:
Que em hospedar, logrando dons maiores,
A MARIA, a Ioseph, & a Deos se funda,
Trindade, que com ser sacra, & da Terra,
Tres Pessoas, & hũ Deos sômente, encerra.

24.

Obededon, em cuja casa esteue
A Arca, por meses tres, do Testamento,
Pagalhe o Ceo esta honra, que lhe deue,
Com deixallo de bens mais opulento:
Pois Zacharias, que em sua casa teue
Melhor Arca, & Manà d'outro alimento
Por outros meses tres, cousa he notoria,
Que acquirio mòres dõs, muito mòr gloria.

2. Reg. 6.

Exod. 25.

25.

Despedese a Donzella mais fermoza
Da chara Prima, & pròspero Leuita,
Que se era d'antes mudo, a falla goza
Como a Voz lhe nacceo, que no Hermo grita:
O que na despedida saudoza
Passou, nem se propoem, nem se excogita,
Que se despede, basta dizerse isto,
MARIA de Izabel, de Ioão CHRISTO.

26.

Aa porta do Palacio a não espera
Turba de vulgar gente, entre outra nobre,
Cuja gala arremeda a Primauera
Quando de varia flor aos campos cobre:
Nem coches, que o do Sol nessa alta Esphera,
Porque mais ricos saõ, auultem pobre,
Nem de frizoens tiradas ha liteiras,
Que possaõ dar assentos nas cadeiras.

27.

Nem dos Cysnes de Venus, vãa deidade,
O carro de cristal, que sulca os ares,
Que das rodas ao som com suauidade
O vão tirando em môdulos cantares:
Mas na falta de tal sumptuosidade
Lhe sobraõ outras pompas singulares,
Que a esperão, cantando sacros tonos,
Cysnes Archanjos, & Carroças Thronos.

Psalm. 90.

Gente

28.

Gente mais nobre, & illuſtre Fidalguia
Da Corte celeſtial ſe lhe offerece,
Para hir em tão diuina Companhia,
Em que hir pompa terreſte não merece:
Quando em grandes fulgores arde o dia,
Porque o aureo calor não lhe empeceſſe,
Pallio os Anjos lhe dão de cores bellas,
Abrindo as azas d'ouro em varias téllas.

29.

Os Montes, & os Valles, que piſaua,
Saudoſos de tanta fermoſura,
Quando vião que delles ſe apartaua,
Tratão de ver ao longe a Virgem pura:
Que o Monte, & mais o Valle, que ficaua,
Para lograr tal bem traças procura,
Que as Montanhas ſe trepaõ nos penedos,
E os Valles, pella ver, nos aruoredos.

30.

As Ladeiras dos montes penetrando
Que a Virgem ao ſubir ſe fatigaua,
Cruel à natureza eſtaõ chamando,
Porque amena planicie as não formaua:
Mas tanta Mageſtade venerando,
A mais alta ſubida ſe poſtraua,
Vendo, que então ficaua mais ſubida,
Poſtrada aos pès da Virgem eſclarecida.

Os

31.

Os planos, que pisaua, alcatifados
De flores se lhe postraõ peregrinas,
E por aos sacros olhos dar agrados
De gala se vestiaõ as boninas:
De roxo o lirio, & crauo estaõ trajados,
E de branco os jasmins, & cecens finas,
D'azul as violetas, & as mais flores
Iá d'hũa cor, & jà de varias cores.

32.

As Fontes, que encontraua, offerecendo
Lhe estaõ com doce voz sua limpha grata,
E pella acompanhar hiaõ correndo
Em giros de cristal com pès de prata:
As Plantas, tal belleza, & graça vendo,
Inclinando a cabeça á Virge intata,
Seus sazoados fructos lhe ofreciaõ,
Que a suas plantas as plantas se rendiaõ.

33.

Na jornada segunda hum bosque honrando,
A tempo, em q̃ o Sol busca o leito vndoso,
Que hum Leaõ vem para elles caminhando
Vé a Virgem soberana, & o casto Esposo:
Fica Ioseph, qual fica o Nauta, quando
Vè que a Naue tocou no Cão aquoso,
Porêm logo o segura a Virgem bella,
De q̃ dòma a hum leaõ qualquer Dõzella.

Che-

34.

Chegando vem a tórua,& regia fera
C'hum cordeiro na boca atraueſſado,
Que como Rey das mais ſe conſidera,
Ao peito por Tuſaõ o traz lançado:
Co Cordeiro o Leão moſtraua, que era
Março,& Iulho n'um mez recopilado,
Pois juntos vem, com garbo peregrino,
O Signo de Aries, de Leão co Sino.

35.

Mas antes de chegar á Virgem bella
Pâra humilde o Leão com vulto grato,
E junto à ſacratiſſima Donzella
Larga o branco Cordeiro viuo,& intato:
Ioſeph da acçaõ ſe admira, porèm Ella
No Cordeiro,& Leaõ nota o retrato
Do Leão de Iudà, de Deos Cordeiro,
Que antes de manſo foi brauo primeiro.

Apocal.5
Ioan. 1.

36.

Enſinãoſe os Leoens deſde eſte inſtante
A obedecer á Virgem peregrina,
Pois ſe agora lhe poem viuo diante
Hum Cordeiro, de Deos figura dina;
Deſpois outro Leão a hum tenro Infante
Viuo fará trazer á Mây benina,
Que entre milagres mil, que em vida obrâra,
Meſtura os dos Leoens a Virgem rara.

S.Germ.

Nas

37.

Nas mãos leuanta (o medo jà perdido)
Ioſeph o branco Cordeiro, & à Virgem pura,
Imitando o Leão, que lho ha ofrecido,
Reiterarlhe a dadiua procura:
Ficão ambos, neſte acto preferido,
Hum tendo o original, outro a figura,
Que elle nas maõs, & a Virgem no ſagrado
Ventre tem a figura, & o figurado.

38.

O Sol (junto do qual he o Sol obſcuro)
Que na Virgem fulgùra reſplandores,
Parece que atrahio do Etherio muro
D'Aries, & Leo os Signos ſuperiores:
Que entre elles derramando hum fulgor puro,
Mayos gerando entaõ, chouendo flores,
(Se Mayo entre eſtes Signos ſe exagèra)
Entr'elles tem ſeu Sol, pois Mayos gèra.

39.

Deixa o Cordeiro, & logo ſe ha partido
O Leaõ, como a Virgem aſſi lho ordena,
E Ioſeph liure já da anſia que ha tido
Em gloria torna o que antes fora pena:
A Virgem, & Ioſeph compadecido
Larga o Cordeiro, vendo pella amena
Fralda do monte vir piſando o prado
Hum Serrano, que arminhos traz por gado.

Parece

40.

Parece, que assi como na clausura
Do Templo Deos mandaua as iguarias
Do Ceo por Seraphins à Virgem pura,
Para se sustentar todos os dias,
Que por este Leão, de Deos figura,
O Cordeiro, figura do Messias,
Lhe manda, como prato misterioso,
Para delle cear co casto Esposo.

Apoc.5.
Ioan.1.

41.

Mas a Virgem, de pura compassiua,
Guizarse o Cordeirinho não permite,
Que sò porque he de Deos imagem viua,
Que se lhe tire a vida não admite:
Em fim, tanto que esconde a fronte altiua
Phebo entre as lentas seluas d'Amphitrite,
Se recolhe Ioseph co a graõ Rainha
N'uma aldea, que alli tinhaõ vezinha.

42.

Passada a noite, tanto que outra Aurora
Vestida de carmim bordado d'ouro
Do leito de açucenas saltou fóra,
Dando ao vẽto o cabello ondado, & louro:
E tanto que em seus bẽs seus males chora,
Pois chora antiga magoa em seu thesouro;
A Virgem, que luz vibra mais serena,
Se parte á sua Patria Nasarena.

Che-

43.

Num.24. Chega co a noite a Eſtrella matutina
Aa Caſa, que por Ceo Naſareth goza,
Que a Italia trarão de Paleſtina
Os Anjos por charolla milagroza:
Chega, & deſcança a Virgem peregrina
Da diſtancia, em que alegre, trabalhoza,
Deſcança nella Deos feito minino,
Que quiz nella tambem ſer Peregrino.

44.

Reprendendo as Eſtrellas rutilantes,
Que a vella ſaem quando ſe recolhe,
A Eſtrella, que Balaó vio muito d'antes,
Com recolherſe, a luz lhes cega, & tolhe:
Que inda que aos Ceos bellezas ſcentilantes
Sahir de noite, crime não ſe antolhe,
Com tudo, a Luz, que os Aſtros ver dezejaõ,
Nem Eſtrellas de noite quer que a vejaõ.

45.

Tanto que a Caſa illuſtra, luminoza
Mais, que a que em Rhodas logra Delio louro,
Em ſeu jardim natiuo fica a Roza,
Que he de Caſa taõ rica o Botaõ d'ouro:
Alli o paterno ninho habìta, & goza
A Aue, que he Cofre já do mòr Theſouro,
Luc. 1. Ella occupada em Deos, & em ſeus lauores,
Ioſeph no officio, & em dar a Deos louuores.

Chu-

46.

Chuueiros d'ouro ſobre bronze duro,
De que he a Torre de Danae fabricada,
Chouer antigamente do Ceo puro
Nos relata hũa fabula ſonhada:
Mas na Torre compoſta d'aureo muro,
Que he a ſacra de Dauid Torre animada,
A cada inſtante o Ceo choue hum theſouro,
Que os fauores do Ceo ſaõ chuuas d'ouro.

47.

Vai o tempo crecendo, & à Roſa bella
Da diuina prenhez o vulto crece, Eccleſ.24.
Onde do campo a Flor, que ſe inclue nella, Cant.2.
Ambar exhalla, & ſeus adornos tece:
Deſta ſorte a Açucena, antes que della
Rompa, em copas, a flor, o ventre acrece,
E aſſi antes de abrir no verde prado,
Eſtá o Lirio co a flor cheo, & copado.

48.

Os olhos virginaes, a caſo, hum hora
Fixa Ioſeph na Angelica MARIA,
Vè ſinaes de prenhez, bem qual na Aurora
Se vém ſinaes de eſtar gerado o dia:
Quanto repara mais na Luz, que adora,
Mais a ſacra prenhez ſe lhe indicìa, Math.1.
Fluctùa dentro n'alma o Varão juſto
Em ondas de temor, golfos de ſuſto.

Qual

49.

Qual o que naufragou junto da praya,
Que nas ondas sem tino anda arrojado,
Que hũa o lança na area, & antes que saya
Outra o recolhe, & torna ao mar salgado,
E q̃ quando a grande onda mais se espraya,
Tanto mais para o pègo o ha voltado:
Tal nas ondas Ioseph de sua queixa,
Entre o fluxo, & refluxo andar se deixa.

50.

Recolhendose logo á officina,
Onde elle a arte f. bril exercitaua,
Outro tronco, entre os troncos, se imagina,
Que, quaes elles, sem vida quasi estàua:
Sobre o braço direito o rosto inclina,
Que co prato, hum de mar braço formaua,
E sobr'elle a cabeça meneando,
Distilla a alma em licor amargo, & brando.

51.

Bem, qual amena Planta, em lenta Aurora,
Cargadá de rocio grosso, & lento,
Que faz olhos das folhas, com que chora
O rigor, com que a açouta o forte vento,
Que a copa, que grinalda foi de Flora,
De furor agitada tão violento
Sobre outra Planta inclina, & em seus licores,
Parece, que distilla em agoa as flores.

Nã

52.

Não lhe cabendo a magoa jà no peito
Sahirlhe pella boca em queixas trata,
E com ſummiſſa voz, n'um rio feito,
Seu mal murmura, & ſeu licor deſata:
E ſendo cada lagrima hum conceito,
Deſt'arte ſôlta a voz: ò Virgem intata,
Mais chea de pureza, & mais decòros,
Do que dos Anjos ſaõ os noue Choros,

53.

Que ſinaes vi, puriſſima MARIA,
Que querem deſmintir voſſa pureza?
Que prenhe eſtais a viſta me anuncia,
Mas que he falſo me diz voſſa inteireza:
Será effeito de achaque? ſi ſeria,
Mas de achaques ſe liura eſſa belleza,
Porque os jaſmins, & as roſas deſſe Roſto
Deſmentem todo o mal, todo o deſgoſto.

54.

Foi illuſaõ ſem falta, & ſaõ antôlhos,
Cuidar, que de prenhez vi em Vós indicios,
Que he mais facil mentiremme meus olhos,
Que ver em tanta luz ſombra de vicios:
Se em tantas flores vi ſinaes d'abrolhos,
Não he porque poſſais ter maleficios,
Saõ illuſoens dos olhos, que em meu dano
Querem que veja em Vòs meu meſmo engano.

55.

Vòs prenhe,ſendo Virgem immaculada?
Mācha em Vós,quādo ſois de mācha alhea?
Que mais que o claro dia a noite agrada,
Antes crerei,do que de Vòs tal crea:
A não ſerdes comigo deſpoſada,
Que deſdouro eſſa luz,que vos aſſéa,
Iſai. 11. Se Virgem prenhe ſois,imaginára,
Ierem.31. Da Raiz de Ieſſê que creis a Vara.

56.

Mas ſendo Eſpoſa minha,em que taõ pura,
Taõ ſanta,taõ gentìl,ſincera,& liza,
Como crerei que voſſa fermoſura
He a Virgem,que Iſaìas prophetiza?
Iſai.7. Mas que eſtais prenhe a viſta me aſſegura,
Que não he illuſaõ bem ſe diuiza:
Oh Senhor, que meu mal vedes de cima,
Explicaime eſte antolho,ou eſte enìma.

57.

S'em minha Eſpoſa pòde hauer tal falta,
Inda que ſou hum Carpinteiro pobre,
Luc. 8. Nobre ſou,& Real ſangue me eſmalta,
E em Iudêa nenhũ,do que eu,mais nobre:
Aſſi que o brio meu,minha eſtirpe alta,
Com que me ſatisfaça he força que obre,
Porèm,como exporei à ley taõ dura
Tanta belleza,& Virgem,que he taõ pura?

58.

Mas como, ſe eſtá prenhe, Virge a chamo,
Se a viſta eſte conceito me deſmente?
Mas com tudo, inda aſſi a adoro, & amo
Por mais pura que o Sol reſplandecente:
O Vòs, que o pranto vedes que derramo,
Senhor là deſſe Ceo puro, & luzente,
Liuraime deſte enleo, em que me ſinto
Perdido em taõ perplexo laberinto!

59.

O Vòs, que ſerenais os Ceos nublados,
Quando à terra dão lenta bateria,
De peças de trouoens tirando irados
Ballas d'horrida, & aceſa artilheria;
Quando junto aos coriſcos fulminados
A groſſa muniçaõ da neue fria
O mundo tem poſtrado, & quaſi extinto,
Qual eu agora eſtou, qual eu me ſinto.

60.

Vós, que do mar as hòrridas procellas
Serenais deſſes altos Oriſontes,
Quãdo as ondas nas nuuẽs daõ co as vèllas,
Feitas de brancos valles negros montes;
E que a mìſera naue aberta entr'ellas
Feita rios, & os Nautas feitos fontes,
Quando ſe dão por mortos, dãdoos ſaluos,
Tornais os negros montes campos aluos.

61.

Serenai os nublados de meu peito,
Reprimi os diluuios de meu rosto,
Que no peito, & nos olhos estou feito
Hum nublado de dor, mar de desgosto:
Mas ay! que cego estar antes sospeito,
Que crer que hei visto em taõ fiel supposto
Sinal de vicio, que mais val que cude,
Que o que he vicio nas mais, nella he virtude.

62.

Porém estas paixoens, & honras terrestes
Naõ me querem ceder a tal certeza,
Pose em proua esta causa, & estaõ contestes
Meus olhos, que depoem contra a pureza:
Porèm tambem depoem d'acçoens celestes
D'hum nouo resplandor, noua belleza,
Que no objecto diuino equiuocados
Estaõ meus olhos com seus dons sagrados.

63.

Hora hirmehei pello mundo descontente,
Da vida, & da alma minha desterrado,
Metermehei n'uma lapa, & tristemente
Viuirei jà na vida sepultado:
Que antes quero viuer aflicto, & ausente,
Que da Ley sobmetella ao duro fado,
Mas quem a tanta graça, & annos poucos
Pedras atiraria, senão loucos?

Morrer

64.

Morrer apedrejada a Ley ordena,
Toda a que adulterar a ſeu marido,
E como ſe exporà da ley a pena
Quem ſempre amado o ha, nunca offendido?
Da Oriental pedraria a mais ſerena
Aplicar ſe lhe deue a ſeu veſtido,
E a ſeu toucado razo, & ſem grinaldas,
Zafiras, diamantes, & eſmeraldas.

65.

Mas tirarſe outras pedras não permita
O Ceo, a quem delle he viuo modello,
Que Bronze expor podia a tal deſdita
Tão puro Seraphim, Anjo taõ bello?
Tudo com me auſentar ſe facilìta,
Padeça eu ſó taõ rìſpido flagello,
Fique Ella liure, & eu, ſem ter conforto,
Auſente morra viuo, & viua morto.

66.

Hirmehei viuer nos mais remotos montes,
Aas feras, & á magoa expondo a vida,
E com ays atroando aos Oriſontes,
Chorarei minha ſorte deſabrida:
Para beber, meus olhos ſerão fontes,
Triſtes magoas ſeraõ minha comida,
Caſa hũa coua, leito a terra dura,
E crerei, que eſtou jà na ſepultura.

67.

Abrandarei as aſperas montanhas,
Commouerei as feras mais ſeueras,
Suſtentando, qual Tycio, nas entranhas
Magoas Abutres, mais que as feras, fèras:
Saudades de graças taõ eſtranhas,
Auſencias de taõ ricas primaueras,
Trocadas minhas flores em abrolhos,
Triſte Inuerno faraõ meus triſtes olhos.

68.

Perdoaime, puriſſima Senhora,
O que aqui, dilirando, tenho dito,
Que naõ dar o Sol luz mais facil fora,
Que em pureza tão rara hauer delito:
Que eſſa prenhez, que tanto vos decòra,
Algum Myſterio inclue, que eſſe inaudito
Fulgor, que transluzis, & eſſa Deidade
Me aſſegura de voſſa integridade.

69.

Cioſo eſtou, porque vos quero muto,
E tal, que de viuer me marauilho,
Que he de taõ doce flor taõ agro o fruto,
Que he de taõ bello pay taõ feo o filho:
A mim me poſtro, & em mim, comigo luto,
Comigo me enfureço, & em mim me humilho,
Deſminto, & creo o meſmo, que eſtou vendo,
E sô naõ me entender he quanto entendo.

70.

A este tempo, o Sol, que jà subia
Ao mais alto Zenith, que em ouro acende,
Faz que chame a purissima MARIA
Para a mesa a Ioseph, que limpa estende:
Elle, que contrafaz sua agonia,
Chega, & mostrarse alegre alli pertende,
Ella o entende, & delle lastimada,
Sente não lhe poder declarar nada.

71.

Qual das queixas ao som, que em selua amena
Com voz de prata a fonte està fazendo,
Canta, & suspira a doce Philomena,
N'um mesmo tempo leda, & triste sendo:
Tal a Aue celestial, triste, & serena
Se expoem, quando a Ioseph triste está vendo,
Que a faz n'um mesmo tempo alegre, & triste,
Ioseph, que vè penar, Deos, que lhe assiste.

72.

Liurallo desta pena bem tomâra
A Virgem, que penetra seu tormento,
Porèm, em quanto o Ceo lho não declara,
Calla o mysterio, & guarda o sacramento:
A furto poem na Pheniz, que he mais rara,
Os olhos Ioseph justo, & tal augmento
De luzes, & de graças transluz nella,
Que suspendido cega em luz tão bella.

73

Que inda que ſempre a Virgem mais ſincera
Foi na belleza hum Sol, & hum Ceo na graça,
Sendo d'antes celeſte Primauera,
Agora de Sol, Ceo, & de Flor paſſa:
Que tanta luz de nouo reuerbera,
Co a diuina prenhez, do Ceo por traça,
No Roſto celeſtial, que ſuas diuinas
Boninas brotaõ luz, & a luz boninas.

74.

Dadas graças a Deos, que à meſa eſteue,
Enuolto como Sol em nuuem clara,
Onde o Mannà diuino occulto teue
Ioſeph, que em ſeu odor ſacro repara:
Torna a ſeu exercicio, em tempo breue,
D'alma, & das mãos, que aos troncos, q̄ prepara,
Cada golpe que dá, lhe correſponde
Aos que n'alma lhe imprime a dor que eſcõde.

Exod. 16. Gen. 27. Fructus odoris, &c.

75.

Padece o grande Iſaac triſteza amara
Pella morte da Mãy, que amára bella,
Mas do mal, que lhe cauſa a morte, ſara,
Em vendo o doce bem, que adora, & anhella:
Que de todo a triſteza o deſempara,
Como a Rebecca vé, porque tem nella
Inſtrumento no nome, & mais no effeito,
Que em ouuindo ſoar lhe alegre o peito.

Mas

76.

Mas Ioſeph, entre as magoas que padece,
Quando vè ſeu amor, ſua querida,
Em vez de ſe alegrar, mais ſe entriſtece,
Que não lhe ſara d'alma eſta ferida:
Que o objecto, que atenta, & deſconhece,
N'alma lhe faz tocar magoa ſentida,
Sendo inſtrumento o doce bem, que adora,
De n'alma a noite ter, na viſta a Aurora.

77.

Da pena de Ioſeph a alta Donzella,
Tal vez, goſto interior vè que lhe sòbre;
Bem qual Dama veſtida d'aurea tèlla,
Que com toſco disfarce a gala encobre,
Que quando o Eſpoſo ſeu, que adora nella,
Se aſſuſta pella ver em traje pobre,
Ella eſtá rindo sò, porque eſtá certa,
Que o alegre co a gala deſcuberta.

78.

Que quando a Virgem vé que o caſto Eſpozo
Em vella deſta ſorte ſe entriſtece,
Porque o augmento do ventre milagrozo
Ser de Donzella effeito deſconhece;
Porque vè que eſſe ſuſto ha de ſer gozo,
Ella inunda em prazer, ſe elle padece,
Que vè, que deſcuberto o alto ſegredo
Se ha de tornar ſeu ſuſto em prazer cedo.

79.

A Deos comete a cauſa de ſeu ſuſto,
E o pèlago perplexo, em que fluctùa,
A Deos deixa o negocio o Varaõ juſto,
Que sò póde aliuiar a magoa ſua:
Mas tanto que o Sol deixa ao Monſtro aduſto
O Pòlo, que eſcurece, & â branca Lua
Seus rayos em legado deixar trata,
Iá deſpois de trocado o ouro em prata.

80.

A ſeu caſto apoſento ſe recolhe
Ioſeph, que jà deſpois que reza, & ora,
Por refugio da dor o ſono eſcolhe,
Que a hum triſte, tal vez, ſeu mal melhora:
Tanto que de Morphéo aliuios colhe;
Com diademas do Sol, roupas da Aurora
Vè ante ſy abater as azas d'ouro,
Hum Mancebo gentíl, candido, & louro.

81.

E fendendo hum rubì bello, & copado,
Que por boca de purpura trouxera,
Lhe diz: Varaõ illuſtre, & Filho amado (Luc. 1.)
Do Rey mais ſanto, que em Iudèa impèra,
Tu, que a Dauid a Caſa has illuſtrado
Com tua ſanta vida, alta, & ſincera,
Não temas, que a prenhez, em que reparas,
Te dà de que he do Ceo moſtras bem claras.

Te-

82.

Temeste por querer, que a não quereres
Temer, desses temores te eximìa
Tanto nouo fulgor, taes rayos veres
Na celeste, & Christìfera MARIA:
São do Ceo infinitos os poderes,
E que esta obra era sua, to dizia
Aquelle almo silencio enuolto em flores,
Com voz de luz, conceitos de esplendores,

83.

Pois vendo taõ moderna fermosura,
Como o effeito não julgas por diuino?
Que nunca a Lua està mais clara, & pura,
Que quando chea està do Sol benino:
Quando cheo se vé de tinta escura
O lustre perde o Vidro cristalino,
E quando de licor puro se adorna,
Mais transparente, & lùcido se torna.

84.

Pois logo, com razoens taõ euidentes,
Como não te liurauas desse enleo?
Se o Rosto o espelho he dos delinquentes,
Onde se lhe transluz seu crime feo,
E he pedra de tocar dos innocentes,
Que dos quilates d'alma expoem o asseo,
Como naquelle Espelho cristalino
Reuerberar naõ viste o Sol diuino?

Cant. 48

Toma

85.

Toma do Mar profundo a limpha fria
Não de ſy, mas dos Ceos, as varias cores,
Que quando d'azul claro veſte o dia,
Se veſte o Mar dos meſmos reſplandores:
Pois ſe he Mar a puriſſima MARIA,
Quando nella cegaſte, em ſeus fulgores,
Facil era de crer, que em ſeus perfeitos
Criſtaes imprime o Ceo eſſes effeitos.

86.

Cos influxos da Lua a Maré crece,
E enche a praya de eſpelhos criſtalinos,
D'aço ſeruindo a area, que humedece,
Para fazer reflexos peregrinos:
Pois ſe a Marê co a Lua ſe entumece,
E Mar he de criſtaes inda mais finos
Tua Eſpoſa, não vès, que a ſacra Enchente
He deſſe alto da Lua acçaõ patente?

87.

Aquelle vulto ſacro, & prenhez pura
Conhece, por liurarte deſſas penas,
Que he o Monte de Trigo, que a Eſcriptura
Cant.7. Diz, que eſtaua cercado d'Açucenas:
Que de Gedeaõ o Vèllo te aſſegura,
Que de Aljofres, & Perolas ſerenas
Judic.6. O Rocio do Ceo ha enriquecido,
Que ſombras deſte Sol ambos tem ſido.

Não

88.

Naõ temas, pois, Ioseph d'hoje em diante,
 Que hum Nuncio sou do Ceo a ti enuiado,
 A dizerte, que a Aurora rutilante
 Enuolue em nuuem roxa ao Sol sagrado, Cant.6.
 E que he obra de Deos diuino amante
 O mysterio, que nella ves obrado,
 E que do Ventre puro a Arca galharda
 Guarda melhor Manâ, que o q̄ a Arca guarda. Exod. 25.

89.

Pois deixalla não queiras; que se encerra
 A Deos, sendo d'Aram a Vara vfana, Num.17.
 Se em tua Esposa tens o Ceo na Terra,
 Para della fugires, que te engana?
 Se hum cego, & leue antolho te faz guerra,
 Ceda d'alma ao discurso a neuoa humana,
 E crè, que se era d'antes Virgem bella,
 Que inda despois de Mãy será Donzella.

90.

Como isto disse o Nuncio altiuo, & graue,
 Abrindo as azas em dous leques d'ouro,
 Sulcando as auras vai do Ceo suaue
 Feito Icaro feliz, càndido, & louro:
 Assi com azas taes a pequena Aue,
 Que em suas cores a ver dâ hum thesouro,
 Se sobe aos Ceos azúes da verde planta,
 Em que naõ com tal garbo, & graça tanta.

Acor-

91.

Acorda Iofeph logo,& como enleado
Do que ouuîra,& que vio na vifaõ rara,
De contente,de abforto,&'de admirado,
Se he elle aquelle mefmo,em fy repara:
Rega com pranto alegre o cafto eftrado,
Rende as graças a Deos,que lhe declara
O enigma,que atè então lhe fora efcuro,
Em quanto o não explica o Archanjo puro.

92.

Das duuidas,que teue em tanto enleo,
Pede perdão configo á Virgem bella,
Defpois que cré que eftà de Deos fó cheo
O Clauftro da caftiffima Donzella:
Não fabe quando o manto efcuro,& feo,
Que em matizar de Eftrellas fe defuella
A noite,jà lhe rompa a Aurora fria,
Para hir poftrarfe â Angelica MARIA.

93.

Mas jà rozada fe ergue d'entre as flores
Do Teucro Laomedon a branca Nóra,
E por chorar com graça feus licores,
Toma as azues por olhos, com que chora:
As Aues, que celebraõ feus amores
Ao romper da manhãa com voz canora,
Entoando harmonías excellentes,
Porque eftá Iofeph alegre eftão contentes.

Le-

94.

Leuantaſe Ioſeph do caſto leito,
Tanto que andar jà a pè a Virgem ſente,
E de prazer em lagrimas desfeito
Se poſtra aos pès da Virgem preeminente:
Ella, que já o fauor que o Ceo lhe ha feito
Sabe, o leuanta, em que elle o não conſente,
Mas com trèmula voz, & alegre vulto,
Effeitos naturaes d'hum graõ tumulto,

95.

Diz: Virgem ſoberana, de que indino
De ſer Eſcrauo ſou, humilde, & grato,
Diuina Aurora, que, do Sol diuino, Genel. 32.
Eſſas nuuens bordais do Ventre intato:
Iá por fauor do Globo criſtalino,
De quem na fermoſura ſois Retrato,
Sei, que ſois de Ieſſê a illuſtre Vara, Isai. 11.
E a Virgem, que o Propheta decantára.

96.

A voſſos pès, pois ſois Sacrario viuo
Onde ſe encerra Deos em forma humana,
Adorarei o Sacramento altiuo,
Deſpois delle a Cuſtodia ſoberana:
Do Theſouro do Ceo pois ſois Archiuo,
(Que diuina vos vejo, & ſobre humana)
Poſtrado adorarei tanto decôro,
Pois em Vòs meſma o meſmo Deos adoro.

Diuino

97.

Cant. 4. Ioan. 1.

Diuino Espelho, em cujo lume claro
O graõ Lume do Lume reuerbéra,
De cujo resplandor diuino, & raro
Cheo se ostenta, & em luzes se exagéra:
Vòs, cujo cristal puro, o mais preclaro,
Sem lezão, mas com luz, que ao Sol supèra,
De Deos, que em Vòs se vè, forma o transunto,
Expondo original, & imagem junto.

98.

A reuerme em Espelho, que he tão fino,
E a adorallo junto me aparelho,
Pois sei que em seu cristal o Sol diuino
Entrou, qual entra o Sol no intacto Espelho;
Que inda que de reuerme sou indino
Nelle, atreuerme a isso he saõ conselho,
Que inda que em tanta luz sintaõ desmayos
Meus olhos, he, cegar, gloria, em taes rayos.

99.

Seguirei esse Sol, qual a Phebèa
Flor, que em seguir o Sol mais se adianta,
Que farei nesta acçaõ ficar pigméa,
Inda que ella no nome foi Giganta:
Com prompto coraçaõ, com prompta idèa
Adorarei na Aurora sacrosanra
O Sol, que como em Vòs tem Zenith bello,
Em Vòs fio ver sempre o bem que anhello.

Mas

100.

Mas perdoai, Rainha da pureza,
As duuidas crueis, que me oprimìraõ,
Vendo a ſacra prenhez em Soes aceza,
Que meus indignos olhos cegos vìraõ:
Porèm ſempre pugnei pella inteireza
Voſſa, crendo que os olhos me mentìraõ,
Mas de pureza tal em tanto enleo,
Ay! que ſó duuidar foi crime feo.

101.

Não conſentì porèm; que antes creria,
Os lugares mudar os Elementos,
A Noite Aſtros não ter, nem Sol o Dia,
E de voo os Delphins ſulcar os ventos:
Que a fria Neue he ardente, & a Flamma fria,
E a Lua faltar nos mouimentos,
Que crer, ſabendo voſſa integridade,
Que haja ſombras no Sol deſſa beldade.

102.

Suſpende a voz, & logo a alta Princeza,
Graças chouendo entaõ, vibrando rayos,
Com Roſto, onde a alegria, & gentileza
Cō mil pompas de Abril expoē dous Mayos,
Abrindo a Flor, que em cores, & belleza
Excede a Roſa em pùdicos enſayos,
D'entre aljofres, que em roxo nacar cria,
Perlas, deſt'arte, a Virgem pronuncìa.

103.

Iusto Ioseph, a cuja graõ prudencia,
Pureza, sangue illustre, & santidade
Esta Escraua entregou a Eterna Essencia
Por Custodio de sua integridade:
Não perigar com vosco a Innocencia
Minha, entre as ondas dessa tempestade
Das dùuidas crueis, em que vos vistes,
Que Eu enxerguei em vossos olhos tristes,

104.

Proeza grande foi, Esposo amado,
E que vos deuo mais hoje, he patente,
Pois demonstraçoens vendo de peccado,
Nunca crestes, que Eu fosse delinquente:
Qual ouro fino, estais hoje apurado
Dessas ancias crueis no fogo ardente, Ecclef. 2.
Que foi pedra de tòque o enleo indino,
Onde ostentou vossa Alma esse ouro fino.

105.

Casto Ioseph, de que o outro foi figura,
Vossos olhos, que irmãos saõ desse rosto,
Tratáraõ de vos dar a morte dura, Gen. 37.
E em cisternas lançaruos de desgosto:
Enchèraõuos de sangue a vestidura,
(Que de sangue he o pranto, em fim, composto)
E da ansia ao Pharaò vos haõ vendido,
Para sahir de aflicto a mais valido.

Sonhos

106.

Sonhos tiueſtes já de mór myſterio,
Que os q̃ o outro explicou no carcer duro, Gen. 39.
De que tirou voſſa anſia refrigerio,
E alcançou tanta eſtrella em tanto eſcuro:
E haueis vindo deſpois a tanto imperio,
Que o meſmo Rey dos Ceos celeſte, & puro
Subdito vos será em traje humano,
Titulo ſobre todos ſoberano. Luc. 2.

107.

Do Gráõ do Ceo, & graõ Senhor do Mundo
Fartareis a Irmandade famulenta,
Quando da palha com prazer profundo
O Trigo leuanteis, que o Ceo ſuſtenta:
Que n'um Preſepe a hum choro jocundo
De Paſtores (que o Ceo mo repreſenta)
Moſtrareis eſte Paõ, Deos dos Paſtores,
Paõ de vida, & diuino Deos de Amores. Joan. 6.

108.

Permitiouos o Ceo eſſa agonia,
Que vos redunda em gloria taõ ſerena,
Que ſô deſpois da noite alegra o dia,
E he mais doce o prazer deſpois da pena:
Deſpois da calma, alegre he a aura fria,
Que antes della nenhum aliuio ordena,
Aſſi deſpois da noite, pena, & calma,
Aura, dia, & prazer logra voſſa Alma.

109

Bem quizera liurar-uos dessas dores
Se tiuera do Ceo tal liberdade,
Mas se os olhos saõ mudos falladores,
Os meus bem vos diziaõ a verdade:
Qual em limpo papel, letras de flores
Em meu Rosto escreuia a Diuindade
De Deos, que encerro em mim, porq̃ vôs lẽdo,
Ficasseis o Mysterio conhecendo.

110.

Mas nossa vista humana he taõ captiua,
Que qualquer neuoa a cega, & luz a offende,
Qualquer breue distancia, ou serra altiua
Suspensa a deixa, quando mais se estende:
Se a distancia que vai taõ excessiua
Da Terra ao Ceo, que tanto se transcende,
Pudereis penetrar, quando me vieis
O Mysterio diuino alcançarieis.

111.

Ditoso vòs, & Eu mais venturoza,
Pois de Deos a innefauel Companhia,
Mais do que a todas, já me faz ditoza,
E mais ditoso a vôs, que a quantos cria:
Ditosa a Casa, emfim, que mais luz goza,
Que o Coloso, onde em Rhodas dorme o dia,
Pois logra ao Sol, que impèra mais diuino
Sobre as rodas desse Eixo cristalino.

Ditosos

112.

Dito ſos nòs, pois neſta Caſa indina
A Deos logramos jà em trage humano,
Que vem entreforrar de téla fina
Deſte humano ſayal o toſco pano:
Minha grande humildade me fez dina,
(Sendo indigna de bem tão ſoberano)
De porme os ſacros Olhos, com que atenta
Quanto a Terra, & o Mar, & o Ceo ſuſtenta

113.

Sereis do meſmo Deos Pay putatiuo,
Porque o Filho do Padre Omnipotente
Pay ſeu vos chamarà, Titulo altiuo,
Que sò Deos, & mais vòs, logra excellente:
E com voſſo ſuór, trabalho eſquiuo,
Eu, & vòs criaremos juntamente,
Para gloria mayor, ao que alimenta
Quanto a Terra, & o Mar, & o Ceo ſuſtenta.

114.

Co ſangue meſmo noſſo, em outras cores,
Suſtento lhe daremos mais aceito,
Eu neſtes peitos meus com mil amores,
Vòs em voſſo ſuór com grato peito:
Com ſer elle o Senhor, que he dos Senhores,
Nos virà por ſeu goſto a ſer ſogeito,
E vòs ſendo de Deos obedecido,
Milhor que Deos nos Ceos ſereis ſeruido.

115.

E Eu grata co esta Alma, & esta vida,
Vos seruirei tambem sempre obediente,
A tanto beneficio agradecida,
A Deos, & a vós, seruindo juntamente:
Chamai feliz vossa ansia desabrida,
Pois vos resulta em gloria tão contente,
E em Deos nos alegremos de contino,
Por tão alta merce, dom tão diuino.

116.

Tanto que assi fallou a Virgem pura,
As perlas occultou (prodigio outàuo)
De cujo rico cofre a fechadura
Era hum breue, copado, & fino crauo:
Ioseph, que admira tanta fermosura,
De que indigno se vè de ser escrauo,
Passa o tempo, & a bellissima MARIA,
Continuando a santa companhia.

117.

Adora de contino ao Deos Infante
Dentro na virginal Custodia bella,
Pondo os olhos, da Virgem no semblante,
Como q̃ os poem nos Ceos, ou em Deos, nella:
Adora a Virge em sy, a cada instante,
Aquelle que ser Home, & Deos anhella,
Em quanto o sacro Sol não sae fora,
Na alegre Noite, que ha de ser Aurora.

118.

Co a muita luz, que do virgineo Rosto
Co a prenhèz sacra, a Virgem despedia,
Cego Ioseph do resplandor opposto,
A Virgem celestial desconhecia:
Sò depois que entre as palhas ficou posto
O sacro Sol, o santo Rosto via,
Mas quando cega em tantos resplandores,
Bem ve que a Virgem vibra esses fulgores.

Math.1.

119.

Bem como à aquelle, que ha estado ausente,
E torna para a patria mais crecido,
Que porque vem de corpo mais valente
Melhorado d'asseo, & de vestido,
Que o não conhece, diz a absorta gente,
Sendo, que o mesmo ser, tem conferido,
Assi Ioseph, com a noua luz, parece,
Que a Virgem, que està vendo, desconhece.

120.

Do Topacio, que he pedra illustre, & nobre,
He tal o resplandor, & as luzes finas,
Que ẽtre as mesmas, tal vez, se escõde, & ẽcobre
Qual menor flor entre outras mais boninas:
Assi a Virge entre os rayos, que descobre,
Se occulta de maneira, que as diuinas
Flores não ve Ioseph do sacro vulto,
Que he entre seu resplandor Topacio occulto.

Strab.16.

121

Que a illuſtração das graças ſuperiores,
Que qual Sol de ſua Alma reuerbera,
No Roſto lhe transluz ſeus reſplandores,
Qual ſe em criſtal do Sol o rayo dera:
Na face trás Moyſes nouos fulgores,
Quando de ver a Deos do Monte viera,
Pois quanto o excederia a Virgem rara,
Quando foi Ceo de Deos em que habitára?

122.

E deſtes reſplandores por reſpeito,
E não da prenhéz ſacra por motiuo,
Que vacillou Ioſeph, pór em effeito,
Deixar, hâ hi quem diga, eſte Sol viuo:
Que vendo tanta luz em tão perfeito,
E ſobrenatural ſogeito altiuo,
Indigno de tal gloria ſe conhece,
E deixar quer o bem que não merece.

123.

Faltaua pouco jâ a Dèlio louro,
Tornandoſe a paſtor, qual foi primeiro,
Para guardar nos Ceos a Cabra d'ouro,
Deſque guardou de Colchos o Carneiro:
E a Irmaã, que lhe rouba ſeu theſouro,
Tinha jâ quaſi dado hum giro inteiro
Pello celeſte Cinto noue veſes,
Rica, & pobre de luz todos os meſes.

De-

124.

Depois que o Sacrosanto Verbo puro
No Claustro entrou, por modo soberano,
Da alta Torre, por quem ò Etherio muro
Troca o Diuino Ser por ser humano:
Mas onde o Sol, que torna ao Sol escuro,
Quiz ter seu Oriente alegre, & vsano,
E a causa para o ter n'outro distrito,
Me ensina Musa Eterna sacro, esprito.

DA

DA HIDA A BETHLEM obedecendo ao Edicto de Cesar.

CANTO X.

ARGVMENTO.

DIulgase o Edicto naquelle anno,
Em que Christo nacer tem decretado,
Na Região de Syria, por mandado
Do grande Rey do Mundo Octauiano:
Que se aliste cada hum, manda o Romano,
Onde foi seu solar originado,
Parte a Bethlem Ioseph, que he sublimado
Solar seu, por Dauid Rey soberano:
Leua consigo a Flor Iericontina
Exposta ao grão rigor do inuerno frio,
Que desta sorte o Ceo lho determina:
Chega a Bethlem, não acha affecto pio,
E d'hum Presépe busca a estancia indina,
E de Ceo fica tendo a Coua brio.

Là

1

EA nos Montes Etherios ſublimados,
Que de criſtal cõ penhas reſplandecem,
Que ora parecem montes, ora prados,
Que com flores de luz ſempre florecem:
Sobre colũnas d'ouro ſuſtentados
Huns requiſſimos Paços ſe offerecem,
As paredes de prata rutilantes,
D'ouro o Tecto, crauado de diamantes.

2

He ſeu ladrilho, & rico pauimento
De Safiras diaphanas formado,
D'Alabaſtro a Portada, & d'opulento
Iaſpe, em figuras d'ouro releuado:
Da maneira que fica o Firmamento
D'Eſtrellas à interuallos marchetado,
Crauado eſtà, com celebre artificio,
De rica pedraria o frontiſpicio.

3

Alli eſtà o roxo Sardeo, & azul Safira
Co Berillo, que he verde, & amarello,
O Criſopaſſo, que ouro, & verde tira,
Co Topacio, do Sol cos rayos bello:
Scintilando o Chriſolito, ſe admira,
Co Diamante da cor do caramello,
Eſtà d'ouro co a cor o Calcedonio,
Co roxo verde, & palido Sardonio.

O Ame-

4.

O Amethyſte da cor do lirio,& roſa,
No jaſpe d'ouro,& verde alli rutilla,
Cor de mar a Turqueſa luminoſa
De perlas,& jacintos ſe perfilla:
Em mil partes deſt' obra mageſtoſa,
O Pyrôpo,que os Aſtros aniquilla,
Por dar mais reſplandor, alli radìa,
Eſtando ſempre em noite, & as mais em dia.

5.

Eſtâ da môr riqueſa expondo o augmento,
Do Portal no remate ſublimado,
O Opalo de cores opulento,
Que as das pedras de mais trás vſurpado:
Eſtaua mais alli cada Elemento
Táo ò viuo eſculpido,& retratado,
Que o Fogo,que eſtà acima,a viſta enlea,
Se dos frizos no ouro o lume atea,

6.

Eſtaua o Ar, em conjunção ſerena,
D'Aues varias nublado airoſamente,
Que em nuuens de pintada,& varia penna
Faziáo toldo ao Sol no Ceo luzente:
Alli o Nebrì ſobre a Aue mais pequena,
Com garras,& com bico juntamente,
Deuoralla parece,& quando morre,
Que a penna vai voando,& o ſangue corre.

A Terra

7.

A Terra ſe ſeguia reueſtida
De rica têlla verde, entre outras cores,
De campos, & de boſques guarnecida,
D'altos montes, & valles inferiores:
De varios animaes enriquecida,
Paſto lhe eſtà alli dando em ſeus verdores,
E alguns junto das fontes, & dos rios,
Que lhe eſgotaõ, parece, os criſtaes frios.

8.

Logo o Mar ſe ſeguia d'ondas cheo,
Que brauas empolarſe ſe antolhauaõ,
Onde o Delphim Tritão, & o Phoca feo,
Sobre ellas parecia que nadauaõ:
De linho as azas de neuado aſſeo
Abrindo pello mar, as Naos voauão,
E os Nautas no conués, em varios trajes,
Expoem varias naçoens, varias linhajes.

9.

No mais alto do rico frontiſpicio,
Sobre hum coche, que Pègaſos alados
Tirauaõ com notauel artificio
Pellos campos ſyderios ſublimados,
Hum Velho, que voar tem por officio,
Os hombros d'ordens tres d'azas crauados,
Sobre duas muletas ſe arrimaua,
Moſtrando que cahia, & que voaua.

Dous

10.

Dous Rostos tinha, como tinha Iano,
De que alternadamente se seruia,
Hum delles mui alegre, & mui humano,
Choroso o outro, & cheo d'agonia:
De cad'hum se seruia meo anno,
E em quanto mostraua hum, outro escondia,
Os manjares, de que se sustentaua,
Eraõ dos mesmos filhos, que geraua.

11.

As ricas Portas de Euano luzente
Com ellegancia estaõ d'ouro crauadas,
As barras saõ de prata, & juntamente
Os quicios, sobre que eraõ sustentadas:
D'ouro, & esmalte, em dibuxo differente,
Estaõ de mil figuras variadas,
E abertas sempre, tem por guarda bella
Tres Moços, Brutos oito, & hũa Donzella.

Os doze Signos.

12.

He quadrado o Palacio preferido,
Que hum quarto rico ostenta em cada quina,
E em cada quarto se ergue ao Ceo subido
Hũa Torre de fábrica diuina:
Não de jaspe, nem marmore burnido
Os degraos saõ, que saõ de prata fina,
Que em giros vaõ formando a rica escada,
Que fenece n'uma Aula sublimada.

Cada

13.

Cada Torre alta tem doze janellas,
 Tres ao Occaſo,& tres ao Oriente,
 Tres ao Carro de lùcidas Eſtrellas,
 E ao Cruzeiro tres menos fulgente:
 Seruem finos criſtaes de portas nellas,
 E nos portaes de marmore excellente,
 Barras d'ouro,de pedras variado,
 Qual co as flores ſe vè em Mayo o prado.

14.

Eſtà a quadra primeira enriquecida
 De quadros de finiſſimas pinturas,
 As imagens da tinta mais ſubida,
 D'ouro fino os encaixos,& molduras:
 No criſtal puro,& lamina luzida
 Das paredes eſtão eſtas figuras,
 Que os quadros deſſas meſmas ſe formauão,
 Com que as ricas paredes mais brilhauaõ.

15.

Eſtaua a Primauera dibuxada
 Com roſto alegre,& com gentil poſtura,
 D'ouro,& verde finiſſimo trajada,
 Com que mais realçaua a fermoſura:
 Na mão c'hum Vaſo d'ouro eſtá pintada,
 Que verte ſobre os campos,& verdura,
 Cujo licor produz pellas campinas
 Ceâras de fragrancias peregrinas.

Prima-uera.

Da

16.

Da Cabra, que buſcando altos montados
Paſce Eſtrellas no Ceo, bebe vapores,
He o Copo opulento, que nos prados,
Granizando boninas, choue flores:
Outros dizem, que os braços alentados
D'Hercules, cujas obras ſaõ pauores,
O haõ troncado a Acheloo, a quem ſeu brio,
De gigante tornou deſpois em rio.

17.

Logo em outros paineis ſe hiaõ ſeguindo
Campos verdes, floridas eſpeſſuras,
Aqui criſtaes dos montes vem cahindo,
Alli nos valles correm fontes puras:
Aqui d'Aues milhoens, pello ar abrindo
As azas de mil cores, mil figuras,
Arremedando os campos florecentes,
Tòldaõ de Abrìs os ares tranſparentes.

18.

Aqui ſaltaõ no prado os Cordeirinhos,
Alli balando as mãys os vaõ buſcando,
Aqui as Aues ſe occupaõ nos ſeus ninhos,
Alli vaõ pellos Ceos outras cantando:
De Ouelhas em lugar, guardando arminhos,
Aqui Paſtoras mil atraueſſando
Os campos vaõ, taõ moças, & taõ bellas,
Que as flores naõ ſaõ flores junto dellas.

19.

Aqui aos Lobos, que decem das montanhas,
Os roázes Rafeiros afugentão,
Alli as Raposas com astutas manhas
Do sangue dos Cordeiros se sustentão:
Aqui nublando o Ceo, Aues estranhas
Passar para outro clima o Mar intentaõ,
Outras vem para donde estas tem vindo,
De pauilhoens de penna ao mar cubrindo.

20.

Alli saem das Villas, & Cidades
Damas, & Cortezãos aos frescos prados,
E ellas, que Seraphins saõ nas beldades,
Os tornaõ de mais flores adornados:
De sua gala gentìl nas variedades,
De cores vão os Meses dibuxados,
Dest'arte ao campo vem, naõ sem recato,
Onde em mil partes achaõ seu retrato.

21.

Alli, atraz da Lebre fugitiua
O Galgo vai voando, & naõ correndo,
Ella parece rayo, ou frecha viua,
Quando elle vai Cometa parecendo:
Outros tirando estaõ da brenha esquiua,
Cos gozos, que por ella vaõ rompendo,
O Coelho, que a furto se lhe acolhe,
E à Balsa mais densa se recolhe.

22.

Destas, & outras figuras semelhantes,
De exercicios da fresca Primauera,
Cubertas as paredes rutillantes
Estauaõ nesta quadra, & nesta esphera:
Das pinturas os rasgos elegantes,
Onde d'arte o mòr auge se supèra,
Taõ ao viuo se expoem, que parecia,
Que quanto se pintou tudo viuia.

23.

D'esmaltes mil do campo differentes
Estaua alcatifada a Sala rica,
Que com tres Doceis ricos, & excellentes
Sua opulencia, & pompa qualifica:
Eraõ de tèlla azul de refulgentes
Flores d'ouro crauados, com que fica
Vario aljofar de luz entremetido,
Rocìo sobre as mesmas parecido.

24.

De cada qual no meio està bordado
Com torçal d'ouro, & gemmas peregrinas
Diuerso Hieroglyphico crauado
De Estrellas, que o realçaõ cristalinas:
No primeiro docel, d'Astros cercado,
De làa de ouro cuberto, & pontas finas
Hum Carneiro se vé, que se quilata
De treze, com se ornar, manchas de prata.

Março.

N'um

25.

N'um rico Throno, que opulento cobre,
Hum Monarcha ſe aſſenta, & alli preſide, — *O Sol.*
Pàlido, mas fermoſo, o roſto nobre,
Sendo que hum olho sò nelle reſide:
D'hum lado o roſto lùcido deſcobre,
Que aſſi ſe occulta a falta, & não deſide
A vista, & jà deſt'arte foi pintado
Antigono, que hum olho ha ſó logrado.

26.

O Cabello gentìl comprido, & louro
Em rayos de fulgor ſe lhe eſparzia
Da purpura o carmim bordado d'ouro,
Sol entre roxas nuuens parecia:
De flores derramando hum graõ theſouro
Húa fermoſa Dama lhe aſſiſtia, — *Flòra, & Abril.*
C'hum Ephèbo gentìl por Meſtreſala,
Que véſte tèlla verde em noua gala.

27.

Trinta Pagens lhe aſſiſtem mui pulìdos, — *Os Dias de cada mez.*
Que geſto louro tem, librês verdoſas,
Bordados os riquiſſimos veſtidos
De flores d'ouro, & de rubìs de roſas:
Os primeiros naõ andaõ taõ luzidos,
Que os vltimos as galas mais cuſtoſas
Bordadas de mais cuſto, & de mais cores,
Oſtentão cõ mais cheiro, & mais primores.

28.

As Noites. Trinta Damas tambem a horas certas
Tem nesta Aula tão célebre assistencia,
Não se lhe vè o rosto, que cubertas
Vem de compridos mantos, por decencia;
Negros os mantos saõ, mas por expertas
Mãos bordados de aljofres d'opulencia,
Que de Estrellas gentìs claras, & bellas,
Elles cubertos vem, & delles ellas.

29.

Naõ assistem, porèm, na illustre sala,
Senaõ despois que o Rey, que impéra nella,
N'um retrete se occulta, & se regala
No lento Hospicio d'hũa Deosa bella:
Mas tanto que vestida em aurea gala
A Manhãa. Outra Dama o acorda, & o desuella,
E elle se ergue, & se veste de brocado
Para tornar ao Throno, que ha deixado.

30.

Ausentaõse da sala rica em suma
As Damas, cada qual por vez distinta,
Que huma, & huma se vai, & entra hũa, & huma,
E assi fazem o numero das trinta:
Que saõ negras de cara ha quem presuma,
Que à prompta vista Ethiopes as pinta
A rareza dos mantos tenebrosos,
Mas os olhos se vè que saõ fermosos.

Da

31.

Da meſm'arte que as Damas referidas
Saem, & entraõ na ſala altiua, & bella,
Entraõ, & ſaem, em vezes repetidas,
Os Pagens do graõ Rey a aſſiſtir nella:
Porêm, tanto que ô alto, & aureo Midas
Cada qual em ſeruillo ſe deſuella
Hum dia; logo o Rey, por ſeu abono,
Paſſa a outro docel, vezinho Throno.

32.

Era o Solio, que a eſte ſe ſeguia,
Da meſma ſorte, & cuſto do primeiro,
A differença sô, que nelle hauia,
Era hum Touro na eſtancia do Carneiro: Abril.
Com o meſmo apparato ſe ſeruia,
E numero de gente todo inteiro,
Inda que aqui com mais luzida gala
Os Pagens vem, & mais o Meſtreſala.

33.

Neſte Throno tambem, de mais fulgores
O Rey ſe adorna, & expoem mór luzimento,
Gala de cuſto mais, mais reſplandores
Lança neſte lugar mais opulento:
Tambem de mais boninas, & mais cores
Da quadra ſe cubria o pauimento,
Que eſparzidas com cèlebre elegancia
Lhe rendiaõ mais graça, & mais fragrancia.

34.

Nas málhas, que de prata deſcubria
O Touro, que outro tempo hum Deos tẽ ſido,
Reflexos de fulgor o Rey fazia
Co bordado do lùcido veſtido:
Eſtrellado era o Bruto, qual ſeria
O que de Phaziphéa foi marido,
Que ſete malhas tem na fronte braua,
Fòra as mais, de que o corpo variaua.

35.

Deſpois que outro igual tempo aqui impéra
Neſte Throno, eſte Rey buſca o terceiro,
Com mais calor, & cara mais ſeuera,
Com menos flores já, com menos cheiro:
A pompa, que em ſeruillo aqui ſe eſméra,
He como a do ſegundo, & do primeiro,
Mas as galas aqui dos ſeruidores
He tèlla de mais ouro, & menos flores.

36.

O Docel, que faz ſombra ao Throno ouante,
Na parte onde eſtes dous tem os dous Brutos,
Em campo azul, paleſtra de diamante
Luctando tem dous Moços reſolutos:
Mas ſendo cada qual bello, & brilhante,
Por ſecreta inuençaõ, modos aſtutos,
Quando hum delles ſe vè, outro ſe occulta,
E ſendo dous, que ſaõ hum sô, ſe auulta.

Caſtor, e Polux.

37.

De Estrellas tem a pelle dibuxada
(Que nùs estaõ, de Ethiopes ao traje)
Dando a aquella gentìl nuuem bordada
Hum nouo resplandor, noua cellaje:
D'outro igual termo a clausula acabada,
O Rey para outra Torre faz viage,
Que em cada qual hum mesmo tempo habita,
Porque assi de ser recto se acredita.

38.

Por hũa galarìa peregrina
Em arcos d'ouro, & jaspes sustentada,
Cujas columnas saõ de prata fina
D'histori as, & figuras releuada;
N'um coche d'ouro, & fabrica diuina,
Que aceza pyra em luzes se traslada,
De Estrellas, & diamantes marchetado,
E todo d'ouro fino bronzeado;

39.

Tomando a redea a quatro Brutos graues,
Que rayos respirando escumão prata,
Que saõ frizoens nos pès, nos lombos Aues,
Em cuja cor o ouro se retrata;
Passando vai por páramos suaues
O Rey a est'outra Torre, a quem quilata
A portada gentìl vària escultura
Em releuo de jaspe, & prata pura.

40.

Apeaſe na Quadra altiua, & bella,
Que outros tres ricos Solios lh'offerece,
De brocado os doceis ſaõ, que eſtaõ nella,
Onde varia figura reſplandece:
N'um ſe aſſenta veſtido d'aurea tella,
Cujo docel em Aſtros sô florece,
No meio hum Cancro tem, que tem brilhantes
O caſco d'ouro, as pernas de diamantes.

Eſtio.

Iunho

41.

Co meſmo fauſto, & numero de gente
Se ſerue neſta, como na primeira,
Porèm da gente a gala he differente,
Que de paguiça cor he toda inteira:
Mas inda que mais ouro a Quadra oſtente,
O verdor, que deleita, & a flor, que cheira,
A graõ diſtancia tem, porque a verdura
Nos campos morre, & viue na eſpeſura.

42.

Os Quadros das paredes criſtalinas
Outras pinturas tem, outros lauores,
Que alli as Fontes deſmayão nas campinas,
Aqui os Rios tiziçaõ nos licores:
Alli perde a Verdura as cores finas,
Aqui o Campo, de quem foi Troia as flores,
Se eſtà vendo nù dellas, & trajado
Se moſtra de hum verdoſo desbotado.

Alli

43.

Alli eſtaõ as Ceáras parecendo
Miudas lanças com dourados biquos,
Que as meas luas d'aço eſtaõ enchendo
De eſpigas d'ouro, que ſaõ rayos riquos:
Os Segadores ruſticos fazendo
Do Sol reparo aos jaculos iniquos,
Andão ſegando enuoltos nas çamarras,
Como que andaõ cantando co as cigarras.

44.

Aqui pendem pintadas varias Plantas
De pomos d'ouro, & roxo guarnecidas,
Que puderaõ deter mil Atalantas,
E puderaõ fartar d'ouro mil Midas:
Que as verdes folhas (que entre fructas tantas
Seruem de eſmalte às flores preferidas)
Tem (porque ſaõ orelhas apparentes)
Pendentes peras d'ouro por pendentes.

45.

Alli buſca o Rebanho, & os Paſtores
Para refrigerarſe a eſpeſura,
Acolà abrindo o bico cos calores
Bebendo eſtaõ as Aues a aura pura:
Aqui Raás parecendo os nadadores
(Qual ſe tornou de Licia a gente dura)
Delicia achão no rio, outros na fonte
Bebendo á ſombra eſtão no pè do monte.

Tan-

46.

Tanto que neste Throno o Deos fulgente
Outro igual termo assiste, a outro passa
De mais fulgor, & d'ouro mais ardente,
Que cobre hum graõ Docel com menos graça:
De Neméa o Leão brauo, & rompente,
Que o Thebano por força, & astuta traça
Matou; deste docel, que o tem bordado,
Lança fogo das fauces fulminado.

Iulho.

47.

De Estrellas fulgurantes se salpiqua,
Que estão rayos ardentes jaculando,
E do rico Docel na impressaõ riqua
Mosqueado Leaõ se està antolhando:
Com anhelante boca, & furia iniqua
Hum Cão feroz alli lhe està ladrando,
Com que o Leaõ, que mais feroz se vende,
Em mais furor, parece, que se acende.

48.

Passado neste Solio igual espaço,
Dos de mais com as mesmas circunstancias,
O Monarcha da luz moue o aureo passo
Para outro de naõ menos elegancias:
Bordada no Docel em aureo laço
Hũa Virgem se ostenta, que a distancias
O aluo corpo tem de Estrellas cheo,
Que lhe seruem de joyas, & de asseo.

Agosto.

O Rey,

49.

O Rey, que se deleita alli com vella,
Em reflexos ardendo scintilantes,
Faz crer que he da Donzella cada Estrella
Cristal, que obliqua os rayos rutilantes:
Tanto que ardendo assiste à Dama bella
(Espaço igual, com pompas semelhantes,)
A outra Torre se passa, que he a terceira,
Que em parte arremedar quer a primeira.

50.

Desta à porta, com gosto, & aluoroço,
Esperando o està hum Mestresala,
Que sendo Velho jà, se affecta Moço,
Sendo verde no modo, & mais na gala:
Tanto que d'ouro fino, & torçal groço
Hum bordado Docel na rica sala
N'um alto Throno o cobre, a ver alcança,
Que occupa o meo delle hũa Balança.

Outono.

Septẽbro

51.

D'oito Crabuncos lùcidos crauada
Em igual peso tem o negro, & o louro,
Que as Balanças, em forma compassada,
Hũa pèsa azeuiche, & a outra ouro:
Estaua a rica sala entapizada
De panos de riquissimo thesouro,
De verde, & moscas d'ouro entretecidos,
Parecendo que saõ campos floridos.

Noites, & dias iguaes.

Nelles

52.

Nelles plantas do tarde eſtão cargadas
De fructas Autumnaes de duas cores,
Parecendo, que eſtauão remendadas
De verde, & roxo, em naturaes lauores:
O Melão com ſuas letras ambreadas
(Que he o Letrado dos pomos, & das flores)
Diz, que as letras, & engenho altiuo, & puro
Nunca chega a cheirar, ſenão maduro.

53.

N'outra parte tambem Parrhas ſe viaõ
De pinhas d'ouro, & roxo enriquecidas,
Que co licor, que aos verdes peitos crião,
As Vides alimentão muitas vidas:
Alli as vuuas tão proprias ſe fingião,
Que a picar foraõ nellas atreuidas,
A tellas viſto, as Aues, que enganàra
Zeuzis, quando outros taes cachos pintàra.

54.

Iguaes ſaõ de eſtatura os nobres Pagens,
Que ſeruem neſte Throno ao Deos luzente,
Co as Damas, que entre ſy não tem ventagens
No corpo, mas nas cores tão sòmente:
Dos outros Thronos dous buſca as paragens
(Sendo nelles igual tempo aſſiſtente)
O lùcido Monarcha, que aſſi alterna
A aſſiſtencia do imperio, que gouerna.

Na

55.

Na nuuem d'ouro, que o ſegundo cobre,
Hum feo Scorpiaõ bordado em prata
Eſtà alli ameaçando â terra pobre,
Que ſeu veneno murcha, & desbarata:
Sobre o terceiro Solio ſe deſcobre
Hum Centauro, que d'Aſtros ſe quilata,
Das noue Irmaãs do meſmo Rey cercado,
De quem foi mui amante, & mui amado.

Outubro.

Nouẽbro.

56.

Tanto que n'um, & n'outro o Rey aſſiſte
O termo dos de mais, ſe ſôbe airoſo,
Ià com menos fulgor, & em parte triſte,
Do coche rico ao Throno megeſtoſo:
Quando a feroz quadriga lhe reſiſte,
Sacode o açoute d'Aſtros luminoſo
Sobre as ancas de neue, a quem Phlegonte
Obedece com Eoo, Pyroes, & Ethonte.

57.

E pella galarìa ſublimada,
Que entre hũa, & outra Torre reſplandece,
Fazendo vai a vltima jornada,
Para a vltima Torre, que ennobrece:
Chega, & deixa a Carroça illuminada,
E entra pella Aula rica, a quem guarnece
Rica tapeçaria com figuras,
Que ao frio ſe reparaõ nas pinturas.

Alli

58.

Alli huns pendurando eſtaõ nas traues
Da fera Calidonia os deſcendentes,
Os quaes ſem cometer delictos graues,
Saõ ao reuès de Philis padecentes:
Aqui outros ò fogo brindes ſuaues,
A o frio com licores fazem quentes,
Outros de lãas, de martas, & peluças
Entreforraõ roupoens, & carapuças.

59.

Alli as Damas occultaõ maõs, & roſto,
Porq̃ o frio as naõ toque, & as não profane,
Que porque he maſculino, não tem goſto,
Que com ſeus frios oſculos lhes dane:
O Tecto deſta Sala eſtá compoſto,
Não d'aurea Roſa, ou bella Tulipane,
Mas de negro matiz, & nuuens pardas,
Que eſcurecem de luz flores galhardas.

60.

Eſtaõ neſta tambem tres Thronos altos,
D'Euano fino d'ouro marchetado,
Cujos palios eſtaõ de Eſtrellas faltos,
Faltos, pois menos tem, que o coſtumado:
Em penhas, no primeiro, daua ſaltos,
Que taõ ſubtil, & viuo era o bordado,
Hũa Cabra de Eſtrellas matizada,
Que de malhas vinte & oito eſtá adornada.

Dezẽbro

61.

Eſta,ſe diz, que a Iupiter creára,
Inda que a fòrma á fabula deſmente,
Porque ſe he meio peixe,he couſa clara,
Que vbres naõ tem,com q̄ ella o alimente:
O Corpo,no ſegundo,que illuſtrára,
D'Aſtros cheo ſe vè que hum Moço oſtēte,
Que hũ grande Gomìl d'ouro eſtá vertēdo,
Que hum arroyo deſpenha,parecendo.

Ianeiro.

62.

Hũs dizem,que he Deucalion, que ha fugido
Do diluuio a hum Monte ſublimado,
Outros,que he Ganimedes,que o fingido
Iupiter rouba em Aguia tansformado:
Tem dous Peixes o vltimo eſculpido,
Em que Cupido, & Venus foi tornado,
Mas ninguem hauerà,que crer ſe deixe,
Que ſe poſſa tornar a carne em peixe.

Feuereiro.

63.

Deſpois que no primeiro Solio deſtes
Se aſſenta o Rey das luzes menos claro,
Que de vapores humidos terreſtes
Publíca moleſtado o geſto raro:
Parte a Bethlem,que dons logra celeſtes,
O Conſorcio mais puro, & mais preclaro,
A alta MARIA,digo,& Ioſeph ſanto,
Ella aſſombro de graças,& elle eſpanto.

Em Dezembro.

Iá

64.

Iâ Cabeça do Mundo altiua, & bella
Estaua Roma então constituhida,
Sendo os Reynos de mais os membros della,
De que estaua composta, & guarnecida:
Que a taõ grande Cabeça, qual aquella,
Todo o Mundo por Corpo se conuida,
Que taõ grande Cabeça em Monstro dera,
Se todo o Orbe por Corpo naõ tiuera.

65.

Sete Cabeças tinha em Montes sete,
Aas partidas do Mundo respondendo,
Que sem ser Hydra, que Hercules comete,
O numero das suas estâ tendo:
Sete bocas o Nilo lhe remete,
Huma a cada cabeça offerecendo,
Dandolhe em suas bocas excellentes
Coraes por labios, perolas por dentes.

66.

Desta do Mundo vniuersal Cabeça,
Lybia, & Europa saõ seus grandes braços,
Que Asia, & America as plantas lh'offereça,
Se vè, para alternar immensos passos:
De Rhodas o Gigante, não pareça,
Que os seus estende muito, porque escaços
São a respeito destes, que refiro,
E que em quadro loquaz retrato, & admiro.

Deste

67.

Deſte Corpo do Mundo, que ſogeito
A eſta Cabeça eſtâ taõ peregrina,
Coraçaõ delle, & tronco eſtaua feito
O ambito feliz de Paleſtina:
Que ſe no coraçaõ nace, & no peito
A vida, que o mais corpo predomina,
Como em Coraçaõ, nella nacer creo
A Vida, que dar vida ao Mundo veo.

Actor. 7

68.

Fechadas tinha do Bifronte Iano
Auguſto as Portas d'Euano burnido,
Que o Mundo todo então tinha o Romano
Aa paz, & à vaſſalagem reduzido:
Sulcaua o Laurador a terra vſano,
Pondo do enués o campo florecido,
Que as flores ſepultando, trata aſtuto,
Que onde as flores morréraõ naça o fruto.

69.

As Armas eſquecidas jà ſe enchiaõ
De ferrugem, que o aço, & ferro hebêta,
Os Cauallos já as caixas naõ ouuiaõ,
Cujo eſtrondo os prouoca, & os inquieta:
Mas ſe o ferro, & o aço ſe eſqueciaõ,
Lembra da prata, & ouro a fome ineta,
Que o Romano, do ferro finda a guerra,
Com ambiçaõ do ouro, a daua á Terra.

70.

Se não foi, que myſterio ſublimado
No edictal de Ceſar ſe incluhia,
Querendo Deos o Mundo dar contado
Ao Filho ſeu, que ao Mundo dar queria:
Em fim, que neſte tempo relatado
Por todo o Vniuerſo ſe eſtendia
Hum Edicto geral, em que conſiſte,
Que naõ haja ninguem que naõ ſe aliſte. Luc. 2.

71.

Com graues penas manda Octauiano,
Que toda a idade, ſexo, & qualidade,
Peſſoa, & bens deſcreua, & o Romano
Erario reconheça neſta idade:
Que em ſinal de dominio ſoberano,
Officio, nome, patria, & faculdade,
Progenie a deſcreuer, & bens ſe aplique,
E tributando certo cenſo fique.

72.

Deſt'arte o Agricultor, reinando Aquario,
Des que o pouo de Bacho a ferro ha poſto,
Ordena, que lhe fique tributario,
Pello bem de o guardar là pello Agoſto:
Deſpois que o campo cèrca o Cultor vario,
E o izenta de eſtar ao danno expoſto,
Tributo delle eſpera, & fructo amado,
Pello bem que lhe faz, de o ter guardado.

Tres

73.

Tres vezes, des que â Roma Roma dera
O exordio, que Romulo ampliàra,
Fechado o Templo ſeu Iano tiuera,
Atè o tempo, que Auguſto a dominâra:
A vez primeira foi, na feliz era
Em que Numa, Rey ſabio, gouernâra,
A ſegunda, deſpois do grande eſtrago
Da primeira batalha de Carthago.

74.

A terceira, no tempo foi de Auguſto,
Deſpois da guerra Actiatica famoza,
No tempo, que chouer querem ao Iuſto
As Nuuens ſobre a Terra venturoza:
Eſta fez ſuſpender Marte robuſto
Mais tempo, que as de mais, que a Paz ſe goza
Em todo o Vniuerſo, então felice,
D'Auguſto té a decrepita velhice.

75.

Vinte Varoens, emfim, d'alta virtude
Para o Edicto Auguſto eſcolher manda,
Que o vicioſo, o inerte, o vil, & o rude
No gouerno dos Reys ſabios não anda:
Valor, com que do juſto ſe naõ mude,
Prudencia, em fim, & face veneranda
Acha neſtes Varoens, que a differentes
Regioens, manda por juſtos, & prudentes.

76.

A Prouincia de Syria, que incluhido
O territorio tem de Paleſtina,
A Cyrino acontece, homem ſubido,
Em partes, & virtude peregrina:
Tanto que chega ao Reyno preferido,
Que Herodes, Rey iniquo, entaõ domìna,
Fixar manda o Edicto ſoberano,
Que em nome ſe fixou d'Octauiano.

77.

Nelle ſe eſpecifica, & ſe declara,
Que cada qual, na forma referida,
A aliſtarſe concorra á origem chara,
Donde he ſua progenie procedida:
Tanto que deſte bando a voz ſoàra,
E foi em toda a Syria entaõ ouuida,
Concorrem a ſeus ſolares Paleſtinos,
Homens, Mulheres, Velhos, & Mininos.

78.

A multidão de turba differente
Nas eſtradas naõ cabe dilatadas,
E por naõ caber nellas tanta gente,
Se faz tambem do monte, & campo eſtradas:
Huns a pé vão, & outros nobremente
Continuando vaõ ſuas jornadas,
Em cuja variedade, & denſa copia
Se deleita, & ſe admira a viſta propia.

Nas

79.

Nas cores differentes dos veſtidos,
Parece, que Iris ha decido á terra,
E que o Arco tremolando os preferidos
Eſmaltes, cores mais de nouo encerra:
Quando o Sol nelles dá com ſeus luzidos
Rayos, eſtá fazendo á viſta guerra,
E sò nas varias cores ſucceſſiuas,
Que ſe mouem, parece, as Meſſes viuas.

80.

Quaes pálidas Ceáras agitadas
Dos impulſos do vento reſpirante,
Que nas diſtinctas margens colocadas,
Que ſe mouem parece, & vão auante:
Taes ſe antolhaõ as publicas Eſtradas,
De innumero occupadas caminhante,
Que as vnidas eſpigas, quaſi immenſas,
Nem tantas moue o vento, nem taõ denſas.

81.

Ou quaes liquidas Ondas, que no Rio
Vão com pès de criſtal juntas correndo,
Que por nunca o lugar ficar vazio
Outras lhe vem vnidas ſuccedendo:
Taes as Eſtradas em Dezembro frio
Eſtão co a muita gente parecendo,
Pois huma á outra tanta, alli ſuccede,
Que a que paſſa, ſe crè, ſe não deſpede.

82.

Esta he a primeira vez, que foi lançado
Tributo tal, & lista semelhante,
Outro se lhe seguio, des que logrado
Teue hum lustro de idade o sacro Infante:
Nenhum deste ficou priuilegiado,
Ou plebeo fosse, ou Principe possante,
Que no censo, senaõ na quantidade,
Se igualla a grande, & a menos qualidade.

83.

Chegou a Nasareth o Regio Edicto,
Sabe delle Ioseph, que se agonìa,
Vendo, que em tempo tal, taõ triste, & aflicto
Ha de hir taõ longe a Angelica MARIA:
Mulheres, & Varoens, como està dicto,
A partirse a alistarse compellìa
O Edicto vniuersal, que o Mundo aceita,
Que a sexo, & qualidade naõ respeita.

Luc. 2.

84.

Vê Ioseph, que a diuina Esposa sua,
Sendoo dos olhos seus, era minina,
Que a conjunçaõ do tempo he fria, & crua,
E que no auge a prenhez se expoem diuina:
Logo do Sol diuino á chea Lua,
A a Virgem dizer quero peregrina,
Vai dar parte Ioseph, em parte aflicto
Da magoa, que padece, & mais do edicto.

85.

A Virgem, que o myſterio ha penetrado,
E do ſanto Ioſeph a amante pena,
Com vulto alegre, & com ſereno agrado
Liurar da anſia a Ioſeph, que ſofre, ordena:
E qual culto Iardim, ou freſco Prado,
Que por boca da roſa, ou da açucena,
Quando na Aurora ri, ambar reſpira,
Tal rindo a Virgem diz, & o Santo admira.

86.

Naõ vos moleſte, ò Ramo preeminente
Daquelle Tronco Regio, & ſoberano, Matth. 1.
De quem o meſmo Deos he deſcendente,
Que he Filho de Dauid, em quanto humano:
Que ſeja o tempo cruel, ſeja inclemente,
Porque ſe deſcortez der em tirano,
Comnoſco vai o Sol em Nuuem leue, Iſai. 19.
Que o frio auſente, & que derreta a neue.

87.

O ſexo, a prenhez ſacra, a tenra idade,
Que em mim conſideraes, vos não moleſte,
Que a quem de Deos encerra a immenſidade,
Que trabalho hauerá, que anſias lhe preſte?
Antes d'hir ver a cèlebre Cidade,
Que tanto ha de lograr fauor celeſte,
Me alegrarei, pois Deos aſſi o ordena,
E ſeruirmeha de gloria, & naõ de pena.

88.

Os homens toma Deos por inſtrumento,
Tal vez, de ſeus deſignios ſoberanos,
Que disfarça ſeu alto, & ſacro intento
Cubrindo ſuas acçoens com vèos humanos:
Eſte Edicto, que a vós vos dá tormento,
Do caminho temendo a anſia, & os danos,
Pòde ſer ſeja tudo dirigido
A myſterios do Ceo, que aſſi he ſeruido.

89

Moſtraſe o Laurador cheo d'enfado
Quando anda cultiuando o campo amigo,
Vendo, que a chuua groſſa lhe ha atalhado
A arar o campo, & ſemear o trigo:
Paſſa o chuueiro, & tornaſe ao arado,
E o gráõ à terra lança, & já no abrigo
Iulga, que a chuua, que lhe foi contraria,
Para o trigo nacer foi neceſſaria.

90.

Pois que importa, que o tempo riguroſo
Co a chuua nos moleſte, & frio agraue,
Quando ſeja o rigor ſeu myſterioſo
Para nacer do Ceo o Graõ ſuaue?
De Bethlem, diſſe hum Vate, ô charo Eſpoſo,
Mich. 5. Que hauia inda de ſer altiua, & graue,
E pòde ſer que ſeja eſte o motiuo
Para ſer de Bethlem o ſitio altiuo.

Diſſe:

91.

Disse:& a porta fechando à eloquencia,
C'hum silencio, que auiso, & graças choue,
Faz ao casto Ioseph noua aduertencia
De que Deos a Bethlem a chama,& moue:
Fica o Santo louuando a Eterna Essencia,
Vendo que esta jornada ordene,& approue,
Que Oraculo diuino conhecia
Ser tudo quanto a Virgem referia.

92.

Trata logo do Bruto humilde, & rude
(Mais feliz,do que foi d'Europa o Touro)
Leuar o Seraphim de mòr virtude,
Do de Helle merecendo o dòrso d'ouro:
Sem que do necessario se descude,
Tira do rico seu pobre thesouro
O parco prouimento,& a limpa roupa,
Que para esta occasiaõ a Virgem poupa.

93.

A primeira sandalia,os limpos panos,
Que a Virgem por suas maõs obrados tinha,
Para enuoluer dos Choros soberanos
O Infante Rey,que a fez delles Rainha,
Não de torçaes Atàlicos profanos
Bordados,mas de fina seda,& linha,
A Virgem poem na trouxa,em que os reserua,
Deixando superada a graõ Minerua.

Dão

94.

Dão principio à jornada venturoſa
Os dous ſantos Portentos d'excellencia,
Cae a neue, tal vez, ſobre eſta Roſa,
Que lhe faz, ſem que murche, reſiſtencia:
Symbolo da Pureza, alua, & fermoſa,
He a Neue, & ſe co a Virge vſa inclemencia,
Da pureza Rainha inda a publìca,
Que he a joya, que nos Ceos brilha mais rica.

95.

Quando o azul manto, que he dos Ceos raſgado,
A neue lhe ſalpica, hum apparente
Firmamento ſe oſtenta retratado
De Eſtrellas frias cheo airoſamente:
E em azul papel fino ſimulado,
Eſcripto ſe publìca, a quem bem ſente,
Com letras de criſtal da neue preza,
Onde ſe lem encomios de Pureza.

96.

Chegando, pois, os ſantos Caminhantes,
Da graõ Ieruſalem à alegre viſta,
Vãolhe crecendo os chapiteis ouantes
Aſſi como a Cidade menos diſta:
Do Templo, em que aſſiſtìra a Virgem d'antes,
Os altos Obiliſcos vè que auiſta,
E alegraſe de ver o Tecto ſanto,
Onde onze annos viueo com primor tanto.

Vaõ

97.

Vaõ paſſando a Bethlem, Solar famoſo,
Que do Propheta Rey Corte tem ſido,
Que Auô tem ſido d'ambos venturoſo,
Que ambos de Filhos ſeus haõ procedido:
Duas legoas diſtante ao Auſtro aquoſo
De Syaõ Bethlem fica, mas medido
De Naſareth o eſpaço, fica della
Vinte & noue, que andára a Virgem bella.

98.

Hindo para Bethlem já caminhando
(Não co a pompa de ſeus antepaſſados,
Ià não digo dos Reys de grande mando,
De que ſaõ procedidos, & gerados,
Mas de ſeus Pays, que fauſtos oſtentando,
Moſtrauaõ que eraõ Principes dotados
Não ſó de Regio ſangue, mas de rendas)
Vaõ notando antigualhas, & fazendas.

99.

Tùmulos, que da eſtrada à viſta eſtauaõ,
Vai moſtrando Ioſeph à Virgem bella,
Onde Reys, & Patriarchas ſe encerrauaõ,
Que parentes tem ſido delle, & della:
Entr'outros Mauſoléos, que oſtentauaõ
Ser de gente illuſtriſſima daquella
Prouincia, o de Ieſſé ſe lhe aueſinha,
Que de que fora inſigne indicios tinha.

D'hera

100.

De hera cuberto jà do tempo estaua,
Que d'hera, como tronco, se cubria
Iessé na sepultura, que illustraua,
Por ser Tronco da Angelica MARIA:
Que por mostrar, que agora triumphaua,
D'hera o tem coroado a Morte fria,
Isai.11. Por brotar de seu Tronco a Vara bella,
Cant.2. Que a Flor celeste em sy inclue, & assella.

101.

Hier. lit. B. de loc. Hæbr. Logo vem de Dauid o Mau'còlo,
Que Auò foi dos diuinos Desposados,
Onde a Planta, que amada foi de Apólo,
Coroa dà aos seixos entalhados:
A Virgem humilhando o sacro Còlo,
Faz reuerencia aos Ossos sublimados
De que Carne tomou Deos soberano,
Que he descendente seu, em quanto humano.

102.

Bet. tit. 1. Vem a alta Torre Ader, que mostra os danos,
Que o tempo faz nas cousas transitorias,
E quando rompem marmores os annos,
Que faraõ nas caducas breues glorias?
O mais que chega a gloria dos humanos
He sô a ficarlhe o fumo das memorias,
Qual ficou a Rachel, de quem à vista
O sepulchro se expoem, que pouco dista.

Iazeis

103.

Iazeis (lhe diz Ioſeph) Paſtora pura,
Sepultada no campo, qual Bonina,
Que ſe ereis d'antes Flor na fermoſura,
Eça de flor o campo vos aſſina:
No duro nacar deſſa pedra dura
Em pò tornada eſtais de perla fina,
Leue o ſeixo vos ſeja, & leue a Terra,
Que ſepulta tal Ceo, tal Mina encerra.

104.

Tiueſtes hum amante altiuo, & forte,
Que em vida vos remoue o ſeixo duro, Gen. 29.
Para o gado beber por feliz ſorte
Com ſequioſa boca o criſtal puro:
Mas naõ tendes amante, que na morte,
Vos remoua eſſe marmol triſte, & eſcuro,
Ah! quanto a Morte cruel tem de eſquecida,
Que o amor nos de mais morre co a vida!

105.

Se em vida, Alma gentil, apaſcentaſtes
Gado em diuerſo valle, & vario outeiro,
Se Ouelhas, & Carneiros jà guardaſtes,
Hoje vos guarda morta eſſe Carneiro:
Que he daquella belleza, que oſtentaſtes?
Onde eſtà aquella graça, & ſer primeiro?
Ah! que vos vejo ter, Rachel querida,
Para tam longo amor, taõ curta a vida!

106.

Iá perto da Cidade ſe leuanta
A Pyra d'Archelao, que antigamente
Fora Rey de Iudèa, inclita, & ſanta,
Em quanto foi fiel, foi ſanta a gente:
A Hera, que em ſeus marmores ſe planta,
Com varia os cinge alli verde ſerpente,
Se não he que epitaphio he de verdura,
Que o tempo lhe eſculpio na ſepultura.

107.

Deſpois que eſtas, & outras antigualhas
D'Ephrâta haõ prenotado no caminho,
Chegaõ da meſma âs inclitas muralhas,
Pella ventura ſi, naõ pello alinho:
Chegaõ a horas jà, que d'aureas malhas
Variado ſe oſtenta o immenſo Arminho,
E a horas, em que trata Delio louro
D'entreforrar do Mar as ondas d'ouro.

Gen.35.

108.

Entraõ pella Cidade venturoſa
Os ſacros Deſpoſados, & buſcando,
Para paſſar a noite tenebroſa,
Agaſalho, ſe vaõ d'encontro entrando:
Naõ buſcaõ de ſua Eſtirpe generoſa,
Conſtituida em fauſto, pompa, & mando,
Hoſpedajem, porque ſua humildade
Que deſmintaõ, lhe faz, a qualidade.

Sabi:

109.

Sabìa a illuſtriſſima MARIA,
Que ſeus Pays com graõ fauſto ſe tratáraõ,
Que por Grandes Iudèa os conhecia,
E pellos mais illuſtres, que a honrâraõ:
De ſeu caſto Ioſeph tambem ſabia,
Que ſeus Pays com graõ pompa ſe oſtentáraõ,
E que ſeria opprobrio a ſeus parentes
O trato, com que humildes vaõ contentes.

110.

Bem ſabìa tambem, que occulto eſtaua
O myſterio de ſeu humilde eſtado
A todo o ſeu parente, que oſtentaua
No trato o ſangue, de que foi gerado:
Nenhum delles, ſabìa, que ignoraua,
Que ſeus Pays lhe deixâraõ graõ Morgado,
E que, vendoos no eſtado que tomáraõ,
Diriâo, que a fazenda eſperdiçàraõ.

111.

Os diuerſorios buſcão, que de honrados
São os menos cuſtoſos apoſentos,
Que, tal vez, o ſer neſtes hoſpedados
Val mais, do que em palacios opulentos:
Que os peitos nobres, vendoſe obrigados,
Não recebem ſeruiços ſem tormentos,
Que as remuneraçoens, a que ſe obrigaõ,
Aguâolhe o goſto, o peito lhe fatigaõ.

112.

Co a multidão de gente, que acudira
A obedecer de Cesar ao preceito,
Não hauia o lugar, que achar aspira
O Consorcio mais casto, & mais perfeito:
Que o Rey, que impéra as Aulas de Zafira,
Que á humildade, & penas vem sogeito,
Por nacer n'um Presepe, ordena, & traça
Occultos modos, com que nelle naça.

113.

Iosue. 11. Nazianz. orat. de paupert.

Achaõ de Iosuè os dous soldados,
Que por Espias vaõ ao Reyno alheo,
Estalage, em que sejio hospedados,
E liures de perigo, & de receo:
E os dous Virgens diuinos Desposados
Em sua Patria, & em seu Reyno (ô caso feo)
Não puderaõ achar outra estalagem,
Onde huma noite passem de passagem.

114.

Iudic. 27.

Com sua Esposa vai o outro Leuìta
Para Ephraìm, & em Gaba lhe anoitece,
Não o acha onde pousar, mas tanta dita
Tem, que hum seu natural se lhe offerece,
Casa, & Mesa lhe dà, & da ansia aflita
Os liura, mas o Par, que mais merece,
(O graõ Ioseph, & a Esposa de mais graça)
Naõ acha hum natural, que assi lhe faça.

Vendo

115.

Vendo Iofeph, que feita a diligencia,
Com a anfia mayor, mayor defuello,
Não acha onde defenda da inclemencia
Da noite fria o Seraphim mais bello:
Sofre efta magoa, então, com graõ prudencia,
Porque a Luz, que honra a do fenhor de Dèlo,
Lha não penetre então, & a fua dôbre,
Com penetrar que a tem o Varão nobre.

116.

Mas a Virgem, que via claramente
A dor, que Iofeph fente nefta falta,
Abrindo a breue purpura viuente
Da Rofa, que os jardins mais bella efmalta;
Com vòz fuaue, & animo paciente,
Com que fua prudencia, & auifo exalta,
Diz, por aliuiar ao cafto Efpozo,
Fingindo rifo, & anunciando gozo.

117

Iofeph querido, que anfia vos molefta
Pella falta de achardes hofpedagem?
Não fabeis, que a de Deos vontade he efta,
Que affi nos quer prouar nefta viagem?
E que o que fer rigor fe manifefta,
De nos faltar aqui, nefta paragem,
Agafalho, he fauor, que nos ordena,
Tendo agora por gloria, noffa pena?

118.

Vòs não ſabeis, Ioſeph, que neſta indina
Luc. 1. Eſcraua do Senhor vem encerrado
O que dos Ceos em Aula criſtalina,
Hoſpèda tantos mil do Coro alado?
E o que na grão cidade Neptunina
Dá a tantos peixes lento agaſalhado?
E cá na Terra, & nas montanhas graues
Couas ás feras dà, ninhos ás Aues?

119.

Pois ſe cõnoſco vem, quem fabricàra
Pſal. 101. O palacio do Ceo tão peregrino,
Que d'onze altos ſobrados adornâra,
D'azues taboas crauadas d'ouro fino:
Agora, que cuidais nos deſempara,
Seu fauor nos darà ſanto, & diuino,
E nos darà agaſalho, que tal ſeja
Pſalm. 79. Qual elle para ſy meſmo dezeja.

120.

Hierem. Occorre neſte tempo a Ioſeph nobre,
Que hauia n'um eſtremo da cidade
Hum Preſèpio ofrecido a todo o pobre,
Que de agaſalho tem neceſſidade:
A a Virgẽ o inculca então com magoa dòbre,
Vendo que aquelle aſſombro de beldade,
De que he indigno o Palacio, que mais valha,
Em lugar tão humilde ſe agaſalha.

A Vir-

121.

A Virgem, que do Ceo ſabe o intento,
Se alegra, & diz, que tal eſtancia aceita,
Que por ella o ſiderio Firmamento
Sabe, para nacer, que Deos engeita:
Vendo o Santo, que então humilde aſſento
A Virgem ſe accomoda mais perfeita,
Tambem ſe alegra em Deos, & com a Raynha
Do Ceo para o Preſèpe em fim caminha.

122.

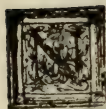
Entra n'arca mais toſca o mòr Theſouro,
Na concha ruda a Perola mais fina,
Illuſtra obſcura eſtancia o Sol mais louro,
E o mais puro Licor redoma indina:
Em vil coua ſe occulta o mais fino Ouro,
Em indecente ninho a Aue diuina,
A Fonte pura entre torroẽs ſe eſpalha,
E da neue o Candor ſe enuolue em palha.

123.

O traças, ò myſterios ſoberanos,
Do infinito Poder, Eſſencia ſumma,
Que o que ſe auulta vil a olhos humanos,
Seja a honra mayor, que outra nenhũa!
Oh que exemplo, & lição para inhumanos
Soberbos, nada corpo, & tudo pluma,
Dá Deos neſta occaſião, em que ha trocado
Por hum Preſèpe o Ceo mais ſublimado!

DO NASCIMENTO DE Christo, & fórma do Presêpe.

CANTO XI.

ARGVMENTO.

NAsce Christo ao rigor da noite fria
Exposto n'um Presêpe vil de gado,
Admirando o mysterio sublimado,
A Terra se faz Ceo, a noite dia:
Mil prodigios naquella, & neste hauia;
De flores se enche o Ceo, d'Astros o prado,
E hum Garçote gentil do Coro alado
Esta dita aos Pastores annuncia:
Dalhe o Anjo os sinaes do sacro Infante,
Vão buscar ao Presêpe o Deos de amores,
E achão em faixas preso ao sacro Amante.
Os Anjos se mesturão cos Pastores,
Na musica, no applauso, & no discante,
E huns ambar lhe libão, & outros flores.

Al-

1.

ALuiceras me dai ſantos Prophetas,
Que habitais de Abrahaõ no Seyo eſcuro,
Que em arcos d'ouro poẽ de prata as ſetas
Mil Cupidos de luz no Etherio Muro:
E banhando em fulgor as ſombras pretas
A Noite eſtaõ ferindo d'amor puro,
Porque ardendo em fulgor, & amor ſubido,
Receba o que eſperais fructo florido.

2.

A Terra, & Ceo ſe abraçaõ como amantes,
E as Eſtrellas ſe beijaõ jà co as flores,
Paſſaõ nos Ceos carreiras as errantes,
Vemſe as fixas bailar nos reſplandores:
No zafir, na eſmeralda, & nos diamantes,
O Ceo, a Terra, & o Mar competidores
Engaſtaõ deſta Noite o claro Dia,
Como em ouro ſe engaſta a pedraria.

3.

O Delphim, que de Eſtrellas ſe ſalpica,
De que eſcamas ſimulla d'ouro fino,
Ouuindo o Cyſne eſtà, que a pluma rica
De candor tem formada peregrino:
A Viòla a pulſar de Orphèo ſe aplica
Chiron, que a ella entoa hum celebre hyno,
O Sol, que tem Cauallos, tira lanças,
E a Lua bailes faz, pois faz mudanças.

Petr. de Natal. in Cathalog

4.

Os Rayos desta Noite venturosa,
Que penetraõ da Terra o centro obscuro
(Que por Rimas, qne abrio jà a tenebrosa
Cauerna, vos encheo de esplendor puro)
De prata fina em verso, & naõ em prosa,
Pois em Rimas se abrio o centro duro,
Confirmão quanto aqui digo, & conuerso,
Que os Rayos saõ conceito, & as Rimas verso.

5.

Mas em quanto o Empyrio sublimado
D'Anjos, & Seraphins se despouoa,
E innumero gentìl Garçote alado
Nada em Ceo de cristal, Mar d'ouro voa,
Por cujas d'alabastro maõs pulsado
Infinito instrumento d'ouro soa;
O Cordeirinho, que entre os lirios pasce,
Como nasce me ouui, & a donde nasce.

6.

Na parte principal de Palestina,
Duas legoas, ao Austro, da Cidade,
Que Sém edificou taõ peregrina
Em Templo, fausto, culto, & santidade:
De Dauid a Cidade, em que domìna,
E que por Corte teue em sua idade,
2. Reg. 5. Sobre hum comprido outeiro se leuanta,
Menos no Monte, que em felice, & santa.

Ephràta

7.

Ephràta a antiguidade quiz chamalla, Gen. 35

Mas de Bethlem despois o nome assella,
Porque tanto que o Ceo quiz sublimalla,
Bella em extremo quer que se chame ella:
Bell'em, lhe chama sô, o extremo calla,
Que esse suppunha em ser taõ santa, & bella,
Pois, por bella em extremo, foi Oriente
Do Sol, de que he vassallo o Sol luzente.

8.

Baixos seus muros saõ de Torres faltos,
De que mostra cercarse com mysterio,
Que para que era ter muros mais altos
Cidade, a quem defende o Muro Etherio?
Mal póde temer saccos, nem assaltos,
Injuria do inimigo, ou vituperio,
Lugar, por quem o Rey dos Reys diuino
Dos Ceos deixa o Palacio cristalino.

9.

Cercada está de Valles florecentes,
Que o Monte estaõ cingindo de verdores,
Que verdes fossas saõ dos eminentes
Muros, a quem cercára o Ceo de flores:
He tradiçaõ de sabios, & prudentes
Ter do Occaso aos primeiros resplandores
Mil passos de comprida, & dilatada,
Sendo d'outros mui ricos adornada.

10.

Do Austro ao Septentriaõ tem a largura,
Inda que pouca tem, por ser estreita;
Para a parte do Occaso â mòr altura
Mostra o Monte, que a vista mais deleita:
Inaccessiuel penha aspera, & dura
Cèrca a Cidade tanto a Deos aceita,
Que primeiro a murou a Natureza,
Que a murasse despois do Reys a alteza.

11.

1. Paral. 11. Nesta maior ladeira està a Cisterna,
De que Dauid beber tanto apetece,
Se não era que sede taõ interna
Era d'outra agoa, que do Ceo chouesse:
Quiz aquelle que a Terra, & o Ceo gouerna,
Que n'um felice monte, em que nacesse,
Esta inclita Cidade se fundasse,
Que como he Sol, o Sol nos montes nasce.

12.

Cercarse desta sorte o sitio amado
D'amenos valles, seluas deleitosas,
Foi por pintar o Ceo, do bosque, & prado,
Nas nuuens plantas, nas Estrellas rosas:
O ambito do Ceo, que o tem cercado,
Tem cor mais viua, Estrellas mais fermosas,
Porque a parte, que cobre ao sitio dino,
Pedaço mostra ser de Ceo mais fino.

Para

13.

Para a parte, que he opposta ao Occidente,
No extremo da Cidade insigne, & clara,
Iunto ao muro da mesma, & juntamente
Iunto a hum campo feliz, que nelle pára,
Que de MARIA ser, pregoa a gente,
Solomè, que Obstetrìce se chamára,
Hum Presepe commum tinha a Cidade, Hieron.
Para quem de vsar delle tem vontade.

14.

Formase esta Espelunca preferida
De hum penedo, que o tempo tem cauado,
D'Oriente a Occidente he de comprida
Quarenta pès, conforme se ha notado:
De largo doze ter mostra a medida,
E d'alto tem, do chaõ atè o telhado,
D'hum homem, que leuanta o braço acima,
A altura, porque mais se naõ sublima.

15.

A boca tem da parte do Oriente,
A cuja mão esquerda he mais profundo
Hum retrete cauado no eminente
Rochedo, que de Deos foi Ceo no Mundo:
Para a parte direita, que he sòmente
Mais breue quatro pès, se bem me fundo,
Perto da entrada vil deste Antro nobre,
Hum Estàbulo em quadra se descobre.

Em

16.

Em circulo deſte Antro, que pegado
Eſtá deſte Portal, que glorias goza,
Crauada nas paredes em quadrado
Eſtá huma Manjadoura prodigioza:
Compoſta toda eſtà de taboado,
Onde de dia, ou noite tenebroza
Daua paſto a ſeu gado, quem queria,
Que quatro pès de largo comprendia.

17.

Deſta Coua feliz no mais profundo
Se recolhe MARIA, & Ioſeph ſanto,
Porque troca por ella ao Ceo jocundo
Deos, por cauſar aos homens mòr eſpanto;
De Roma Coliſéos, Aulas do Mundo
Que inueja podem ter a fauor tanto!
Pois chegou hum Preſepe vil, & eſcuro
A ſublimarſe mais, que o Ceo mais puro.

18.

Ioan. 4. He Fonte d'Agoa viua a ſumma Alteza,
Apoc. 5. Por Leão de Iudá vemos ſe conte,
Ioan. 1. He Cordeiro de cándida belleza,
Luc. 1. Como o Propheta mòr vemos que aponte;
Quer imitar em tudo a natureza,
E nace n'um Penhaſco, como Fonte,
N'um Preſepe, ou Curral, como Cordeiro,
Qual Leão, n'uma Coua, verdadeiro.

19.

De maneira, que quando o Sol dourado
No Mar a repousar se recolhia,
No Presepe, que em Ceo se ha transformado,
A Aurora se recolhe de MARIA: Cant.6.
Mas se o objecto não se ha equiuocado,
Não era aquelle o Sol, que se escondia
No Mar, mas no Presepe venturoso,
Que em MARIA o Mar vai, & o Sol fermoso.

20.

Chegada, pois, a Noite venturosa,
Em que Oriente terá o Sol celeste,
De tèlla repassada de aurea rosa,
Em córte azul, o Ceo se adorna, & veste:
Mostrase a Noite fea taõ fermosa,
Que se a vìra então Plutão Terreste,
De mais flores cargada a roubaria,
Do que quando a roubou, quando as colhia.

21.

Seguese à Noite tal, taõ opulenta,
O Domingo da môr celebridade,
Sinco mil, com mais cem, noue, & nouenta
Annos o Mundo já tendo de idade:
Nunca despois que o Sol ao Mundo aquenta,
E às Estrellas no Ceo deu claridade,
Noite alguma se admira tão ditosa,
Ou Aurora taõ clara, ou taõ fermosa.

O Sol,

22.

O Sol, por dar lugar a que ſe ergueſſe
Do thalamo forçado a Noite obſcura,
Certo eſpaço ſe vio ſe recolheſſe
Dos prados de Neptuno entre a verdura:
Mas tanto que no Pòlo a reconhece,
A rondar vem do Mar n'outra poſtura,
Co a Lua ſe rebuça, & então a filha
De Latona co Sol, mais que o Sol, brilha.

23.

Se nos montes tem ſido Caçadora,
E com frechas em Dama as feras mata,
Tornando entaõ nos Ceos ao que antes fora
Diſpára pellos Ceos frechas de prata:
Os Animaes, que entaõ fere, & decôra,
Que nos celeſtes Montes caçar trata,
Vertendo o ſangue em rayos ſcintilantes,
Banhaõ de luz as malhas de diamantes.

24.

Mas vendo, que lhe atira cento, & cento
Frechas de prata a varonil Diana,
Poemſe em campo contr'ella o Firmamento
Com ſua infantaria ſoberana:
Bateria de rico luzimento
Se dão Lua, & Eſtrellas, mas não dana
Tiro algum ô objecto, antes ſeruindo
De eſpectaculo eſtaõ viſtoſo, & lindo.

As

25

As boninas, que Abril nos campos géra,
Ao Ceo nesta occasião Dezembro passa,
E nos prados dos Ceos a Primauera
Flores brota de luz com mayor graça:
Dos pimpolhos azues nessa alta Esphera
Abrindo vão milhoẽs com rica traça,
Até que o Ceo banhado em resplandores
Todo o seu campo ostenta ardendo em flores.

26.

Argos de milhoẽs d'olhos, não de cento,
Com que essa Aue de Iuno se acommoda,
Então se ostenta esse alto Firmamento,
Que das rodas celestes faz a roda:
Que por ver nesta noite o mór portento,
Em que se inclue dos Ceos a gloria toda,
Fixos na terra os tem, que com seus rayos
Se elle produz Abrìs ella expoem Mayos.

27.

Ouuem se pellos Ceos cançoẽs suaues,
Moduladas d'innumeras gargantas,
Que nesta alegre Noite cantão Aues,
Se Philomenas não, outras mais santas:
De tantas inuençoẽs, modos tão graues,
As festas pellos Ceos se admirão tantas,
Que parece, que o Ceo, com quanta encerra
Gloria, voltado está, câ para a terra.

28.

Theatro de Safir o Ceo se ostenta,
De tochas d'ouro fino illuminado,
Onde a facção mayor se representa,
Por tanto, & tão gentil Cómico alado:
A musica os ouuidos adormenta,
Os bailes, o objecto tem pasmado,
Ricas loas se expoem, papeis perfeitos,
Porque os Anjos se explicão por conceitos.

29.

Dest'arte a Noite, fulgurando dias,
Rayos brotando, & produzindo flores,
A a mèta chega chea de alegrias,
Onde se dimidìão seus fulgores:
Chegando alli, ardendo em alegrias,
Se ouuem nos Ceos milhares de Cantores,
Dorme Ioseph, porèm a Virgem vélla
Que quer o Sol sahir da Aurora bella.

30.

Em pè se poem, composta, & sossegada,
E as maõs de neue, & os olhos columbinos
Para o Ceo leuantando, arrebatada
Em Deos, a quem conceitos diz diuinos:
Estando nestas glorias enleuada,
Ouuindo do Ceo vozes, sacros Hynos,
Olha para o Presépe, & nelle atenta,
Que entre palhas o Graõ do Ceo se ostenta.

Psalm. 21.

Que

31.

Que qual diſtilla a Penha em tempo aquoſo
Lagrimas, ſem romperſe, criſtalinas,
Ou quaes lanção ſeu pranto lacrimoſo,
Sem ſe abrirem, dos olhos as Mininas:
Tal, ſem lezão, do Clauſtro milagroſo,
Compoſto de açucenas, & boninas,
A Agoa viua ſahio, deixando intata
A Minina do Ceo, Penha de prata.

Ioan. 4.

32.

A eſte tempo ſe lhe abre eſſe radiante
Palalacio de criſtal do Ceo luzente,
Logra a Virgem neſſa Aula rutilante
O Beatifico Objeto Omnipotente:
Que quando o Rey da gloria naſce Infante,
A Deos Deos, & a Deos Homem, juntamente,
Vendo eſtà com taes glorias, que imagina
Q'vnido o Ceo eſtà com a Terra indina.

33.

Fica a Perla dos Ceos da Concha fòra,
Que ſae da Madreperla ſem abrilla,
E á palha por dar grão, ſobre que chora,
Graõs d'aljofar ſobre ella então diſtilla:
Ficando, ſobre o feno, em ſua Aurora
O Sol, que a Terra, & Ceo de luz perfilla,
De homens, & brutos fica o paſto vnido
No Paõ celeſte, & feno em que ha naſcido.

A Vir-

34.

A Virgem, vendo objecto tão diuino,
Postrandose a seus pès riso chorando,
Amor desta alma (diz) meu nù Minino
Que em figura de Amor veio cegando:
Meu Sol, que qual o Sol do cristalino
Espelho sae (os Orbes admirando)
Sahistes deste Ventre indigno, & intato,
A ser, sendo o de Deos, d'amor retrato.

35.

Meu Deos immenso a Homem reduzido,
Profundo Mar incluso em concha breue,
Psalm.18. Grão Gigante em Minino conuertido,
Lume encuberto em candidez de neue;
Liuro da Vida em hũa resumido,
Cifra, onde a soma mór de amor se escreue,
Deos infinito (digo) disfarçado
Em sayal, que occultando està brocado.

36.

Bendito seja vosso Nome santo,
Vosso infinito amor, vossa bondade,
Pois vos chega por nòs a extremo tanto,
Ioan.1. Psalm.84. Que vos veste de nossa humanidade:
E por nos conuerter em riso o pranto,
Naceis chorando em tanta crueldade
Da noite fria; á que esse candor bello
Mais hum pedaço dà de caramello.

37.

Entre gado naceis, Paſtor ſagrado,
Veſtido de ſayal taõ pouco fino,
Que em fim todo o Paſtor nace entre o gado,
E entre o gado ſe cria de minino:
D'animaes vos quereis acompanhado
Neſte Preſepe vil, tão toſco, & indino,
Por quem trocais as Aulas de topacios,
Mas que Paſtor naceo nunca em Palacios?

Joan. 10.
Ezech. 34

38.

Entre gado naceis em voſſo Oriente,
E entregado ſereis em voſſo Occaſo,
Agora d'animaes, entaõ de gente,
Que antecipar vos quer da vida o praſo:
Como Alambar gentil do Ceo luzente,
De palhas vos cercaes, ſem ſer a caſo,
E o Berço, em que naceis, d'ouro formado,
He taõ chaõ, que he o chaõ ſem ſer laurado.

Matth. 6.
& 17. tradetur.

39.

Eſte he o rico Alcaçar, que buſcaſtes
Marchetado de aljofres, & diamantes?
Eſta a tapeçaria, com que ornaſtes
De vultos d'ouro, & ſeda Aulas preſtantes?
Hum Preſepe he o Palacio, a que aſpiraſtes,
Que he deſtinado a pobres caminhantes,
E vós, com ſer dos Ceos o Rey diuino,
O buſcaes como pobre peregrino?

Isai. [illegible]

40.

D'hum penedo naceis na coua dura,
Toſco Nacar de Perla taõ diuina,
Moſtrando, que naceis na ſepultura,
Debaixo deſta campa vil, & indina:
Onde os mais vão parar na morte eſcura,
Quereis nacer na vida peregrina?
Sendo aſſi, que ha de vir (trocada a ſorte)
Noſſa vida a nacer de voſſa morte.

41.

Suſpendei eſſe aljofar, que ſe eſpalha
Por eſſe roſto, de geada bella;
Mas ſe entre a palha a neue mais ſe qualha,
Como eſſa ſe derrete agora entr'ella?
Mas ay! que quando o Sol dà entre a palha
Na neue, onde lhe dà faz derretella,
Taes eſſes Sòes, que eſtaõ neſſe Ceo breue,
Onde os ſeus rayos tem, derretem neue.

42.

Daime licença a que eſſe Relicario
Lance a eſte peito meu, de amor taõ fino,
Que ſe meu Ventre foi voſſo Sacrario,
Sejão meus braços voſſo berço indino:
Deixaime Abelha ſer do nectar vario,
Que banha voſſo roſto criſtalino,
Cant.1. Para que chupe, entre oſculos, & amores,
As perlas do rocio deſſas flores.

Diſſe:

43.

Disse: & abrindo os braços soberanos,
Nelles toma, & aperta o sacro Infante,
Que então fica, por modos mais que humanos,
Do anel, que delles fez, sendo o diamante:
E enuoluendoo logo em limpos panos,
Entre faxas prendendo ao sacro amante,
Dos peitos de cristal ao Tyrio bico
O crauo do jasmim lhe aplica rico.

Luc. 2. Cant. 1.

44.

Prende de Christo o Habito, que pende
De seu virgineo collo cristalino,
Por hum botão de purpura, que prende
Na casa breue d'hum rubì diuino:
Botaõ, do peito o bico ser entende,
Casa, a boca purpurea do Minino,
Collar, o[illegible] de primor não visto,
E Habito de Christo, o mesmo Christo.

45.

Cantão d'Apollo as Aues, que partindo
A noite estaõ por natural regallo,
E as vozes, mais que nunca, então subindo,
Dão co esta nouidade ao pouo aballo:
Está o sacro Parto ao Gallo ouuindo,
(Que he Relogio vulgar da noite o Gallo)
Que de despertador serue á Cidade,
Que está toda da noite em ametade.

46.

Nace Deos á mea Noite, que d'hum dia
Era fim, & principio a outro daua,
Porque da Ley escripta assi annuncía,
Que o tempo, & o limite se acabaua:
E que de luz vestido, & de alegria,
Da Ley da Graça o Dia começaua,
De quem a Antiga, sombra, & noite ha sido,
Sendo a Moderna o dia, & o Sol luzido.

47.

Sòaõ por esses Montes cristalinos
Mottetes, & letrilhas differentes,
E ao som d'instrumentos peregrinos,
Se ouuem vozes diuinas, & excellentes:
Chançonetas se poem, entoaõse hynos,
Atroandose os ares transparentes,
E entre as que mais suaues se entoauaõ,
Estas em eccos pellos Ceos soauaõ.

48.

Luc.2. Gloria se dê na excelsa Monarchia
A Deos, pois fez cos homens amizade,
Aos Homens Paz na Terra, & alegria,
Que tem bom coraçaõ, boa vontade:
A chôros vario Choro repetia
Esta cançaõ com tal suauidade,
Que as musicas d'Orphéos, nem de Ariontes,
Nem affectão Delphins, nem mouem Montes.

A éstas

49.

A estas vozes, que soaõ pellos ares,
Sobre a penha, a que Deos faz taes fauores,
Ioseph acorda, que ouuindo taes cantares
Suspenso fica, & cego em resplandores:
E pondo logo os olhos singulares
Na Rosa, que suppèra as de mais flores, Ecclesi.24
Vendo a Luz, que ha parido a sacra Aurora,
Postrase em terra, & a Deos humano adora. Cant.2.

50.

Dous Brutos vè com natural instinto
A seu Creador co alento fomentando,
Vendo, que o tempo com rigor distinto
Se ficou frio, tal portento olhando:
E estando cada Bruto inda faminto,
Por lhe deixar da palha sitio brando,
Della comer entaõ cortez naõ ousa,
Que he seu pasto, & seu berço a mesma cousa.

51.

Por huma do Presepe, que naõ cobre,
Parte, a rocha, mas tecto mal colmado,
Aplausos mil Ioseph no Ceo descobre,
Que d'Anjos a legioens anda qualhado:
Tochas, que ardem em prata, a Noite nobre
Faz das restes, do chaõ até o telhado,
Que os rayos, que Diana entaõ espalha,
Saõ lumes, sem queimar, em que arde a palha.

52.

Entre tanto de Adér chega ao Castello,
Que dista passos mil da illustre Ephráta,
Hum Paranimpho alegre em extremo bello,
Que hum Cupido celeste se retrata:
E a Pastores tres, que com desuello,
Guardando o gado estaõ, que lhe maltrata
O Lobo, que tal vez na rede o espreita,
Dest'arte lhe dà a noua alegre, & aceita.

53.

Aluiceras me dai, santos Pastores,
Pois vos annuncio a paz de vossa guerrá,
Dai na Terra, & nos Ceos a Deos louuores,
Que hoje nace, qual Flor, na vossa terra:
Leuantaiuos, vereis que em resplandores
Està ardendo de noite o valle, & a serra,
Vereis qualharse o Ceo de festas varias,
E arder todo de prata em luminarias.

54.

Vereis nos Ceos mil jogos, varias festas,
Ouuireis letras mil, mil sons suaues,
E na Terra ouuireis, que entre as florestas
Cantaõ, como em Abril, de noite as Aues:
Pois nouas taõ festiuas, quaes saõ estas,
Banhados de prazer, & glorias graues,
Dallas ide aos de mais, de que he nacido
Em Bethlem o Messias prometido.

Pastores

55.

Paſtores, não temais com tanto exceſſo,
Por vos verdes cercar de reſplandores,
Que d'hum graõ bem aluiceras vos peço,
Que a todo o humano ſer fará fauores:
E eſte grande prazer, que vos confeſſo,
He nacer hoje feito Deos de amores,
Do Mundo o Saluador na illuſtre, & bella
Cidade de Dauid, de Mãy Donzella.

56.

O Sinal que vos dou deſta verdade,
He, que achareis o bello, & ſacro Infante
No Preſepe da célebre Cidade
Enuolto em panos mais que o Sol brilhante:
Co eſta noua de tal felicidade
Pondo os olhos no Ceo, ao meſmo inſtante
Vem Anjos infinitos, que entoando
Gloria nos Ceos a Deos andão cantando.

Luc. 2

57.

Dando credito logo ao Nuncio altiuo,
Conuocão outros mais Paſtores ſantos,
A que elles com prazer mais que exceſſiuo
As nouas vaõ leuar cheos de eſpantos:
E aſſentaõ com prazer doce, & feſtiuo
D'hir a Bethlem lograr fauores tantos,
E para conſumar eſtes intentos,
De dons ſe valem junto, & de inſtrumentos.

58.

Mas do que ouuem nos Ceos, & que vaõ vendo,
Ficaõ, tal vez, immotos, & pasmados,
Quaes os que de Medusa o gesto horrendo
Vìraõ, que em pedras foraõ transformados:
Huns Anjos vem bailando, outros tangendo,
Outros cantando tonos sublimados,
E elles, que d'imitar aos Anjos trataõ,
Tambem Anjos a choros se retrataõ.

59.

Entrão n'um Bosque cheo de verdores,
Que esta Noite, roubando a Abril a estancia,
Na Terra, & mais no Ceo produzio flores,
Humas de luz, & outras de fragrancia:
E coroados dellas os Pastores,
Cubrindose de ramos com leda ansia,
Daõ a ver, que em seus lèpidos ensayos,
Em Dezembro, dos Bosques sayem Mayos.

60.

Iá despois de asseados, & galantes,
Vestindo as roupas, que elles tem por gala,
Começando a fazer varios discantes,
Escolhem os que tem mais doce falla:
E entoando, em que rusticas, amantes
Cantigas ao Senhor, que os Ceos regalla,
Atroaõ docemente os Orisontes,
Enchendo de prazer valles, & montes.

61.

O Rabel, o Psalteiro, a Sanfonina,
A Bandorrilha, a Cithra, o Alaude,
No som nas destras mãos tanto se affina,
Que arguem a d'Orphèo lyra de rude:
No som mostra a Viôla, que he bonina
Nos floreos, na graça, & na virtude,
Que das cordas a doce consonancia,
Parece que aos ouuidos dá fragrancia.

62.

Todos se occupaõ ledos nestas festas,
Que huns tangem, & outros cantaõ docemēte,
Outros, que vão vestidos das florestas,
Ledos andão bailando ao som contente:
Pastoras mil, que vão tambem entre estas
Choréas festejando alegremente,
Graça vão dando aos choros dos Pastores,
Quaes Rosas nos jardins ás de mais flores.

63.

Ecco, dos altos concauos rochedos
Repetindo os accentos modulados,
Entoa pellas bocas dos penedos
Tonos d'accentos musicos dobrados:
E ouuindo tantos sons, tonos tão ledos,
Esquecida de seus males passados,
Anda por montes, valles, & cauernas
Cantando alegre musicas supernas.

Adufes

64.

Adufes concordando cos pandeiros
As mais destras Pastoras vaõ tangendo,
De caens de mostra ser, naõ de rafeiros,
A pelle dos adufes se està vendo,
Que os cascaueis, que soaõ nos outeiros,
Os que viuos trouxeraõ, parecendo,
Estaõ mostrando, que inda lhe ficàraõ
Nas pelles, que em adufes se tornáraõ.

65.

Por cima dos acordes instrumentos,
Que os choros Pastorìs tocão vnidos,
Soaõ das castanhetas os accentos,
Tocadas com repiques aplaudidos,
E mais ao alto a sybilar nos ventos,
As frautas remontando seus sonidos,
Dão a crer, dos Pastores que entre os choros
Serpes d'euano daõ syluos canòros.

66.

Aos Seraphins dest'arte arremedando
Os Pastores, nos bailes, & cantares
Vaõ os Ceos, & os montes atroando,
Huns pella terra, & outros pellos ares:
Rico toldo co as azas lhe vão dando
Os Cherubins, que os vaõ seguindo a pares,
Que leuandolhe o tiple em doce rima,
Nas vozes, & no voo vaõ por cima.

67.

Dest'arte Homens, & Anjos misturados
Enchem o Ceo, & a Terra d'alegrias,
E os Seraphins, tal vez, equiuocados
Das Pastoras se vêm co as galhardias:
Duas vezes florecer mostraõ os prados,
Menos em sy, que em tantas bisarrias,
Vemse em rayos arder os Orisontes,
Os Valles em prazer, em festa os Montes.

68.

Hindo assi todos perto da Cidade,
Chega hum Pastor mancebo, acompanhado
De tres Pastoras bellas, que Deidade
Mostrauaõ ser do monte, & Abril do prado:
E tocando com graõ suauidade
Huma harpa, que dedilha confiado,
Pede aos de mais com intima fadiga,
Que parem, por lhe ouuir certa cantiga.

69.

Elles, que nelle vêm confiança tanta,
Querem ver se condiz a voz com ella,
(Que a presunçaõ está contra o que canta,
Se deixarse rogar naõ quer, & anhella:)
E em roda a companhia alegre, & santa,
E dos Anjos no ar â turba bella
Parâraõ, de prazer com vario estillo,
Que huns querem hir auante, outros ouuillo.

Tocando

70.

Tocando logo alli com bem deſtreza
A Harpa, que alegre traz, o Paſtor lindo,
Ajudado dos Anjos, que em belleza
Eſtão co elles, ſem ſello, competindo,
Sôlta a voz doce, a mil donaires preza,
A Amphionte de dèſtro deſmentindo,
E ſuſpende co canto as turbas bellas,
Ajudado da voz das tres Donzellas.

71.

Na arte, & eſtillo tambem, com que cantauão,
De Paſtores então ſe deſmentião,
E alguns dos circunſtantes ſoſpeitauão,
Que erão Anjos, que humanos ſe fingião:
No inſtrumento, porèm não reparauão,
Que tocallo Paſtores já ſabião,
Déſtro em Paſtor, primeiro que Rey foſſe,
Era na Harpa Dauid ſuaue, & doce.

72.

Subì, cantaõ, ſubi, Muros ditoſos
De Bethlem até os Ceos mais ſublimados,
E coroados d'Aſtros luminoſos,
Vos publicai por bemauenturados:
De Babilonia os Muros prodigioſos,
Fazei, que mais naõ ſejaõ memorados,
Que inda que hum dos Prodigios foraõ ſete,
No Euphrates ſe naõ banhem, mas no Lete:

En-

73.

Encoſtaiuos dos Ceos aos tectos d'ouro,
E as ameas de Eſtreilas coroando,
Luminarias de lùcido theſouro
Eſtai em copos d'Aſtros oſtentando:
Noite, & dia vos cerque Phebo louro,
Seus Rayos vos eſtem ſempre dourando,
Seja o eſcuro, que sô em vòs vejamos,
O verde eſcuro dos florìdos ramos.

74.

Cerquemuos voſſos valles de contino
De boninas, de aromas, de verdores,
Não nèue ſobre vòs o Ceo diuino,
E quando nèue, ſeja ambar, & flores:
Em voſſo ambito habite Abril benino,
Remouendo do Inuerno os crueis rigores,
E em muſicas harmonicas ſuaues,
Com aues vos ſaudem ſempre as Aues.

75.

Que Cidade tam bemauenturada,
Que ao Empyrio ſe igualla alto, & vſano,
E que por Corte toma ſublimada,
O Rey dos meſmos Reys, em quanto humano!
Cidade âs do Oriente auantejada,
Onde teue Oriente ſoberano
O Sol diuino, o qual ſe oſtenta expoſto
Nella em Signo melhor, que no de Agoſto.

Menos

76.

Menos obſequios, que eſtes, naõ merece,
Porque tem, para ſeu digno ornamento,
Poucas joyas o Prado, que florece,
Poucos Aſtros de noite o Firmamento:
Se os Muros, com que Thebas ſe engrandece,
Das pedras dando eſtaõ ſuaue accento,
Voſſas pedras, ſeguindo a meſma traça,
Entoem dita mais, cantem mais graça.

77.

Aqui daõ fim aos muſicos accentos;
Logo as Turbas dos [illegible], & Paſtores,
Tocando nouamente os inſtrumentos,
Os Ceos enchem de vozes ſuperiores:
Entrando pellos Muros opulentos,
Cantando mil mottetes, mil louuores,
Pellos Anjos guiados vaõ chegando
Ao Preſepe feliz, que vão buſcando.

78.

Os alegres Paſtores, que cargados
Cos Cordeiros ás coſtas vaõ contentes,
Leuaõ ao Deos Minino ſeus traslados
Em ſeus ledos, & ruſticos preſentes:
Com coleiras viſtoſas aſſeados
Lhos leuaõ de boninas differentes,
Por lhe dar nos Cordeiros, & nas Flores
Rebanho, & Prado de diuerſas cores.

79.

Os açafates cheos de boninas,
Onde as Paſtoras mimos vaõ leuando,
Capellas ſe affiguraõ peregrinas,
Que ſobre as aluas toucas vaõ brilhando:
Aſſi entre ſons,& muſicas diuinas,
Em que todos ſe occupaõ, caminhando,
Ao Preſepe feliz chegaõ vfanos,
Que azas de Seraphins armaõ por panos.

80.

Cos rayos,& fragrancia, que reſpira
A porta de mais luz, que a do Oriente,
Teme a paſtoril turba, que ſe admira
De tanta luz,& odor taõ excellente:
Mas Gabriel, que o eſpanto entaõ lhe tira,
Que a noua lhe leuára taõ contente,
Que entrem (lhe diz) a ver prodigios tantos,
Tornandolhe em prazeres ſeus eſpantos.

81.

Entrando, logo, vem ao ſacro Infante
Tendido no preſepe, enuolto em panos,
Do Sol feito o cabello rutilante,
Das Eſtrellas os olhos ſoberanos:
Feito o corpo de neue, ou de diamante,
As faces de jaſmins, crauos vfanos,
Perſintindo exhalar ſeu corpo breue
Ambar das flores, fogo,& luz da neue.

Vem

82.

Psal.21. Ioan.6.

Vẽm entre a palha eſtar ao Paõ diuino,
Que do rigor do tempo entaõ trilhado
D'entre a palha dà o Grãõ celeſte, & fino,
Em lentos grãos de aljofar derramado:
Vém, q̃ aos pès d'hum, & d'outro Bruto indino
(Qual na Eira, em que o Paõ ſe ha debulhado)
Fica o celeſte Paõ (qual Paõ do Mundo)
Que he aluo no candor, ſendo Segundo.

83.

Logo cheos de amor, & de alegria,
Iá deſpois de adorar ao Deos de amores,
Graças daõ à puriſſima MARIA,
Saudando a Ioſeph com mil fauores:
Logo ô Rey da ſuprema Monarchia,
Que arder faz o Preſepe em reſplandores,
Nos braços virginaes a Mãy leuanta,
E dá a beijar ſeus pès à turba ſanta.

84.

Eis que hum Paſtor de aſpecto venerando,
De joelhos ante o Rey, que admira Infante,
Ao Ceo as maõs, & os olhos leuantando,
Diz, com ſonora voz, tono elegante:
Amante enternecido altiuo, & brando,
Que eſta Noite rondando, como amante,
Pella Eſpoſa, que tanto amar quizeſtes,
Deixaſtes os Alcaceres celeſtes.

Que

85.

Que traje he esse, nouo Peregrino?
Quem vestido vos deu taõ desusado?
Se Rey da Paz vos chamão, Rey diuino, Isai. 9.
Como vestìs de guerra, & de encarnado?
Se ereis Gigante, quem vos fez Minino, Psal. 18.
Tornandouos Amor de namorado?
Ah! que vestìs, amando a peccadores,
Da que vestem librè vossos amores!

86.

Fostes Leaõ, tal vez, embrauecido,
A Terra, & o Mar o diga; ella tragando
Com negra boca innumero atreuido,
Elle infames Cidades innundando:
Hoje estaes em Cordeiro conuertido,
Mansidaõ de Cordeiro publicando,
Cordeiro quereis ser, porque algum dia Ioan. 6.
Haueis de ser Manjar de gente pia:

87.

Dauid diuino, que em Pastor mudado,
Pella Michol de nossa humanidade,
Vindes a dar o Monstro destorçado,
Tendo tanto valor, taõ pouca idade:
As pedras, que lhe haueis hoje tirado,
Que lhe daõ morte, & a nôs daõ liberdade,
São desses sacros Olhos despedidas,
Que pedras saõ tambem perlas vertidas.

88.

O ruſtico gabaõ, que viſto pobre,
Em lugar deſſas palhas vos ofreço,
Que ſe he de láa de ouelhas, & vos cobre,
Que vos vem a propoſito conheço:
Ou, ſuppoſto que ſois mais que o Sol nobre,
Eſte ſurraõ cubrì, ſerà de preço,
Ficará no ſeu traje verdadeiro,
Na pelle de hum Cordeiro outro Cordeiro.

89.

Em vez de Throno, neſſes ſantos Braços
Vos quereis publicar ſem Mageſtade,
Mas neſtes de hum Preſepe indignos Paços
Lograes o Throno da maior Beldade:
A braços vindes já neſſes abraços,
Na luta, que fazeis, co a Humanidade,
Gen.32. De que figura foi a que tiueſtes
Co Paſtor, que da Eſcada ver quizeſtes.

90.

Eu, & toda eſta turba de Paſtores
As almas por tal bem vos tributamos,
Dandouos neſtes Ramos, & eſtas Flores,
Nas Flores Almas, Coraçoens nos Ramos;
Se eſtes comem de pluma alguns Cantores,
Que gaſtaõ noite, & dia em ſeus reclamos,
Vòs tambem Roixinol ſereis ſuaue,
Luc. 2. Em comer Coraçoens, ſer Filho de Aue.

Quereis

91.

Quereis á Gente rustica primeiro
Mostraruos, que de Reys à summa Alteza,
Que quando de Leão vindes Cordeiro,
Dos Cordeiros seguis a natureza:
Que decendo do Ceo desse alto Outeiro
A este Valle de pranto, & de tristeza,
Por Cordeiro buscais seus guardadores, Ioan. I.
Que os Cordeiros se dão bem cos Pastores.

92.

Bem mostrais de Dauid ser Descendente,
Em ser primeiro destes conuersado
Do que de Reys, que o sceptro preeminente
Hajaõ a vossas plantas consagrado:
Foi vosso Auò Pastor primeiramente,
Foi despois Rey potente, & sublimado, 1.Reg.16.
E Vòs primeiro dais, delle em memoria,
A Pastores, que a Reys, hoje esta gloria.

93.

Quem honra a hum Auò fez taõ crecida,
Que de honras não faria a Mãy taõ pura?
Sem falta, que a faria concebida
Sem do infelice Adam a mancha escura:
Que sendo em tudo aos Anjos preferida,
Verdade creo ser, não conjectura,
Que em sua Conceiçaõ diuina, & bella,
Naõ possaõ preferirse elles a Ella.

94.

Virgem mais bella, que de Abril as Flores,
Mais pura, que as Estrellas cristalinas,
Em cujas perfeiçoens, raros primores
Se esgotárão, parece, as Mãos diuinas:
Que o que a Terra inferior, Ceos superiores
Pintou, com tal primor, tintas tão finas,
Flores, Estrellas, & Anjos deu pintados,
Para vossos paineis, vossos traslados.

95.

Ditosa Vôs, que merecestes tanto,
Matth. 1. Que Máy do Filho sois do Pay Eterno,
Ditosa Vôs, que a vosso doce canto
Arrahistes do Ceo ao Rey superno:
Ditosos nós, pois sois de nosso pranto
O fim, sendo o principio do do Inferno,
Ditosos Pays, que o forão de tal Filha,
Pois brotárão tal Flor, tal Marauilha!

96.

Psal. 99. Não deu lugar o jùbilo festiuo,
A que o anciaõ Pastor mais fosse auante,
Mas todos festejando ao Rey altiuo
Vaõ cos bailes, & cantos por diante:
Andando todos n'um caracol viuo
Bailando dentro no Presepe ouante,
Dão (quando em fios vaõ no baile airoso)
Cornos gentìs ao Caracol fermoso.

Caſ-

97.

Caſtanhetas, que o ſom em parte occultaõ
De muitos inſtrumentos differentes,
Cerrada militar carga ſe auultaõ,
Que ſe dá por compaſſos competentes:
Os eccos, que do eſtrondo ao ar reſultaõ,
Fazem nos altos montes ſons contentes,
Que as peças, que as compoẽ, cõ ledo eſtrondo
Baterias de ſons eſtaõ compondo.

98.

As cobras, que nos bailes vaõ formando,
Se vaõ colubrinando airoſamente,
Hindoſe ao dar das voltas enroſcando,
E eſtirandoſe logo, qual ſerpente:
Eſtaõ cos ſons os bailes concordando,
Que huns, & os outros ſe daõ taõ deſtramente,
Que os pès no chaõ, & as maõs nos inſtrumẽtos
Parem nos ſons iguaes gemeos accentos.

99.

A aplauſo tanto, quanto eſtaõ fazendo
Anjos, & Homens, por modos ſingulares,
Breue lugar o ſanto Portal ſendo,
Inda aſſi cabem feſtas a milhares:
Que dançaõ (para aſſi ficar cabendo)
Huns pello chão, & outros pellos ares,
E deſta ſorte no Preſepe altiuo,
Cabe obſequio tão vario, & tão feſtiuo.

100.

Huma Egypcia, que vinha entre os Paſtores,
Que entre elles ſe creou deſde minina,
Que nas habilidades, & nas cores,
Na patria, & na belleza he peregrina;
Deſpois de requebrar com mil amores
Ao Infante dos Ceos, prenda diuina,
Pede a mão do Minino â Virgem pura,
Para vaticinar ſua ventura.

101.

Conſente a Virgem, rindo na curioza
Petiçaõ da Gitana, a qual abrindo
As folhas deſiguaes da branca Roza,
Ou as ſinco gentís do Iaſmim lindo;
Soltando a voz, que graça immenſa goza,
(Rindo o Minino, & toda a turba rindo)
Aſſi lhe diz: Minino prodigioſo,
Mais que o Ceo alto, & mais que o Sol fermoſo.

102.

Em ſinaes, que deſcubro, ſoberanos
Neſta ſacra Cecem, Iaſmim neuado,
Larga vida tereis de eternos annos,
A não querer morrer de voſſo grado:
Sereis Rey, & Monarcha entre os humanos,
Luc. 1 Mas eterno ha de ſer voſſo Reynado,
Na Caſa de Iacob, & Reyno ingente
De Dauid, reynareis eternamente.

Sereis

103.

Sereis gloria do Mundo alta, & ſerena,
E do Inferno ſereis pena notoria,
Tereis, por nòs, por gloria voſſa pena,
Que tanta anſia tereis de nos dar gloria:
Neſte Ceo breue, & neſta Mão pequena
Se me abre hũa admiranda, & rara hiſtoria,
Mas, porque a dizer tanto naõ me atreuo,
Parte sô, com temor, direi, que deuo.

104.

Fareis na vida mil prodigios ſantos,
E ſeraõ as acçoens voſſas de ſorte,
Que todos, vendo obrar milagres tantos,
Paſmâraõ, vendo em Vòs poder taõ forte:
E o que cauſarà mores eſpantos,
Serà veruos poder mais do que a morte,
Vendo que vida dais aos que ella mata,
Defunctos mil tornando á vida grata.

105.

Surdos, cegos, leproſos, & doentes,
Paralìticos, & outros mil enfermos,
Sarareis de contagios differentes,
Excedendo de humano em tudo os termos:
Fieis fareis milhoens de inconfidentes,
E os que endemoninhados conhecermos,
Liures ſeraõ por Vòs do eſprito immundo,
Que habìta là no Abiſmo mais profundo.

Matth. 8. & 9.

Luc. 5. & 19.

106.

Com ſede de ganhar hũa errante alma
Joan. 4. Pedireis de beber a huma eſtranha,
Fatigado do amor, mais que da calma,
Agoa pedis, quando o ſuor vos banha:
Deſt'alma, & d'outras mil, leuando a palma,
Que perdida por ſy, por Vôs ſe ganha,
Em bodas, & tormentas adeuinho,
Que o Mar leite fareis, & a Agoa vinho.

107.

Luc. 9. Fartareis muitos mil, & de alimento,
Que a ſeis naõ baſta, fartareis milhares,
Melhor do que ao Thebano, em ſeguimento
Voſſo hirão mil naçoens preſas a pares:
Que por ouuir taõ ſacro, & doce accento,
Homens não sô, mas Aues deſſes ares,
Cos Montes vos hiraõ tambem ſeguindo,
Atraz de Orphèo melhor, & Alcides, hindo.

108.

Por voſſa Eſpoſa virginal fermoſa
Fareis extremos mil, já nunca ouuidos,
Por ella leuareis vida penoſa,
Que amores grandes ſaõ ſempre afligidos:
Até que, por proeza mais famoſa,
Enchendoa de fauores preferidos,
Em certa occaſiio, ſe niſto acerto,
Matth. 6. Darlheeis o Coração a ver aberto.

Alli

109.

Alli naquelle Eſpelho matizado
De rayos rubicundos ſanguinoſos
Eſtará vendo o amor mais affinado,
Em reflexos de extremos amoroſos:
Sereis preſo huma vez por namorado, Joan. 8.
Sô por ſoltar captiuos laſtimoſos
Dos grilhoens, em que o Pay primeiro os deixa,
Em tão longa priſaõ, taõ larga queixa.

110.

Aqui do Nilo a natural Sirena,
A flor ſigilla de Erithréas cores,
Que as que ao roſto lhe faltaõ por morena,
Dos labios ſe lhe augmentão nos primores:
Pello canto da Egypcia Philomena,
Dáolhe aplauſos os Anjos, & Paſtores,
E por ella confeſſa a Turba airoſa, Cant. 1.
Que he parte o ſer morena de fermoſa.

111.

Huma Paſtora, logo, em graças rica,
Que tres luſtros de idade ter moſtraua,
C'hum pandeiro na maõ, que entaõ repica,
A cantar, & bailar ſe adiantaua:
A ouuilla, & a vella entaõ ſe aplica
Todo o que circunſtante alli ſe achaua,
E o que canta, bailando no terreiro,
Faz loar ô compaſſo do pandeiro.

Ceſſa;

112.

Ceſſa; & logo as Paſtoras, & Paſtores,
Outras nouas cantigas repetindo,
Em dous choros cantando a Deos louuores,
Vaõ as vozes, bailando, ao Ceo ſubindo:
Meſturaõſe os Angelicos Cantores,
Dos Paſtores gentìs com o choro lindo,
E aſſi juntos em muſicas altiuas
Ao ſacro Terno daõ alegres viuas.

113.

Deſpois de tanto obſequio, & tanta feſta,
lá deſpois d'ofrecerem ſeus preſentes,
Tornaõſe para os campos, & floreſta
Os Paſtores alegres, & contentes:
Ià a eſte tempo a Manhãa ſe manifeſta
Bordando d'ouro, & roxo aos Ceos luzentes,
Tendo entre ſy entaõ muitos porfia,
Sobre qual fora a Noite, ou era o Dia.

114.

Tudo a Virgem celeſte meditaua,
Chea de goſto, gloria, & refrigerio,
Porque como myſterio em tudo achaua,
Que em tudo conhecia hauer myſterio;
Lá comſigo ao Senhor as graças daua,
Que a hum Preſepe deceo do Globo Etherio,
Do Myſterio ſe admira ſacroſanto,
De que ſabia, & ſe admiraua ha tanto.

Luc. 2.

Da

115.

Da Palha, que o Agnus Dei por berço abarca,
Por graõ Reliquia cada qual colhia,
Que Palha, que tocou ao graõ Monarca,
Que fosse graõ Reliquia merecia:
Colhem della deuotos com mão parca,
Porque como de berço entaõ seruia
Ao graõ Senhor do Ceo, cadahum trabalha,
Não fique o sacro Gráõ fôra da palha.

Ioan. 1.

116.

Mas catiuos, porèm, do Deos Minino,
Da Virgem sacra, & de Ioseph celeste,
Se despedem com gozo peregrino,
Por hir leuar tal noua ao pouoro agreste:
As plantas do Iasmim beijaõ diuino,
E daquella, que ao Sol de luzes veste,
E com festas, deixando a Coua bella,
Saem do modo, que entaõ entráraõ nella.

117.

Com gloria tal prazer taõ excessiuo,
Os felices Pastores se tornauaõ,
A quem de seu prazer pello motiuo
Todos quantos encontraõ perguntauaõ:
Elles, que o caso tem presente ao viuo,
Todo elle por menor lhe relatauaõ,
E dos que ouuem Mysterio taõ sublime,
Nenhum de admiraçaõ grande se exime.

Todos

118.

Todos ſe admiraõ, vendo que ha nacido
Luc. 2. Em tal lugar, em humildade tanta
O Meſſias ha tanto prometido,
Como tanto Propheta, & Vate canta:
Admiraõſe de ouuir, que ha merecido
A vil Terra a aſſiſtencia ſacroſanta
Do Verbo Eterno, a quem he inda eſcaço
Deſſes Ceos de criſtal o Etherio Paço.

119.

Admiraõſe de ver, que huma Donzella
Iſai. 7. Concebeo, & pario, Virgem ficando,
Admiraõſe de ouuir, que os Braços della
Ao nouo Salamão Throno eſtão dando:
3. Reg. 10. Admiraõſe de ver, que a Virgem bella,
Sendo caſada, & Virgem ſempre eſtando,
Aos Peitos virginaes na Terra cria
Quem creou Ceo, & Terra, Noite, & Dia.

120.

Admiraõſe de ver, que os Reys do Mundo
Nacendo em ricos leitos d'ouro fino,
Nace o graõ Rey, & o Deos do Ceo jocundo
N'um Preſepe de gado vil, & indino:
Paſmão de ouuir Myſterio taõ profundo,
Paſmão de ouuir fauor tão peregrino,
E todos de admirados não ſabião,
Se creſſem neſte caſo o que jà criaõ,

121.

Affi chegaõ às rufticas cabanas
Cantando ao Redemptor verfos diuinos,
Por marauilhas taes taõ foberanas,
Quaes quiz moftrar a rufticos indinos:
O Ecco nos outeiros, das vfanas
Vozes formado, dobra os doces hynos,
Parecendo na voz alegre, & leda,
Que jà rindo, ou cantando, os arremeda.

122.

Vèm rir o Campo, & o Monte fublimado, Pfal. 95.
Hum nos efmaltes, & outro nos rochedos,
Porque as boninas faõ rifos do prado,
Bocas, que rim, as fendas dos penedos:
Em redomas de prata diriuado
O criftal, de mil gyros entre enredos,
Das ferras cae, quebrandofe por traça,
Saltando alegre, & rindofe com graça.

123.

Cordeiros, & Nouilhos retoçando, Pfal. 119.
Mil brincos fazem pello campo ameno,
Lá a feu modo efte dia feftejando,
O mais feliz, que vio o Ceo fereno: Pfal. 148.
As Aues pello Ceo ledas trinando,
Fazendo pello ar, não com pequeno,
Repaffados airofos varios gyros,
Bailes fazem nos liquidos Zafiros.

Com

124.

Com frautas de marfim os sons fazendo,
Que para isto lhe deu a natureza,
De pluma os leues braços estendendo,
Bailando andaõ com graça, & com destreza:
O sonido, que o ar fazem batendo,
Cos voos, que saõ dedos nesta empreza,
De castanhetas serue, que ao compasso
Se tocaõ, já do som, & jà do passo.

125.

Pastores, Montes, Fontes, & Rochedos,
Brutos, & Aues, Valles, & Campinas,
Todos ao modo seu se ostentaõ ledos,
Occupandose em festas peregrinas:
Vestidos de damasco os Aruoredos,
De ramos verdes, & de cores finas,
Estaõ destes trophèos sendo Obeliscos,
Huns sobre Montes, & outros sobre Riscos.

Daniel. 3.

126.

Propoem comsigo todos os Pastores,
Que em tornando a nacer o Sol primeiro,
D'hir lograr os objectos, & fauores
Do Bom Pastor, pacifico Cordeiro:
Entre tanto em colher ramos melhores
De heruas cheirosas de mais fino cheiro
Se occupaõ, entre festas, & folias,
Enchendo Valle, & Monte de alegrias.

Ioan. 10. & 4.

Nace

127.

Nace o Sol neste dia mais fermozo,
Rompe a Manhàa com cores mais diuinas,
O Sol bordando d'ouro o Campo heruozo,
D'aljofres a Manhàa, Campo, & Boninas:
Compete Terra, & Ceo em festa, & gozo,
Passea de Bethlem pellas campinas
Flòra, & Abril pella mão, chouendo amores,
Porque dâ a Flor do Campo ao Campo flores. Cant. 2.

128.

Nesta Noite naceo no Tarpèo Monte, S.Th. 3.p. q.36.art.3. ad. 3.
Para sinal da paz, que o Ceo pregoa,
Huma, que ao Tybre dece, d'oleo Fonte,
Cujo murmurio Paz nas penhas soa:
Qual Rey da luz, se expoz sobre o Orisonte
De Estrellas d'ouro o Sol c'huma Coroa,
Que em quanto reyna Augusto, assi se alinha,
Porque em seu tempo Deos ao Mundo vinha.

129.

Com festas, com prazeres, com cantares
Continuão os Rusticos ditosos,
Vindo todos os dias com milhares
De festas ao Presepe feruorosos:
Alli achaõ prazeres, sem pezares,
Alli achaõ prodigios milagrosos,
Mas dura este prazer mui poucos dias,
Porque morrem no berço as alegrias.

DA

DA CIRCVNCISAM do Minino Deos, & vinda dos Reys a adorallo.

CANTO XII.

ARGVMENTO.

TAnto que tem principio o Outauo dia,
Que de Christo se segue ao Nascimento,
Deos por dar gloria a Adam sofre tormento,
Sogeitandose á ley, que então hauia:
O Nome de IESVS*, junto á sangria*
Se lhe poem, que o Anjo traz do Etherio assento,
Vindo â Virgem pedir consentimento,
Quando o Verbo encarnar nella queria:
Mais sinco Sòes passados, apparece
Sobre Bethlem hum Astro, & a tres Reys santos
Mostra o Portal, que a Deos lograr merece:
Cheos chegão os Reys de dons, & espantos,
Cada qual dom diuerso lhe offerece,
A seus jasmins postrado sacrosantos.

I.

Alcèſta, a quem celebra a antiguidade,
Por querer tanto a Admèto, que ſabendo
Que morria de certa infermidade,
Por elle algum amigo não morrendo,
Matouſe, por viuer ſua metade;
Vida por não querer, viuo o não tendo,
Fez ſem diſcurſo a barbara proeza,
Que não ſofre eſta troca a natureza.

2.

Inda que dizer poſſo por conceito,
Que querendoſe tanto eſtes amantes
Tinhão hũa ſó vida, & hum ſó peito,
Para ſentir ſeus males penetrantes:
E ſendo huma alma sò, & hum sò ſugeito,
(Que Amor trãſformaçoẽs faz ſemelhantes)
Morrendo Alcéſta sò, crerſe podia,
Que tambem nella em parte elle morria.

3.

Mas ay! que a Parca, & ſeu rigor eſquiuo
Não conſente eſta tal parcialidade,
Que por parte não deixa a ninguem viuo,
Que da vida a nenhum deixou metade:
Morre Alcèſta d'amor tão exceſſiuo,
Porèm ſe Admèto a amaua de verdade,
Podendo sò morrer huma sò morte,
Aſſi morre duas vezes deſta ſorte.

4.

Sò no Dia, tal vez, ha acontecido,
O que fica impoſſiuel aos amores;
Porque nace tal vez d'ouro veſtido,
Banhando terra, & Ceo de reſplandores:
E por mais ſe aſſear, & ir mais polido,
Pede eſpelho aos criſtaes, ambar ás flores,
Fazendo crer, que tanta galhardia,
He para annos durar, não hum ſó dia.

5.

Mas quando brilha mais, do mar profundo
Negras nuuens ao àr ſobem com prèça,
Fica o dia doente, & triſte o Mundo,
Que de ſentir do dia o mal não ceſſa:
Veſteſe então de luto o Ceo rotundo,
Paraciſmos o mundo a ter começa;
Eis que ſe ſangra o Ceo, melhora o dia,
Sendo a ſaude d'hum, d'outro a ſangria.

6.

Mas ſe Alcèſta com ſua propria morte,
Euitar a do Eſpoſo não pudera,
Outro amante do Ceo mais fino, & forte,
Vida com ſua morte ao Mundo dera:
O que he conceito, & hyperbole na ſorte
Humana, & que no dia he ficção mera,
Fez Ceo melhor, & amante mais ſereno,
Que grande morre, & ſangraſe pequeno.

7.

Naſceo, qual Dia emrayos reueſtido,
Na infancia do mundo, o Pay primeiro,
Em graça poſto, & dellas guarnecido,
Genef.2. Ficando em dous partido, mais inteiro:
Eis que a Dama infeliz, de que he marido,
De quem elle era amante verdadeiro,
Em vez de procurarlhe a doce vida,
C'hum bocado lethal foilhe homicida.

8.

Dálhe hum bocado de veneno puro,
De ſua pertençaõ errando o norte,
Quiz melhorallo, & deulhe fado eſcuro,
Pertendeo darlhe a vida, & deulhe a morte:
Fiqua doente Adam, triſte & perjuro,
E foi a doença aſperrima de ſorte,
Que remedio ſe achou, que não ſe achaua,
Se por elle outro Adam ſe não ſangraua.

9.

Não baſtou exercicio tão contino,
Genef.3. Não baſtàrão ſuòres com diſgoſto,
Que em pago de tão grande deſatino,
Seu corpo padeceo, manou ſeu roſto;
Dieta não baſtou, que como indino
Delicto cometeo, ficoulhe oppoſto
Todo o animal, toda a aue, & todo o peixe,
Porque Adam, de comer, deſt'arte deixe.

10.

Naõ bastàraõ sangrias, que pungentes
C,arças em pès, & braços lhe faziaõ,
Que despois, que offendèra aos Ceos fulgentes, Gen. sup.
Os Montes brotaõ logo, & os Campos criaõ:
Naõ bastàraõ seus olhos delinquentes,
Cos licores, que tristes despediaõ,
A aliuiar seu mal, & expellir fòra
O cruel mal, que taõ acerbo chora.

11.

Dest'arte, triste, enfermo, & afligido
Esteue largo tempo, sem regallo,
Atè que o nouo Adam compadecido,
Se quiz sangrar a sy para sárallo:
Chegou o tempo, ha tanto prefinido,
Quando oito vezes ha partido o Gallo
A noite tenebrosa, desde a hora,
Que o Sol sacro sahio da sacra Aurora.

12.

Chegada, pois, a Luz do Oitauo Dia
Cheo de Estrellas, mais que o Ceo Oitauo, Luc. 2.
Iá Iano os seus dous rostos descubria,
Hum delles ledo, & manso, & o outro brauo;
C'hum, co rigor da Ley entaõ queria
Tornar a Flor do Campo em Tyrio Crauo, Cant. 2.
Com outro o parabem daua jocundo
De sua liberdade ao preso Mundo.

13.

Toucada de vèos negros, mas vestindo
A Aurora de carmim, & branca tèlla,
Alegre, & triste vem, chorando, & rindo,
Na negra touca, & rica roupa bella:
Em seu feo toucado, & traje lindo
Mostrarnos hum retrato intenta, & anhella
Do Mundo vaõ, da humana Natureza,
Que naõ logra alegria sem tristeza.

14.

Luc. 1. Tinha o Archanjo á Virgem reuelado,
Quando do Nome de IESVS tratâra,
Que fosse o mesmo Deos circuncidado,
Gen. 17. Como na antiga Ley d'antes mandàra:
E para se cumprir o que ha ordenado,
Ioseph para leuallo se prepara
Do grande Salamaõ ao grande Templo,
Que quiz Deos, de obediencia dar exemplo.

15.

Dos panos de decente, & limpo asséo
A Virgem veste o soberano Infante,
Que seruiaõ de nuuem, & de arreo,
Ao Sol diuino, quando mais brilhante:
Em quanto adorna o bello Camafeo,
Se banha a Virge em liquido diamante,
Sentindo a dor da asperrima ferida,
Que ha de banhar em sangue o Autor da Vida.

E ba-

16.

E banhando em ſeu pranto a o Sol fermoſo,
Que vèrte como perlas ſobre os panos,
Fazendolhe o veſtido mais precioſo,
Que lhe borda de aljofręs ſoberanos;
Meu nouo Infante, diz, antigo Eſpoſo,
Nos poucos dias, & nos muitos annos,
Como com preſſa tal, ſe eſtais valente,
Vos quereis hir ſangrar, como doente?

17.

Se quereis temperar voſſos ardores
Com quererdes ſangraruos neſte dia,
Olhai, que naõ tem cura o mal de amores,
Que naõ ſe lhe dá de heruas, nem ſangria:
O ſangue d'Alma càndido nas cores,
Que em perolas verteis de mór valia,
Só vos póde aliuiar mal taõ vrgente,
Que a Alma baſta ſangrar, quando he doente.

18.

Se conuém derramar em vea rica
O ſangue, que vos dei, por voſſo goſto,
Se he o meſmo eſte ſangue, que me fica,
Iá o derramo por vòs por eſte Roſto:
Alèm de que, do tempo a eſtancia inica,
Do frio co rigor, a que his expoſto,
Faz, que o vertais em fòrmas criſtalinas,
Sangrandoſe por Vòs voſſas Mininas.

19.

De ſangue ides tingiruos, não fingido,
Como o veſtido o foi do ſanto Moço,
Que alcançou por fauor o ſer vendido,
Antes que naufragar dentro no poço:
Mas Vòs ides tingir Corpo, & veſtido,
Com tanta dor, com intimo aluoroço,
Porque Eu de meu Ioſeph, d'outro nos braços,
Cuide, que alguma fera o fez pedaços.

20.

Iſto dizendo, entre oſculos, & amores
Entrega ao graõ Ioſeph, que nelle adora,
Cant.6. O Ramalhete das celeſtes Flores,
Que borrifa de aljofres, como Aurora:
Mas, porque tem por gloria ſofrer dores,
Riſſe o Minino Deos, quando a Mãy chora;
Logo trata Ioſeph co bello Infante,
Moſtrarſe de mais Ceo mais alto Atlante.

21.

O Santo, que era em tudo Anjo perfeito,
Se ſe ignora atēqui de que ordem era,
Indo Throno de Deos agora feito,
Que era dos Thronos, bem ſe conſidera:
Chega de Salamaõ ao Templo aceito,
Onde o ſanto Miniſtro entaõ o eſpera,
Eis que logo Ioſeph ſem pompa & fauſto,
A Deos Deos offerece em holocauſto.

Sen-

22.

Sentindo a Virgem ſacra a dor futura
Do golpe, que jà n'Alma tem preſente,
Dos dous golpes de luz fermoſa, & pura
Vertendo fica o ſangue tranſparente:
Que como a fere n'Alma a magoa dura,
Por ſeus olhos rompeo o ſangue ardente,
Moſtrando, que eraõ golpes preferidos,
Que haõ vindo de raſgados a feridos.

23.

Que no meſmo Portal circuncidaſſe
Ioſeph ao ſacro Infante, ha hi quem diga,
Outros, que em ſua caſa a acçaõ obraſſe,
Que em Bethlem inda tem illuſtre, & antiga:
Mas a tella, ſe crè que naõ buſcaſſe
Para ſe defender da noite imiga
O Preſepe, nem creo que tiueſſe
Coraçaõ, que à acçaõ crua o diſpuzeſſe.

24.

Illuſtre era Ioſeph, rico tem ſido,
Mas tinha ſeu theſouro ao Ceo mudado,
Que tendoo pellos pobres deſpendido,
Todo o quiz ter nos Ceos entheſourado: Luc. 12.
O certo he, que o Patriarcha preferido
Leuou ao Templo a ſer circuncidado
O Infante Deos, ficando a Virgem bella
Obedecendo à Ley, ſendo Donzella.

Ficou

25.

Ficou ſem alma neſta auſencia eſquiua,
Ficou ſem coraçaõ, que lho leuàra
O Palmito do Ceo, a Prenda altiua,
Tanto que de ſeus olhos ſe apartára;
E he a pena, que tem, tão exceſſiua,
Que o golpe, que no Infante executára
O Miniſtro, deu morte, & deu ferida,
Ferida ao Filho, á Mãy morte ſentida.

26.

Em campanha ſe poz, neſta hora aflita,
Co Gigante Lusbel Dauid Minino,
Que c'huma Pedra sò ſe facilita
A poſtrar o Goliáth fero, & malino:
Para o tiro fazer de tanta dita,
Bateo a Pedra no Fuzìl diuino,
Ferindo fogo em ſangue ſoberano,
Comque o Ceo então fez tiro ao Tyrano.

27.

Iſaiæ. 28. Quiz o Ceo fulminar o Inferno eſcuro,
E para deſtruir a Eſtatua Auerna,
1. dCorin. ch. 10. Foi Chriſto a Pedra, & o Marmore mais puro,
Que cae ſem mãos da altura mais ſuperna:
Dan. 2. Neſta Pedra bateo o ſeixo duro,
Que entaõ circuncidou a Prenda eterna;
E co golpe tornou atraz, de modo,
Que arruinou co reflexo o Inferno todo.

Qual

28.

Qual là no Valle Hebreu Hierecontina
Salutifera planta, que sò quando
He ferida com pedra aguda, & fina,
Vai o Balſamo rico diſtilando:
Tal o Minino Deos, Planta diuina,
Ferido d'outra pedra, derramando
Fica o Balſamo rico, com que ſàra
A chaga, que outra planta a Adam cauſâra.

29.

Aſſinalou, por fim, a Pedra dura
Ao ſupremo ſenhor, como captiuo,
Ficando entaõ ferida a Carne pura,
Rubrica celeſtial do Texto viuo:
Da quitaçaõ de Adam para a eſcriptura,
A Pedra a pena deu, & deu o altiuo
Papel o Corpo ſacro, & a tinta fina
O Sangue deu, que a letra fez diuina.

30.

Reſulta deſta pena a Adam a gloria,
E ſaude da dor deſta ferida,
Marauilha fatal, moderna hiſtoria,
Dar o padecer d'hum a outro a vida:
Tal ſua acçaõ o Ecco faz notoria,
Que a voz, que n'uma parte he referida,
Em outra a faz ſoar, de tal maneira,
Que parece a voz vltima a primeira.

31.

Aqui, porque a Ioſeph da mòr ventura
O Nome o Archanjo em ſonhos reuelàra,
Se poz o Nome cheo de doçura
A Deos Minino, a quem IESVS chamára:
Nome diuino, & Nome de brandura,
Nome, que a todo o Nome ſupperâra,
Nome mais que o dos Ceos altiuo, & graue,
Que o Nectar doce, & mais que o Mel ſuaue.

32.

IESVS, a quem a Terra, & o Ceo adora,
IESVS, que enche o Inferno de temores,
IESVS, de noſſa noite alegre Aurora,
IESVS, Nome do Ceo, Nome de amores:
IESVS, Nome, que o Ceo d'almas melhòra:
IESVS, Nome de gloria, & de fauores,
IESVS, Nome, que a Deos de Deos viera,
IESVS, Que nome a Deos mais doce dera.

33.

Tanto que de IESVS o Nome ouuido
Foi na Terra, & no Ceo, & Inferno eſcuro,
Poſtrado ò Inferno, a Terra, & o Ceo luzido,
O Nome de IESVS adora puro:
Cantando o adora o Anjo mais ſubido,
O Homem rindo, & chorando o Anjo impuro,
Que tudo adora o Nome, que dà, ſanto
Gloria ao Ceo, dita á Terra, & ô Inferno eſpãto.

Eſte

34.

Eſte diuino Nome, o putatiuo
Pay, ao Filho do Padre Eterno ha dado,
Quando o pedernal duro, o ſangue altiuo
De Deos ha pellos homens derramado:
Nas pedras, com que o tiro fez nociuo
A o Gigante Dauid, ſimbolizado
Hojá eſte nome em ſuas letras ſantas,
Que ſinco ſaõ, & as pedras outras tantas.

35.

Quão poucos dias ha, quão pouco eſpaſſo,
Que em jubilos, em feſtas, & alegrias,
Ardéra do Preſepe o ſitio eſcaſſo,
Não paſſando mais tempo, que outo dias!
Do prazer o pezar anda ao compaſſo,
Como as glorias de maõ co as agonias,
No que differem ſó, he ſó no aſſento,
Que o goſto pouco tem, muito o tormento.

36.

Nada ha no mundo, que naõ tenha oppoſto,
Sem mudança, naõ ha nelle firmeza,
Sucede ao mór prazer o mòr digoſto,
E à mòr alegria a mòr triſteza:
N'um meſmo dia, he o Sol naſcido, & poſto,
N'um ponto, offuſca á luz a neuoa eſpeza,
N'um ponto, rimos, & choramos junto,
N'um ponto, ſe eſtà viuo, & eſtá defunto.

Saõ

37.

São caducas do mundo as esperanças,
E cega para vello a vista humana,
Sendo que atè o prazer, bailes, & danças,
De que elle instauel he, nos desengana:
Porque os bailes chamaremse mudanças,
Sem mysterio não ser, he cousa plana,
Porque os Astros, que nunca se descudão,
Os prazeres da vida em magoas mudão.

38.

Brota a Planta, que està hum jardim feita,
Em pinha, as flores brancas, & vermelhas,
Sendo hum verde cortiço, que se enfeita
Com purpureas, & candidas Abelhas:
Eis que o rigor do tempo, que a espreita,
(Que as vellas leua á nao, & ò tecto as telhas)
Faz que Austro, em breue, de rigores cheo,
Lhe vapûle o verdor, lhe postre o asseo.

39.

Rubricado era o pomo prohibido,
Que o ha sido por Deos a Adam, & a Eua,
Mas a còr, que d'esmalte lhe ha seruido,
Faz lançar sangue á Luz, que rime a tréua,
Que ao tempo que o Minino foi ferido,
E tropheos da Serpente Estygia leua,
A cór da maçáa triste d'Eua injusta,
Se era de sangue, sangue a Christo custa.

Vol-

40.

Voltaſe, em fim, co candido Cordeiro
Tinto em ſacros rubìs, Ioſeph; trazendo
O meſmo Rey ſupremo, & verdadeiro,
De eſcrauo em trage, eſcrauo parecendo:
Paga o ſegundo Adam pello primeiro,
(Ao Minino, Ioſeph vinha dizendo)
O que rigor tão nouo, & deſuſado
D'o Innocente pagar pello culpado!

41.

Se es Adam triſte pello grande aggrauo,
Que a Deos fizeſte, eſcrauo vil, & indino,
Pera ferir a Deos, es crauo (& eſcrauo)
Que penetrou ſeu Corpo criſtalino:
De maneira, que es crauo & IESVS Crauo,
Tu, crauo fero, & elle Crauo fino,
Pois deſpois que o feriſte, aſſi ferido,
Tem ſeu Iaſmim em Crauo conuertido.

42.

Oo Senhor, porque vſais aſſi conuoſco
Rigor tão grande, pena tão notoria?
Porque piedade tanta vſais cõnoſco,
Que o tormento tomais por nos dar gloria?
Não baſtaua veſtir do burel toſco
De noſſa humanidade tranſitoria?
Senão, que por pagar noſſos delictos,
Sangue verteis por modos tão aflictos?

Le-

43.

Gen.22. Leueiuos, qual Abram, ao ſacrificio,
Porque o Ceo deſta ſorte o diſpuzera,
Mas ay! que o Ceo a Abram foi mais propicio,
Pois lhe ſuſpende o golpe, & a magoa fera:
Naõ ſei ſe foi virtude, ou ſe foi vicio,
Ofreceruos á magoa taõ ſeuera;
Que, qual fora melhor, eſtou enleado,
Se vós ferido bem, ſe eu mal mandado?

44.

Pellas rimas das pedras, vendo eſtaua,
Em tanto, a Virgem ſe Ioſeph viria,
E outras rithmas de perolas formaua,
Que no papel das faces eſcreuia:
Em letras d'alma as anſias publicaua,
Que a dôr, que n'alma tem, nellas ſe lia,
Sendo as mininas de ſeus olhos primas,
As que eſcreuem co a pena as lentas Rimas.

45.

Chega Ioſeph, nos braços venturoſos
Abarcando, o que o Ceo, nem terra abarca,
Trazendo o Sol diuino a ſeus Coloſos,
Que he hum preſepe indigno, & coua parca:
Traz para os triſtes naufragos ditoſos
D'Oliua o ramo tenro, à gentil arca,
Porque neſta occaſião ſe auulta graue,
Gen.8. Arca a Mãy, Ramo o Filho, & Ioſeph a Aue.

46.

Aa porta do Preſepe a Virgem poſta
Toma dos braços do Varaõ ſagrado
A Prenda celeſtial, que ao peito encoſta,
Encoſtandolhe o Roſto aljofarado:
Aflicto o ſacro Infante ſe recoſta,
O Nectar por chupar do peito amado,
E ás laſtimas, que a Virgem lhe dizia,
Cos olhos poſtos nella reſpondia.

47.

Em que briga, lhe diz, diuino Infante
Entraſtes, d'oito dias ſò nacido?
Quem vos ferio, dizei, diuino amante,
Que tanto vos preſais de vir ferido?
Laurar o Ceo, quizeſtes, de diamante
Co ſangue do Cordeiro mais ſubido,
Para o Mundo lograr aſſi laurado
O rico Anel do Ceo, que lhe heis cõprado?

48.

Comprado, digo, com razão notoria,
Que inda que todo o Ceo voſſo he de juro,
Comprais com voſſa pena noſſa gloria,
E cos rubís de voſſo ſangue puro:
Perdeo Adam o Ceo, ſem ter memoria
Do preceito, a que foi falſo, & perjuro,
E Vôs a voſſo Pay, para o captiuo,
O reſgate comprais, & o Ceo altiuo.

49.

Fosteſuos enſayar já deſde agora
Ioan. 18. A verter ſangue, & agua juntamente,
Como haueis de fazer inda algum hora
Mais cruel inda que eſta, & mais vrgente:
Que quando o golpe cruel, q̄ a Adão melhora,
Sobre Vòs deu agora taõ cruelmente,
He certo, que choraſtes co a graõ magoa,
Por verter de hum sô golpe ſangue, & agoa.

50.

Buſca o Ceruo ferido a Fonte pura,
Por curar nella o golpe penetrante,
E pois que eſtais de Seruo hoje em figura,
Deſtes peitos buſcai a Fonte amante:
Feriouos, como Ceruo, a Pedra dura,
Ioan. 4. E de Fonte, que ſois de agoa preſtante,
De ſangue em Fonte vindes conuertido,
Porque ſâre da Serpe Adaõ ferido.

51.

Para ſubſtituir o ſangue altiuo,
Que verteſtes de dias taõ eſtreitos,
Do peito, que em amor abraſaes viuo,
O ſangue vos mudei para eſtes peitos:
Co licor delles puro, & exceſſiuo,
Que eſpera voſſos labios taõ perfeitos,
Enchei a ſacra parte, que vazia
Deſſa rica, ficou, cruel ſangria.

Pella

52.

Pella Esposa, por quem do Ceo viestes
Diuino Salamaõ em traje alheo,
A vossa Māy fugistes, & tiuestes
Essa briga, em que Amor feriruos veo:
Rondastes disfarçado, das celestes
Galas, em traje vil, trocando o asseo,
E por desconhecido, Amor, que vella,
Vos quiz ferir d'amor por amor della.

53.

Entrastes com Amor nessa batalha,
Sendo o partido igual, como imagino,
Que ambos vos vejo ser da mesma igualha,
Que Vòs Minino sois, & Amor Minino:
Mas como vos ferio, sem que vos valha
O valor mais supremo, & mais diuino?
Mas ay! meu Deos, que a valentia vossa,
Só consiste em que Amor mais q̃ Vòs possa.

54.

Dessas Penhas do Ceo, & azues Montanhas
Saltastes neste Valle cà terreno,
Pois naõ bastaua obrar estas façanhas,
Senão que entrais em brigas taõ pequeno?
Oo Sol diuino, & Amor destas entranhas,
Hoje, qual a Alua, vosso Sol sereno
Ficou com nuuens candidas, & roxas,
Sẽdo Alua essa alua Carne em taes cõgoxas.

Psal. 18.

55.

Estes,& outros requebros docemente
Lhe aplica a Serenissima Serea,
E o Infante,que a dor jà menos sente,
Em sua voz,& seu Nectar se recrea:
E ficando do peito então pendente
O sacro Pelicano,que a alta vea
Por seus filhos abrio de sangue puro,
Dorme,& descança do tormento duro.

56.

Porém,como depois do claro dia
Se segue a noite triste,aflicta,& escura,
Tambem depois da noite escura,& fria,
Se segue o dia claro,& a Aurora pura:
Se se segue ao prazer logo a agonia,
A a desgraça tambem segue a ventura,
E se â bonança segue a cruel procella,
A bonança tambem se segue a ella.

57.

Sinco vezes dourando ao mar salgado,
E prateando o Ceo puro,a pedaços,
O Filho de Latona se ha arrojado
De Amphitrìte a lograr ceruleos braços:
Iâ despois que de ser circuncidado,
E padecer, de Adam por erros crassos,
Se segue hum mysterioso,& alegre Dia
A IESVS,a Ioseph,& á graõ MARIA.

Appare-

58.

Apparece em Arabia (onde o Sol louro
Faz conceber ás ſerras de ſeus rayos,
Que da prenhez radiante pârem ouro,
O mais fino, que cria em ſeus enſayos)
Huma Eſtrella, ou de luz hum graõ Theſouro,
Que âs mais, por mais brilhar, cauſa deſmayos,
Com tal fulgor, que reparar fazia,
Qual era o Sol, que tanto Sol radìa.

Matth. 2.

59.

Na Arabia, digo, que ſeus termos goza
Entre Meſopotamia, & Paleſtina,
Que por ſer mais feliz, & mais ditoza,
Teue eſtrella de ter eſta taõ dina;
Nace eſta grande Facha luminoza,
Tanto que em Bethlem nace a Luz diuina,
De Balaõ annunciando aos Deſcendentes,
Que eſta era a que elle jà prediſſe âs gentes.

Num. 24.

60.

Tres Reys ſabios, que tem por exercicio
Conuerſar co as Eſtrellas rutilantes,
Vendo eſta de taõ fùlgido artificio,
De ſeus rayos ſe admiraõ ſcintilantes:
E prenotando o termino propicio,
Em que tinha Baláo predicto d'antes,
Que huma Eſtrella em Arabia ſe veria,
Que o Meſſias nacido annunciaria.

Num. 24.
Cyprian.
ſerm. de
Epiphan.

61.

Penetraõ com certeza, que era aquella,
Que na grandeza, luz, & nouidade,
Não se pòde colher annuncio della,
Que fosse d'outra sorte, ou qualidade:
Rotolo de cristal a Estrella bella
Se auulta, no que expoem, na claridade,
Que eraõ seus rayos versos cristalinos,
Onde annuncios os Magos lèm diuinos.

62.

Tratão de prepararse, & vir seguindo
O Precursor celeste, que a guiallos,
Ofrecendo se está no aspecto lindo,
Com que em lùcida voz está a chamallos:
As Escripturas sacras conferindo,
D'antes sabiaõ jâ, destes regallos,
De lograr do Sol sacro o alto Oriente,
Bethlem será, que assi Micheas sente.

Mich. 5.

63.

Daõ noticia huns aos outros, que distantes,
Quando nos Reynos naõ, todos viuiaõ,
Da Estrella, & de seus rayos rutilantes,
Que em desusada luz brilhando viaõ:
Com presteza se ajuntão logo, & antes
De partir, entre todos conferiaõ
(Se as reuelaçoens naõ) o tempo escrito,
Em que hum Propheta seu deste Astro ha dito.

64.

Conferem os diuinos metros graues,
Que o Cysne Rey cantâra em Prophecia,
E aquelles vaticinios taõ ſuaues,
Que em ſeus Reynos cantou ſanta Thalía:
Que em gayollas de ferro humanas Aues
Preſas, no berço aonde o Sol nacia, Baron. cit.
Modulàraõ do tempo venturoſo,
De que he preſago o Aſtro luminoſo.

65.

Logo atraz da radiante Luminaria,
Com Regio fauſto, & pompa conueniente,
Em ouro, & pedraria ardendo varia,
Se partem os tres Sôes do ſeu Oriente:
Deſterra o Sol a Ethiope contraria,
Por quatro Sôes partirem juntamente,
Que aos tres Sòes quer o Sol acompanhallos,
Em Carroça de nitidos Cauallos.

66.

Vem pella Terra os Reys, ſeguindo o Norte
Da Agulha de criſtal, por quem ſe guiaõ,
Nauegar parecendo deſta ſorte
As ondas verdes, que eſſes campos criaõ;
A altura da ventura de mais porte
Por ella, & por ſeus rumos conheciaõ,
E dos montes tambem, de noite, a altura,
Com os baixos do valle, & da eſpeſſura.

67.

Ha hum Aſtro no Ceo, por ſeus ardores
Cão maior, ou Canìcula, chamado,
E inda que o Aſtro dos Reys de reſplandores
He mais bellos, aquelle ſe ha antolhado:
Saõ os tres Reys felices Caçadores,
Que o Pelicano vem buſcar ſagrado,
Caõ de moſtra a Eſtrella d'alabaſtro,
Que a apontarlho caminha em fórma de Aſtro.

68.

No dia, em que em Bethlem o Sol diuino
Nace ao rigor da Noite fria expoſto,
Ficando em ſeu Oriente peregrino
De Mar em braços de MARIA poſto;
Apparece eſte Eſpelho criſtalino,
Co a imagem gentìl de Corpo, & Roſto
Do Infante Deos, d'Arabia nos deſtrictos,
Atraz quem partem logo os Reys aflictos.

69.

Aflictos, que a aflição, tal vez, ſe gèra
Da eſperança de hum bem, que muito agrada,
Que vida antes de dar, dá morte fera,
Que a anſia ſe igualla à gloria dezejada:
Dá pezar o prazer, quando ſe eſpera,
E qual jardim, que occulta a ſerpe irada,
Em quanto o bem ſe eſpera, o mal ſe alcança,
Que hũ bẽ grande he jardim, ſerpe a eſperança.

Aſſi

70.

Assi vem caminhando illustremente
Os santos Reys em duros Dromedarios,
Trazendo em companhia muita gente,
De nobres, & plebeos seus tributarios:
Vem vendo hum clima, & outro differente,
Varias vias passando, & pòuos varios,
Atè entrar de Iudéa nos destritos,
Com pompa Regia, & aplausos inauditos.

71.

Passaõ de Galaath os altos Montes,
Onde a Estrella lhe fica taõ vezinha,
Que parece, nos altos Orisontes,
Que a seu hombro, & que naõ pello Ceo vinha:
Vem voando os gentìs Bellerofontes
Para os campos, que alegres entaõ tinha
O Iordam de aruoredos coroados,
Porque pareçaõ Reys tambem seus prados.

72.

De Ruben, & de Gad, como passáraõ
Os poucs a seus Tribus sometidos,
Os sublimados Muros auistáraõ
Da graõ Syaõ, de Torres guarnecidos:
Fugio, tanto que a elles se chegáraõ,
O Pagem de cristal aos Reys subidos,
Deixandoos, qual costuma em negra treua
A facha, que se apaga, a quem a leua.

Matth. 2.

Qual

73.

Qual quando vem do campo a Dama nobre,
Que de ſer viſta em ſe guardar acerta,
Que em chegando à Cidade o manto cobre,
Vindo d'antes co a cara deſcuberta:
Tal a Eſtrella, que d'antes ſe deſcobre,
Em chegando a Syio fica encuberta,
Que por lhe naõ ficar ſeu garbo expoſto,
D'huma nuuem faz manto, & cobre o roſto.

74.

Entraõ pella Cidade populoſa,
A quem aballa a entrada illuſtre, & bella,
Vai a tropa diante ſonoroſa,
A vella conuocando a gente della:
A ver a gente eſtranha, & curioſa,
Não fica rua, porta, nem janella,
Que naõ ſe occupe entaõ de varia gente,
De qualidade, & ſexo differente.

75.

Ao tropel deſta entrada as Filhas bellas
De Syão, para ver tanto apparato,
Enchem de flores viuas as janellas,
Que dellas cada qual era hum retrato:
Velhos, Varoens, Matronas, & Donzellas,
Que os nouos trajes vém, o Regio ornato,
Admirados ſe expoem da nouidade,
Com que ſe aluoroçou toda a Cidade.

Como

76.

Como os Reys tempo vém, ao Pouo vnido
  Lhe propoem esta pratica prudente; Matth.2.
  Onde está aquelle Rey recèm nacido,
  Que se intitula Rey da Hebrèa gente?
  Vimos hum Astro seu no Ceo subido,
  E vimos á adorallo humildemente,
  Das partes odorìferas Sabèas,
  E das Eòas prayas Nabathèas.

77.

Admirados do caso nouo, & raro
  Os Grandes de Iudéa vão dar conta
  A Herodes, que faz nelle graõ reparo,
  E padece em ouuillo huma alta afronta:
  Mas, para se informar inda mais claro,
  De seu Reyno huns Magnates logo aponta,
  Que os tres Reys lhe conuoqué, porq̃ inquira
  Delles melhor o caso, que o admira.

78.

Vem ter os sabios Reys co Rey impio,
  Que despois, que os corteja, lhe pergunta
  O caso por menor, que sem desuio,
  Ao certo lhe relata a Regia junta:
  D'ouuir tal estranheza ficou frio,
  Expondo seu temor na cor defunta,
  Com tudo, pede aos Reys, que vão auante,
  E o auisem, em achando ao sacro Infante.

Aui-

79.

Auiſaime, lhe diz, & renunciaime,
Em que parage aſſiſte o Rey moderno,
D'hir vello, como vòs, o goſto daime,
Para que vindo, adore ao Rey ſuperno,
Eſte palacio meu à volta honraime:
E niſto ſe deſpede o Regio terno,
Notando o eſtillo mao do Rey profano,
Que indicia ſua burla, & ſeu engano.

80.

Vèm, que jogo fazer Herodes queira,
Que o reſto por cuidar leua ganhado,
Tratou, de quatro Reys fazer primeira,
Mas fruſtrouſelhe intento taõ danado:
Que vendoo proceder deſta maneira,
Vém, que naõ he figura o Rey maluado,
Matador ſy, que vèm, que breuemente
O ha de ſer de innumero innocente.

81.

De diuerſo metal cada Rey era
(Porque o conceito explique por extenſo)
D'ouros, o que a ofrecer ouro viera,
De còpas, o que em vaſos trouxe o incenſo;
De paos, o que das Aruores trouxera
Mirrha, em myſterioſo, & pio cenſo,
De eſpadas, o mao Rey, pois co ella nua
A Innocentes fará batalha crua.

82.

Para jogo peior, maior nequicia,
Diz aos Reys o Rey vil, que como achassem
O Rey, que impéra os Reynos da dilicia,
Que logo os mesmos Reys lho renunciassem;
Que jugar pretendesse com malicia,
Que razoens ha, que mais o publicassem?
Que quem, que renunciassem lhe rogaua,
Ganhar com bulra, he certo, que intentaua.

Matth. 2

83.

Tal vez, às mâs tençoens rompendo, & abrindo
A grades [illegible] da vocal janella,
Do carcere do peito vem fugindo,
E nas fallas se arrojaõ do alto della:
Saõ as palauras fumo, que expellindo
Está o coraçaõ, que o fogo assella
Do odio, ou do amor, mas de maneira,
Que hum fumo destes cega, & o outro cheira.

eburnea

84.

Saem da Corte os Reys do Rey malino,
Eis, que a Estrella de nouo lhe apparece,
E sobre elles, qual Pallio de ouro fino,
A cubrillos de rayos se offerece:
Guiandoos a Bethlem, moue o benino
Passo por esses Ceos, onde parece
Diadema de Rayos, que com tantos
Ià canoniza em vida os tres Reys santos.

Que

85.

Que ao ſahir da Cidade, a Eſtrella pura
Eſperando já eſtaua aos Reys prudentes,
Os quaes, tãto que a vèm na Etherea altura,
Ficão, quaes dilirantes, de contentes:
Que pouco val, lograda huma ventura!
Que muito que ſe eſtimaõ bens auſentes!
Que sò perdidos, ſe deſpois ſe cobraõ,
Eſtima grande tem, ſeu preço dobraõ.

86.

Tinha a outra Matrona certa Drama,
Entre outras joyas ricas, que lograua,
As veſinhas, em quanto a tem naõ chama,
Luc. 15. Nem moſtrandolhe a drachma ſe alegraua:
Perde hum dia a moeda a rica Dama,
Que mil exceſſos fez, a ver ſe achaua,
Achoua, & a parabens todas conuida,
Que a eſtima della foi terſe perdida.

87.

Em fim, chega a Bethlem a Etherea Guia,
Que immota ſobre o tecto ventùroſo
Aponta aos Reys co as frechas, que radia,
O lugar, em que aſſiſte o Rey glorioſo:
Encheſſe o ſanto Terno de alegria,
Vendo que pàra o Aſtro luminoſo,
Exod. 13. Que, qual ao Pouo Hebreo a Facha antiga,
De taõ longe os guiou com luz amiga.

Qual

88.

Qual nos ares as azas tremolando
Pára o Myluo, espreitando ensejo certo
Para dar sobre a presa, que occultando
Lhe està o frondoso, & aspero deserto:
Tal a Estrella, mil rayos scintilando,
As azas de cristal nesse ar aberto
Batendo, queda està, mostrando o Eterno
Pheniz nos braços da Aue ao Regio Terno. Luc.2

89.

Ià cercão os tres Reys o Portal riquo,
Sem pòr em cerco ao Rey, q̃ dẽtro encerra,
Como jà a outro Rey (mas Rey iniquo)
Haõ posto outros tres Reys, pondolhe guerra:
(Quando este com valor, & illustre piquo,
Co sangue de seu Filho banha a terra)
Que não vem a pór sitio os tres Reys sabios,
Mas a pòr deste Rey nos pès seus labios.

90.

Entraõ pello Presepe ardendo em gosto,
Deixando fóra o esplendido apparato,
E achaõ o nouo Rey nos braços posto
Da Virgem, que he do Ceo viuo retrato:
Em throno mais gentil, mais rico encosto,
De maior perfeiçaõ, maior ornato,
O achàraõ no Presepe entre seus braços, 3.Reg.10.
Que Salamão no de ouro, em aureos paços.

Ten-

91.

Tendo a Virgem no collo ao ſacro Infantẽ
No Preſepe, que tanto qualifica,
Logra Deos o Palacio mais preſtante,
Que he a Virgem de Dauid a Torre rica:
E como a Virgem traz ao ſacro Infante
Nos olhos, neſta Torre o Infante fica
Logrando, dentro do Preſepe eſcuro,
Aulas do Ceo, janellas de Sol puro.

92.

Logo em terra poſtrados ſobre o feno
(A quem ſe abate entaõ brocado fino)
Adoraõ o graõ Rey do Ceo ſereno,
Gigante Eterno em fôrma de Minino:
Co a purpura da cor do crauo ameno
Parece cada Rey hum Crauo fino,
Que á Flor celeſte em braços de huma Roſa
Abate a roda, qual Pauam, fermoſa.

93.

O Infante Deos, & a Angelica MARIA
Recebem os tres Reys com ledo agrado,
Que em ſizudez alegre a Virgem rìa,
E o Minino entreabrindo o Crauo amado:
Viſlumes de Deidade deſpedia
O Rey celeſte em Carne disfarçado,
A Virgem de belleza, & pudicicia
Lhe offerece hum objecto de dilicia.

Da

94

De joelhos ante o Rey diuino Infante,
Ficando assi de corpo mais pequenos,
Excedem na grandeza o môr Gigante,
Que ante Deos, os mais saõ, os que sam menos:
Logo parias pagando ao Rey Triumphante,
Que impèra Mar, & Terra, & Ceos serenos,
Tirão de seus Thesouros do Oriente
Grandiosos Dons de sorte differente.

Psal. 88.

95

Reconhecendo nelle, â Alta Trindade
A Trindade Oriental, que a symboliza,
Della a cada Pessoa se persuade
Dadiua a lh' ofrecer, que co ella friza:
Ao Padre, como pura Diuindade,
Incenso dam, que os ares suauiza;
Myrrha ao Filho, como Homem, pera vngillo,
Ouro ò Espirito, q̃ he Amor, & o Ouro dillo.

Math. 2.

96

Retrato foi o Terno peregrino,
Nas pessoas, & vniam com que vieram,
Do Rey, que adorar vem, q̃ he Vno, & Trino,
E elles Tres sendo, Hum sò, na vontade eram:
Cada hum delles, do Ceo por alto ensino,
(Na significação dos Dons, que deram)
A alta mostra saber Theologia
Da pessoal distinção, que em Deos hauia.

97.

Tres eraõ, mas hum sò falla, & ofrece
As dadiuas diuersas, que traziaõ,
E mysteriosa acçaõ esta parece,
Pois todos Tres só a hum se reduziáo:
Cada qual destes Reys a Deos conhece
(Porque instructos na Fé já floreciaõ)
Por Trino, & Vno, & querem com decencia
Figurar as Pessoas, & a Essencia.

98.

Troca fazem com dadiuas mais santas,
Quando alegres as daõ ao Deos Minino,
Que Incenso, & Myrrha, lagrimas de plantas
Saõ, & louro metal, o Ouro fino:
E elles, de Deos ás plantas sacrosantas,
Lagrimas colhem de licor diuino,
E ouro dos laços seus; que melhor soma
Recebem, do que daõ, d'ouro, & d'aroma.

99.

Ethiope, de cores, branco, & louro,
Balthasar, Melchior, & Gaspar era,
O Baço a Myrrha deu, & o Branco o Ouro,
E o Louro Incenso rico em censo dera:
Ofrece o Preto fùnebre thesouro,
Por ter da morte a cor, que a Christo espera,
Mas de todos a cor mostra, que adora,
Nelles, a Deos a Noite, o Sol, & a Aurora.

Logo

100.

Logo delles alli o mais antigo,
Maõs, & voz leuantando juntamente,
Diz ao Rey, que lhe moſtra aſpecto amigo,
Com voz ſincèra, & geſto reuerente:
Senhor, que entre eſta palha, como Trigo,
Tomais, ſendo Sol claro, eſcuro Oriente,
E que nos Virginaes braços tomaſtes
Throno melhor, que o Ceo, q̃ lá deixaſtes.

101.

Buſcando vimos voſſa luz ſerena,
Quaes Gyraſoes de voſſos reſplandores,
E nos braços gentìs deſſa Açucena
Vos vimos adorar, & dar louuores:
Com azas de prazer, & naõ de pena,
Nos vimos a prouar neſſes fulgores,
Lá donde o Sol os ſeus eſpalha, & cria,
Sendo hum Syderio Pagem noſſa guia.

102.

Mas a melhor Eſtrella, que tiuemos,
Naõ foi a que nos guia taõ fulgente,
Mas he a de vos achar, que neſta temos
Mais luz, mais gloria, & dita mais contente:
Os Sceptros, & as Coroas vos rendemos,
Como a Senhor da Terra, & Ceo luzente,
E como a Rey dos Reys, de terras varias
Vos vimos dar tributo, & pagar parias.

103.

Se adùltera vos for a Synagôga,
Nòs da Gentilidade exploradores
Esta vos empenhamos Regia Toga,
D'huns Gentios vos dar gentis amores:
Que esta por seu Espozo ja vos roga,
Por nòs, que somos seus Embaixadores;
Que por Vòs, qual Rachel, ja quer com brio
Os Idolos postrar do Pay gentio.

Gen. 31.

104.

Leuantarseha amorosa, & sem escuza,
Acudindo com pressa a vossos brados,
Vereis, que a vir abriruos, não recuza,
Sem reparar em ter os pés lauados:
E se atequi de barbara se accuza,
Prometeos por nòs nouos cuidados,
E eternizado amor, que ser eterno
Quasi o diz co silencio este seu Terno.

Cant. 5.

105.

Disse; & a Virgem sacra, & Ioseph santo
Vendo que se cumpria a prophecia,
Que ao som da Harpa Dauid entoa em canto,
De que o Ouro de Arabia a Deos viria;
Graças rendem ao Ceo por fauor tanto,
E as dadiuas guardando de valia,
Gratos se hão cos tres Reys, que se dispedem,
E que licença a Deos, & a elles pedem.

Psalm. 71.

Em

106.

Em tanto os Anjos pello vão vagando
Do Preſepe feliz, em doces hynos,
Ao ſom das cythras d'ouro andão cantando,
Sem ſe dar a ouuir aos peregrinos:
Que Deos a Diuindade disfarçando,
Por occultos juizos ſeus diuinos,
Homem ſe quer moſtrar, & quanto auulta
A Deidade disfarça, encobre, & occulta.

107.

Querem partirſe os Reys, mas ſuſpendidos
No ſacro Terno ficaõ de tal arte,
Que não podem partir, ſenão partidos,
Que a alma lhes quer ficar, ſe o corpo parte:
Mas porèm de ſi meſmos diuididos,
Parte ficando lâ, partindo parte,
Forçados tomão logo, obrando extremos,
O caminho, que tem rigor de remos.

108.

Saindo os Reys, os vem acompanhando
Tè fòra do Portal Ioſeph contente,
O apparato Real vendo, & notando,
De tanto Dromedario, & tanta gente:
Obſta a tão cortez termo o Regio bando,
Confeſſandoſe indignos juntamente,
De Varaõ taõ diuino, illuſtre, & ſanto
Lhes fazer tal fauor, & obſequio tanto.

109.

E apartandose delle, em Regios laços
Cada qual lhe ata os pés com prisoens duas,
Fazendo viuos ramos de seus braços,
Por ter ramos Ioseph nas plantas suas:
Cortez renite o santo a taes abraços,
E seus braços fazendo meas Luas,
Nos tres Sóes do Oriente enchellas trata,
Com sincèro primor, com alma grata.

110.

Logo sobem nos brutos do Oriente,
Cujos lombos se cobrem de brocado,
Que voão, & mais andão juntamente,
Qual de Belerophonte o bruto alado:
Por caminho direito, & differente,
(Porque assi pello Ceo lhe he reuelado)
Se tornão a seus Reynos, & o engano
Irritão desta sorte ao Rey tyrano.

111.

Vão caminhando alegres, & admirados,
De ver a Deos no modo em que o virão,
Recitando entre sy, como abismados,
Os mysterios do Ceo, de que se admirão:
De todos os prodigios jà passados,
Que em Roma, & seus confins se introduzirão,
Zombando vaõ, que todos foraõ vento,
A a vista de tal caso, & tal portento.

Que

112.

Que chouer ſangue o Ceo, telhas ardentes,
Leite os Rios manar, cahir a Lua,
Parir Damas gentìs viuas ſerpentes,
E Androgynos nacer na terra ſua:
Verſe juntos tres Sòes reſplandecentes,
Rir, pello golpe cruel, ferida crua,
Degolada hũa Dama, & Boys falarem,
Não ſaõ prodigios não, que eſte comparem.

113.

Paſſando vaõ, aſſi marauilhados,
O caminho em colloquios ſantamente,
Co as purpuras Reaes ſendo traslados
Do Sol, quando ſe chega ao Occidente:
Sóes ſe oſtentão, de purpura trajados,
Que ſe vão pòr no Occaſo do Oriente,
Que achão, que he sò Oriente rutilante
O Clima, em que lhes fica o Sol Infante.

114.

Outros pouos vão vendo, & vão notando,
Cheos de ſaudade, que os moleſta,
Porèm vão ſem Eſtrella caminhando,
Que quem de Deos ſe aparta não tem eſta:
Porque sò quando a Deos ſe vai buſcando
Eſtrella ſe acha clara, & manifeſta,
Quando ſe deixa não, que dita, & Eſtrella,
Só quem a Deos ſe chega, chega a tella.

DA PVRIFICAC,AM
DA
VIRGEM
SENHORA NOSSA.
CANTO XIII.
ARGVMENTO.

SEndo a Virgem do Ceo da ley izenta,
Obedece a essa ley, que a não comprende,
Tanto que o Sol no mundo a luz estende
(Despois que a Deos pario) vezes quarenta:
No Templo co Minino se apresenta,
E Symeão, que o mysterio sacro entende,
Em prophetico espirito se acende,
E tudo o que prediz n'alma a atormenta:
Volta a Bethlem do Templo, & breuemente
Se parte a Nasareth co sacro Infante,
De Herodes com temor, o peito aflito:
Por sonhos a Ioseph se faz presente
Hum Anjo, que lhe diz, que ao mesmo instante
Fuja com Māy, & Filho para o Egyto.

DE-

1.

DEpòis de auſente o Terno peregrino,
Do qual cadahũ dos Tres cõtẽte, & vfano
Cantou diuerſo tono, & vario hyno,
Ao funebre, ò diuino, & ò humano:
Porque a Myrrha, o Incenſo, & o Ouro fino,
Que ao Infante offerecem ſoberano,
Diuerſos tonos ſaõ, que entoão junto,
A Deos Deos, & a Deos Rey, & a Rey defunto.

2.

Nas entranhas do concauo penedo,
Que marmorea Balea ſe affigura,
Feito o Minino Deos Ionas tão cedo, Ioan. 2.
Ficou Ioſeph, IESVS, & a Virgem pura:
Nacar ficou o rigido rochedo
Das perlas da mais rica fermoſura,
E Arca de marmol, onde o Ceo rotundo
O Noé reſerua, que reſtaura o Mundo. Geneſ. 8.

3.

Aqui paſſando vão noites, & dias,
Em quanto o Ceo azul tres vezes noue
Não choue treuas ſobre as noites frias,
Sobre os dias fulgor tambem não choue:
Seruindo eſtão ao Rey das Gerarchias,
Que a nacer num Preſepe ſe demoue,
E feita Altar a pobre manjadoura,
Adoráo nella o Sol, que os Aſtros doura.

Vinha

4.

Vinha Deos a ensinar ao Mundo errado,
Num Portal nace, & aqui logo o ensina
A crer, que de hum Presepe he vil traslado,
Com toda sua pompa vãa, & indina:
E se elle de hum penhasco era formado,
Que marmol ha mais duro, que a malina
Obstinaçaõ de alguns ferinos peitos,
Que em vez de carne, saõ de pedra feitos?

5.

Se o Presepe de brutos se pouoa,
Brutos o Sabio mòr chama aos malinos,
Que ha peruerso, que nem a sy perdoa,
E tal vez, nem a Deos nos Ceos diuinos:
Se o Presepe ter palha se pregoa,
E era destinado a peregrinos,
Tal he o Mundo em ser vão, caduco, & leue,
Nòs peregrinos nesta vida breue.

6.

Para Deos, a quem tudo està presente,
Na verdadeira fórma, sem falencia,
O mesmo era nacer neste indecente
Portal, que num palacio de opulencia:
De pomposos do mundo delinquente,
O mesmo era nacer entre a assistencia,
Que entre brutos; que a culpa, & seus tributos,
He a Circe, que conuerte homens em brutos.

Não

7.

Não vè o Mundo cego mais, que aquillo
Que de neuoa, & cegueira està cuberto,
Das cousas, como saõ, naõ vé o estilo,
Que tudo vé ao longe, & nada ao perto:
Que saõ pedras do Ganges, ou do Nilo?
Que cousa he o Ouro, em minas descuberto;
Aquellas saõ de hum naufrago, traslado,
E estoutro d'hum vil desenterrado.

8.

Que saõ galas, & côrtes opulentos?
Que saõ Londres, ou panos de caprichos?
Huns saõ de pelles vìs, vìs excrementos,
Outros vomitos saõ de torpes bichos:
Tende qualquer pesar, quaesquer tormentos,
E a riqueza, que muitos tem em nichos
Como Idolo, vereis, que não lhe acode,
Que inda que pòde muito, nada pôde.

9.

Antes, tal vez, em vez do auxilio della,
He a riqueza occasião de ansia mais forte,
Que algum ha, que d'auaro tanto anhella,
Que antes quer, que gastar, gostar a morte:
Outros, que de algum mal, que os atropella,
Puderaõ remediar, tal vez a sorte,
Antes querem seruilla como escrauos,
Que liurarse de males, & de agrauos.

Quem

10.

Quem vira bem o que he o Mundo errado,
Suas pompas vãas, & ſua breuidade,
E fora ſó o Deſerto pouoado,
Sendo o deſerto a Villa, & a Cidade:
Da vida o deſengano he tão odiado,
Que não quer ver ninguem ſua claridade,
Não tem Aguia eſte Sol, tão claro ſendo,
Toupas a terra ſi, que vèm, não vendo.

11.

Theatro he o mundo vão de tranſitorias
Glorias, & penas, onde mil figuras,
Que o alegre papel fazem das glorias,
Fazem logo o papel das magoas duras:
São os que repreſentão as hiſtorias,
(Ditas agora, & logo deſuenturas)
Iá Reys, & já Peoens, & no fim juntos
Todos fazem figura de defuntos.

12.

Ao Mar creo que o Mundo correſponda,
Que ondas as gentes ſaõ da meſma idade,
Paſſaſſe a vida d'huns, paſſa eſta onda,
Se gueſe outra da meſma qualidade:
Antes que o Sol da vida ſe lhe eſconda,
Huns nauegaõ com grão proſperidade,
Outros com grão moleſtia, mas de ſorte,
Que vem a naufragar todos na morte.

O que

13.

O que se salua, entam, nesta proçella,
He o que nauegou atentamente,
Que este da Cruz pegado á taboa bella
Na praya vai surgir do Ceo luzente:
Que nas ondas desfeita a Carauella
Do mortal pranto, fica só contente
A quelle, que seguio o Norte fixo,
Os mais ficão, qual fica a Irmãa de Phrixo.

14.

Pois Deos, que tudo vé, & que em nada erra,
O cóncauo escolheo de hum Marmol rudo,
Que se os Paços dos Reys são pedra, & terra,
Milhor he o seu, pois he de pedra tudo:
Nũ Marmor, quando morre, hũ Rey se enserra,
Que só entam se lhe dà lugar sezudo,
E Deos, que da humildade segue o norte,
Mora em vida, onde os Reys moraõ na morte.

15.

Tanto que o Sol naceo, vezes quarenta,
(Iá depois de nacido o Sol Diuino)
E no berço dourado, & cama lenta,
Outras tantas se vio velho, & minino:
A purissima Virgem se appresenta
De Salamão no Templo peregrino,
Obedecendo à Ley, que a não comprende,
Que em tudo obedecer ao Ceo pretende.

Lev. 12.

Pos

16.

Gen. 3. Por desobediente a Mãy primeira
O Mundo destruhio, por seu regallo,
E a Virgem obediente verdadeira
Quer com contrario effeito doctrinallo:
Sabe, que obediencia Deos mais queira,
1. Reg. 15. Que sacrificio algum (co Vate fallo)
Que neste a carne alhea se offerece,
Naquella a propria, em que se mais merece.

17.

Matth. 3. Achou o Precursor naõ merecia
Baptisar ao Senhor no santo Rio,
Reparaua, escusauase, & pedia
A Deos, que lhe aceitasse este desuio:
Pedro, quando lauarlhe os pés queria
Joan. 13. O sacro Mestre seu, de humilde brio
Leuado, naõ consente em fauor tanto
Por se achar delle indigno este graõ Santo.

18.

Porèm, vendo hum, & outro a excellencia
Desta grande Virtude humilde, & alta,
Obedecem a Deos, que, na obediencia,
Naõ se póde chamar santo quem falta:
Manda Deos a Saul, que sem fallencia
1. Reg. 15. O Amalecita infiel, que ao pouo assalta,
Assolle com valor, & furia esquiua,
Sem ficar delle gado, ou gente viua.

Obe-

19.

Obedece Saul, mas obedece
Sò em parte ao que por Deos lhe foi mandado,
Destroe toda Amalech, mas offerece
A Agag seu Rey a vida, & a muito gado:
Do que trouxe, ao Senhor victimas desse
Lhe aplica, porém Deos, como enojado,
O manda reprender, pois naõ guardàra,
Em tudo, tudo, quanto lhe ordenàra.

20.

O Virgem pura, ô Vòs exemplo raro
De todas as Virtudes de excellencia,
Vôs sois da Sanctidade o Espelho claro,
Vôs o fino Exemplar da Obediencia:
Das condiçoens dos Pays o Filho charo
Toma, & como por Filho a Eterna Essencia
Vos dá seu Filho, obedeceis da sorte,
Que obediente serâ Elle atè a morte.

Paul. ad Phil. c.2.

21.

Sae d'entre as penhas, onde faz o ninho,
Sobre as azas co Filho a Aguia celeste,
E para de Syaõ porse ao caminho,
A pluma mais lustrosa ao Filho veste:
Sae adornada entaõ de honesto alinho
A Pomba celestial, nada terreste,
No Filho a Phenix sae multiplicada,
Que em tudo a mesma Phenix se traslada.

Cant. 2.

Cant. 2.

He

22.

He a Phenix Aue illuſtre, vnica,& bella,
Cujo Collo gentil d'ouro he formado,
Como que a natureza ao collo della,
Por collar lhe lançou, delle o dourado:
A Cauda tem azul(cor de quem zella)
Mas o corpo de mais tem encarnado,
Criſta tem, que Coroa alta lhe aplica,
Cutullo, que lhe dá Grinalda rica.

23.

No Corpo, da Aguia Real, logra a grandeza,
Annos ſeiscentos viue,& mais ſeſſenta,
No fim dos quaes renoua a natureza,
Depois que debil fica, & ſe avelhenta:
Lenha ajunta odorìfera, que aceza
Fragancia exhalle,& de temor izenta,
Se arroja â flama, ſendo a meſma pyra
Berço,& tumba, onde naſce,&onde eſpira.

24.

No Oriente, nas partes ſuperiores
Veſinhas â Panchaia, aſſiſte, & móra,
Onde do Sol ſe adora os reſplandores,
E Aras Apollo tem, onde ſe adora:
Tanto que renouada em corpo, & cores,
Se ſente, em gratidam deſta melhora,
A lenha, que reſtou, no bico toma,
E à Apollo offrecer vai o aduſto aroma.

Qu

25.

Que a Virgem ſeja a Phenix mais diuina,
A que a Pheniz gentil imitar trata,
He claro, pois mais vnica ſe aſſina,
Que a Pheniz, que de o ſer mais ſe quilata:
Que em graças, & belleza peregrina,
Pureza, ſantidade, & em ſer taõ grata
A Deos, que a fez Mãy ſua, & mais Donzella,
He Pheniz rara, & vnica, mais que ella.

26.

Tem tambem d'ouro o Collo, porque quando
Nelle eſpalha das tranças o theſouro,
O collo d'ouro fino eſtá moſtrando,
Co collar rico do cabello louro:
A Diadema, que o Ceo lhe eſtà aplicando
(Por Rainha do Ceo) formada d'ouro,
Da Pheniz he cutullo, & graõ ventagem,
Hũa coroa faz a huma plumagem.

27.

De cauda azul lhe ſerue o azul manto,
Celeſte véo de tanta fermoſura,
De pyra, em que renace, & lume ſanto,
De ſeu diuino Amor a flamma pura:
A odorìfera lenha de odor tanto,
Que acumulla de dia, & noite eſcura,
Saõ preces ſacras, ſaõ virtudes ſumas,
Onde toma cad'hora nouas plumas.

28.

Saõ do Oriente as partes, onde habita,
As em que o ſacro Sol teue Oriente,
E as Aras, que cad'hora ſolicita,
Do Sol diuino, mais que o Sol fulgente:
Se de purpureo corpo ſe acredita
A Phenix, eſta Phenix excellente
He Roſa, & encarnada como Roza,
Que o rocio do Ceo na terra goza.

Eccleſ. 24.

29.

Sae do Preſepe, em fim, a ſacroſanta
Prociſſaõ, em Peſſoas tres cifrada,
De maiores reliquias, & mais ſanta,
Que aquella, ē q̄ hir dāçādo ao Rey lhe agrada:
Sae a Arca co Mannâ d' ambroſia tanta,
Que foi naquella antiga figurada,
E de Dauid co ſanto deſcendente,
Vai ſerenando a Terra, & o Ceo luzente.

2. Reg. 6.
Exod. 25.
Math. 1.

30.

Vai a purificarſe, a que he mais pura,
E a buſcar luz o Sol, quando mais claro,
Vai a Neue a buſcar cándida aluura,
E a Açucena a buſcar candor preclaro:
A buſcar agoa vai do Mar a altura,
Vai fragrancia a buſcar o Ambar raro,
Graças o Ceo, o Dia reſplandores,
A Roſa fermoſura, & Mayo flores.

Fin.

31.

Fingirſe noite vai o claro Dia,
E a Bonina melhor pungente çarça,
Vai a Aurora a fingirſe treua fria,
E Aue triſte,& nocturna,a Real Garça:
Vai a Virgem da mòr ſoberania
A moſtrar,que em Matrona ſe disfarça,
Regra a meſma exceiçaõ moſtrarſe intenta,
Vil a mais nobre, Eſcraua a mais izenta.

32.

Qual a freſca Açucena, que plantada
Iunto da Fonte eſtá de prata fina,
Que eſtâ de taes lindezas adornada,
Que em ſy a retrata a Fonte criſtalina,
Que nella por ſe eſtar vendo aſſeada,
Que a Fonte a faz mais bella ſe imagina,
Sendo que he a linda Flor por ſy taõ bella,
Que candor toma a Fonte,& cheiro della.

33.

Tal a Virgem mais pura, que as luzentes
Eſtrellas,que ao Ceo daõ mòr gentileza,
D'Eua,ao reuez,das triſtes deſcendentes,
A a Purificaçaõ vai dar pureza:
Aſſi o Sol,quando ao pôr cobre os ardentes
Rayos, inda transluz ſua graõ belleza,
Pois inda,quando entaõ parece eſcuro,
Aas Eſtrellas dà luz,torna ao Ceo puro.

34.

A dous de Feuereiro a Flor mais dina
Reduz vinte de Abril com ſeus fauores,
Que no rigor do Innerno eſta Bonina
Vai compondo hum Veraõ, que innũda em flores:
Vai disfarçada a Dama mais diuina,
Por ciumes não dar a ſeus amores,
Que o Ceo, que he ſeu amante, porque a zella
Com ciumes, de azũl veſte por Ella.

35.

Lançado leua ao collo preeminente
Iuan, 1. O diuino Agnus Dei em ricos laços,
O qual faz, por ficar delle pendente,
Hum precioſo cordaõ dos tenros braços:
Porque apertandoos nella docemente,
Ao tempo que lhe dâ doces abraços,
Delles rico collar fazer procura,
De que o ſacro Tuſſaõ ſe dependura.

36.

A ofrecer a Deos ao Templo leua
O Vnigenito Filho ſacroſanto,
Como diſpunha a Ley aos Filhos d'Eua,
Que elle ſimulla com myſterio tanto:
Que quando là no Oreth Moyſes ſe enleua
No ſacro aſpecto, que he tres vezes Santo,
E Deos lhe dera as Taboas peregrinas,
Que com letras eſcreue o Ceo diuinas.

Entre

37.

Entre as mais leys, dispoz se apresentasse
A se purificar no Templo nobre,
Toda a Mulher, que o parto fatigasse, Leuit.12.
Depois, que a dias vinte o tempo dobre:
E todo o Primogenito leuasse Luc.2.
A dedicar a Deos, o Rico, & o Pobre,
Pellos bens, que no Egypto lhe aplicâra,
Quando seus primogenitos matára.

38.

E que com cada qual se lhe ofrecesse
Huma Rola, ou hum Pombo, & hum Cordeiro,
Que fosse já de hum anno, & a quem pudesse
Se punha este preceito por inteiro:
Porèm, que a que de seu bens naõ tiuesse,
(Dando, como as de mais, certo dinheiro)
Duas Rolas só desse, ou Pombas duas,
Que taõ brandas compoem Deos as leys suas.

39.

A huma, & outra ley da Ley antiga
Dà a Virgem complemento inteiro, & cheo,
Sendo que a Ley, por ley, a naõ obriga,
Nem ao Infante Deos, que do Ceo veo:
Mas para se auultar ouro com liga,
Sendo de toda a fèz seu Ouro alheo,
O Principe do Ceo, delle a Raynha,
Obedecer á Ley, vè, que conuinha.

40.

Duas Pombas leuou, de pobre offerta,
Porque pobre quiz ſer a Virgem rica,
Sendo que ſer Mòrgada he couſa certa,
E que com muitos bens de ſeu Pay fica:
Tambem couſa naõ he que ſeja incerta,
Que o Terno do Oriente lhe dedica
Grandes dons,& com tudo a Virgem nobre,
Porque a pobres os dera, hia jà pobre.

41.

Pobre quiz ſer, para maior grandeza,
Luc. 12. Que em cofres de Zafir entheſouraua
Nos Archiuos do Ceo ſua riqueza,
Que naõ tinha de ſeu mais que o que daua:
Rica por querer ſer ſó da pobreza,
Rica sò co a pobreza ſe moſtraua,
E quando ſua riqueza deſpendia
Pellos pobres, sò entaõ ſe enriquecia.

42.

Sabe, que he do Senhor, que ſerue, & adora,
Vontade, viuer pobre neſte Mundo,
E sò do que Deos ama ſe namora,
Que sò o de que elle goſta lhe he jocundo:
Tomou por Oriente em ſua Aurora,
Das Aulas em lugar do Ceo rotundo,
Hum Preſepe, por pobre publicarſe,
Paul. ad Corinth. 2.c.8. E a Virgem trata em Deos ſó retratarſe.

43.

As duas Pombas, & os Syclos ſinco ofrece,
Remindo o Primogenito diuino,
Que a Deos, para com Deos, remir parece,
Primeiro que elle rima ao Mundo indino:
Duas figuras ſuas ſe conhece,
Que no pàr ofrecèra Columbino,
Pois Pomba o ſacro Eſpoſo a chamou d'antes,
Que Ella vieſſe ao Mundo, em ſeus diſcantes.

Cant. 2.

44.

Pombas ofrece a Pomba, & Aues a Aue,
Que offerecer a Deos, por Deos, procura
De ſeu Corpo gentìl, & Alma ſuaue,
Não ſó o original, mas a figura:
Offerta, que de ricos, deu mais graue,
Pois às Pombas ajunta outra mais pura,
E do Cordeiro em, vez vìctimas pias
Fez d'hum Cordeiro de quarenta dias.

Luc. 1.
Cant. 6.

45.

Simeaõ Sacerdote (que enſinando
Na Synagoga, aonde Meſtre ha ſido,
Na Prophecia inſigne reparando,
Que Iſaias cantou, do Ceo mouido:
D'huma Virgem parir, Virgem ficando,
Incredulo lhe daua outro ſentido,
A letra à Prophecia corrompendo)
Era eſte, que no Templo eſtá a Deos vendo.

Iſaias 7.
Mich. Carranc. de Virginit. Mar. c. 14.

46.

De modo adulteraua a letra rara,
Que a fazia dizer, que pariria
Huma Virgem fermosa, que casára,
Mas que Virgem, porém, não ficaria:
Mas a letra, que hum dia adulterára,
Achaua reduzida ao outro dia,
Elle admirado deste raro effeito,
Perplexo andaua, a duuidas sogeito.

47.

Reuelalhe entaõ Deos, que pois duuida
Da Prophecia, & a letra lhe atropella,
Que naõ se apartaria desta vida,
Atè o complemento naõ ver della:
Conferindo elle o tempo, & conferida
A traça do Minino, & Virgem bella,
Crè que aquella era a Virgem soberana,
E aquelle o mesmo Deos em forma humana.

48.

Toma logo nas palmas, dilirante
De prudente prazer, & gloria santa,
O Palmito do Ceo, o sacro Infante,
Que a dignidade tal Deos o leuanta:
E leuantando a voz chea, & sonante,
Bem como o branco Cysne seu fim canta,
Enleuado no objecto alto, & diuino,
Dest'arte entoa o canto peregrino.

Agora

49.

Agora creo, que fim teue a guerra,
Que a incredulidade me fazia,
Quando pello Myſterio, que alto encerra,
Duuidei da in falliuel Prophecia:
Agora fico em paz, pois vi na terra
O meſmo Rey da Etheria Monarchia,
Agora a alta palaura voſſa obſeruo,
Que hoje cumprida haueis ao voſſo ſeruo.

Luc. 2.

50.

Porque cheguei a ver com meus indinos
Olhos (que cegos ſaõ, a de Aguia ſerem)
Voſſo objecto ſaudauel, que aos diuinos
Choros Eſpelho dâ para ſe verem:
Aquelle Lume, cujos rayos finos
Se expoem no Mundo ás Gentes, para crerem,
Que he vinda â terra aquella Luz notoria,
Que he Luz do Mundo, & q̃ he d'Iſrael gloria.

51.

Outros preſagios, & outras Prophecias,
Iá de funeſto, & já de alegre effeito,
Lhe expoz alli tambem, que entre alegrias
Triſtezas miſturou com ſabio peito:
Na treua, & luz, nas noites, & nos dias,
No Inuerno, & no Veraõ ſuaue, & aceito,
O meſmo Tempo enſina, que no Mundo
O fùnebre ſe enuolue co jocundo.

Mas

52.

Mas logo o Varaõ ſanto, a voz preclara
A Virgem dirigindo, & caſto Eſpozo,
Lhes lança bençoens mil, & a ſenil cara
Com velos banha em gloria, & acẽde em gozo:
Alli, com voz preſaga, à Virgem rara
Os fados do Minino expoem fermozo,
E hum Cutello de dor, que a atemoriza,
No que diz delle, á Virgem prophetiza.

53.

Predislhe a cruel morte deſabrida,
Que o pouo lhe ha de dar rebelde, & forte,
E como vindo a dar ao Mundo vida,
O Mundo lhe ha de dar em pago a morte:
Fica a Virgem celeſte taõ ſentida,
Que a Alma ſente já da eſpada o côrte,
E chea de triſteza, & de temores,
Troca nella o rubì co alambre as cores.

54.

As Cecens de ſuas faces ſublimadas
Em pálidas viòlas ſe tornâraõ,
Que com fios de perolas choradas,
Por a magoa as tocar, ſe encordoârаõ:
O eſtrepito das liquidas bagadas
Os ſons foraõ, que entaõ nellas ſoáraõ,
A dor, que n'Alma tem, fez os diſcantes,
Tocando as cordas d'humidos diamantes.

Cohibe

55.

Cohibe quanto pòde a Virgem pura
(Por naõ ser censurada) o triste pranto,
E sobre os Soes de extrema fermosura
A azul nuuem cahir deixa do manto:
Anna, que Mestra fora na clausura,
Em que a Virge assistio, do Templo santo,
Penetrandolhe a dor interna, & graue,
Trata de a consolar com voz suaue.

56.

Vaticina do candido Minino,
Como o Rey ha de ser mais soberano,
Que occuparà o Throno d'ouro fino
De Dauid, que he seu Pay, em quãto humano:
Como entrando em Syaõ, por Rey diuino
Serà aclamado em seu triumpho vfano,
E cõ estes, & outros mais auspicios trata
De diuertirlhe a dor, que viua a mata.

Luc. I.

Math. 21.

57.

Era Anna Prophetisa sabia, & santa,
Assistente no Templo ha largos dias,
De tanto exemplo, & santidade tanta,
Que o Ceo lhe ha dado o dom de prophecias:
Só a Virtude ama Deos, sobe, & leuanta,
As vamglorias o Mundo, & as demasias,
Que se encontra cõ Deos este Orbe immũdo,
Que Deos sobe a Virtude, ô Vicio o Mundo.

Vendo

58.

Vendo do ſacro Infante, o Pouo atento,
O aſpecto, & da Mãy diuina o geſto,
Aquelle, que de graças he portento,
Eſta, que da belleza excede o reſto:
Abſorto eſtá no vago penſamento,
Mas do que vio, & ouuio lhe he manifeſto,
Que ſem falta era aquelle o Rey ſubido,
Que ao Throno de Dauid foi prometido.

59.

Nota de Simeaõ, & ſabia Anna
As altas Prophecias, & a latrìa,
E crè que a Mageſtade ſoberana
Neſte disfarce humano ſe encubria:
E vendo a gentileza mais que humana
Da celeſte, & Chriſtìfera MARIA,
Crè, que era a Virgem Mãy prophetizada,
E do Ramo da paz a Pomba amada.

Iſai.7.
Gen.8.

60

Sae do Templo ſanto logo a Fama,
Co as azas vapulando os leues ares,
E do Infante diuino, & ſacra Dama
Expoem golfos de dons, de graças mares:
Chea de admiraçaõ, abſorta aclama
Os auſpicios, que ouuio, por ſingulares,
E por varias maneiras, varios geſtos,
Faz taõ raros prodigios manifeſtos.

As

61.

As cem bocas escusa, com que falla,
Porque só com loquaz silencio conta,
(Expondo admiraçoens com maior galla)
O Mysterio maior, que ao Ceo remonta:
Tudo a Virgem confere n'Alma, & calla,
Mas dentro em sy padece graue afronta,
Por temer, que a moderna prophecia
Tiuesse complemento aquelle dia.

62.

Do Templo logo sae co sacro Infante,
Nos braços, como em Throno Regio, posto,
E banhada em aljofar lachrimante,
Murchas as Flores traz do intacto Rosto:
Teme, tanto que o iniquo Rey possante,
Que de Iudèa occupa o Regio encosto,
Souber, que o Rey supremo he já nacido,
O busque fero, & mate embrauecido.

63.

Qual a Irmãa de Meleágro, Aue tornada,
Que temendo o Bilhafre, que a despoje,
Em sy esconde os filhinhos assustada,
Porque as garras sobre elles naõ lhe arroje:
Tal chea de temor a Aue sagrada,
Co sacro Filho impresso n'Alma foje,
Por temer que o Bilhafre, ou Rey tirano,
No Filhinho lhe agarre soberano.

Assi,

64.

Assi co este temor, Ioseph, & MARIA
Se saem da Cidade com desuelo,
E a Virgem, que nos braços o trazia,
Trata ò Infante do Ceo n'Alma metelo,
Tanto nelles o aperta, que queria,
Imprimindoo em sy, em sy escondelo,
Para que de temores se liurasse,
E seguro o Minino assi ficasse.

65.

Para Bethlem se tornaõ, donde haõ hido,
Para dahi partir com conueniencia
Para a Cidade, que he jardim florido
Da Flor do campo, & Rosa de excellencia:
De ver o grande aplauso, que ha acquirido
Enuolta em Carne a Eterna Omnipotencia,
Temem, que a inueja vil do carniceiro
Lobo, Herodes, de Deos busque o Cordeiro.

Cant. 2.
Cant. 6
Ioan. 1.

66.

N'uma Espelunca fica a Virgem pura
Co sacro Infante, por temor que tinha,
Em quanto o graõ Ioseph chegar procura
A Bethlem, a buscar o que conuinha:
Fez o tempo occa a hũa pedra dura,
Para nicho de Deos, & da alta Rainha,
E nas entranhas, que lhe abrio piedoso,
Formou hum Ceo neste Antro venturoso.

Vesi-

67.

Vesinha de Bethlem tal coua estaua,
Do caminho, porèm, pouco distante,
Onde, como fugindo, se occultaua
A Virgem celestial co sacro Infante:
Se por escusa nella naõ entraua
O claro Sol, & a Aurora rutilante,
Iá a lhe dar melhor luz, nella entra agora
O Sol diuino em braços d'outra Aurora.

68.

Alli, depois que o sono ao Deos Minino
Os breues pauilhoens de franja rica
Sobre os dous Soes correo, & o Sol diuino
Em thalamos de Ceo dormindo fica:
Passada do cutello agudo, & fino,
Que a noua Prophecia entaõ lhe aplica,
Em terra os joelhos seus, no Ceo seus olhos,
Dâ parte a Rosa a Deos de seus abrolhos.

69.

Ferido o Coraçaõ de agudas pûas,
Que o auspicio funesto lhe imprimìra,
D'Alma o sangue, de luz, por veas duas,
Sangrando o Coraçaõ, co a magoa tira,
E dando conta a Deos das pontas cruas,
Que n'Alma sente, entre a Alma, que suspira,
Lhe pede, que remoua o auspicio forte,
Que vaticina ao Deos Minino a morte.

Que

70.

Genes.22. Que ſe lembre, de Abraõ que ao filho amado
Fez ſuſpender o golpe do cutello,
Que aſſi ſe haja co Filho, que lhe ha dado,
Pois he mais obediente, illuſtre, & bello:
Que ha a vida a Ezechias dilatado,
E a Niniue do cruel liurou flagello,
4. Reg. 20 Ià depois, que co a morte os ameaça,
E que aſſi com ſeu Filho agora faça.

71.

E ſe à morte cruel, que jà a atropella,
Quer ſobmeter o nouo Iſaac diuino,
Que eſſa morte cruel commute nella,
Com tanto, que naõ morra o Deos Minino:
Que pois jà ſepultada eſtà naquella
Coua, que tem por campa o ſeixo indino,
Alli, pois morta a tem tantos temores,
Morta fique, & naõ morraõ ſeus amores.

72.

Com mil exclamaçoens d'Alma nacidas
Os Ceos de diamante abrandar trata,
Cujas vozes dos eccos repetidas,
O que hũa sò vez diz, duas relata:
Que as celeſtes Abobadas feridas
Dos accentos da voz aflicta, & grata,
A Deos ſegunda vez offereciaõ
As preces, que a eſſes Ceos, triſtes, ſubiaõ.

Com

73.

Com baixa voz, temendo ſer ouuida,
A Deos a Virge exclama; mas com tudo
Ainda he aſſi ſua voz nos Ceos ouuida,
E inda aſſi lha repete o marmol rudo:
Fica a concaua penha enternecida,
Tanto, que inda depois do crauo mudo
Da ſacra boca, em eccos manſamente,
Repete o ſoliloquio excellente.

74.

Acorda o Infante Deos, que dorme, & vélla,
A quem de berço o manto então ſeruìra,
Em quanto ô Eterno Padre a Virgem bella
Por elle, com tal anſia alli pedìra:
Ao peito logo a Angelica Donzella
Chega, o que moue as rodas de Zafira,
E o Nectar virginal darlhe procura,
Que com perlas, que chora, lhe miſtura.

75.

Feito berço ſeu collo, em doces laços
Aperta com tal anſia ao tenro amante,
Que duas cobras de neue ſaõ ſeus braços,
Que ſe enroſcão de amor no ſacro Infante:
Hercules, que ſerpentes fez pedaços
No berço, lhe ficâra ſemelhante,
Se ó Hercules diuino, & ſerpes bellas
Pudera compararſe aquelle, & aquellas.

76.

He tradição antiga em Paleſtina,
Que ao tempo, que na Coua venturoza
O Peito deu a Virgem peregrina
Ao Minino, que delle o Nectar goza:
Da purpura da candida bonina,
(Da Cecem, de que chupa digo, a Roza)
A hum marmol borrifou da Coua vfana
Hũa gota da Ambroſia ſoberana.

77.

Abrandouſe de ſorte o marmol duro,
Que a dureza tornou logo em farinha,
E deſta, a que deu cauſa o leite puro,
Inda hoje a males mil ſe faz mézinha:
Inda hoje he venerado o Antro eſcuro,
Em que ſe occulta a Angelica Raynha
Co Minino do Ceo: ó dita noua
Ser hum Penedo Altar, Ceo hũa Coua!

78.

Chega em tanto Ioſeph, que da Cidade
Do ſanto Auó jà vem deliberado
A ſe expor do caminho â crueldade,
Tornando a Naſaretho Terno amado:
Da Coua ſae a Cifra da beldade,
Onde o nouo Dauid eſtá occultado,
Do Saul mais iniquo, & mais tyrano, (4.Reg.27.)
Que sò o humano geſto tem de humano.

Par-

79.

Partese a Nasareth a Trindade alta — Luc. 2.
De IESVS, de MARIA, & Ioseph graue,
O caminho de flores se lhe esmalta,
Anjos dando lhe vão musica suaue:
O rude Bruto, a quem o pezo exalta,
Sò pezo d'hum Cordeiro, & mais d'hũa Aue,
Sobre o dórso feliz, que leua, sente, — Luc. 1. Ioan. 1.
Caminhando ditoso, & mais contente.

80.

Vai por Ayo fiel Ioseph diuino,
Que Guarda Ioyas he do mòr thesouro,
A respeito do qual he pobre, & indino
Todo o que se compoem de prata, & ouro:
No aspecto da Mãy sacra, & do Minino,
Hindo a pé, por ganhar o eterno louro,
Do caminho o trabalho aliuiaua,
Porque atè a pena então gloria lhe daua.

81.

Do Bruto humilde sobre o throno pobre,
O nouo Salamão, se bem se atenta,
Occupa throno, mais que o do outro nobre,
Pello Reclinatorio em que se ostenta:
E atè esse vil Bruto se descobre
Mais nobre do que o ouro, em que se assenta
Salamão; porque o ouro certamente — 3. Reg. 10.
He menos nobre, que qualquer viuente.

82.

Em fim vaõ continuando ſeu caminho,
Que a Lactea Eſtrada abate na ventura,
Em ſeus braços leuando o ſacro Arminho,
Sobre o Bruto feliz, a Virgem pura:
Hum palio de viſtoſo, & rico alinho,
D'uma nuuem de rara fermoſura,
O Ceo dando lhe vai, & dentro nella
D'Anjos lhe vai cantando hũa capella.

Pſalm. 90.

83.

Chegaõ a Naſareth ao quinto dia,
Que combinado o tempo co a diſtancia,
Todo eſte tempo então ſe requeria,
A caminharſe com deſuello, & anſia:
Vendo a Cidade a Angelica Rainha
Patria de flor, a quem vai dar fragrancia,
Alegraſſe, & o temor, que n'alma encerra,
O Ceo lhe afugentou em vendo a Terra.

84.

Parecelhe a Cidade venturoſa
O meſmo que ſeu nome ſignifica,
Que hũa flor lhe parece populoſa,
A que as prendas do Ceo fazem mais rica:
Que Naſareth ſe auulta huma grão Roſa,
Que dobrada em grão copia ſe publìca,
Sendo os muros que tem, & ameas bellas,
Elles còpa da Roſa, & folhas ellas.

E ſe

85.

E ſe(como alguns tem)naõ tinha muros.
Ficou co as Flores tres ſuas diuinas,
De Flor no nome,& nos effeitos puros,
Hum rico Ramalhete de boninas:
Qual o paſſados do Inuerno os frios duros,
O Jardim,que recobra as Flores finas,
Tal da auſencia paſſado o duro Inuerno,
Se oſtenta Naſareth co ſacro Terno.

86.

Chega co a noite o Sol mais ſoberano,
A Aurora mais ſerena,o Aſtro mais puro,
Na Aurora poſto o Sol,qual no Occeano
Poſto de pouco eſtaua o Sol eſcuro:
Ella vibrando luz da noite em dano,
Antecipando o dia inda futuro,
O Aſtro junto ao Sol,& Aurora ſanta,
D'A lua fica o luzeiro entre luz tanta.

87.

Chega o Terno diuino â Caſa nobre,
Que para Ceo na terra era eſcolhida,
A quem o Ceo de Eſtrellas entaõ cobre,
Por ſer de tecto d'ouro enriquecida:
Os Seraphins,em quem o amor deſcobre
O mòr deſuelo,a flamma mais ſubida,
Hindo diante a fazerlhe obſequio tanto,
Preparado lhe tem o Paço ſanto,

Pſal. 90.

88.

O pauimento delle,& os ſobrados
Para ſy felizmente reſeruârão,
Que debaixo dos ſantos pès poſtrados,
Em rico pauimento ſe tornárão:
Saõlhes nouos prazeres aplicados,
Quando neſta poſtura entaõ ficárão,
Occupãdo o lugar das taboas ſantas,
Sendo throno feliz das ſacras plantas.

89.

Se,porque huns falſos Deoſes recolhera,
A caſa de Philémon ſe tornâra
Em Templo,& ſe Minerua ſer fizera
Degraos do ſeu as filhas de Cynàra;
Iſto que nellas foi fabula mera,
Neſta Caſa do Ceo verdade he clara,
Que eſta he o Templo,em q̃ ſaõ Anjos altiuos
Degraos celeſtes,Pauimentos viuos.

90.

A Meſa bem compoſta de iguarias
Celeſtes,jà lhes tinhaõ preparado
Com prefumes do Ceo, as auras frias
Tendo com lumes nobres moderado:
Sentaõſe â Meſa, que em paſſados dias
Teue na de Abrahaõ ſombra,& traſlado, Geneſ.18.
Inda que aos Tres, que neſta ſe apreſentaõ,
Seruem Anjos sòmente,& naõ ſe aſſentaõ.

91.

Tomada a refeiçaõ, que o Ceo lhe enuia,
Cada qual a orar a ſeu retrete,
Se recolhe Ioſeph, & a graõ MARIA,
Poſta co a Flor do campo em Ramalhete:
Paſſada a noite, & hum, & outro dia,
N'uma, quando Ioſeph já ſe ſobmete
Ao ſono, em ſonhos vè, que hum moço airoſo
Azas d'ouro no Ceo bate fermoſo.

Cant. 2.

92.

E chegando ao Varaõ, que dorme, & vèlla,
Que ſó dorme Ioſeph co corpo aflito,
Lhe diz: chama o Minino, & a Virgem bella,
E fuge com preſteza para o Egyto:
Que em buſcar o Minino ſe deſuella,
Para morte lhe dar, o Rey precito,
Por tanto fuge, & viue deſterrado,
Em quanto viuo for o Rey maluado.

Math. 2.

93.

Acorda Ioſeph logo, & logo acorda
Com elle a Alua, das aues ſem clamores,
Que triſte, nem de prata as nuuens borda,
Nem d'aljofres entaõ ſaõ ſeus licores:
Co graõ temor, que d'alma lhe trasborda
No caſto roſto, a quem demuda as cores,
Vai dar parte do caſo à Virgem rara,
Que em ardente oraçaõ então já achára.

94.

Qual a Virgem ficou, contemple agora
A Alma, a que deu amor magoas mais cruas;
Ficou, qual vinha então chorando a Aurora,
Que em ſeus olhos retrata vezes duas:
O Abutre do temor n'alma a deuora, Cant. 6.
Que a Flor de Ierichò cèrca de pùas,
Que co temor de andar por taes caminhos, Eccleſ. 24.
No corpo a Roſa tem, n'alma os eſpinhos.

95.

Mas co aquella admirauel fortaleza,
De quem por dom do Ceo fora adornada,
Suſpende as lentas perlas de riqueza,
E prepararſe quer para a jornada:
Por ſeu Deos acha alegre a mòr triſteza,
A quem diz entre alegre, & magoada,
Naõ fora Amor Amor, quando naõ foſſe
Seu doce amargo, & ſeu amargo doce.

96.

Infante, que naõ ſois ſómente Infante,
Mas Rey de Ceo, & Terra juntamente,
Depois que voſſos braços logro amante,
Que dia inteiro vos logrei contente?
Naõ logrei bem ſem magoa penetrante,
Naõ poſſui prazer ſem mal vrgente,
Que para mais amor, Amor ordena,
Que tenhaõ, como as mais, ſuas frechas pena.

Meu

97.

Meu Deos Gigante, & meu Amor Minino,
Jà que ſois peregrino em gentileza,
Não ſejaes duas vezes peregrino,
Baſte ſelo huma vez neſſa belleza:
Mas ay! que ſois hum Sol, meu Sol diuino,
E naõ deſcança o Sol na redondeza,
Antes peregrinando noite, & dia,
O Mundo corre, & enche de alegria.

98.

Pois voſſo Pay Diuino, & Omnipotente,
Vos ſogeita a deſterros, & rigores,
De todos meus deſgoſtos ſou contente,
Que ſem eſtes naõ ha grandes amores:
De mim ſe me naõ dá, porque ſómente
Temo do tempo auſtéro os disfauores,
Que a Vós vos faz, porque como em Vós viua,
Em Vôs ſinto o rigor da eſtancia eſquiua.

99.

Lembrame a mim, que caſtigar querendo
Voſſo Pay de Iſrael ao Pouo eſquiuo,
(Seu inſtrumento o Rey Egypcio ſendo)
No Egypto permitio foſſe captiuo:
E agora, parece, que querendo,
Que captiuo ſejaes, Minino altiuo,
Me manda que vos leue ao captiueiro,
Com ſerdes Vòs ſeu Filho verdadeiro.

Mas

100.

Mas ſe a Patria infiel cruel ſe enſaya,
Sendo Vôs ſua Paz, a poruos guerra,
Ah! fugi do Ior daõ de taõ cruel praya,
Ah! fugi de tal Rey, de taõ cruel terra!
Quando de Paleſtina agora ſaya
Para o Egypto, para onde vos deſterra,
Lâ achareis, que ao reuez do Pouo antigo,
He fauor para nôs delle o caſtigo.

101.

E ſe a, que me fere a Alma, Prophecia,
Ah! naõ permita o Ceo rigor taõ forte!
Decretar voſſo Pay, que na infancìa
Voſſa, a mim, & a Vòs dé funeſta ſorte:
Se huma Cerua em lugar de Ephigenìa
Se ſuppoz, que a liurou (ſe diz) da morte,
Eſta Serua, fazei, por Vôs aceite,
Porque Vôs viuo, a morte me deleite.

102.

Iſto ao Minino a Virgem rodeada
De temores, lhe diz, aflicta, & triſte,
Em ſeu geſto, & amores enleuada,
Antę o berço poſtrada, em que elle aſſiſte:
A luz abre o Infante duplicada,
Onde de Aſtros, & Sol a luz conſiſte,
E com loquazes rayos, que deſpede,
A a Virgem, & a Ioſeph, que partaõ pede.

Que

103.

Que falſas saõ do mundo as eſperanças,
Suas promeſſas vaãs, ſeus vaõs fauores!
Quando goſtos promete dà eſquiuanças,
Quando glorias promete, dà rigores!
Dauos tormentas, ſe eſperaes bonanças,
E ſe eſperais aliuios, dauos dores,
Que deſta ſorte ſe ha cos virtuoſos
O Mundo vaõ, que os maos ſaõ mais ditoſos.

104.

Naõ ha deſcanço neſta vida auſtèra
Para aquelles, que o Ceo como ſeus trata,
Que como ſaõ do Ceo, ſaõ d'outra eſphera,
E como eſtranhos ſaõ na terra ingrata:
Sò no Ceo o prazer junto os eſpera,
Que eſtes sô vida tem na morte grata,
Que dos bons, & dos maos he varia a ſorte,
Que os maos viuem na vida, & os bõs na morte.

105.

Bem mal cuidára a Virgem preferida,
Que chegando á ſua Patria taõ felice
Com Deos nos braços, que he o Autor da vida,
Que aliuios, & prazer naõ poſſuiſſe?
Mas ſe he sòmente o Ceo patria ſubida
Da Virgem celeſtial, que ſinta eclice
No goſto cà na terra, naõ me eſpanto,
Que o Ceo sô dà prazer, & o Mundo pranto.

Andaõ

106.

Andaõ do Ceo as Flores transſplantadas
De ſeu terreno, câ na terra eſquiua,
Como as flores do campo ſaõ trilhadas,
Que tudo lhes faz mal, nada as cultiua:
Sò lhe eſtaõ as alfombras reſeruadas
Lâ nos Iardins do Ceo, onde a Agoa viua
As regará de ſorte, que floridas
Eſtarão ſempre por eternas vidas.

DA FVGIDA PARA O Egypto, & morte dos Innocentes,

CANTO XIV.

ARGVMENTO.

EM quanto o ſacro Terno ſe retira,
E fugindo, do Ceo ſegue o deſtino,
Quer relatar a Fama ao Rey malino
Quanto do Infante Deos no Templo ouuìra:
Conſigo Furias tres leuar aſpira
Para eſte intento ſeu, porque o indino
Rey em furor ſe acenda viberino,
E innunde em Triſteza, Inueja, & Ira:
Tanto que Herodes ouue auſpicios tantos,
E que he nacido o Rey, que o Mundo eſpera,
Rompe, em ſe degolar toda a Innocencia;
Correm dos còllos tenros rios ſantos,
Rachel a compaixão moue a alta Eſphera,
Mas a Herodes jà mais moue a clemencia.

Por

1.

Gen. 41. Math, 2.

POr ſonhos ſae Ioſeph da braga eſquiua,
Por ſonhos ſae Ioſeph da propria terra,
Inueja fraternal Ioſeph catiua,
Inueja d'hum mao Rey Ioſeph deſterra:
Da afronta ſae Ioſeph co a inſignia altiua,
Da afronta ſae Ioſeph co a goiua, & cerra,
Hum foge a hũa mulher laſciua, & fea,
Outro d'hum homem foge à terra alhea.

2.

Ioſeph farta os Irmãos, por modo amigo,
Do trigo que lhes dâ por bella traça;
Para o Egypto Ioſeph foge co Trigo,
Que os Irmãos fartará da Ley da graça:
Mete aos irmãos Ioſeph no tempo antigo,
De ſeus ſacos na boca o copo, & a taça;
Mete Ioſeph no Egypto o môr theſouro,
A Taça de criſtal, & o Copo d'ouro.

3.

Math. 2. Obedece Ioſeph ao Nuncio alado,
Que em ſonhos lhe falou; & cheo de pena,
Do Minino, & da Mãy acompanhado
Se parte para donde o Ceo lhe ordena:
Leua conſigo o Bias ſublimado
Quanto tem o Ceo claro, & a terra amena,
Que não sô quanto tem leua conſigo,
Mas quanto a Terra tem, & o Ceo amigo.

Sae

4.

Sae o nouo Iacob da patria amada, Gen.28.
E para estranhas terras jà caminha,
Mas já leua do Ceo consigo a Escada,
Co aquelle mesmo Deos que no fim tinha:
Iá a Pedra angular leua, onde encostada
A cabeça não tem, mas que lhe alinha
O peito como joya, com que medra, Isai.c.28.
Que he Christo joya, & preciosa Pedra.

5.

Decer, & subir vê pellos diamantes
Celestes Seraphins com embaixadas,
Aliuiando aos santos Caminhantes
As passadas presentes, & passadas:
Antes que daqui passe, ò Musa, & antes
Que te engolfes nas Memphyeas estradas,
Torna a Ierusalem, se a caso podes,
A saber em que entende o iniquo Herodes.

6.

Tanto que a veloz Fama sulca o vento,
Chea de admiraçoẽs do Rey moderno,
E do Templo sahio com azas cento,
Vapulando, sem culpa, ao ar superno:
De Herodes Rey iniquo, & trubulento,
De Iudéa a quem deu Roma o gouerno,
Ao Palacio não vai logo assustada,
Porque quer hir a elle acompanhada.

E me-

7.

E medindo os criſtaes, que rompe Etherios,
Buſcando vai do Mundo nos extremos
Os triſtes montes vltimos Cymerios,
Ella feita galè, & as azas remos:
Deſpois que paſſa varios hemiſpherios,
Montes de neuoa, ainda mais ſupremos,
Que os montes vè, que as azas lhe humedecem,
Onde outro nouo Chaos as nuuens tecem.

8.

No pè de hum deſtes Montes nebuloſos,
Hũa grande Cauerna eſtâ patente,
Como pateo de huns paços tenebroſos,
Onde hũa Mulher viue, ou monſtro gente:
Mais dentro, ſobre huns poſtes alteroſos,
Hum antro ſe dilata hórridamente,
Que ſerue de aula ao Monſtro, que o habita,
Que ſempre morre, & ſempre reſuſcita.

9.

Pella taipa da caſa triſte, & eſcura,
De que he abobeda o Monte, eſtão pendentes
Quadros de bons ſucceſſos, da ventura,
D'honra, riqueza, & glorias differentes:
Deſd'o mais baixo, atè a maior altura,
Pellas toſcas paredes, excellentes
Caſos eſtão; mouendo a grande eſpanto
Ver em caſa tão torpe ornato tanto.

Mais

10.

Mas dentro, logo, n'outra tal cauerna,
Que a eſta taõ fatal ſe continùa,
O meſmo ornato pende, mas reſerua
Outro objecto na vãa pintura ſua:
Que neſta todo o caſo ſe conſerua,
Que infeliz machinou a ſorte crua,
Que eſtes ſò tem, nos quadros laſtimoſos,
Os meritos ſaõ eſtes deſditoſos.

11.

Violentas taõ celebres pinturas
Na taipa torpe eſtaõ deſte antro feo,
Porèm he fama, que eſtas taes figuras
Foraõ d'antes de ſallas d'alto aſſeo:
Que o Monſtro habitador deſtas obſcuras
Cauernas, por pezar, & por arreo
As furtou d'aulas ricas, que adornauaõ,
Porque ao intento ſeu vio que quadrauaõ.

12.

As furtou d'Aulas ricas, porque nellas
Entrada tem, & o mais do tempo habita,
Que a Cortezoens, Matronas, & Donzellas,
A Reys, & á gente Illuſtre faz veſita:
Deſtas habitaçoens, em que entra, bellas,
Os quadros de ventura, ou de deſdita,
Que vio, furtados trouxe ao ſitio triſte,
Onde algum tempo o Monſtro fero aſſiſte.

13.

Que os paineis affectou de alegre hiſtoria,
Porque a Felicidade he o centro della,
Que ſe à viſta lhe falta a alhea gloria,
Morre, qual fogo, em lhe faltando a vèlla:
Os d'infeliz, tambem trouxe, memoria,
Porque sò caſos triſtes ama, & anhella,
E por tanto huns, & outros alli leua,
Porque ſe alegra n'uns, n'outros ſe ceua.

14.

No meo da ſegunda caſa horrenda,
De imagens infelices adornada,
Sobre hum marmore aberto em varia fenda,
Huma Eſtatua ſe moſtra leuantada:
Hum docel negro, cuja franja, & renda
Saõ viboras em hórrida laçada,
Sobre a cabeça eſtá da eſtatu a ſorte,
Bordalhe a meſma franja, o meſmo côrte.

Fortuna.

15.

Sobre huma roda, que por artificio,
Sobre eſte torpe altar ſe moue à preſſa,
Onde Ixionte parece ter officio
De reuoluer a roda, que não ceſſa;
Os pés tem eſte monſtro, que propicio
He sô à ſemrazaõ, que ama sô eſſa,
Que de andar de redor continuamente,
Como ourado, naõ faz acçaõ prudente.

16.

Alto he de corpo o monſtro agigantado,
Que he de mulher no modo, & ſemelhança,
E pello ſer, alguns haõ praguejado,
Que a roda eſcuſa bem para a mudança:
Dous roſtos tem, hum ledo, outro enojado,
Mas ſem olhos, porèm, donde ſe alcança,
Que porque nunca os teue, & nunca vira,
Poſtra ſempre o melhor, & ao mao aſpira.

17.

Eſta he a cauſa das funebres ruìnas,
Que os paineis deſta ſala eſtaõ moſtrando,
Que com peito de bronze, em taõ malinas
Acçoens, eſteue a tantos bons poſtrando:
Eſta he a que deu á Mòra as tintas finas,
Eſta a que naufrágar ao miſerando
Ceyſis, & Leandro fez, & d'entre os mares
Liura a Vliſſes, & a Abidis ſingulares.

18.

Eſta a que Imperios dá, & Reynos tira,
Que os dignos poſtra, & que leuanta indinos,
Eſta a que contra grandes ſe conſpira,
Subjeitos altos de bens grandes dinos:
Eſta a que tanto inerte, & vil ſubìra,
Eſta a que faz ditoſos, & mofinos,
Eſta a que nega tudo, & que dâ cega,
Sem olhar como dâ, nem como nega.

19.

A este Idolo vil, deste antro inorme,
A hórrida Matrona alli venera,
Que com monstruoso ser, gesto disforme,
Habìta nesta coua horrenda, & fera:
E porque mais com ella se conforme,
De coraçoens milhares, que lacera,
(Sendo de sy perpetuo Erisithonte)
Holocaustos lhe ofrece neste Monte.

20.

Porém de qualquer sorte que proceda
O Idolo, dando bens, ou perdas dando,
Sempre a cruel Matrona, ou triste, ou leda
Se està das acçoens delle alimentando:
Que quando casos prosperos, enreda,
Vida, em morte lhe dar, lhe estâ aplicando;
E quando os infelices origina
Alegre a faz de objectos de ruìna.

21.

Em hum vaõ da parede, que estas duas
Cazas, diuide, & rompe pello meo,
N'um leito, que a ser vem de ferreas pùas,
Se reuolue do Monstro o corpo feo:
Saõ çarças os colchoens de espinhas cruas,
Lançoes cardos pungentes, & o asseo
Da colcha, picos saõ de espins agudos,
Lauor, Cerastes, & Aspides miudos.

22.

Serue de traueſſeiro hum corcomido
Marmol de diamante em pontas feito,
Dentro do qual ſe admira hum graõ ruido,
Que alli atroa a quem jaz no ferreo leito:
Seruem de pauilhaõ nelle eſtendido,
(Hum hórrido formando, & torpe objeito)
As grandes azas de huma graõ Serpente,
Que lhe faz capilar do collo ingente.

23.

Iaz neſte leito a necia enfermidade,
O contagio peor, mal mais tirano,
Dizer quero a Matrona, que em fealdade
Naõ tem igual na Terra, & no Occeano:
Da roupa naõ taõ ſô co a crueldade,
Mas com muito Eſcorpiaõ, vario guſano,
E [illegible] bicharia mais rabida, & inorme,
A triſte ſempre vèla, & nunca dorme.

24.

Aas voltas inquieta de contino,
Naõ ceſſa de roerſe, & deuorarſe,
Porque em ſeu coraçaõ torpe, & malino,
Sente varia ſerpente alimentarſe:
Que ſuppoſto naceo no Ceo diuino,
Donde em breue ſentio precipitarſe,
Por ſerpentes buſcar, chegando ao Mundo,
Seu rigor ſofre em pena furibundo.

25.

Mas entre tanta pua, & golpe tanto
De serpes, que alimenta ao peito graue,
Qual no Monte, ou no Reyno là do espanto,
Tycio o Abutre, & Promotheu outra Aue:
Quando alegrarse quer no alheo pranto,
(Porque sò o mal alheo lhe he suaue)
Voltase para a salla entristecida,
Que està de tristes quadros guarnecida.

26.

No primeiro painel em flor extinto,
No campo murcho vè entre outras flores,
Genes. 4. O innocente Abel, que em sangue tinto,
Qual mosqueta se expoem de varias cores:
Clama seu sangue ao Ceo, como Hyacinto
Clama, nos ays, que escreue em seus verdores,
Onde o inuido irmaõ, que se preuerte,
Na morte alhea o proprio sangue verte.

27.

2. Reg. 3. Alli o filho innocente de Getheo,
Morto està por Ioab, porque querido
Era do santo Rey, que a amallo veo
Pello ver d'altas prendas guarnecido:
O sobrinho de Dedalo, que cheo
De penas, anda em Aue conuertido,
Tem pello inuido tio a vida em calma,
Mudadas nas do corpo, as penas d'alma.

Alli

28.

Alli Theſeu, que a patria ha libertado
Do voraz Minotauro; & que em proezas
Por Athenas ſe tinha aſſinalado,
Padece por enueja altas cruezas:
Melciades, que ao Perſa ha deſtroçado,
Conſeguindo as mais cèlebres emprezas,
Pella meſma tambem, penas padece,
Em vez de galardaõ, que aſſas merece.

29.

Themiſtocles, que â patria mil victorias
Alcançou, por enuejas perſeguido
De ingratidoens fugindo taõ notorias,
Se ſoccorre do imigo, que ha vencido:
E o Rey, de quem ganhàra tantas glorias,
De ſeu fado o recolhe commouido;
Eſtaua Caracalla fratricida,
Que ao irmaõ, de enuejoſo tira a vida.

30.

Eſtes, & outros mil caſos lamentaueis,
Que originado tinha, vendo eſtaua,
E de fazer famoſos miſeraueis,
Mais que Nero cruel ſe deleitaua:
Nos que cauſou excidios mais notaueis,
A viſta mais detinha, que ſecaua
(Quando deſte antro eſcuro ao mundo vinha)
Dos campos o verdor, por que caminha.

31.

Mas como viue mais de ſua morte,
Querendoſe mais triſte, que contente,
Naõ podendo aquietar daquella ſorte,
Voltaſe, & fica ardendo em furia ardente:
Ficalhe o objecto alegre, odioſo, & forte,
Que o mais alegre a faz mais deſcontente,
Que d'hum, ou d'outro lado em ſe voltando,
Fica a triſte, ou feliz hiſtoria olhando.

32.

He baixa deſtatura, & baixa em tudo
A fera humana chea de lethargos,
A viſta torua tem, o olhar agudo,
Que vé o bem, por ſeu mal, cõ olhos d'Argos:
Lingoa tem ſerpentina, mas de rudo
Iaualì dentes tem feros, & largos,
Cuja boca eſpumante em furia aceza,
Da do Trifauce Caõ rouba a braueza.

33.

As maõs ſobre a cabeça tem fechadas,
Que por cabellos tem viuas ſerpentes,
Que vendoſe das mãos taõ apertadas,
Por lhe morder, da lingoa fazem dentes:
E humas com as outras enroſcadas,
Lhe ſeruem de rolete, & por pendentes
Tem em cada hũa orelha hũa graõ cobra,
Que arraſta pello chaõ, ſe ſe deſdobra.

34.

Em cada caſa tem hum candieiro,
Que as frìgidas cauernas alumia,
Que com flámas de enxofre, & infernal cheiro,
Daua a ver o que dentro ſe incluhia:
Que o que de Admeto foi Paſtor primeiro,
Que enriqueceſſe d'ouro ao claro dia,
Nunca o fulgor, que taõ geral reparte
Naquella radiou hòrrida parte.

35.

Tanto que fama chega à graõ cauerna,
E o Monſtro vè, na forma referida,
Nas azas ſuſtentada, que gouerna,
Fica no vaõ da coua ſuſpendida:
Que vendo a bicharia, que ſe alterna,
No pauimento em copia taõ crecida,
Decer do ar ao chaõ, naõ quer, nem ouza,
Que teme a tragaráõ, ſe nelle pouza.

36.

Mas jâ deppondo o medo, que lhe aſſiſte,
Das bocas mil abrindo a mais ſonante,
Deſta maneira falla ao Monſtro triſte,
(Que brauo a conheceo no meſmo inſtante:)
Tu, que do rayo, a quem ſe naõ reſiſte,
Quando dece das nuuens, coruſcante,
A condiçaõ tomaſte, que he de ſorte,
Que buſcas o mais alto, & o mais forte.

37.

Leuantate da dura hôrrida cama,
E à pressa te prepara, & vem comigo,
Que o successo mais alto, & de mais fama,
Depois te contarei, se isto consigo:
Logo, sem mais resposta, a inorme dama
Salta do hórrido leito, & de hum postigo
Que abre, como alçapaõ, da sala horrenda,
Hum graõ grito com voz lança estupenda.

38.

Das tres Irmaãs conuoca a mais furiosa,
Para a leuar em sua companhia,
Que por aquella boca cauernosa
Se decia ao Inferno, & se subia:
Obedecelhe a Furia, & presurosa,
De serpes, com que toda se cubria,
Cingida chega, sobre as roupas toscas,
Que ellas lhe vem bordando, de mil roscas.

39.

Iá neste tempo a vil Enueja tinha,
(Que assi o liuido Monstro se chamaua)
Hum rolete das fitas, com que vinha
Toucada, & mais cingida, Alecto braua:
Decer do pauilhaõ, porque conuinha,
Mandou á graõ serpente, que lho daua,
E sobre ella subindo, & n'outra a dama
Estigia, atraz se vaõ da veloz fama.

40.

Em ſahindo da coua, o macilento
Monſtro, diz para as mais deſta maneira:
Seguime amigas minhas, porque intento
Leuar mais hũa amiga, & companheira:
Logo ſulcando o diaphano Elemento,
Perto dalli, no fim de huma ladeira,
D'hum Monte caluo, daõ n'um valle triſte,
Onde relua, nem flor, nem planta aſſiſte.

41.

Naõ ha alli claro rio, ou fonte pura,
Que eſte ſitio amenize, deſcontente,
O qual toldado eſtá de neuoa eſcura,
Que nunca lhe penetra o Sol fulgente:
Sentada alli ſobre huma penha dura,
Huma Mulher chorando amargamente
Vèm eſtar, que com gritos, & ſuſpiros
Alli atroaua os tùrbidos Safiros.

42.

O que ao valle faltaua de verdores,
E o que tambem de fontes lhe faltaua,
Das ſecas faces moſtra ter nas cores,
E ter nos lentos olhos demoſtraua:
Os penedos do monte habitadores,
Nos oſſos deſcarnados a ver daua,
A neuoa, que no ſitio vèm que aſſiſta,
Mais denſa inda lhe ſae da triſte viſta.

43.

Do pranto, que continuo lhe ſahia,
Dous grandes ſulcos tem no triſte roſto,
Como canaes, por onde lhe corria
O muito humor do funebre deſgoſto:
Alta he de corpo, & delle ſe arguhia,
Que o teue antigamente bem diſpoſto,
Mas taõ velha, que menos, com verdade,
Sò tres horas, que o Mundo, tem de idade.

44.

D'huma Catula fea acompanhada
Eſtá, que de ſeu ſangue ſe ſuſtenta,
Que com garras, & boca, tòrua, & irada
O coraçaõ lhe raſga famulenta:
Que Hecuba foſſe nella transformada
Se diz, que co furor, em que rebenta
Quando vio arder Troya, embrauecida,
Inda ficou, depois de conuertida.

45.

Nas maõs tem hum graõ liuro, em que eſtâ lendo,
Quando lhe dão lugar as magoas duras,
O qual de hiſtorias funebres sô ſendo,
He eſtampado de mìſeras figuras:
Alli cos olhos, triſtes caſos vendo;
Lendo extremas, & raras deſuenturas;
Tão triſte viue, que ſe não ſuſtenta
Senão do triſte pranto, que lamenta.

46.

Alli vé o ſucceſſo de Lucrecia,
Paſſada do punhal, que purpurea,
E a bella Ephigenìa, que de Grecia
A flor foi, que co a morte o pay aſſea:
Alli Dido, que amou a Eneas, necia,
Sobre a eſpada co peito em larga vea,
Eſtâ, do coraçaõ ardente, & frio,
Lançando, ſe ha Mar roxo, hum roxo Rio.

47.

Alli eſtá Troya ardendo por Helena,
Moſtrando mil funeſtas miudezas,
Segueſe morta a bella Pulicena,
Que deſprezou de Achiles as ternezas:
Do diluuio gèral, na extrema pena,
As valentias, gallas, & bellezas,
Com laſtimoſa morte ſubmergidas,
Parece, que alli eſtaõ perdendo as vidas.

48.

Eſtes, & outros mil caſos laſtimoſos,
Eſcriptos, & eſtampados alli tinha,
Por eſtes paſſa os olhos lachrimoſos
Quando mais aliuiada ſe entretinha:
Chegando, pois, os Monſtros prodigioſos,
Pára a Serpe feroz, ſobre que vinha
A Enueja vil, & falla â triſte Dama,
Que para acompanhala, amima, & chama.

49.

Temſe por couſa certa, que tem ſido
Eſcraua, a Dama triſte, & companheira,
Da Dama bella, a quem venera Gnido,
(Tradiçaõ, que ſe tem por verdadeira)
Que porque o muito amor anda aſſiſtido
Do cuidado, & temor, em graõ maneira,
Dos amores; por iſſo á Deoſa aſſiſte,
Quando mais leda eſtâ, Dama taõ triſte.

50.

Leuantaſe da amiga, que conhece,
Aos brados logo a funebre Triſteza,
Que eſta he a Dama, que o aſpero padece
Daquelle monte, & aſperrima maleza:
E porque com graõ preſſa lhe obedece,
N'uma nuuem da neuoa mais eſpeza
Logo ſóbe, & depois que he nella enuolta,
A nuuem pello Ceo tras das mais ſôlta.

51.

Paſſando varios climas, varias fontes,
Inficionando os ares, que ſulcauaõ,
Hora ſecando valles, hora montes,
Que veſtidos tal vez de verde achauaõ:
De Iherù vaõ chegando aos Oriſontes,
Para onde a Fama, & as outras caminhauaõ,
E como aos Paços do mao Rey chegáraõ,
Nas altas nuuens, jà de noite, pàraõ.

52.

Qual no ar ſobre as azas ſuſtentada
A Cegonha, que eſpreita promptamente,
Para a leuar nas garras enroſcada,
A Serpe, que na brenha occulta ſente:
Tal a Fama, das mais acompanhada,
Para ſobre a humana dar Serpente,
Eſpreita conjunçaõ dos altos ares,
Para a crauar nas garras dos pezares.

53.

Alli, em quanto a Fama enſejo eſpera
Para decer co as mais a tempo, & hora,
Lhes dà conta da cauſa, que tiuera,
Para as hir conuocar, ſem ſofrer mòra:
Contalhe o caſo, & o como ſuccedéra,
Que cada qual das outras inda ignora;
Eis que anhellão decer, logo, com furia
Sobre Herodes, dos Reys iniqua injuria.

54.

Meteſe entaõ o Rey no ſeu retrete
Sô, de Mychèas lendo a Prophecia, Mich. 5
E em varias de temor ondas ſe mete,
Fluctuando em cuidados d'agonia:
Dos Magos o ſucceſſo em ſy repete,
Que co eſte vaticinio conferia,
E aſſi confuſo, triſte, & aflicto eſtaua,
Dando credito a quanto imaginaua.

Vendo

55.

Vendo esta occasiaõ taõ importante,
Para o intento seu, dece dos ares
A Fama, co as de mais; & hindo diante,
Entrando vai nas aulas singulares:
Inuisiueis vaõ todas, n'um instante,
Pella camera entrando; eis que em pezares
Achaõ o Rey enuolto, a quem sò a Fama
Visiuel se lhe faz, & á parte o chama.

56.

Contalhe o que no Templo ha succedido
Co sacro Infante, & Sacerdote santo,
E como aquella, que da irmãa de Dido
O nome tem, tambem mouera a espanto:
Como ficou de vello suspendido
Todo o assistente, que em ouuindo o canto
Do Cysne Symeaõ, creo de repente,
Que aquelle he o Rey, q̄ espera a Hebrèa gēte.

57.

Tanto que isto ouue o Rey, credito dando
A quanto a alada Fama lhe dissera,
Vaõse nelle os tres Monstros transformando,
A Tristeza, a Enueja, & a Furia fera:
Foge a Fama, que deixa o miserando
Das tres furias crueis, com que viera,
Em poder posto, & dellas lacerado,
Co corpo saõ, co peito vulnerado.

58.

Sinaes de ſeus effeitos laſtimoſos
Dâ cada qual no Rey, em continente,
A Triſteza, nos olhos lachrymoſos,
Por onde a alma deſpenha amargamente:
No peito a Inueja vil, que em venenoſos
Golpes lho raſga, & chupa o ſangue ardente,
Na boca a Furia atroz, que faz que eſpume
Negro veneno em rábido queixume.

59.

Grita, ſuſpira, geme, raiua, & morre,
Tanto que eſta noticia o aflige fera,
Hora anda, hora ſe aſſenta, & hora corre,
Hora blasfema, & hora deſeſpera:
Todo o Palacio acode, que o ſoccorre,
A diuertirlhe a magoa, que o lacera,
Mas as furias, que tem no peito aflito,
Não lhe admittem razaõ, nem doce dito.

60.

Qual ràbido Moloſſo, que tocado
Do bicho, que o danou, rompe em furores,
A quem naõ ſofre a dor eſtar deitado,
Mas vagar, eſpumando furia, & ardores:
Tal o rábido Rey, ou Cão danado,
D'outro bicho tocado, & outras taes dores,
Não repouſa, mas anda co a dor braua,
Quaes ondas, com que o mar as prayas laua.

61.

Rasga os veſtidos ſeus, louco, & inſano,
Naõ cabe dentro em ſy com taõ crueis penas,
E de Abſalão ſofrendo em parte o dano,
Nas mãos arranca as miſeras melenas:
Dá conta de ſeu mal fero, & tyrano,
Aos do conſelho ſeu, que com ſerenas
Razoens aliuialo então pretendem,
Falandolhe a ſabor, contra o que entendem.

62.

O liſonja infernal, veneno occulto,
Disfarçado rigor, dano eſtimado,
Leopardo feroz d'ouelha em vulto,
Polypo, que ſe finge, engano amado:
Agradauel farpaõ, querido inſulto,
Amigo desleal, tiro affectado,
Quanto mal fazes! quanto em tantos podes!
Inda que agora não co aflicto Herodes.

63.

Não admitte, por fim, o Rey furioſo
Razaõ, que o aliuie, nem conſole,
Mas crendo que he nacido o Rey glorioſo,
Aſſenta, que ſe buſque, & ſe degolle:
E por ſer eſte intento mais danoſo,
Manda que ſe deſtrua, & que ſe aſſolle
Quantos mininos tem comarca, & pouo
De Bethlem, por matar a ſeu Rey nouo.

De

64.

De qual ſeja o talento, he toque o officio,
Que da prudencia hypocritas deſmente,
Que o ouro falſo desbota co exercicio,
E deſt'arte desbota muita gente:
Hum deſtes, que virtude faz do vicio,
(Que he oppoſto á virtude preeminente)
A as Pombas tiros faz, deixa os Aſlores,
Que juſtos faz pagar por peccadores.

65.

Deixa a capa Ioſeph, quando ſe eſcapa
Da torpe mão, & dizem que he culpado,
Que fica de melhor, quem rouba a capa,
Pois rebuça com ella ſeu peccado:
Que ha tal, que de deliƈtos ſendo hum mapa,
Traz nos ſeus meſmos olhos ſeu traslado,
E onde os poem, vendo ſó ſeus vicios feos,
De ſeus os nega, & diz que ſaõ alheos.

66.

Do Oſtraciſmo de Grecia ſe renoua
Hoje a vſança gentilica, & inſolente,
Que o que he mais excellente ſe reproua,
E he maltratado sò por excellente:
Eſta antiga inſolencia inda ſe approua,
Pois o que melhor obra he delinquente,
Que a virtude, & o merito inaudito,
Tal vez, padece opprobrios de delito.

67.

Do titulo de Rey ſe moſtra indino
Herodes, ſem juizo, & ſem prudencia,
Pois com odio infernal, peito malino,
Degolar manda a càndida innocencia:
Para mandar matar tanto minino,
Que razão o demoue, ou que conciencia?
Mas faz do odio razão, ley da cegueira:
Ah! quantos hoje ſaõ deſta maneira!

68.

O Phalaris, ò Reys Cicilianos,
O Atreu, ó Diomedes, ò Perillo,
Iâ perdeſtes o nome de tyranos
Aa viſta deſte humano Crocodillo:
Que Lobos, que Leoens tão deshumanos,
Matârão nunca por tão fero eſtillo?
Que Tigres, neſſas Lybicas montanhas,
Moſtràraõ nunca taõ crueis entranhas?

69.

Paſſa a eſcura noite, que em ſeu peito
Mais eſcura inda foi, que no vniuerſo,
Que de ſuas triſtezas a reſpeito,
A treua foi hum Sol luzente, & terſo:
Veſtido ſe lançou no aureo leito,
Perſuadido dos ſeus o Rey peruerſo,
Que as furias, que as medullas lhe rohiaõ,
Iâ mais repouſo algum lhe conſentiaõ.

70.

Em gritos, ays, ſuſpiros, & temores,
Paſſou a triſte noite acompanhado,
Pella boca blasfemias, & clamores,
Pellos olhos furor lança inflamado:
Tanto que a Alua carpindo ſobre as florẽs
Fez verter ſangue o Ceo, chorar o prado,
Manda fação verdugos outro tanto,
Vertendo os filhos ſangue, & as mãys o pranto.

71.

E que em Bethlem primeiro começando,
Não deixem viuo algum, que deſta ſorte
Intenta o Rey peruerſo, & miſerando
Dar ao Rey eſperado acerba morte:
Vaõſe logo ſoldados deſpachando,
(Olhai a que batalha vão taõ forte!)
Que como crueis Lobos carniceiros,
Deuorem os pacificos Cordeiros.

72.

Punhaes affiaõ, facas, & cutellos,
Alfanjes coruos, lúcidos traçados,
Para talhar os Cordeirinhos bellos,
Tornados carniceiros de ſoldados:
Foge com medo o graõ Senhor de Délos,
De ver lobos tão crueis, caens tão danados,
Qual de lâſtima foge em outra idade,
Só por não ver de Atreu tal crueldade.

73.

Emfim, dando nos càndidos rebanhos
De Cordeiros os Lobos famulentos,
Arrancando lhes vaõ da teta os Anhos,
Que banhaõ de ſeu ſangue em golfos lentos:
Humas fugindo vaõ de taõ eſtranhos
Monſtros, atroando os ares com lamentos,
Outras, em ſy tomando os golpes rudos,
Aos filhinhos ſeruir querem de eſcudos.

74.

Tal ha, a que o fugir naõ aproueita,
Que do peito o filhinho aos pés lançando,
Qual Albana Leoa, ſe endireita
Co homicida cruel, que a vem buſcando:
Elle aflicto das garras, que lhe deita,
Co cutello feroz ſobre ella dando,
A faz morta cahir ſobre o aluo arminho,
Sendo a mãy campa, & morte do filhinho.

75.

Outras fugindo vaõ das feras duras
A occultas partes, & tal vez obſcenas,
Outras fugindo vaõ âs eſpeſſuras,
Aues feitas já entaõ nas muitas penas:
Aſſi Progne, & a Irmãa, quando as figuras
Humanas perdem, fogem ás amenas
Seluas, por eſcapar da eſpada nùa,
Com que lhes quer Tereu dar morte crua.

Mas

76.

Mas ay! que occultos balaõ os Cordeiros,
E a ſy, & ás mãys deſcobrem em continente,
Acodem logo os Lobos carniceiros,
A matar mãys, & filhos juntamente:
Que ſe na morte os filhos ſaõ primeiros,
As mãys, de que elles ſaõ vida innocente,
Nelles as vidas perdem compaſſiuas,
Que mortas nos filhinhos ficaõ viuas.

77.

Ha quem eſconda â pèrfida Athalìa
O neto, que matar queria iroſa,
Mas de Herodes cruel á tyranìa
Naõ póde occultar filho mãy piedoſa:
Eſconde a Ioue, a quem matar queria
O Pay, em Crèta induſtria Religioſa,
Com taes eſtrondos, que inda que choraſſe,
Saturno o naõ ouuiſſe, & o deuoraſſe.

4.Reg.11.

78.

Ha mãy que agarra no filhinho bello,
Que o algoz lhe quer tirar dos doces braços,
E elle, tirando delle, & do cutello,
O parte pello meo em dous pedaços:
O que intentou o Rey com ſabio zelo,
Quando das duas rompe os embaraços,
Aqui ſe poem por obra, & em tal crueldade,
Fica a mìſera mãy sò com metade.

3.Reg.3.

79.

Outra, a que o grande amor de valor veste,
Os pedaços do filho jà defunto
Anda ajuntando (ò Eta, qual fizeste
Ao filhinho, de que estes saõ trasunto:)
Que enganada da dor, que n'alma a enueste,
Cuida, que pondo o filho todo junto,
(Como intẽtou depois de Espanha hũ nobre)
Palpitando outra vez a vida cobre.

80.

Tal ha, que tendo o ferro leuantado,
Para cortar com elle o branco Arminho,
Sobre o braço da Mãy ha descargado,
Que o braço quer trocar pello filhinho:
Mas o algoz mais cruel, mais indignado,
A a morte abrindo fûnebre caminho,
Do outro braço lho arranca, & neste passo
Perde o filho, depois que perde o braço.

81.

Tal ha, que vendo ao peito da mãy bella
O viuente cristal, lhe embebe a espada,
E mata de hum sò golpe a elle, & a ella,
Que fica co filhinho alli crauada:
Outra, que sobornar o algoz anhella,
Lhe ofrece as joyas pella prenda amada,
Mas decendo co golpe o monstro iniquo,
Em derramar rubìs se ostenta riquo.

Outra

82.

Outra, achando o filhinho palpitante,
Que por morto o verdugo jà deixàra,
Trata de o hir curar, mas nesse instante
Chega o algoz a tomarlhe a prenda chara:
Torna de nouo o peito de diamante
A matar mais cruel quem jâ matára,
E donde a triste quiz tirar conforto,
Tira o charo penhor duas vezes morto.

83.

Outra co graõ furor da magoa dura,
Qual a Tigre, dos filhos despojada,
Afeando co a ira a fermosura,
O filho defender quer á espada:
Dizendo: turba vil, canalha escura,
Agora sabereis quam esforçada
He a mulher offendida injustamente,
Que a razão, donde está, sempre he valente.

84.

Vereis, vìs homicidas, quanto a troca
Neste ensejo entre nòs bem feita fiqua,
Nòs pella espada aqui trocando a roca,
Vòs pella roca vil a espada iniqua:
Pois fracos sois, a roca só vos toca,
E a mim, pois de valor me vejo riqua,
Esta espada; & verà todo o ingrato,
Que com este verdugo a outro mato.

85.

Camilla, Pompeana, & as Amazonas,
Em batalhas fizeraõ mil proezas,
Que as bellas nas batalhas saõ Bellonas,
Em que as bellas na paz sejaõ bellezas:
Em differente clima, em varias Zonas,
Em valor transformàraõ as ternezas,
E agora o saberàs couarde indino,
E verás como esgrimo o aço fino.

86.

Logo c'hum voraz Lobo remetendo,
Na cabeça outra boca lhe abre irosa,
E fica, quando o sangue vem correndo,
Elle mais feo, & ella mais fermosa:
Elle a espada, co a dor, nella embebendo,
A viuente cecem lhe sangra em rosa,
E ferindoa nos peitos, sangue, & leite
A mesma fonte, vè, que em golfos deite.

87.

Logo busca o cruel o infante amado,
Que detraz de sy tinha a triste Dama,
Mais brauo co a ferida, que lhe ha dado,
Em pedaços os membros lhe derrama:
D'hum marmore nos picos, que ha encõtrado,
Co elle dâ, & lhe diz com voz que brama,
Morra em pedras quem teue mãy taõ forte,
Porque quem lhe deu vida, lhe dè morte.

88.

Outra ha, que da graõ magoa dilirante,
O filho entre o cabello enuolue louro,
Trabalhando eſconder ao tenro infante
Entre a rama gentìl do boſque d'ouro:
Mas ay! que o ladraõ chega ao meſmo inſtante,
E do peito lhe rouba eſte theſouro,
Que a joya de criſtal, com que ſe adorna,
Para perlas da mãy em rubìs torna.

89.

A qual, quando lhe arranca d'entre os braços
De alabaſtro o pequeno, com deſgoſto,
Lança as maõs de criſtal aos aureos laços,
E as vnhas de marfim á flor do roſto:
No marfim, tira purpura a pedaços,
No criſtal, ouro arranca em fios poſto,
Parecendo taes maõs, com tal theſouro,
Eſtrellas de criſtal com rayos de ouro.

90.

Outra mas fraca, & menos animoſa,
Vendo o viuo jaſmim crauo tornado,
Deſmaya, & fica, qual a murcha Roſa,
Que rude maõ cortou co duro arado:
Outra, que mais valor, que eſtoutras goza,
Vendo o filhinho em purpura banhado,
Pede ao verdugo a mate, pois na chara
Prenda, jà parte della o cruel matàra.

Dizen-

91.

Dizendo: Miluo vil, Bilhafre auſtero,
Se te queres moſtrar valente, & brauo,
Os Gallos buſca, & não te oſtentes fero
Cos Pintinhos, que indignos ſaõ de agrauo:
Cos inermes, & humildes ſer ſeuero,
He fraqueza villáa, he termo ignauo,
Mas deues querer fama, vil, & ingrato,
Não de valente Heitor, mas de Eroſtràto.

92.

Mas ſe es verdugo vil, como podias
Vſar nobres acçoens, termos honroſos?
Que emfim as generoſas valentias
Sô ſe criaõ em peitos generoſos:
Os mais vìs, os de entranhas mais impìas
Se buſcão para os actos afrontoſos,
Vìs ſaõ os que degolão Caualleiros,
Quaes eſtes ſaõ de Chriſto verdadeiros.

93.

Pois me mataſte a parte mais querida
Deſte corpo infeliz, peço tyrano,
Que me mates de todo, & que eſta vida
Me naõ deixes partida em tanto dano:
Mas ſe he piedoſa acçaõ, vil homicida,
Darme a morte, jà ſei, que não me engano,
Que, por ſer mais cruel, has de negarma,
Por ver que he piedade agora darma.

94.

O Matronas illuſtres, que as entranhas
Vedes raſgar nos mìſeros penhores,
Fujamos para as aſperas montanhas,
Onde nas feras ha menos rigores:
Lâ neſſas partes Lybicas eſtranhas,
Que Vſſos, que Crocodilos ha peiores?
Ah, fujamos de monſtros mais tyranos,
Do que Albanos Leoens, Tigres Hircanos!

95.

Se as valentes Theutonas, que brigàraõ,
Moſtrandoſe famoſas contra Mario,
Iá depois de vencidas ſe matàraõ
Cos filhos, por não dar gloria ao contrario,
E ſe de ſeu cabello os pendurárão,
Feita varia madeixa em laço vario,
Quanto melhor nos fora, ò Mãys aflitas,
Antes Theutonas ſer, que Bethlemitas!

96.

Menos fez aos penhores dos captiuos
Iſraelitas Pharaó, quando mandàra,
Que n'um Rio ao nacer os lancem viuos,
Onde a tumba, & o berço lhe prepara:
Que em dous rios, Rey fero, mais eſquiuos,
A mãys, & filhos dás a morte amara,
N'um mar roxo de ſangue aos filhos charos,
E ás mãys, de pranto em pelagos amaros.

97.

Ao filho, que duas vezes era Infante,
De Herodes não perdoa a furia fea,
Que de Rey lhe dâ purpura brilhante,
Do carmim de ſeu ſangue, que o aſſea:
Que ſobre o aluo criſtal, tenro diamante,
Sobre os hombros, & peito, em larga vea
Correm ſoltos rubìs do collo brando,
Ao Infante, de Rey purpura dando,

98.

Riſe o Infante gentìl para o homicida,
Que ô roſto lhe endereça a eſtocada,
E eſcuſa ſofrer mais hũa ferida,
Abrindo a tenra boca â tèrſa eſpada;
Parece, a natureza, que aduertida,
D'antes preuendo acçaõ taõ laſtimada,
Lhe fez da boca o golpe contrafeito,
Por ſem dores lho ter d'antes jâ feito.

99.

Os ferros, de matar, perdido o còrte,
De matar, os verdugos jà canſados,
Libitina jà farta em tanta morte,
Os Infantes já todos degolados,
As ruas feitas váos de Tyria ſorte,
Quaes rios, do Mar roxo diriuados;
Teue fim a batalha infame, & impìa,
Sendo o fim da contenda o fim do dia.

O So

100.

O Sol ſe poem, & roxo buſca os mares,
Mais purpureas leuando as aureas cores,
Porque ſeus rayos d'ouro ſingulares
Banhou nos roxos tèpidos licores:
Porque febricitante em taes peſares,
Bebeo lagos de ſangue nos vapores,
Mas para hir taõ purpureo, aſſaz baſtaua
Os borrifos do ſangue, que ſaltaua.

101.

Buſcando o mar, de purpura banhado,
O Sol ſe auulta Infante, em ſangue tinto,
Que nos olhos da mãy, o mar ſalgado
Buſca, que chora pello ver extinto:
Buſcar o Sol, tal dia, era eſcuſado,
Para ſe pór, o aquoſo laberinto,
Que nas mãys, & penhores, por mais magoas,
Tinha mares de ſangue, & mares de agoas.

102.

Chega a Noite, de luto reueſtida
Por tanta morte, & mais que nunca eſcura,
Ficando fea, âs bellas parecida,
E fea como a noite a fermoſura:
Que eſcura achou a Dama mais luzida,
Que he o que tem de fea a noite dura,
Que bem era, que em taõ geral açoute,
Foſſe o dia mais claro eſcura noute.

103.

O Firmamento acompanhar querendo
Aa ſepultura innumero minino,
Infinitas no Ceo foi acendendo
Tochas azues em lumes d'ouro fino:
O Sol de triſte, tal eſtrago vendo,
Se deſpenhou do Monte criſtalino,
Tomando morto lenta ſepultura,
De tanto morto Sol, ſendo figura.

104.

Soão mais com a noite os alarìdos,
Os ſuſpiros, & os ays nos Oriſontes,
E repetindo os miſeros gemidos,
Retumbão mais os eccos neſſes montes:
De eſtragos tão fataes, tão nunca ouuidos,
Murmurárão mais alto as claras fontes,
Em que as fontes, que então ſoârão tanto,
Não ſaõ as fontes da agua, mas do pranto.

105.

A judão a carpir com vozes graues,
As triſtes mãys já roucas, & doentes,
Nos tectos poſtas as nocturnas Aues,
Sendo hũas, & outras vozes apparentes:
Vyuando as feras nos confins (ſuaues
Antes de tantas mortes inclementes)
Cauſauão mais horror, mais ſaudade,
Vindo dos altos Montes à Cidade.